



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO – ECO
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA – IBICT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – PPGCI

LEONARDO TALONE NETO

**ALMANAQUE LUNÁRIO PERPÉTUO:
CIRCULAÇÃO INFORMACIONAL-DOCUMENTÁRIA E PERMANÊNCIA NA
CULTURA POPULAR NO BRASIL**

Dissertação de Mestrado

Março de 2025



LEONARDO TALONE NETO

**ALMANAQUE LUNÁRIO PERPÉTUO:
CIRCULAÇÃO INFORMACIONAL-DOCUMENTÁRIA E PERMANÊNCIA NA
CULTURA POPULAR NO BRASIL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Regina Maria Marteleto.

Rio de Janeiro

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T152a	Talone Neto, Leonardo. Almanaque Lunário Perpétuo: circulação informacional-documentária e permanência na cultura popular no Brasil / Leonardo Talone Neto. Rio de Janeiro: UFRJ: IBICT, 2025. 214 f. Orientadora: Regina Maria Marteleto. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação; Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação, 2025. 1. Almanaque. 2. Documento. 3. Dispositivo infocomunicacional. 4. Cultura popular. 5. Leitura popular. I. Marteleto, Regina Maria. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação. III. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. CDD: 036.9
-------	---

LEONARDO TALONE NETO

**ALMANAQUE LUNÁRIO PERPÉTUO: CIRCULAÇÃO INFORMACIONAL-
DOCUMENTÁRIA E PERMANÊNCIA NA CULTURA POPULAR NO BRASIL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Aprovado em: 31/03/2025

Documento assinado digitalmente
 REGINA MARIA MARTELETO
Data: 28/05/2025 13:53:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Regina Maria Marteleto (Orientadora)

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação ECO/IBICT-UFRJ

Documento assinado digitalmente
 GUSTAVO SILVA SALDANHA
Data: 02/06/2025 12:12:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha (Membro efetivo)

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação ECO/IBICT-UFRJ

Documento assinado digitalmente
 ANDREA PEREIRA DOS SANTOS
Data: 03/06/2025 14:07:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Andréa Pereira dos Santos (Membro efetivo)

Programa de Pós-Graduação em Comunicação FIC/UFG

Documento assinado digitalmente
 Icléia Thiesen
Data: 03/06/2025 17:18:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Icléia Thiesen (Membro efetivo)

Programa de Pós-Graduação em História CCH/UNIRIO

Prof. Dr. Gustavo Henrique de Araújo Freire (Membro suplente)

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação ECO/IBICT-UFRJ

Aos meus pais, meu irmão e meus avós.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Elke Talone e Marco Talone, por todo o amor e apoio generoso que sempre me proporcionaram, por serem a base da minha formação e de quem eu sou.

Agradeço à minha namorada Vivian Mignot, cujo apoio, compreensão e incentivo ao longo da pesquisa foram valiosos. Agradeço pela parceria e companheirismo, que tornaram essa trajetória muito mais leve. Sua leitura atenta e sugestões foram fundamentais para o aprimoramento deste trabalho.

Agradeço imensamente à Regina Marteleto, por sua orientação atenciosa, generosa e paciente. Sua sabedoria, profissionalismo e compromisso com o conhecimento não apenas enriqueceram este trabalho, como também me proporcionaram aprendizados que levarei para a vida. Foi uma honra ter sido seu orientando.

Agradeço também à professora Andréa Pereira dos Santos, por sua orientação em minha graduação e por ter despertado, naquele período, o meu interesse pelo estudo da leitura em uma perspectiva cultural e histórica. Sua influência foi essencial para minha trajetória acadêmica.

Juntamente à professora Andréa, minha sincera gratidão também aos professores Gustavo Saldanha, Icléia Thiesen e Gustavo Freire, que gentilmente aceitaram compor a banca de defesa. Suas sugestões e comentários contribuíram significativamente para o aprimoramento deste estudo.

Por fim, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do IBICT/UFRJ, que não só proporcionou a realização deste estudo, como viabilizou a sua disseminação em diferentes eventos científicos, proporcionando interações enriquecedoras e contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa.

Ô menina vai ver nesse almanaque
Como é que isso tudo começou
Diz quem é que marcava o tique-taque
E a ampulheta do tempo disparou [...]
Me diz, diz, me diz
Se adianta tomar uma aspirina
Ou se bate na quina aquela dor [...]
Se é chover o ano inteiro chuva fina
Ou se é como cair o elevador
Me responde por favor
Pra que tudo começou
Quando tudo acaba
(Almanaque – Chico Buarque)

Meu Lunário tem antigas alquimias de almanaque
Já enfrentou intempéries, roubos, incêndios e saques
Dos homens, das traças, das garras, das eras
Carrega segredos, decifra quimeras
Venceu todos os ataques
O meu Lunário Perpétuo é meu livro precioso
Minha cartilha primeira, minha Bíblia de Trancoso [...]
Meu Lunário é a memória de um país que vai passando
Diante dos nossos olhos, rindo, mexendo, cantando
Mestiço, latino, caboclo, nativo
É velho, é criança, morreu e tá vivo
Presente, mas até quando?
Meu Lunário é conselheiro, é meu folheto, é meu missal
Atravessando os milênios, cada ponto cardeal
De norte a sul, de pai para filho, de lá para cá
Meu livrinho andarilho, fabuloso romançal
(Lunário Perpétuo – Bráulio Tavares, Wilson Freire, Antônio Nóbrega)

RESUMO

O *Lunário Perpétuo* é um almanaque produzido no final do século XVI pelo espanhol Jerónimo Cortés. Amplamente reeditado, circulou pela Espanha, Portugal e Brasil, onde se popularizou no Nordeste, influenciando estudiosos, folcloristas, artistas e a cultura popular durante séculos. Insere-se na tradição dos almanaques populares, reunindo saberes e discursos diversos. Serviu como enciclopédia popular de consulta constante e atemporal, bem como manual sobre questões práticas e existenciais para leitores de contextos sociais, culturais e históricos variados. A pesquisa tem por objetivo compreender a circulação informacional, cultural, pedagógica, material e simbólica do *Lunário Perpétuo* enquanto documento, objeto cultural e dispositivo infocomunicacional, bem como os modos como ele permanece na cultura popular brasileira. Metodologicamente, iniciou-se com uma pesquisa bibliográfica e documental que identificou 176 edições publicadas entre 1594 e 2023. Em seguida, estabeleceu-se um corpus documental de quatro edições portuguesas, publicadas em 1757, 1897, 1910 e 2004, a fim de realizar uma leitura analítica com base no método de análise temática. As categorias empregadas foram: a) estrutura e variação entre as edições; b) principais conteúdos abordados; e c) atores atuantes na sua produção, circulação e leitura. Mediante uma pesquisa bibliográfica e documental, a análise foi expandida para aprofundar-se na circulação, leituras, releituras e apropriações do *Lunário* em manifestações artísticas e culturais brasileiras. Os resultados evidenciam uma variedade de assuntos de porte informacional e pedagógico, além de discursos e de atores da ciência, da medicina, da religião, da astrologia, das artes e dos saberes populares. Seus principais conteúdos estão relacionados ao tempo, astronomia, astrologia, meteorologia, agricultura, saúde, lar, religião e o lúdico. Embora haja ampla variação estrutural e temática entre as edições, observa-se uma estrutura recorrente que confere identidade à obra. Por meio das marcas de leitura nos exemplares analisados, bem como de suas releituras na literatura, música e carnaval, identificaram-se leitores da cultura erudita e da cultura popular que se apropriaram do *Lunário* replicando-o ao longo do tempo, além de editores, tradutores, censores e autores que modificaram a obra em suas diversas edições. Conclui-se que o *Lunário Perpétuo* sustentou sua permanência por séculos através de suas reedições, atualizações e, sobretudo, por suas leituras, releituras e apropriações no campo artístico e cultural, tratando-se de um documento que segue vivo na cultura e na memória coletiva brasileira.

Palavras-chave: Almanaque; documento; dispositivo infocomunicacional; cultura popular; leitura popular; *Lunário Perpétuo*.

ABSTRACT

Lunário Perpétuo is an almanac produced at the end of the 16th century by the Spaniard Jerónimo Cortés. Widely reprinted, it circulated throughout Spain, Portugal and Brazil, where it became popular in the Northeast, influencing scholars, folklorists, artists and popular culture for centuries. It is part of the tradition of popular almanacs, bringing together diverse knowledge and discourses. It served as a popular encyclopedia for constant and timeless consultation, as well as a manual on practical and existential issues for readers from diverse social, cultural and historical backgrounds. The research aims to understand the informational, cultural, pedagogical, material and symbolic circulation of the Lunário Perpétuo as a document, cultural object and infocommunicational device, as well as the ways in which it remains in Brazilian popular culture. Methodologically, it began with a bibliographic and documentary research that identified 176 editions published between 1594 and 2023. Then, a documentary corpus of four Portuguese editions, published in 1757, 1897, 1910 and 2004, was established in order to carry out an analytical reading based on the thematic analysis method. The categories used were: a) structure and variation between editions; b) main contents covered; and c) actors involved in its production, circulation and reading. Through bibliographic and documentary research, the analysis was expanded to delve into the circulation, readings, retellings and appropriations of the Lunário in Brazilian artistic and cultural manifestations. The results highlight a variety of informational and pedagogical subjects, as well as discourses and actors from science, medicine, religion, astrology, arts and popular knowledge. Its main contents are related to time, astronomy, astrology, meteorology, agriculture, health, home, religion and entertainment. Although there is a wide structural and thematic variation between the editions, a recurring structure can be observed that gives the work its identity. Through the reading marks in the analyzed copies, as well as their retellings in literature, music and carnival, readers from erudite culture and popular culture were identified who appropriated the Lunário and replicated it over time, in addition to editors, translators, censors and authors who modified the work in its various editions. It is concluded that the Lunário Perpétuo has maintained its permanence for centuries through its re-editions, updates and, above all, through its readings, retellings and appropriations in the artistic and cultural fields, making it a document that remains alive in Brazilian culture and collective memory.

Keywords: Almanac; document; infocommunicational device; popular culture; popular reading; Lunário Perpétuo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – <i>Menologium Rusticum Colotianum</i> , o almanaque romano dos agricultores	43
Figura 2 – Almanaque <i>Le Grand Calendrier et Compost des Bergers</i> (ca. 1569)	44
Figura 3 – Almanaque <i>Le messenger Boiteux</i> (1707)	45
Figura 4 – Capas de almanaques farmacêuticos (1938 e 1941)	47
Figura 5 – Capas de almanaques de cordel (1971, 1976 e 2001)	49
Quadro 1 – Bibliografia de estudos sobre almanaques, organizada por escopo temático e foco geográfico (1751-2023)	57
Quadro 2 – Referências mais recorrentes nos estudos sobre almanaques (1751–2023)	59
Figura 6 – Frontispício da terceira edição do <i>Lunário Perpétuo</i> (1598)	64
Figura 7 – Carimbo da Real Biblioteca em edição do <i>Lunário Perpétuo</i> (1805)	69
Gráfico 1 – Quantidade de edições do <i>Lunário Perpétuo</i> por década (1590-2020)	73
Quadro 3 – Edições do <i>Lunário Perpétuo</i> publicadas em Portugal e no Brasil (1703-2013) .	74
Figura 8 – Capas de edições do <i>Lunário Perpétuo</i> (1921, 1978 e 2013)	76
Quadro 4 – As seis fases da análise temática	79
Quadro 5 – Categorias e subcategorias temáticas do <i>Lunário Perpétuo</i>	83
Figura 9 – Frontispícios das edições de 1757, 1897 e 1910 do <i>Lunário Perpétuo</i>	86
Figura 10 – Ilustrações das edições de 1757 e 1910 do <i>Lunário Perpétuo</i>	89
Figura 11 – Símbolos para as fases da Lua na edição de 1897 do <i>Lunário Perpétuo</i>	90
Figura 12 – Letra capitular na edição de 1757 do <i>Lunário Perpétuo</i>	90
Figura 13 – Ornamentos na edição de 1757 do <i>Lunário Perpétuo</i>	91
Figura 14 – Quadro das qualidades dos elementos na edição de 1897 do <i>Lunário Perpétuo</i> .	92
Quadro 6 – Estrutura recorrente dos capítulos e seções do <i>Lunário Perpétuo</i> nas edições de 1757, 1897, 1910 e 2004	93
Figura 15 – Quadro de áureo número na edição de 1910 do <i>Lunário Perpétuo</i>	98
Figura 16 – Ilustração para determinar a hora na edição de 1910 do <i>Lunário Perpétuo</i>	99
Figura 17 – Ilustrações dos planetas e astros na edição de 1757 do <i>Lunário Perpétuo</i>	103
Figura 18 – Ilustrações dos signos na edição de 1897 do <i>Lunário Perpétuo</i>	104
Figura 19 – Juízo astronômico das enfermidades naturais na edição de 1910 do <i>Lunário</i> ...	110
Figura 20 – Membros do corpo humano e os signos e planetas que os dominam nas edições de 1757 e 1897 do <i>Lunário Perpétuo</i>	112
Figura 21 – Modo de achar as festas móveis pelo calendário na edição de 1910 do <i>Lunário Perpétuo</i>	117

Figura 22 – Calendário para o mês de janeiro na edição de 1897 do Lunário Perpétuo	118
Figura 23 – Registro pessoal em exemplar de 1910 do Lunário Perpétuo.....	128
Figura 24 – Marcas de propriedade em exemplar de 1897 do Lunário Perpétuo.....	129
Figura 25 – Inscrições em exemplar de 1897 do Lunário Perpétuo	130
Figura 26 – Folhinha Eclesiástica de Mariana para o ano de 2025	133
Figura 27 – Anúncio de 1953 do Lunário Moderno pela Tipografia São Francisco	138
Figura 28 – Capas de folhetos de cordel que citam o Lunário Perpétuo	141
Figura 29 – Álbum Lunário Perpétuo, de Antonio Nóbrega (2002).....	143
Figura 30 – Pôster da Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra para o enredo do Carnaval de 2024.....	146
Figura 31 – Referências estéticas para o pôster da Escola de Samba Porto da Pedra	146
Fotografia 1 – Carro abre-alas do desfile da Escola de Samba Porto da Pedra, no Carnaval de 2024.....	148
Fotografia 2 – Fantasias de Jerónimo Cortés e de alquimista no desfile da Escola de Samba Porto da Pedra, no Carnaval de 2024.....	148
Fotografia 3 – Passista da ala “Conselheiro de quem veio d'outros cantos” no desfile da Escola de Samba Porto da Pedra, no Carnaval de 2024.....	149
Fotografia 4 – Carro alegórico “Relicário da cura” no desfile da Escola de Samba Porto da Pedra, no Carnaval de 2024.....	150
Fotografia 5 – Carro alegórico “A casa dos horóscopos” no desfile da Escola de Samba Porto da Pedra, no Carnaval de 2024	151
Fotografia 6 – Carro alegórico “O Lunário Perpétuo de um brincante” no desfile da Escola de Samba Porto da Pedra, no Carnaval de 2024	152

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	PERCURSO TEÓRICO	14
2.1	DOCUMENTO.....	14
2.2	DISPOSITIVO DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	18
2.3	LEITURA E SUAS PRÁTICAS	22
2.4	CULTURA POPULAR E LEITURA POPULAR	28
2.5	ALMANAQUES	35
2.5.1	Estudos sobre almanaques: uma revisão	55
2.6	LUNÁRIO PERPÉTUO.....	61
3	METODOLOGIA.....	78
4	ANÁLISE TEMÁTICA DO LUNÁRIO PERPÉTUO	83
4.1	ESTRUTURA/FORMA	85
4.2	CONTEÚDO	93
4.2.1	O Tempo.....	95
4.2.2	O Universo (Astronomia).....	99
4.2.3	O Cosmos (Astrologia)	100
4.2.4	A Natureza.....	105
4.2.5	O Solo	107
4.2.6	A Saúde e a Doença.....	109
4.2.7	O Lar	114
4.2.8	A Religião	116
4.2.9	O Lúdico.....	119
5.3	ATORES	121
5	(RE)LEITURAS E APROPRIAÇÕES	131
6	CONCLUSÃO.....	156
	REFERÊNCIAS.....	160
	APÊNDICE A – QUADRO DE EDIÇÕES DO LUNÁRIO PERPÉTUO POR ANO DE PUBLICAÇÃO (1594-2023).....	187
	APÊNDICE B – BIBLIOGRAFIA DE EDIÇÕES DO LUNÁRIO PERPÉTUO POR PAÍS DE PUBLICAÇÃO (1594-2023)	197

1 INTRODUÇÃO

No dia 11 de fevereiro de 2024, a Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra, do município de São Gonçalo, Rio de Janeiro, abriu a primeira noite de desfiles do Grupo Especial do Carnaval do Rio de Janeiro, no Sambódromo da Marquês de Sapucaí. Com o enredo “Lunário Perpétuo: a profética do saber popular”, a Escola reverenciou os ensinamentos de um almanaque do final do século XVI intitulado “Lunário Perpétuo”. Escrito pelo espanhol Jerónimo Cortés (ca. 1560-ca. 1611), circulou pela Espanha e Portugal, chegando ao Brasil pelas mãos dos colonizadores. Segundo o folclorista Luís da Câmara Cascudo (2024), o almanaque foi o livro mais lido nos sertões do Nordeste durante dois séculos e influenciou a cultura popular da região.

O desfile prestou homenagem aos saberes populares e à cultura nordestina, explorando uma variedade de elementos inspirados no almanaque e no imaginário que o envolve, com temas como a busca pelo saber, a alquimia, a astrologia, o zodíaco, a profética da chuva, a cura do corpo e da alma, e as ervas medicinais populares. A escola, ao narrar a jornada do Lunário desde suas origens na Europa até seus reflexos na cultura brasileira, reverenciou o Movimento Armorial, a obra de Ariano Suassuna e o artista Antonio Carlos Nóbrega, que desfilou no carro alegórico que celebrava sua carreira.

Antonio Nóbrega lançou em 2002 um álbum com um conjunto de canções intitulado “Lunário Perpétuo”. Em 2003, o álbum foi transformado em espetáculo e lançado em DVD, com direção de Walter Carvalho. A canção que dá nome ao álbum e ao espetáculo reverencia o almanaque, que é também guia que atravessa o tempo. Isso é evidenciado nos versos: “o meu lunário perpétuo é meu livro precioso, minha cartilha primeira, minha Bíblia de Trancoso”, e “meu lunário é conselheiro, é meu folheto, é meu missal. Atravessando os milênios, cada ponto cardeal, de norte a sul, de pai para filho, de lá para cá. Meu livrinho andarilho, fabuloso romançal” (Lunário [...], 2002).

Nóbrega foi um importante nome do Movimento Armorial, iniciativa artística idealizada pelo escritor Ariano Suassuna e lançado em 1970 com o objetivo de criar uma arte erudita brasileira a partir das raízes populares da cultura. Suassuna (2017), em 1971, publicou o livro “Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta”, cujo protagonista, Quaderna, é escritor de almanaques, astrólogo e mantém uma coluna de horóscopo em um jornal. O romance faz várias alusões ao Lunário Perpétuo, que foi uma das principais fontes de leitura e consulta para os escritores de almanaques do Nordeste. Suassuna, em uma de suas colunas jornalísticas, faz um elogio ao gênero almanaque, afirmando que ele “recusa-se àquelas

friezas intelectuais, cerebralistas e isoladoras e é, no mundo contemporâneo, um dos últimos herdeiros do Humanismo” (Suassuna, 2000b). Ele cita o *Lunário* em suas colunas iniciais, tomando-o como fonte de inspiração e afirmando que foi um livro importante em sua vida. Luiz Antonio Simas, historiador e pesquisador da cultura popular no Brasil, define o *Lunário*, “almanaque de saberes dos sertões”, como um dos livros fundamentais do Brasil (Simas, 2018).

O *Lunário Perpétuo* foi para muitos um manual que ensinava sobre a vida, tanto em questões práticas quanto existenciais, bem como uma enciclopédia de consulta constante e atemporal. O almanaque ajudou a perpetuar e transmitir práticas, saberes e tradições aos leitores ao longo dos séculos. Ainda que não tenha hoje a mesma circulação e influência que teve no Brasil até meados do século XX, o *Lunário* permanece no imaginário e na cultura popular brasileira. Sua permanência na literatura e na música é notável, e sua influência se manifestou entre cordelistas e cantadores populares nordestinos, que recitavam trechos da obra, bem como na inspiração de artistas populares na festa do carnaval, símbolo da força e resistência da cultura popular. É um documento que continua presente na memória e na cultura, séculos após sua primeira publicação.

Assim sendo, o presente estudo tem como pergunta de pesquisa: como se deu a circulação informacional, cultural, pedagógica, material e simbólica do almanaque *Lunário Perpétuo* enquanto documento e dispositivo de informação e comunicação e de que modos ele permanece na cultura popular brasileira?

Parte-se do pressuposto de que o *Lunário*, enquanto documento e objeto cultural, teve grande relevância social, cultural e informacional nos contextos sócio-históricos em que circulou, e serviu como importante dispositivo de mediação da informação, cultura, educação e leitura a grupos populares. Pressupõe-se ainda que o *Lunário* permanece na cultura popular brasileira por meio de suas (re)leituras e apropriações, ao inspirar artistas nos dias de hoje. Tal visão pode ser corroborada pela perpetuação do *Lunário* por séculos em sucessivas reedições e pela forma como se manifestou através de suas releituras na música, na literatura e na festa do carnaval. A compreensão dos traços de leitura, produção e circulação de objetos culturais, bem como a identificação dos atores envolvidos na sua produção, mediação, circulação e apropriação podem desvendar relevantes aspectos da história cultural e informacional brasileira.

Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa é compreender a circulação informacional, cultural, pedagógica, material e simbólica do almanaque *Lunário Perpétuo* enquanto documento, objeto cultural e dispositivo de informação e comunicação e os modos como ele permanece na cultura popular brasileira.

Para alcançar esta compreensão, tem-se como objetivos específicos: identificar a produção editorial do *Lunário Perpétuo*; compreender o perfil temático e as variações estruturais e de conteúdo das edições do *Lunário*; perceber as redes de atores e os rastros presentes em sua produção, edição, circulação, leitura e apropriação; identificar as formas como o *Lunário* alcançou permanência documentária e informacional na cultura popular brasileira por meio de suas apropriações por diferentes atores.

No plano teórico-conceitual, estuda-se o *Lunário Perpétuo* como documento, objeto cultural e dispositivo infocomunicacional de comunicação popular escrita. Estuda-se também em aspectos conceituais e históricos a leitura e suas práticas, a cultura popular e os almanaques. Para atingir os objetivos da pesquisa, no plano metodológico foi selecionado um corpus de quatro exemplares do *Lunário*, em edições portuguesas datadas de 1757, 1897, 1910 e 2004, disponíveis online, em acervo pessoal e em biblioteca. Em seguida, realizou-se uma leitura analítica com base no método de análise temática. Empregaram-se as seguintes categorias: a) estrutura e variação entre as edições; b) principais conteúdos abordados; e c) atores atuantes na sua produção, circulação, leitura e apropriação. Por fim, por meio de uma pesquisa bibliográfica e documental, a análise foi expandida para aprofundar-se na circulação, leituras, releituras e apropriações do *Lunário Perpétuo* em manifestações artísticas e culturais brasileiras.

Esta pesquisa se insere e dá seguimento à linha de pesquisa sobre almanaques populares do Grupo de Pesquisa Cultura e Processo Infocomunicacionais (Culticom) coordenado pela professora Regina Marteleto. O grupo, que teve suas origens nos anos 1980, é vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do IBICT/UFRJ. A pesquisa sobre dispositivos de informação e comunicação em saúde foi um dos eixos teóricos-metodológicos dos estudos, baseada em reflexões críticas e teóricas aprofundadas com o propósito de interligar cultura, informação, comunicação e práticas sociais, com ênfase nas formas compartilhadas de construção de saberes (Marteleto, 2019). O projeto de pesquisa “Informação e mediações em saúde: dos almanaques de farmácia aos dispositivos da web”, coordenado pela professora Regina Marteleto, com financiamento do CNPq/MCTI, dá continuidade a estes estudos.

2 PERCURSO TEÓRICO

Nesta seção se desenvolve o percurso teórico do estudo sobre o almanaque Lunário Perpétuo, compreendido enquanto documento, objeto cultural e dispositivo de informação e comunicação da cultura popular. Para tanto, serão abordados os aspectos conceituais e teóricos acerca dos documentos e dos dispositivos de informação e comunicação. Em sequência, será abordada a leitura e suas práticas em aspectos conceituais e históricos. Dada a importância dos almanaques e do Lunário na cultura popular, serão abordados os conceitos de cultura popular e leitura popular na seção seguinte. Por fim, serão abordados os almanaques em geral e o Lunário Perpétuo em aspectos conceituais e históricos.

2.1 DOCUMENTO

De modo a melhor compreender as dimensões informacionais, sociais, culturais, pedagógicas, materiais e simbólicas que envolvem o Lunário Perpétuo, objeto empírico da pesquisa, é importante tratar do conceito de documento. Buckland (1991), em seu clássico artigo “*Information as thing*”, categoriza três principais usos do conceito de informação. O autor identifica a “informação-como-processo”, a “informação-como-conhecimento” e a “informação-como-coisa”. Para ele, a informação-como-processo corresponde ao ato de informar ou de ser informado. Trata-se do processo de comunicação de conhecimento ou fato. É, portanto, a própria modificação daquilo que se conhece. Já a informação-como-conhecimento envolveria propriamente o conteúdo informado em determinado processo. É aquilo que é informado ou atribuído a um fato, assunto ou evento.

Por fim, a informação-como-coisa são os objetos que possuem caráter informativo. Qualquer expressão, descrição ou representação em formato físico é informação-como-coisa. É com esta categorização de informação que os sistemas de informação lidam, devido à sua tangibilidade (Buckland, 1991).

Pode-se dizer que o documento, em sua materialidade, representa a “informação-como-coisa” definida por Buckland (1991), ao mesmo tempo em que engloba as dinâmicas da “informação-como-processo” e da “informação-como-conhecimento”. Ao abordar o que é um documento, o autor não restringe o termo ao sentido tradicional de textos em papel, perspectiva que resgata o pensamento documentalista representado por Paul Otlet e Suzanne Briet. Aqui, documento denota qualquer fonte de informação física, ou seja, qualquer objeto potencialmente

informativo: pessoas, produtos, eventos, artefatos e objetos de museu podem ser considerados documentos. Para o autor,

considerar qualquer coisa informativa como um “documento” é consistente com as origens e o uso antigo da palavra, que derivou do verbo latino “*docere*”, ensinar ou informar, com o sufixo “-*ment*” para denotar meios. Portanto, “documento” originalmente denotava um meio de ensinar ou informar, seja uma lição, uma experiência ou um texto (Buckland, 1991, p. 355, tradução própria).

Objetos, nesse sentido, não são necessariamente documentos, mas podem se transformar, se processados com a finalidade de fornecer informação. Buckland (1991) ressalta, assim, o caráter situacional da informação, ao dizer que o valor informativo de um objeto, documento ou evento depende das circunstâncias e dos propósitos do indagador.

Segundo Meyriat (2016, p. 241), “o documento pode ser definido como um objeto que suporta a informação, que serve para comunicar e que é durável (a comunicação pode, assim, ser repetida)”. Para ele, a definição de documento opera por meio de duas noções inseparáveis: “uma de natureza material (o objeto que serve de suporte), e outra conceitual (o conteúdo da comunicação, isto é, a informação)”. Assim como Buckland (1991), também Meyriat (2016) afirma que todo objeto pode se tornar documento. Isso não quer dizer que todo objeto tem a função de suportar informação, mas sim que essa pode se tornar uma de suas funções.

Para Meyriat (2016, p. 242), o documento tem duas possíveis origens: “se ele não foi criado como tal, o objeto pode tornar-se documento pelo fato de que aquele que nele busca informação, ou seja, que lhe reconhece uma significação, o promove, assim, a suporte de mensagem”. Nesse sentido, o autor propõe a distinção entre “documento por intenção”, isto é, “objeto produzido ou não com intenção de ser documento”; e “documento por atribuição”, ou seja, “objeto que pode funcionar como documento, pois seu uso como tal é que determina que assim o seja” (Ortega, 2014, p. 4).

Saldanha (2013, p. 68) aborda a reconceituação das noções de “documento” e de “informação” segundo uma perspectiva que se baseia na construção simbólica da realidade, na qual as determinações de sentido se atrelam à ação intersubjetiva dos indivíduos no uso da linguagem ordinária. Aqui a linguagem tem importância central, pois é por meio dela que se pode conhecer o “real”. Através de seus mecanismos de articulação pode-se “estudar o sujeito dentro do âmbito cultural, onde a subjetividade impera e as estratégias de interpretação são permanentemente requisitadas” (Saldanha, 2013, p. 68). Essa “via simbólica” de análise da realidade epistêmica da Organização dos Saberes compreende que a linguagem é um complexo

de signos que possibilita armazenagem, organização e transferência. A realidade é compreendida como um estado de categorias linguisticamente construído.

Abordando a noção da neodocumentação, Saldanha (2013) afirma que o “neodocumento” tem natureza diversa do “documento” de Otlet e Briet, por ser um documento estruturado “em uma filosofia da linguagem ordinária, que é construído a partir da visão do outro, da construção coletiva do significado” (Saldanha, 2013, p. 73). A virada neodocumentalista se estabelece na direção da interpretação simbólica da realidade, refundando a noção de materialidade.

Sobre a materialidade, o que se entende aqui por material é tanto o livro, como o documento, como o *bit*. Mas para além dos objetos tridimensionais e fatos eletrônicos, entende-se que o discurso em sua naturalidade oral é também material. Materialidade, nesse sentido, não se trata apenas “de uma unidade física, mas desta e do complexo de interpretações pela qual esta pode ser reconhecida.” (Saldanha, 2013, p. 82). O autor continua:

O que se dá, pois, como “materialidade”, nada mais é do que uma grossa e rude e, ao mesmo tempo, viscosa e escorregadiça, camada de elementos simbólicos que nos leva a tomar algo como livro, como documento, como informação. Não tocamos, pois, a “coisa”, mas primeiro a compomos como “matéria simbólica”. Sua própria “materialidade” é uma pretensa “fiscalidade” que “funciona”, “atua” no mundo, por ser uma potência simbólica em atualização constante e inestancável (Saldanha, 2013, p. 84).

Para Frohmann (2008), o documento é a maneira pela qual a informação se materializa, e a “materialização da informação através da documentação nos ajuda a compreender o caráter público e social da informação” (Frohmann, 2008, p. 30). Para ele, sem a atenção à materialidade da informação, muitas das considerações culturais, sociais, políticas e éticas se perdem nos estudos da informação, o que indica que os estudos da documentação são muito importantes para o campo. O autor retoma o pensamento de Michel Foucault sobre a materialidade dos enunciados para abordar a materialidade da informação.

O enunciado é um dos conceitos-chave de Foucault. Na teoria foucaultiana, essa unidade linguística mínima formada por qualquer sequência de signos dotados de sentido e sintaticamente válidos, tem seu significado ampliado. O enunciado de Foucault, como explicam Marteleto e Nóbrega (2006, p. 33, tradução própria):

adquire uma função epistemológica – o que pode ser dito?, e uma função política – quem tem autorização de dizê-lo? Essa maneira de compreender o enunciado está articulada com seus conceitos de arquivo: conjunto de regras que definem a possibilidade de existência de certos enunciados (e seus arquivos, portanto, documentos); discursos: conjunto de enunciados que pertencem a um mesmo sistema

de regras e leis de formação; e formação discursiva: o sistema mais vasto de regras e de leis das possibilidades em que se inscrevem os enunciados e os discursos. Foucault diz que seu objeto é o arquivo, os discursos na sua modalidade de arquivo, termos que se tornam a base de sua definição de arqueologia dos saberes.

Frohmann (2008, p. 22) afirma que Foucault discute o enunciado não a partir do ponto de vista de sua “informação” (isto é, do que ele representa ou significa), mas a partir do seu modo de existência: “como ele surge, as regras de sua transformação, ampliação, as conexões entre enunciados, e seu desvanecimento até deixar de existir”. Os enunciados, para ele, possuem existência material.

Foucault também distingue a fisicalidade da materialidade, de acordo com Frohmann (2008, p. 25): “ao contrário de um objeto físico, a materialidade do enunciado não consiste simplesmente de sua existência no espaço e no tempo. A materialidade é medida pela massa, inércia e resistência.” Os enunciados, nesse sentido, “apresentam graus de estabilidade, de acomodação e de resistência à transformação, deterioração ou desestabilização. Sua massa responde pela energia de seu poder de afetar, ou seja, o poder de criar efeitos”. Foucault compreende que as rotinas institucionalizadas respondem pela materialidade dos enunciados, pois são elas que estabelecem e mantêm as relações entre eles.

Desse modo, Foucault aponta que a documentação tem um poder constitutivo, para além de sua função meramente comunicativa da informação. Para ele, a documentação tem um poder gerativo e formativo, através dos quais os indivíduos se constituem institucionalmente. Frohmann (2008), a partir disso, compreende que o conceito de ligação entre a análise do discurso (e dos enunciados) de Foucault e o estudo da materialidade da informação é a documentação. Ele afirma que “práticas documentárias institucionais [...] dão peso, massa, inércia e estabilidade que materializa a informação de forma tal que ela possa configurar profundamente a vida social” (Frohmann, 2008, p. 25-26).

Compreendemos assim a informação como elemento de produção de sentido, de modificação de estruturas sociais, cognitivas e linguísticas, com forte poder de significação e transformação da realidade. A informação também tem vida objetiva, que dá origem a registros e documentos (Marteletto; Nóbrega, 2006), e estes se constituem como força antropológica de transformação social (Saldanha, 2013).

As práticas informacionais se dão nos domínios da cultura: são processos sociais e culturais, e seus contextos são determinantes para sua efetivação (Marteletto, Nóbrega, 2006). Portanto, a informação não é uma entidade, material ou processo separada das práticas e representações dos sujeitos sociais, que estão inseridos em espaços e contextos culturais. “A

informação, o conhecimento, a comunicação são fenômenos que se concretizam tanto nas práticas e representações sociais, como nas relações que se estabelecem entre os sujeitos coletivos” (Martelete; Nóbrega, 2006, p. 40, tradução própria).

Compreendendo as práticas informacionais como processos culturais, devemos voltar o olhar “para os discursos e documentos da cultura, porque é através deles que observamos mais profundamente as interpretações e os vínculos simbólicos e materiais que as sociedades históricas estabelecem com a realidade” (Martelete; Nóbrega, 2006, p. 35, tradução própria). Retomando a noção foucaultiana de discurso, pode-se afirmar que é nos discursos que percebemos com mais detalhes a informação (a própria cultura) como produto construído coletivamente pelos sujeitos sociais, pelas suas representações e ações, ou seja, pelas suas práticas informacionais (Martelete; Nóbrega, 2006).

Para Martelete e Nóbrega (2006, p. 41), podemos entender o documento, então, como um objeto testemunhal, significando uma materialidade portadora de um discurso de poder. O documento, nesse sentido, é cada vez mais um texto a ser apreendido por meio da leitura que o decifrará como uma possibilidade crítica de apreensão do mundo, ou, em outros termos, como um dispositivo de produção de sentidos.

O objeto empírico ora em análise, isto é, o *Lunário Perpétuo* (bem como os almanaques populares em geral), se constitui como um documento com dimensão social, cultural, pedagógica, simbólica, material e informacional. Enquanto objeto testemunhal e cultural, carrega discursos, e é por meio deles que podemos compreender as interpretações e vínculos simbólicos e materiais que os atores que o produziram e o apropriaram estabelecem com a realidade (Martelete; Nóbrega, 2006). Enquanto documento, se estabelece como um dispositivo de produção de sentidos, ou, em outros termos, como um dispositivo infocomunicacional.

2.2 DISPOSITIVO DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

O uso do termo “dispositivo” no contexto das ciências sociais tem origem na formulação realizada por Foucault (1994). Para ele, dispositivo é um conjunto heterogêneo que inclui “discursos, instituições, arranjos arquitetônicos, decisões regulatórias, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, enfim: o dito, assim como o não-dito” (Foucault, 1994, p. 299, tradução própria). Para o autor, o dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. Em Foucault, o conceito de dispositivo está intrinsecamente ligado às noções de poder e saber: ele “está sempre inscrito em um jogo de poder, e ao mesmo tempo, ligado aos limites do saber, que derivam desse e, na

mesma medida, o condicionam. É isso, o dispositivo: estratégias de relações de força que condicionam certos tipos de saber e por ele são condicionados” (Foucault, 1994, p. 300, tradução própria).

O conceito é desdobrado por Deleuze (1996) que, analisando a conceituação de Foucault e também trabalhando com a ideia de rede, define o dispositivo como uma meada, um conjunto multilinear, constituído por linhas de diferentes naturezas. São linhas de visibilidade, linhas de enunciação, de força, de subjetivação, de brecha, de fissura, de fratura. Elas seguem direções, traçam processos que estão em desequilíbrio, se misturam e se entrecruzam, se aproximam ou se afastam uma das outras, e acabam suscitando outras linhas por meio de variações ou mutações de agenciamento.

Nesse sentido, para Deleuze (1996), desenredar as linhas de um dispositivo é construir um mapa, cartografar, explorar terras desconhecidas, é o que Foucault chama de “trabalho de terreno”. Nós pertencemos a dispositivos e neles agimos. Seria necessário, portanto, instalarmos sobre as próprias linhas: estas não se detêm apenas na composição de um dispositivo, mas atravessam-no, conduzem-no de norte a sul, de leste a oeste, em diagonal.

Agamben (2009), também a partir do pensamento de Foucault, propõe outra definição para o conceito. Para ele, os dispositivos são

qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o Panóptico, as escolas, a confissão, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc., cuja conexão com o poder é num certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e [...] a própria linguagem, que talvez é o mais antigo dos dispositivos (Agamben, 2009, p. 40-41).

Agamben (2009, p. 41) divide todo o existente em duas grandes classes: os seres vivos e os dispositivos. Entre os dois, haveria uma terceira: os sujeitos. Ele define o sujeito como “o que resulta da relação [...], do corpo a corpo entre os vivos e os dispositivos”, evidenciando o papel do dispositivo no processo de subjetivação. Dispositivo para Agamben (2009, p. 46) é, antes de tudo, “uma máquina que produz subjetivações”.

Marteleto e Couzinet (2013, p. 8) compreendem que o conceito de dispositivo pode ser estudado e empregado para compreender “os arranjos técnicos de informação e comunicação e, neles, o papel indispensável de redes heterogêneas na produção de saberes, de relações de poder, de subjetividades e de objetividades”. As autoras compreendem que, se um dispositivo tem a intenção de fazer saber, tal intenção é indissociável do conteúdo. Este último, “em cujo

âmbito a informação encontra-se latente, constitui também uma razão de ser do dispositivo” (Marteleto; Couzinet, 2013, p. 8). Dessa forma, um documento pode ser analisado como um dispositivo.

Segundo Jeanneret (2005), o dispositivo infocomunicacional é estudado na Ciência da Informação enquanto objeto material mediador que designa o conjunto de substratos materiais da comunicação. Agostinelli (2009) define estes dispositivos como artefatos de comunicação que amplificam a comunicação, organizam a interação humana e modificam os modos de produção, de gestão e de tratamento da informação. Eles são instâncias de mediação do conhecimento em um ambiente e reúnem processos informacionais, documentais e comunicacionais (Gardiès, 2012).

Para Couzinet (2009, p. 21, tradução própria), um dispositivo informacional é “um dispositivo cognitivo portador de informações adormecidas transformáveis em conhecimentos, isto é, capazes de contribuir para a modificação de uma ação”. A autora atenta para o fato de que um dispositivo não é um objeto isolado: ele faz parte de um conjunto de objetos, eles mesmos podendo ser considerados dispositivos. O dispositivo infocomunicacional é o local onde seres humanos, objetos materiais e lugares são organizados para implementar as interações tanto reais quanto simbólicas que estabelecem as modalidades e as lógicas de uso (Couzinet, 2011; Fabre; Gardiès, 2010). Considerando que conteúdo e forma são duas dimensões principais dos objetos infocomunicacionais (Couzinet, 2022), deve-se atentar para o fato de que o suporte da informação não é neutro: ele exerce fortes restrições sobre o conteúdo (Couzinet, 2011).

Em relação ao termo “dispositivo infocomunicacional”, Couzinet (2009, 2011) afirma que “dispositivo comunicacional” e “dispositivo informacional” têm significado genérico e, de modo a evidenciar a interdependência entre informação e comunicação, os dois termos foram reunidos. A autora faz uma separação entre os dispositivos documentários primários e secundários. O dispositivo documentário primário seria focado na produção documental, ou seja, no que é chamado de “documento” na linguagem cotidiana; enquanto o secundário seria focado na informação sobre os documentos disponíveis, criados a partir das práticas de processamento da informação (Couzinet, 2011).

Fabre e Gardiès (2010), remetendo à conceituação de documento de Meyriat (2016), entendem que, em sua função de enunciação, o dispositivo documentário poderia ser descrito como um dispositivo por intenção, ou seja, projetado e organizado por profissionais da informação usando padrões e contando com conhecimentos e técnicas com o objetivo de gerar, organizar, processar e disseminar informações. Já em sua função de apropriação, ele pode ser

descrito como um dispositivo por atribuição, ou seja, reconhecido pelo usuário como portador de sentidos, um dispositivo no qual ele reconhece informações úteis que respondam à sua necessidade informacional.

Os dispositivos infocomunicacionais se compõem de atores, técnicas e objetos materiais em interação permanente e dentro de um contexto definido, ligados entre si por uma rede (Couzinet, 2009). Limitar a noção de dispositivo aos seus aspectos técnicos, portanto, restringe consideravelmente seu interesse, pois “os aspectos humanos e os aspectos técnicos se cruzam em um jogo de trocas constritas ou facilitadas, eles mesmos inseridos em mundos que exercem sua própria influência” (Couzinet, 2011, p. 128, tradução própria). Estudar estes dispositivos, nesse sentido, é “se interrogar sobre suas naturezas e seus funcionamentos, sobre a maneira como eles atendem aos objetivos que lhes são atribuídos, é questionar as razões de suas eficácias e de suas falhas” (Couzinet, 2009, p. 21, tradução própria).

Para estudar o dispositivo infocomunicacional e mapear suas zonas de mediações, de acordo com Marteleto e Couzinet (2013, p. 4), é importante compreender que ele “está associado aos quadros de ação dos sujeitos que o constituem, inseridos em determinadas estruturas e redes de relações e limitações que circunscrevem os usos e as apropriações dos conhecimentos, das técnicas e das informações”. Portanto, é importante indagar sobre os sujeitos e seu papel na construção ou desconstrução dos dispositivos como uma rede de elos sociais que ligam diversos atores: aquele que produz a informação, aquele que possibilita sua circulação através de artefatos técnicos, aquele que facilita sua difusão e aquele que se apropria da informação (Couzinet, 2009; Marteleto; Couzinet, 2013).

Marteleto e Couzinet (2013, p. 9) consideram de grande importância considerar os dispositivos infocomunicacionais

em seus processos históricos e contextuais de produção, e também de interrogar sobre sua utilidade social e simbólica enquanto instrumentos de informação-comunicação que configuram certos gestos documentais e editoriais que orientam a construção dos sentidos pela relação entre os textos, os dispositivos técnicos que os mediatizam e os usos que concedem a sua forma social.

As autoras atentam ainda para a importância de se “considerar o documento e seu caráter de suporte, memória e registro, além de suas mutações no tempo e no espaço” para compreender as marcas, técnicas, usos e escritas inerentes aos dispositivos de informação e comunicação (Marteleto; Couzinet, 2013, p. 12).

Em seus estudos, Marteleto (2019) compreende que os dispositivos, mantendo a sua dimensão coercitiva e de poder, podem também ser analisados como “seres culturais”, conforme a conceituação de Jeanneret (2008). Este último define os seres culturais como

um complexo que associa objetos materiais, textos, representações e que resulta na elaboração e no compartilhamento de ideias, informações, saberes e julgamentos. Trata-se de configurações dinâmicas que traduzem a elaboração histórica de recursos e das questões da cultura para uma sociedade: posturas, saberes, valores, que não podem ser compreendidos de forma separada uns dos outros e que repousam sobre uma panóplia de objetos e de procedimentos, sem, no entanto, se resumir a um único registro técnico (Jeanneret, 2008, p. 16, tradução própria).

Nessa reinterpretação dos dispositivos sob a noção de “seres culturais”, eles podem ser compreendidos enquanto “compósitos” (Le Marec, 2002), isto é, como “mistos de objetos, de representações e de práticas que fornecem às formas culturais de uma sociedade as suas referências de interpretação e de valor” (Jeanneret, 2008, p. 16, tradução própria). É nesse sentido que os almanaques são estudados como dispositivos infocomunicacionais, a partir do modo em que expressam as linguagens, narrativas e compreensões próprias ao mundo vivido cotidiano, em um processo de “circularidade da cultura” (Ginzburg, 2020), abordagem que rompe com a ideia de divisão entre culturas populares e culturas eruditas (Marteleto, 2019).

2.3 LEITURA E SUAS PRÁTICAS

Os almanaques desempenharam relevante papel na história da leitura ao propiciar suas práticas em diferentes contextos sociais e culturais no decorrer dos séculos. Martins (1984, p. 31) sintetiza em duas caracterizações as várias concepções de leitura: a primeira, que a vê “como uma decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta” e a segunda, que a vê “como um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos”. Para a autora, a segunda concepção possibilita uma abordagem mais ampla e aprofundada da questão.

De acordo com Chartier (1999, p. 77), “a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. [...] Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores”. Para ele, “toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor”. Goulemot (2011) complementa essa visão,

afirmando que a leitura, seja popular ou erudita, é sempre produção de sentido. De acordo com ele, ler é “constituir e não reconstituir um sentido. A leitura é uma revelação pontual de uma polissemia do texto literário. A situação da leitura é, em decorrência disso, a revelação de uma das virtualidades significantes do texto” (Goulemot, 2011, p. 108).

Dumont (2002) atenta ao fato de que a leitura deve ser concebida não como um ato passivo, mas como uma ação. O sujeito-leitor é um produtor de sentidos, que interage com determinado texto impregnado de sentidos, escrito por um sujeito-autor que é também produtor de sentidos. O educador Paulo Freire (1986, p. 22), nesse sentido, afirma que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. O ato de ler “não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas [...] se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (Freire, 1986, p. 11).

A produção de sentido, como destaca Dumont (2002), depende da bagagem do leitor, uma vez que a leitura envolve atribuir significados ao texto com base nas informações e no estoque simbólico que o indivíduo já possui sobre o mundo. Nesse sentido, para Goulemot (2011, p. 113), ler é “fazer emergir a biblioteca vivida, [...] a memória de leituras anteriores e de dados culturais”. Para ele, “ler é fazer-se ler e dar-se a ler. [...] A cada leitura, o que já foi lido muda de sentido, torna-se outro. É uma forma de troca” (Goulemot, 2011, p. 116). Manguel (1997, p. 33) enfatiza que a leitura é um processo cumulativo e cada nova leitura baseia-se no que o leitor leu antes. De acordo com o autor, ao seguir o texto, o leitor “pronuncia seu sentido por meio de um método profundamente emaranhado de significações aprendidas, convenções sociais, leituras anteriores, experiências individuais e gosto pessoal”. Portanto, ler “não é um processo automático de capturar um texto [...], mas um processo de reconstrução desconcertante, labiríntico, comum e, contudo, pessoal” (Manguel, 1997, p. 53).

Levando em conta a diversidade de contextos de cada leitor, pode-se deduzir que há uma variedade de leitores e uma multiplicidade de leituras possíveis (Dumont, 2001, p. 46). De acordo com El Far (2006), embora existam hábitos e preferências comuns a uma determinada época ou sociedade, cada indivíduo desenvolve uma maneira única e subjetiva de se envolver com a leitura, construindo sua própria trajetória. Dessa forma, as práticas de leitura variam de acordo com as condições culturais, sociais, econômicas e históricas do leitor, bem como de acordo com sua forma de acesso a materiais de leitura, suas influências, propósitos e motivações para exercer o ato de ler, sejam pela obtenção de conhecimento ou pelo prazer de ler.

A leitura, segundo Darnton (1992, p. 233), possui uma história. Ela não foi a mesma em todo o tempo e em toda a parte. “Os esquemas interpretativos pertencem a configurações culturais, que têm variado enormemente através dos tempos. Como nossos ancestrais viviam

em mundos mentais diferentes, devem ter lido de forma diferente”. Dessa forma, a prática da leitura ocorre por meio de um processo contínuo, que se transforma conforme o avanço histórico. Por isso, é necessário resgatar as formas de leitura do passado para entender como chegamos às diversas práticas atuais (Santos, 2014).

Pécora (2011, p. 9) destaca que uma das abordagens para compreender a história da leitura consiste em levantar modos de leitura que não mais ocorrem sistematicamente no presente, constituindo um “corpus de ‘atitudes antigas’ diante da leitura, em que as suas diferentes formas apenas se configurem no interior de práticas datadas”. Outra perspectiva é a que percorre a história dos suportes de leitura, que são fundamentais para entender como essas práticas se concretizam. Aqui, entende-se que “a materialidade do suporte passa a ser inalienável do espírito das representações a que seus usos deram margem”. Nesse sentido, os usos históricos do livro e das diversas formas de impresso são cruciais para a compreensão das práticas de leitura ao longo do tempo.

As práticas de leitura na história estão intrinsecamente vinculadas à história da escrita e de seus suportes, desde suas formas primitivas até os meios digitais de leitura, passando pelo livro tal como o conhecemos. De acordo com Belo (2002, p. 39), a história do livro compreende mais do que apenas o livro como objeto material, mas também “a comunicação e todos os processos sociais, culturais e literários que os textos afetam e envolvem”.

Para Darnton (2010), pode-se afirmar que, desde que os humanos aprenderam a falar, houve quatro mudanças fundamentais na tecnologia da informação. A primeira e mais importante ocorreu com o advento da escrita, o que transformou a relação do ser humano com o passado e possibilitou o surgimento do livro como uma força histórica. A segunda grande mudança foi a substituição do rolo pelo códice logo após o início da era cristã, consolidando-se entre os séculos III e IV. A terceira mudança tecnológica foi a invenção da impressão com tipos móveis por Johann Gutenberg, por volta da década de 1450. Embora os chineses e coreanos já tivessem desenvolvido tipos móveis anteriormente, é com Gutenberg que essa invenção se propaga de maneira avassaladora, tornando o livro mais acessível a um número cada vez maior de leitores (Darnton, 2010; Martins, 2001).

A invenção da imprensa também alterou a relação do leitor com os textos, que se tornaram mais rápidos de produzir e mais baratos, transformando permanentemente a relação do leitor com o que antes era um objeto único e exclusivo, criado manualmente por um escriba (Manguel, 1997). Para Martins (2001, p. 135), embora não seja correto atribuir a Gutenberg a invenção da imprensa ou dos caracteres móveis, seu mérito em nada se diminui, pois ele abriu o caminho para a grande imprensa. Mais do que ter realizado uma invenção material, ele viu “o

que se poderia tirar de uma ideia que ‘estava no ar’ e que apenas esperava os seus meios práticos de realização”. Essa mudança tecnológica reduziu consideravelmente o número de horas necessárias para a produção de um livro e aumentou enormemente sua produção, “alterando para sempre a relação do leitor com aquilo que deixava de ser um objeto único e exclusivo confeccionado pelas mãos de um escriba” (Manguel, 1997, p. 156-157). Pela primeira vez na história era possível produzir materiais de leitura rapidamente e em grande quantidade. “Cada vez mais padronizado em seu formato, mais barato em seu preço e espalhado em sua distribuição, o novo livro transformou o mundo” (Darnton, 1992, p. 232).

Contudo, estudiosos como Chartier (1994) argumentam que, embora a invenção da imprensa tenha sido de fundamental importância para a história da escrita e da leitura, ela não modificou profundamente a estrutura do livro e foi, provavelmente, menos revolucionária do que se imagina. O autor defende que a imprensa não criou um objeto novo e não exigiu novos gestos por parte do leitor, ao contrário do que ocorreu com o surgimento do códice. O livro não foi modificado em suas estruturas fundamentais, portanto. Além disso, com a invenção da imprensa também não houve um rompimento com a cultura manuscrita. A cópia manual de livros após a metade do século XV continuou a ocupar um lugar importante na circulação de textos de vários gêneros e essas cópias manuscritas estavam ligadas a uma difusão a um número limitado e seletivo de leitores (Chartier, 2007).

Por fim, a quarta grande mudança a que se refere Darnton (2010) é a da comunicação eletrônica. Chartier (1994) afirma que a revolução do nosso presente é sem dúvida maior que a de Gutenberg, pois ela sim modifica a técnica de reprodução do texto, como também suas próprias estruturas e formas de suporte. Com o monitor, em substituição ao códice, são alterados os modos de organização, de estruturação e de consulta do suporte escrito. Lyons (2011) também entende que a revolução eletrônica é a maior mudança desde o códice, no momento em que se remove a forma física do livro ao desvinculá-lo do material papel. Com tudo isso, este novo suporte altera profundamente as práticas de leitura dos leitores.

Como se sabe, a prática da leitura não se manteve constante no decorrer de sua história, apresentando diferenças em cada época e lugar. Inúmeros hábitos foram adquiridos e perdidos a cada tempo, muitos deles influenciados pelas quatro mudanças fundamentais na tecnologia da informação aqui abordadas. De todas as mudanças pelas quais a leitura passou, Chartier (1994, 2007) destaca três principais, as quais ele denomina de “revoluções da leitura”.

A primeira revolução consiste no processo que levou um número crescente de leitores a passar de uma prática de leitura essencialmente oral para uma leitura silenciosa e visual. Trata-se de uma transformação da modalidade física e corporal do ato de leitura. Por mais que ambos

os estilos de leitura tivessem coexistido na Antiguidade grega e romana, foi na Idade Média que a leitura silenciosa foi conquistada pelos leitores ocidentais. Tal capacidade, inicialmente restrita aos escribas monásticos entre os séculos VII e XI, chegou às universidades durante os séculos XII e XIII e se tornou comum entre cortesãos e aristocratas laicos a partir do século XIV (Chartier, 1994, 2007). De acordo com Chartier (1994), a introdução da separação entre palavras, promovida pelos escribas irlandeses e anglo-saxões, foi crucial para essa mudança.

Não se pode afirmar que a ausência de separação entre as palavras tenha impedido, na Antiguidade, a leitura silenciosa. A leitura em voz alta naquele período não deve ser atribuída à falta de domínio da leitura com os olhos, mas a uma convenção social que associa o texto e a voz, a declamação e a escuta (Chartier, 1994). Lyons (1999, p. 17) relata que, no mundo antigo, a leitura era uma prática pública e declamatória. Na Grécia antiga, textos surgiram em *scriptio continua* (sem espaços ou divisões), sem pontuação e com indicações breves do término e do início de palavras. Dessa maneira, a compreensão do texto dava-se por meio da verbalização, e naquele contexto, a função da leitura era dar sonoridade ao texto, tornando-o inteligível. Concebia-se a leitura como uma performance oral. Inclusive, como conta Manguel (1997, p. 63), “até boa parte da Idade Média, os escritores supunham que seus leitores iriam escutar, em vez de simplesmente ver o texto”.

Chartier (1994, p. 187) considera que os efeitos da introdução da leitura silenciosa são enormes, “abrindo-se a possibilidade de ler com mais rapidez e, portanto, de ler mais textos e textos mais complexos”. Para o autor, a leitura em silêncio “permitiu um relacionamento com a escrita que era potencialmente mais livre, mais íntimo, mais reservado”. Permitiu também “uma leitura rápida, especializada, capaz de lidar com as complexas relações estabelecidas na página do manuscrito entre o discurso e suas interpretações, referências, comentários e índices” (Chartier, 2007, p. 24). Enquanto a leitura oral com outra pessoa no mesmo ambiente implicava em uma leitura propositalmente ou não compartilhada, a leitura silenciosa possibilitava ao leitor uma relação com o livro e com as palavras sem restrições. O texto tornava-se posse e conhecimento íntimo do leitor (Manguel, 1997).

A segunda revolução a que Chartier (1994, 2007) se refere diz respeito ao estilo de leitura, que passa da leitura intensiva à extensiva na segunda metade do século XVIII, durante a era da impressão e antes da industrialização da produção do livro. Tal mudança, ocorrida principalmente na Alemanha, Inglaterra, França e Suíça, sustentou-se por meio de algumas circunstâncias, tais como o crescimento na produção de livros, a multiplicação e transformação dos jornais, a proliferação de livros de pequeno formato e de instituições (como sociedades de leitura, clubes do livro, bibliotecas de empréstimos) que possibilitavam a leitura de livros e

periódicos sem ter que comprá-los (Chartier, 2007). Desse modo, os livros deixaram de ser raros e tornaram-se objetos de consumo cotidiano, transformando a relação do leitor com a palavra impressa (Lyons, 1999).

Essas mudanças, conforme Chartier (2007), motivaram o desenvolvimento de diferentes gêneros textuais e novas práticas de leitura. O leitor tradicional, dito intensivo, se caracterizava por ter acesso a um conjunto limitado e fechado de livros, os quais eram “lidos e relidos, memorizados e recitados, ouvidos e sabidos de cor, transmitidos de geração a geração” (Chartier, 1994, p. 189). Nesse contexto, a leitura era marcada pela sacralidade e autoridade, e os textos religiosos eram seus principais elementos. O novo leitor extensivo que surgia, em contraposição, fazia uma leitura mais irreverente e desprendida, lendo em grande número e a uma enorme variedade de impressos efêmeros. Ele lia “rápida e avidamente, submetendo o que tinha [...] lido a um julgamento crítico imediato” (Chartier, 2007, p. 25).

Analisando a iconografia que representava leitores anteriores e posteriores ao século XVIII, Chartier (1999, p. 78-79) observa que, enquanto os leitores intensivos eram representados lendo “no interior de um gabinete, de um espaço retirado e privado, sentados e imóveis”, os leitores extensivos eram retratados na natureza, lendo andando, lendo na cama, etc. Pode-se entender que a estes últimos leitores permitem-se comportamentos mais variados e livres. Portanto, a história das práticas de leitura a partir daquele momento, afirma o autor, “é também uma história da liberdade na leitura”. No entanto, Darnton (1992, p. 212) acredita que o inconveniente dessa oposição entre leitura intensiva e extensiva é o seu caráter não-linear. Afinal de contas, “a leitura não se desenvolveu em uma só direção, a extensão. Assumiu muitas formas diferentes entre diferentes grupos sociais em diferentes épocas”.

Por fim, a terceira revolução da leitura, conforme Chartier (1994, 2007), foi a causada pela transmissão eletrônica de textos. A informática, conforme Lyons (1999, p. 7-8), “trouxe uma transformação rápida e de longo alcance à maneira como transmitimos e consumimos textos, impondo seu próprio estilo de leitura”. O leitor se torna “um surfista de textos”, que se permite ir de um texto a outro rapidamente. Belo (2002, p. 18) afirma que, em oposição à leitura de um material impresso, o texto digital é inevitavelmente lido de outro modo. Em vez de “seguirem uma ordem linear, de uma página inicial a uma página final, os capítulos de um livro digital estão relacionados entre si segundo outra lógica, permitindo ao leitor entrar nele a partir de um ponto qualquer a partir do índice”. Com um simples clique, o leitor pode passar de um capítulo ao outro e de um texto a outros textos sem sair da tela.

Além disso, o leitor pode intervir sobre um texto digital com maior liberdade. Em vez de sublinhar e anotar nas margens do impresso, esse tipo de leitura permite ao leitor intervir no

texto por meio de um simples comando, adicionando comentários, alternando-o, copiando-o ou juntando-o a outros textos (Belo, 2002). Chartier (1994, p. 192) também aborda essa liberdade de intervenção do leitor. Ao livro impresso, suas intervenções são limitadas: ele só pode escrever nos espaços virgens do livro. Se “o leitor pretende inscrever sua presença no objeto, só pode fazê-lo ocupando [...] clandestinamente, os lugares do livro preteridos pela escrita: interiores da encadernação, folhetos deixados em branco, margens do texto etc.”. Já com o eletrônico, o leitor pode exercer “múltiplas operações (pode indexá-lo, colocar observações, copiá-lo, desmembrá-lo, recompô-lo, deslocá-lo etc.)” e pode até mesmo tornar-se seu co-autor. Ele se transforma “em um dos atores de uma escrita a várias vozes ou, pelo menos, acha-se em condições de constituir um texto novo, partindo de fragmentos livremente recortados e ajuntados” (Chartier, 1994, p. 192).

2.4 CULTURA POPULAR E LEITURA POPULAR

Considerando o caráter de leitura popular atribuído aos almanaques, cabe aqui abordarmos o conceito de “cultura popular”. A princípio, deve-se destacar que não é tarefa simples defini-la. Bourdieu (1996, p. 17) entende que a noção de cultura popular (bem como de linguagem popular, arte popular, religião popular etc.) define-se apenas de forma relacional, como o conjunto daquilo que é excluído da cultura legítima. A própria ideia do que vem a ser o “povo” tem extensão variável e indeterminada, já que qualquer um pode “manipular inconscientemente essa extensão para ajustá-la aos seus interesses, preconceitos ou fantasmas sociais”.

Abreu (2003, p. 95) entende que “cultura popular não é um conjunto fixo de práticas, objetos ou textos, nem um conceito definido aplicável a qualquer período histórico”. A cultura popular “é algo que precisa sempre ser contextualizado e pensado a partir de alguma experiência social e cultural, seja no passado ou no presente”. Burke (2021) também ressalta que não é um conceito homogêneo: a cultura popular rural da Europa Moderna difere da urbana, e a cultura popular dos camponeses é distinta da dos artesãos. Existem muitas culturas populares e elas não são delimitáveis: uma cultura é um sistema de limites indistintos, e não é possível dizer onde começa uma e termina a outra.

Em termos simples, Burke (2021) a define como uma cultura não oficial, uma cultura da não elite, das “classes subalternas”, como denomina Antonio Gramsci. Mas o autor observa que sempre existiu um tráfego de mão dupla entre a “cultura popular” e a “cultura erudita”: elas se afetam mutuamente. As elites e o povo sempre consumiram e se apropriaram de elementos

tanto da cultura “erudita” quanto da “popular”. Burke (2021, 2023), nesse contexto, cunha o termo de “biculturalidade” para descrever a situação dos membros das elites europeias do começo dos tempos modernos que participavam de uma cultura popular ao mesmo tempo que de uma cultura erudita da qual as pessoas comuns eram excluídas, o que evidencia a indistinção de seus limites.

Ginzburg (2020), em seu clássico “O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição”, também problematiza a conceituação de cultura popular. Ao analisar o estudo de Mikhail Bakhtin (2010) sobre a obra “Gargântua e Pantagruel” de François Rabelais, Ginzburg (2020) desenvolve o conceito de “circularidade”, denotando o influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica. O autor afirma que “entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas existiu, na Europa pré-industrial, um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo” (Ginzburg, 2020, p. 10).

Ginzburg (2020, p. 13) também aborda o problema posto pela documentação na cultura popular, que é quase sempre indireta. Ele argumenta que a cultura das classes subalternas é majoritariamente oral, o que dificulta o acesso direto aos pensamentos e crenças desses grupos, especialmente no passado. Para reconstruir essa cultura, os historiadores dependem de fontes escritas (e, em alguns casos, arqueológicas), que são, em si mesmas, indiretas. Essas fontes, muitas vezes, são escritas por pessoas ligadas à cultura dominante, o que faz com que as ideias e perspectivas desses grupos cheguem até nós filtradas e muitas vezes distorcidas.

Frente a essa questão, Ginzburg (2020) critica os estudos que se propõem a estudar a “cultura imposta às classes populares” em vez da “cultura produzida pelas classes populares”. Por outro lado, Chartier (1990, p. 56) afirma que, na realidade, “saber se pode chamar-se popular ao que é criado pelo povo ou aquilo que lhe é destinado é [...] um falso problema. Importa antes de mais identificar a maneira como, nas práticas, nas representações ou nas produções, se cruzam e se imbricam diferentes formas culturais”. Afinal, ao invés de uma oposição bem delimitada dos objetos e práticas da cultura erudita e da cultura popular, o que se observa efetivamente são “circulações fluidas, práticas compartilhadas, diferenças indistintas” (Chartier, 2004, p. 8).

De acordo com Chartier (2011b, p. 141), o próprio conceito de cultura popular é uma categoria erudita. Trata-se de um conceito que quer “delimitar, caracterizar, nomear práticas que não são jamais designadas por seus atores como pertencendo à ‘cultura popular’”. O autor remete as incontáveis definições sobre esse conceito a dois grandes modelos de descrição e de interpretação, aos quais contesta: um que compreende a cultura popular como um sistema

simbólico coerente, autônomo e independente, que opera segundo uma lógica alheia e irreduzível à da cultura letrada; e outro modelo que, levando em consideração a existência de relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular em suas dependências e lacunas em relação à cultura dos dominantes, definida a partir de sua distância da legitimidade cultural da qual ela é privada (Chartier, 1995, 2011b).

Chartier (2011b) também elenca três ideias que basearam a concepção clássica e dominante de cultura popular: de que ela poderia ser definida por contraste com o que não era, isto é, a cultura letrada e dominante; que seria possível denominar como “popular” o público de determinadas produções culturais; e de que as expressões culturais poderiam ser identificadas como socialmente puras ou intrinsecamente populares. Mas o autor coloca estas afirmações em dúvida, afirmando que a literatura popular e a religião popular, por exemplo, “não são radicalmente diferentes da literatura das elites ou da religião dos clérigos, que impõem seu repertório e seus modelos; elas são partilhadas por meios sociais diversos que não são exclusivamente populares; elas são, ao mesmo tempo, aculturadas e aculturantes” (Chartier, 2011b, p. 151).

Para Chartier (2011b), é impossível saber (ou nem mesmo interessa descobrir) quais objetos ou práticas culturais são genuinamente populares, “pela dificuldade ou mesmo impossibilidade de se precisar a origem social das manifestações culturais, em função da histórica relação e do intercâmbio cultural entre os mundos sociais, em qualquer período da história” (Abreu, 2003, p. 83). Portanto, ele sugere que se estude não conjuntos culturais definidos como populares, mas sim os modos como esses conjuntos culturais são apropriados pelos grupos ou indivíduos (Burke, 2021; Chartier, 2011b).

O autor afirma que não é possível identificar a diferença e especificidade da cultura popular por meio de textos, crenças ou códigos que lhe seriam característicos, pois “todos os materiais portadores das práticas e dos pensamentos da maioria são sempre mistos, combinando formas e motivos, invenção e tradições, cultura letrada e base folclórica” (Chartier, 1990, p. 134). Por isso, para o autor, a noção de apropriação é central, pois

em toda a sociedade, as formas de apropriação dos textos, dos códigos, dos modelos partilhados são tão, se não mais, distintas que as práticas próprias a cada grupo social. O ‘popular’ não se encontra no *corpus* que seria suficiente delimitar, inventariar e descrever. Antes de tudo, ele qualifica um modo de relação, uma maneira de utilizar os objetos ou as normas que circulam em toda a sociedade, mas que são recebidos, compreendidos, manipulados de diversas formas. [...] A apropriação, tal qual nós a entendemos, visa a uma história social dos usos e das interpretações, remetidas às suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as constroem (Chartier, 2011b, p. 151-152).

Faz-se importante, portanto, uma perspectiva que centre a atenção nos empregos e usos diferenciados e contrastantes dos mesmos bens, dos mesmos textos e mesmas ideias. Não se trata de qualificar socialmente um corpus tomado no seu todo (como, por exemplo, a literatura de cordel ou os almanaques), “mas de caracterizar práticas que se apropriam de modo diferente dos materiais que circulam em determinada sociedade” (Chartier, 1990, p. 136), ou seja, “as modalidades diferenciadas de sua apropriação” (Chartier, 2011b, p. 152). Além disso, o autor critica a ideia de que o repertório das literaturas populares reflete diretamente a mentalidade ou a visão de mundo dos leitores populares, pois esses textos pertencem a gêneros, épocas e tradições diversas, e a distância entre o contexto de produção e a recepção dos textos pode ser significativa. O autor reforça que o importante é entender a história social dos usos e interpretações desses textos pelas comunidades de leitores ao longo do tempo (Chartier, 2011b).

Compreender a cultura popular implica analisar as relações entre dois conjuntos de dispositivos: de um lado, os mecanismos de dominação simbólica, que visam tornar aceitáveis pelas classes dominadas as representações e formas de consumo que desqualificam sua cultura como inferior e ilegítima; e, de outro lado, as lógicas específicas de apropriação, nas quais os indivíduos adaptam e ressignificam o que é imposto (Chartier, 1995, 2011b). Nesse contexto, é relevante a distinção realizada por Certeau (1994) entre estratégias e táticas: “as estratégias supõem lugares e instituições, produzem objetos, normas, modelos, acumulam e capitalizam; as táticas, desprovidas de lugar próprio, sem controle sobre o tempo, são ‘maneiras de fazer’, ou melhor, maneiras ‘de fazer apesar de’” (Chartier, 2011b, p. 153-154). Segundo Chartier (2011b), as formas “populares” da cultura podem ser entendidas como táticas produtoras de sentidos, ainda que de sentidos diferentes daqueles visados pelos produtores. O autor sugere, portanto, que o consumo cotidiano é um tipo de produção ou criação, pois envolve os sujeitos imprimindo significados aos objetos (Burke, 2021).

Desde a invenção e difusão da imprensa de tipos móveis, diversos tipos de impressos surgiram e se popularizaram em diferentes países, adquirindo características que os definem como “leitura popular”, ainda que suas origens possam ser eruditas e suas apropriações independam de grupos sociais. Esse é o caso dos almanaques, que constituem o foco deste estudo, assim como de outras publicações que, ao longo de sua história, tanto influenciaram quanto foram influenciadas por eles.

As chamadas leituras populares são caracterizadas por determinados gêneros, formatos ou empreitadas editoriais. Segundo Sordet (2023), a edição popular não apenas se estabelece como um gênero e uma forma reconhecível de publicação, mas também como um ecossistema específico, com sistemas próprios de financiamento e difusão. Fórmulas semelhantes de edição

popular surgiram em diferentes contextos linguísticos, e o sucesso de certos títulos e empresas se espalhou por vários países europeus, alguns até exportados para o outro lado do Atlântico. O autor destaca que os termos usados para designar essa produção não se referem apenas às suas características materiais, mas, sobretudo, a seus modos de difusão e distribuição.

Estas edições populares recebem denominações diferentes em cada país, sempre com características particulares em suas formas, gêneros e modos de produção e circulação dentro de seus contextos regionais e históricos. É o caso, por exemplo, dos folhetos de cordel em Portugal e no Brasil, *littérature de colportage* na França, *pliegos sueltos* ou *pliegos de cordel* na Espanha, *chapbooks* na Inglaterra, *volksbücher* na Alemanha, *corridos* no Peru, Chile e Nicarágua; *hojas* na Argentina, entre outros (Grillo, 2015). Entre os gêneros mais populares de publicações, destacam-se os almanaques, pasquins, livros de emblemas, além de livros de devoção, como livros de horas, artes de morrer (*Ars moriendi*) e vidas dos santos.

Na França, a *littérature de colportage* é assim denominada em razão da figura do *colporteur* (vendedor ambulante), que viajava de cidade em cidade vendendo diversos utensílios, dentre os quais impressos (folhetos, livros e almanaques). Como afirma Andries (1996, p. 288), eles “eram vitais para a difusão da literatura popular tanto na cidade quanto no campo”. Desse gênero, destacam-se os impressos da *Bibliothèque Bleue*, fórmula editorial que deve seu nome em razão da cor azul do papel de capa dos livros, caracterizados pelos baixos custos de produção e vendidos por ambulantes a leitores modestos¹. Seu repertório textual é em geral antigo, “já difundido pela edição impressa e em parte proveniente da literatura medieval” (Sordet, 2023, p. 391).

Em Portugal e no Brasil, a literatura de cordel tem sua denominação originada pelo fato de que os folhetos eram pendurados em cordas ou barbantes e expostos ao público, em geral presentes em barracas e mercados. Abreu (2011, p. 23) a define como “uma fórmula editorial que permitiu a divulgação de textos de origens e gêneros variados para amplos setores da população”. Surgiu em Castela, na Espanha, no século XVI, foi adotado em Portugal no século XVII e chegou ao Brasil no século XIX, onde continua sendo praticado na região Nordeste. Nesta região, é caracterizada por acolher na primeira página uma ilustração xilográfica ou linográfica e abranger um vasto corpo de textos curtos, geralmente em forma de versos (Sordet, 2023). Além dos textos impressos artesanalmente em folhetos, a literatura de cordel nordestina

¹ A invenção da *Bibliothèque Bleue* é creditada à família Oudot, de Troyes, com suas primeiras edições publicadas a partir de 1602. A produção foi continuada pelos descendentes dos Oudot até ser dominada em 1760 pelos concorrentes da família Garnier. A partir da segunda metade do século XVII, a fórmula foi adotada por impressores-livreiros de outras cidades. Por volta de 1830, deixaram de ser publicados (Sordet, 2023).

também é caracterizada pela recitação ou improvisação de versos por repentistas e cantadores, sendo a oralidade uma forte característica do gênero.

Grillo (2015, p. 22-23) atenta para a importância informacional do cordel do Nordeste brasileiro, que por meio da narrativa “registra os acontecimentos de um dado período e de um dado lugar, se transforma em memória, documento e registro da história”, dando origem a uma crônica do contexto do cordelista. Este poeta, “além de autor é conselheiro do povo e historiador popular”. Em contextos históricos e regionais em que a minoria da população era letrada, os cordéis encontravam um grande público de ouvintes, pois por meio da oralidade, “as poesias eram apresentadas por cantadores em saraus e reuniões e, por serem escritas em versos, havia certa facilidade de serem memorizadas”.

Abreu (2011), em seu estudo sobre a literatura de cordel portuguesa e a literatura de folhetos do Nordeste, observa as características que separam estas duas produções culturais. A autora defende que, ao contrário dos estudos que entendem a primeira como fonte, origem ou matriz principal da segunda, os cordéis brasileiros se desenvolveram de forma independente e radicalmente diferente. As características gráficas, o processo de composição, edição e comercialização em nada lembram a literatura de cordel portuguesa. Segundo a autora, no Brasil, havia autores que viviam da criação e venda de versos, enquanto em Portugal predominavam os adaptadores de textos de sucesso. No Brasil, os autores e uma parte significativa do público eram das camadas populares, enquanto em Portugal, os textos eram voltados para toda a sociedade. Os folhetos brasileiros estavam mais ligados à tradição oral e refletiam o cotidiano nordestino, ao passo que em Portugal, esses textos tinham influências da cultura escrita e abordavam temas relacionados à nobreza e aos cavaleiros. Além disso, no Brasil, os poetas detinham os direitos sobre suas obras e podiam vendê-las aos editores (que por sua vez eram também autores de folhetos), enquanto em Portugal, os editores trabalhavam principalmente com obras de domínio público.

Com relação à circulação destas publicações, no caso da literatura de cordel portuguesa, Abreu (2011) relata que os folhetos eram vendidos a baixo preço nos locais públicos das cidades e vilas, atingindo um público amplo e de condição econômica diversa (lembrando que as barreiras sociais não necessariamente coincidem com as barreiras culturais). Estes materiais eram destinados a um público vasto, com diferentes graus de aproximação da erudição. A autora conclui que o que torna essa produção popular, de certa forma, não é o texto, os autores ou o público, mas sim sua materialidade, como sua aparência e seu preço.

Quanto aos cordéis do Nordeste brasileiro, eles podiam ser adquiridos através de encomendas pelos correios, comprados em livrarias e vendas, ou, principalmente por meio do

comércio realizado em viagens pelos autores ou revendedores de cordéis. Eles percorriam fazendas e vilarejos, distribuindo folhetos seus ou de colegas tanto pelas cidades quanto pelas regiões agrícolas (Abreu, 2011). A autora destaca que os limites entre cultura popular e erudita, assim como entre o campo e a cidade, se tornam menos claros quando se trata dos folhetos. No início do século XIX, as distinções entre essas esferas não eram tão pronunciadas no Nordeste. Embora os poetas e leitores fossem em sua maioria das camadas populares, membros da elite econômica também consideravam os folhetos e as cantorias como uma das suas principais formas de lazer.

A autora observa que essas obras adquiriam permanência a partir da aceitação dos leitores/ouvintes. Sem a intermediação da escola ou da crítica literária, e sem bibliotecas ou coleções dedicadas a preservá-los, os folhetos dependiam do público para garantir sua permanência. Assim, um folheto que não fosse bem aceito não vendia e desaparecia. Não era memorizado, nem tampouco reeditado (Abreu, 2011). A literatura de cordel, gênero de uma literatura intrinsecamente popular, é marcada pela expressão dos modos de viver, pensar, sentir e agir de um povo, manifestando a filosofia de quem a faz, suas crenças, práticas, costumes, técnicas e ciências (Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2013).

Os folhetos de cordel, juntamente com os almanaques, são classificados por Pellegrini Filho (2009) na classe de brochuras populares, em seu estudo sobre a Comunicação Popular Escrita. Nesta pesquisa, o autor realizou um levantamento de diferentes mensagens de comunicação popular, coletando e classificando 14.014 manifestações de 107 países. Foram analisados uma infinidade de enunciados escritos, definidos aqui como “produtos de atos comunicacionais grafados em diferentes suportes e que permanecem, mesmo após seu(s) autor(es) se ausentar(em)” (Pellegrini Filho, 2009, p. 48). Define-se a comunicação popular escrita como um universo “de manifestações verbais, comuns em sociedades letradas e feitas em diversos suportes [...], sendo de se notar a presença de liberdade de expressão, mimese, constante atualização e reatualização de conteúdos (em função de contextos socioculturais)” (Pellegrini Filho, 2009, p. 48-49).

Acerca dos conteúdos dessas mensagens, a pesquisa compreende que “às vezes o assunto é de origem erudita, porém vale o uso que o povo faz do texto” (Pellegrini Filho, 2009, p. 84), destacando a importância do conceito de “apropriação” na cultura popular. Além disso, o estudo enfatiza a materialidade do suporte das mensagens para caracterizar esse tipo de comunicação. Muitas vezes, a combinação de mensagem e mídia fortalece o perfil do que é popular. No contexto da comunicação popular, é notável que certos suportes ganham grande presença; além de utilizar mídias convencionais, como jornais e cartazes, o povo cria novas

mídias para transmitir seus conteúdos. Essas inovações, chamadas neomídias, incluem o uso de equipamentos urbanos e serviços de maneira criativa, como bancos de jardim, muros, troncos de árvores, e até panos de cozinha. Tais suportes não são utilizados na difusão das mensagens da cultura erudita ou da cultura de massa, o que as torna características típicas da comunicação popular. Dessa forma, é possível concluir que a combinação entre conteúdo e suporte é um aspecto fundamental a ser considerado, com ênfase no primeiro (Pellegrini Filho, 2009).

Após a análise, sistematização e classificação dos documentos levantados, a pesquisa de Pellegrini Filho (2009) chegou a importantes conclusões sobre o que caracteriza a comunicação popular escrita. Dentre elas, que se trata de “um tipo de comunicação humana que utiliza basicamente palavras escritas, e subsidiariamente alguns símbolos. Com diferentes classes de expressões, ela ocorre em praticamente todas as sociedades letradas contemporâneas (mais que em tempos passados), em núcleos urbanos” (Pellegrini Filho, 2009, p. 666). Algumas classes existem desde tempos longínquos ou de séculos atrás, como brochuras populares e mensagens em espaços públicos, outras formas são de surgimento mais próximo no tempo, como as mensagens pela internet.

Em relação aos seus agentes, tanto os emissores quanto os receptores pertencem a diferentes classes socioeconômicas e educacionais. Os conteúdos dessas mensagens possuem uma grande variedade e estão profundamente ligados ao contexto sociocultural do momento vivido pela sociedade letrada. Eles atendem de forma eclética “a ideias, sentimentos, atitudes, expectativas dos povos, em nível local ou regional, também nacional e internacional” (Pellegrini Filho, 2009, p. 667). Isso demonstra que a mentalidade e o comportamento humanos apresentam constâncias e, ao mesmo tempo, diferenças, independentemente da cultura ou localização geográfica. Além disso, os conteúdos dessas mensagens revelam que ocorrem duas constantes nos diferentes povos e regiões: religiosidade e jocosidade. O costume, que varia de um povo para outro e de acordo com a aceitação intercultural, é responsável pela consolidação do uso e da manutenção dos escritos populares. Isso indica que os povos letrados, de diferentes maneiras, encontram soluções para se tornarem “comunicadores” informais, produzindo mensagens que podem ser classificadas em diversas categorias (Pellegrini Filho, 2009).

2.5 ALMANAQUES

Os almanaques são brochuras populares de caráter enciclopédico, geralmente publicadas anualmente e organizadas tendo como referência o calendário do ano entrante. Caracterizam-se pela mistura de diferentes discursos, gêneros textuais, formas de enunciação e

de organização de saberes. Obras práticas de fácil e permanente consulta, oferecem informações generalistas e utilitárias, sendo consideradas verdadeiras enciclopédias populares e domésticas. Frequentemente trazem conteúdos relacionados a astrologia, astronomia, religião, calendário, meteorologia, agricultura, saúde popular, humor, além de provérbios e conselhos práticos ou comportamentais, sendo característica nestas publicações a mescla de conhecimentos científicos e saberes populares (Casa Nova, 1997; Ceia, 2009; Dourado; Marteleto, 2017; Guerreiro; Correia, 1986; Marteleto; Couzinet, 2013).

Os almanaques, como designação, impuseram-se com o tempo sobre outras publicações equivalentes ou sinônimas, embora algumas tenham sobrevivido isoladamente até os dias atuais. É o caso dos reportórios, lunários, prognósticos, juízos do ano, folhinhas, folhetos de luas, sarrabais, diários, calendários, bordas de água, agendas, guias, efemérides, *étrennes*, entre outros (Lisboa, 2002; Guerreiro; Correia, 1986).

A etimologia da palavra “almanaque” é controversa, devido à diversidade de origens possíveis. Botrel (2015) afirma que em árabe, “*al-manākh*”, significa “contar”, “enumerar”, indicando a função de cômputo do tempo deste tipo de publicação. Bollème (1969, p. 11) também afirma que a palavra pode vir do árabe “*al*” = o, e “*manach*” = contar. Ou poderia ser uma junção do árabe “*al*” com o grego “*men*” = mês. Para Ceia (2019), a provável origem remonta ao grego “*almenikhiaká*”, ligado ao interesse pela astrologia. Em latim medieval, registra-se como “*almanac*”, derivado do árabe “*al-manakh*”, compreendido aqui como “calendário”. No dicionário etimológico de Nascentes (1966, p. 31) também consta a origem no árabe “*al-manakh*”, que seria o “lugar onde o camelo se ajoelha, parada numa viagem”, sendo que o “sentido de ‘parada’ viria a aplicar-se às paradas do Sol nos signos do zodíaco, ao livro baseado nestas paradas, o calendário”.

Alguns almanaques se baseiam em um calendário perpétuo², e por isso não são reeditados a cada ano. É o caso do Lunário Perpétuo, de Jerónimo Cortés. Lisboa (2002, p. 12) diferencia os almanaques anuais dos lunários perpétuos, afirmando que, para além da estrutura periódica, os lunários apresentam “dados, seja sobre as posições dos astros, seja sobre as festas móveis, de forma a que possam ser aplicados a um período mais longo que, ciclicamente, se repete”. Portanto, os almanaques anuais que se propagam a partir do século XVII eram mais populares e se reproduziam aos milhares, pois eram menores e tinham uma leitura mais imediata. Por outro lado, eram efêmeros, e parte de sua utilidade findava com o ano

² Calendário que indica os dias da semana para qualquer ano.

correspondente. Os perpétuos, por outro lado, continham informações mais duráveis, sendo muitas vezes conservados e passados de geração a geração.

Nas classificações oficiais dos materiais bibliográficos no campo biblioteconômico-informacional, os almanaques estão inseridos na classe “0 – Generalidades” tanto na Classificação Decimal de Dewey (CDD) quanto na Classificação Decimal Universal (CDU), embora apresentem diferenças nas subclasses. Na CDD, são classificados como “Enciclopédias gerais” em virtude de suas características enciclopédicas, enquanto na CDU são classificados sob “Publicações seriadas. Periódicos”, em uma subclasse específica para “Almanaques. Calendários”, considerando seu caráter periódico. No “Tratado da Documentação”, Paul Otlet (2018) classifica os almanaques como parte das “Obras de conjunto”, na subclasse “Anuários (almanaques, calendários, agendas)”.

Acerca dos calendários, almanaques e anuários, Botrel (2003) destaca a importância de uma distinção clara entre esses gêneros editoriais, pois são justamente suas especificidades que os definem e caracterizam. Segundo ele, o calendário “é um quadro que dá a data dos dias do ano, com sua distribuição em meses e semanas”. O almanaque “comporta adicionalmente as datas de festas, as fases da lua, os fenômenos astronômicos e outras indicações de interesse geral, acompanhadas de hábito por notícias curiosas e instrutivas”. Já o anuário é uma espécie de “almanaque especial destinado a uma classe de pessoas que, além das indicações naturais do almanaque contém outras relativas a um domínio particular das ciências ou das artes” (Botrel, 2003, p. 105, tradução própria).

Os calendários e almanaques constituem-se em objetos eminentemente culturais, em um campo de encontro entre cultura popular e cultura erudita. De um lado, “o saber popular, no campo meteorológico, médico, narrativo, atinge os cidadãos e os letrados; por outro, a ciência dos eruditos penetra nos ambientes populares” (Le Goff, 2021, p. 480). Martín-Barbero (2013, p. 156-157) corrobora a ideia, afirmando que os almanaques são lugares de misturas e entrecruzamentos especiais. Neles, “o que se mistura são diferentes tipos de saberes. Saberes de baixo e saberes de cima, saberes velhos e novos, astrologia e astronomia, medicina popular e nem tão popular, romance e história”.

Ainda que anteriores às primeiras enciclopédias modernas, pode-se afirmar que os almanaques seguem um princípio semelhante ao do método enciclopédico. Enciclopédias são obras que buscam tratar de todas as áreas do conhecimento humano em uma coletânea de textos. Conforme Otlet (2018, p. 209), enciclopédia vem do grego “*enkyklios paideia*”, significando literalmente círculo de ciências ou círculo de educação, sendo “*en*” = dentro, “*kyklios*” = círculo e “*paideia*” = instrução ou ciência. As primeiras tentativas de reunir numa única obra a

totalidade do conhecimento humano são antigas, conforme Otlet (2018). Estes princípios podem ser encontrados em livros sagrados, como a Bíblia, ou textos da filosofia antiga, como em Aristóteles. Na Idade Média foram produzidas enciclopédias dedicadas a tratar especialmente de determinadas ciências, conhecidas pelo nome de *summae* ou *specula*, mas nelas a ideia de uma enciclopédia permanecia incompleta.

Ao longo dos séculos seguintes, outras empreitadas editoriais buscaram abarcar todas as ciências e artes humanas. A mais célebre e influente delas foi a “*Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*”, editada por Denis Diderot e Jean le Rond d'Alembert. Lyons (2011) relata que a *Encyclopédie* foi uma das maiores operações editoriais do século XVIII, tendo sido publicada a partir de 1751 em dezessete volumes em fôlio, acompanhados por mais onze volumes de gravuras. O processo de escrita ocupou 150 dos maiores intelectuais da Europa, dentre os quais Jean-Jacques Rousseau e Voltaire. Mais do que uma enciclopédia, a *Encyclopédie* “foi um manifesto a favor do pensamento racional e da crítica social no iluminismo. Ela almejava disseminar conhecimento atualizado sobre as invenções científicas e as artes práticas, tornando processos e novas ideias acessíveis a qualquer leitor instruído” (Lyons, 2011, p. 107). Diderot (2015, p. 158), no verbete “Enciclopédia”, afirma que a finalidade de uma enciclopédia é “reunir os conhecimentos dispersos na superfície da Terra, expor seu sistema geral aos homens com que vivemos e transmiti-los aos que virão depois de nós”. Seu objetivo é “tratar de tudo o que se refere à curiosidade do gênero humano, a seus deveres, necessidades e prazeres”.

Guardadas as diferenças de escopo, dimensões e públicos aos quais se destinam, pode-se dizer que os almanaques, como as enciclopédias, seguem os ideais iluministas de disseminação universal do conhecimento. Como afirma Casa Nova (1996, p. 59-60) em estudo semiótico sobre os almanaques, “tanto a História quanto a Ciência, no almanaque, apontam para o objetivo da *Enciclopédia*, ou seja, o de reunir os conhecimentos dispersos sobre a superfície da terra, tornando os homens mais instruídos e, por isso, mais virtuosos e felizes”. Em outras palavras, essa minienciclopédia popular “parece reabilitar o ideal dos enciclopedistas, ou seja, a inabalável certeza de que a difusão universal dos conhecimentos e das técnicas viria acarretar a libertação do homem, concorrendo para sua progressiva felicidade neste mundo”.

O escritor português Eça de Queirós (2011), em seu prefácio para o *Almanach Encyclopédico* de 1896, faz uma reflexão sobre os tipos de saberes veiculado pelas enciclopédias e pelos almanaques. Para ele, as Enciclopédias, tais como a de Diderot e d'Alembert, são obras aterradoras, que “atravancam as nossas livrarias”, as “tornam maçudas e tristes”, “e pelas suas alterosas proporções desanimam o espírito investigador como uma

enorme, sombria montanha”, que “assusta e desalenta o peregrino” (Queirós, 2011, p. 271-272). Os almanaques, por outro lado, portam a cada ano “uma Ciência moça, de roupagens ligeiras, ágil e familiar”, e conduzem os leitores alegremente “a um dos seus maravilhosos Domínios”. O leitor “vai levado, como se o ar o levasse, – e não tem ele de se erguer num esforço, de se vestir todo de sisudez [...] e de procurar a Ciência” (Queirós, 2011, p. 273).

A esse tipo de conhecimento, Queirós (2011) denomina “ciência de almanaque”. É uma ciência que ele descreve como útil, certa, franca, sadia, caseira, natural, e de uma nobreza mais alta do que a “empertigada ciência das escolas” (Queirós, 2011, p. 283). Fazendo alusão às receitas práticas e domésticas comuns nestes livros, Queirós (2011, p. 282) diz que “a boa Ciência de Almanaque [...] rompe pela minha casa, arregaça as mangas, e imediatamente, cantarolando, esfrega os tachos, limpa os candeeiros, reaviva as pinturas antigas, reverdece as flores murchas, emudece as portas que rangem, recola o verniz que lascou...”. Enquanto isso, “a soberba Ciência das Escolas transpõe a minha morada, nalgum grave e gordo tomo, sobe à estante como a um sólio, e ali espera, em majestosa inércia, que eu lhe entreabra reverentemente as folhas para lhe admirar a profundidade e o rigor”.

Casa Nova (1996, p. 61-62) destaca que “enquanto a classe dominante lia os grandes livros, a Enciclopédia, os almanaques difundiam para as classes dominadas o saber em pílulas”. Aliando o saber ao lazer e as prescrições morais, técnicas e educativas à utilidade prática, os almanaques de certa forma dessacralizam um conhecimento instituído e sacralizado pelo livro. Nos almanaques “há uma espécie de fragmentação do saber e mesmo do mundo. Um pouco de ciência numa página, um pouco de história na outra, e assim as páginas vão se sucedendo, recortando os fatos”. O sistema de representação da ciência no almanaque “parece familiarizar o mundo dos objetos que rodeiam o leitor”. É, portanto, um tipo de conhecimento acessível e de caráter útil que busca levar em conta o contexto cotidiano dos leitores.

As informações contidas nos almanaques são, portanto, de caráter enciclopédico, sem grande aprofundamento nos assuntos, mas deles dando apenas notícia (Ceia, 2009). Nesse sentido, os almanaques configuram-se como hipertextos populares que representam um gênero de narrativa e de representação informacional que os aproxima de uma enciclopédia popular, misturando diferentes tipos de informação, conhecimento e discurso. Constituem-se como um meio de instrução e um tipo de manual prático de sobrevivência que abrange tanto a informação enciclopédica, científica e especializada quanto as tradições, saberes, credences e narrativas populares, tendo a função de informar e contar histórias (Ferreira, 2001; Marteleto; Guimarães; Nóbrega, 2009). A especificidade do almanaque, segundo Ferreira (2001, p. 19) é o equilíbrio entre um conjunto estabilizado e a inserção do novo. Os almanaques recuperam práticas e

saberes dos mais antigos aos mais imediatos. Embora sejam geralmente considerados instrumentos populares, podem conter “textos de cientistas, escritores e intelectuais de um modo geral”. O adjetivo “popular” se daria, portanto, mais em razão do público a que estes livros foram tradicionalmente destinados (Marteleteo, 2016, p. 49).

Marteleteo (2016) compreende que a narratividade tem um lugar especial como expressão dos modos populares de linguagem, de comunicação e de pensamento sobre a vida. A autora levanta a hipótese de que a permanência dos almanaques ao longo dos séculos tenha relação com sua dimensão narrativa. A narrativa, diferentemente dos discursos científicos que têm um compromisso com a “verdade”, toca o imaginário e os valores simbólicos dos leitores, convidando-os para o diálogo e a curiosidade. Ela não é expressa de forma linear nem segue uma sequência lógica. Nesse contexto, a informação não pode ser compreendida como elemento pontual, específico e descontextualizado. O que a linguagem dos almanaques sugere é que as narrativas e as informações são interligadas, e as práticas de leitura e de informação são também espaços narrativos (Marteleteo, 2016).

Walter Benjamin faz uma diferenciação entre narrador e informante: “a palavra do primeiro permanece enquanto a do segundo se esvai” (Marteleteo; Guimarães; Nóbrega, 2009, p. 84). Benjamin (1994) aprofunda suas reflexões sobre as narrativas e o papel dos contadores de histórias no ensaio “O narrador”, em que realiza uma análise da obra do escritor russo Nikolai Leskov. No texto, Benjamin (1994, p. 200) defende que a narrativa é uma arte artesanal, como um ofício manual, e que o narrador figura entre os mestres e os sábios. Para ele, a fonte a que recorreram todos os narradores é a experiência que passa de pessoa a pessoa. O autor defende que a natureza da verdadeira narrativa tem sempre em si uma dimensão utilitária: “essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida”. O narrador seria, portanto, alguém que sabe dar conselhos, um sábio, já que “o conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria”.

Mas Benjamin (1994) acredita que a arte de narrar, a faculdade de intercambiar experiências e a sabedoria estão em vias de extinção. As pessoas que sabem narrar devidamente são cada vez mais raras, as experiências estão deixando de ser comunicáveis, e “dar conselhos” parece algo antiquado. Benjamin (1994) atribui como culpados pela decadência da narrativa o surgimento do romance moderno, que não procede da tradição oral nem a alimenta, e a consolidação da imprensa. Com a imprensa, destacou-se uma nova forma de comunicação – a informação – tão estranha à narrativa quanto o romance, mas mais ameaçadora, segundo Benjamin (1994). Ao contrário da narrativa,

a informação aspira a uma verificação imediata. Antes de mais nada, ela precisa ser compreensível “em si e para si”. Muitas vezes não é mais exata que os relatos antigos. Porém, enquanto esses relatos recorriam frequentemente ao miraculoso, é indispensável que a informação seja plausível. Nisso ela é incompatível com o espírito da narrativa. Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio. Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações (Benjamin, 1994, p. 203).

A informação teria, portanto, um caráter efêmero, enquanto a narrativa seria duradoura. Para Benjamin (1994, p. 204), o valor da informação se dá só no momento em que ela é nova. A informação “só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver”. A narrativa é, para Benjamin (1994, p. 205), uma forma artesanal de comunicação: “ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador”. O narrador conta, transmite a memória individual e coletiva. Ele tem por companhia o indivíduo que o escuta. O ouvinte é cúmplice, acompanha, compartilha. Com o declínio da narrativa, desaparece também o dom de ouvir e a comunidade de ouvintes (Benjamin, 1994; Marteleto; Guimarães; Nóbrega, 2009).

Os almanaques portam um tipo de conhecimento de caráter narrativo. Eles seguem uma estrutura que busca contar a história do mundo e do tempo. Ecoando experiências, tradições e saberes populares, são fontes de sabedoria e de conselhos diversos sobre bem viver, comportamento, civilidade, saúde, higiene, religião, entre outros. Em seu caráter enciclopédico, não apresentam uma tecnicidade rígida ao informar ao leitor e consulente, como se observa em enciclopédias tradicionais ou dicionários. As informações científicas são mescladas com credices populares, e o humor e lazer em geral estão presentes nestas publicações. Como observam Marteleto, Guimarães e Nóbrega (2009, p.92), nos seus diferentes tipos e em momentos históricos diversos, “pode-se identificar, como ponto central da cultura do almanaque, um tipo de leitura que busca a relação saber-mundo, representando um marco na passagem de uma sociedade da oralidade para uma sociedade da escrita”.

Publicações seculares, os almanaques alcançaram maior popularidade em tempos passados do que nos dias atuais, embora ainda hoje encontrem seu público (Pellegrini Filho, 2009). Nisard (1864), em um dos estudos pioneiros sobre o gênero, demonstra a sua longevidade e popularidade ao afirmar que os livros mais antigos do mundo, depois da Bíblia,

são os almanaques. A origem dos almanaques antes da invenção da imprensa por tipos móveis é incerta, por sua relação intrínseca com os calendários. Afinal, pode-se compreender o almanaque como uma extensão de um calendário, ou seja, um calendário que precisa conter mais informações. Os almanaques nascem, portanto, marcados por um tipo de organização ligada à passagem do tempo, com a especificação dos meses, fases da lua e horóscopo (Marteleto; Guimarães; Nóbrega, 2009).

D'Alembert (1751), na *Encyclopédie*, afirma que os almanaques modernos correspondem aos calendários que os romanos antigos chamavam de “Fastos”. Neles eram marcados os dias de festas, jogos e cerimônias, tudo submetido à divisão geral dos romanos de dias fastos e nefastos, dias permitidos e proibidos, dias de negócios e de descanso. Dentre eles haviam os “Fastos rústicos”, conhecidos também como “menologia rústica” (em latim, “*menologium rusticum*”) ou mesmo como “almanaque romano dos agricultores”³ (Dyson, 2010). Tratam-se de calendários exibidos publicamente em forma de inscrições que forneciam informações para guiar mensalmente os agricultores. Um desses documentos é conhecido como o “*Menologium Rusticum Colotianum*”, com datação estimada entre os anos 19-65 d.C. Consiste em um bloco de mármore com a inscrição de informações sobre cada mês do ano, organizados em doze colunas (Figura 1). Cada coluna mensal contém uma ilustração do signo zodiacal correspondente, o número de dias, o número de horas de luz e escuridão para cada dia, a casa astrológica pela qual o Sol passa, a divindade do mês, seus principais dias de festas e as tarefas agrícolas de cada período (Egbert, c1896).

³ Em inglês, “*roman farmers' almanac*”, como consta em Dyson (2010).

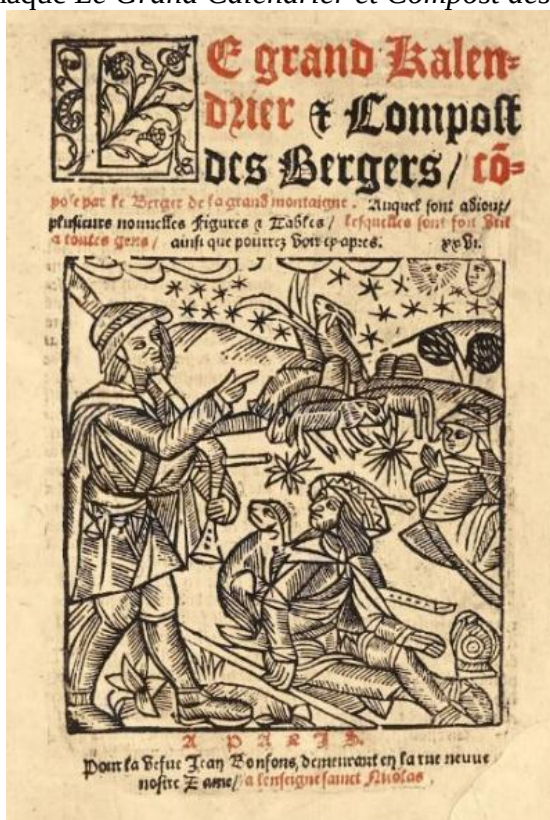
Figura 1 – *Menologium Rusticum Colotianum*, o almanaque romano dos agricultores



Fonte: Museo Galileo (c2009).

Foi a partir da invenção da imprensa de tipos móveis por Gutenberg no século XV que a difusão dos almanaques se expande (Guerreiro; Correia, 1986). Le Goff (2021, p. 480) afirma que o primeiro almanaque foi impresso na Alemanha em 1455. Em 1464, com o “Almanaque da Corporação dos Barbeiros”, começam a publicar-se os almanaques de corporações, e em 1471 aparece o almanaque anual. Estas publicações interessavam sobretudo aos pastores e camponeses. Em 1491 foi publicada a obra-prima dos almanaques: o “*Le Grand Calendrier et Compost des Bergers*” (Figura 2), que foi impresso até o fim do século XVII, tendo enorme sucesso na França e também, traduzido, na Inglaterra (Lyons, 2011). Além de veicular os conteúdos tradicionais dos almanaques, o *Grand Calendrier* era também um manual para a vida, com diversos conselhos de um personagem sábio, o “pastor das altas montanhas”. Ele aconselhava ao leitor como viver uma vida longa, saudável e moral. “Como a maioria dos almanaques de seu tempo, enfatizava os valores da prudência e da submissão e reforçava a hierarquia social existente”, afirma Lyons (2011, p. 123).

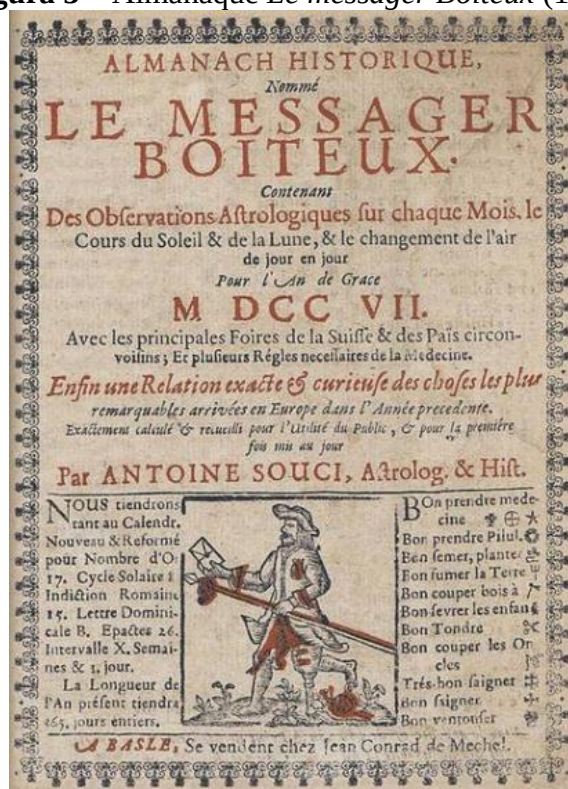
Figura 2 – Almanaque *Le Grand Calendrier et Compost des Bergers* (ca. 1569)



Fonte: Librairie Camille Sourget (c2025).

O auge da produção de almanaques na Europa teria se dado provavelmente no século XVII, tornando-se um tipo de impresso de grande circulação semelhante aos periódicos, mas sem a mesma regularidade de publicação (Lyons, 2011; Sordet, 2023). Eram vendidos nos campos e nas cidades especialmente pela figura do vendedor ambulante, que comumente aparecia retratado na folha de rosto das publicações. A figura de um vendedor com uma perna só estampava uma série de almanaques, intitulados “*Le messenger Boiteux*” (traduzido como “O mensageiro coxo”), de origem suíça e que teve o mais vasto sucesso na Europa Ocidental (Figura 3). Largamente difundido, foi traduzido e teve a fórmula copiada, diversificada e adaptada em diversos idiomas europeus. Nos séculos XVIII e XIX continuou sob o título original ou sob o título “*Le véritable messenger boiteux*” (traduzido como “O verdadeiro mensageiro manco”) (Sordet, 2023). Já no século XVIII, os almanaques foram tornando-se mais objetivos. Os iluministas desprezavam as profecias astrológicas presentes nestas publicações. Seguindo esse espírito, o popular “*Le véritable messenger boiteux*” substituiu o conteúdo astrológico para um registro de acontecimentos históricos importantes (Lyons, 2011).

Figura 3 – Almanaque *Le messenger Boiteux* (1707)



Fonte: Wikimedia Commons (2020).

Com a Revolução Francesa, em fins do século XVIII, surgiram almanaques republicanos que foram instrumentalizados para difundir uma moralidade patriótica. Os revolucionários perceberam a importância pedagógica dos almanaques, que eram frequentemente o único livro que as famílias possuíam. Andries (1996) afirma que foi a primeira vez que o almanaque foi usado como propaganda, de forma sistemática e em grande escala, em uma forma de imprensa que antecipava os meios de comunicação de massa modernos. Neles, a astrologia e a religião eram excluídas, e adotava-se o calendário republicano, que não tinha datas religiosas e instituía outras configurações do mês e da semana (esta, substituída pela década, de dez dias). Os calendários e almanaques republicanos tiveram, porém, forte rejeição de grande parte da França, por sua supressão brutal das tradições ligadas ao calendário (Le Goff, 2021). Apesar dos esforços dos revolucionários, os velhos almanaques ainda eram populares e amplamente distribuídos pelo campo. Pois, afirma Andries (1996, p. 303), “no campo, e até na cidade, o almanaque era muitas vezes o único livro que o povo tinha, seu companheiro que chegava a intervalos regulares, a agenda de suas vidas diárias. Mudanças radicais, impostas de cima, não seriam aceitas tão facilmente”.

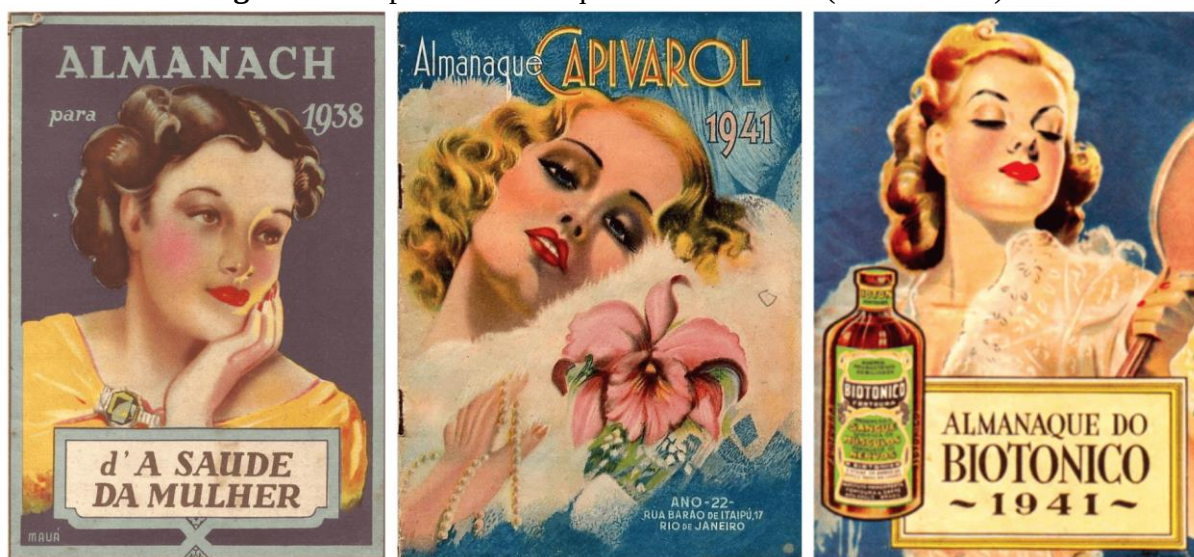
No Brasil, os primeiros almanaques chegam no período colonial através de importações e contrabandos de Portugal. A Coroa Portuguesa proibia a tipografia, portanto não podiam ser

impressos no país. Com a chegada da Família Real, a instalação da Imprensa Régia em 1808, e o fim da censura à imprensa, começa a surgir uma imprensa de caráter nacional no Brasil, com tipografias particulares. Em 1812 é impresso o primeiro almanaque genuinamente brasileiro, o “Almanach para a cidade da Bahia”, sendo seguido em 1816 pelo “Almanach do Rio de Janeiro” (Andreato; Rodrigues, 2009; Hallewell, 2012; Leite, 2016).

Ao longo dos séculos XIX e XX foram surgindo diversas publicações do gênero, como os almanaques para as cidades, que continham informações de interesse prático, com tarifas e horários de transportes. Em 1844 é lançado o “Almanack Laemmert”, um dos mais completos anuários comerciais do Rio de Janeiro, tendo obtido bastante sucesso. Havia também almanaques religiosos, contendo orações e dias de santos; e almanaques literários, como o “Almanaque Fluminense” e o “Almanaque Bertrand”, lançado em 1899 em Portugal e distribuído no Brasil. Volumoso, apresentava um caráter científico, sem abandonar o religioso, o literário e as anedotas. Foi publicado anualmente até 1971 e, após um intervalo de 40 anos, voltou a ser publicado em 2011 (Andreato; Rodrigues, 2009; Marteleto; Guimarães; Nóbrega, 2009; Park, 2010). Outra publicação, o “Almanaque Brasileiro Garnier”, publicado de 1903 a 1914, com um projeto pedagógico que buscava promover a nacionalidade brasileira durante a primeira república veiculando debates intelectuais relacionados à literatura, arte, língua, história, folclore, tendo contribuído para a difusão do hábito de leitura no Brasil (Dutra, 2005b).

Seguindo uma tendência francesa de divulgação de medicamentos em almanaques, surgem em Portugal, no final do século XIX, os “almanaques de farmácias”, que logo se propagam e alcançam alta popularidade no Brasil. O primeiro deles, o “Pharol da Medicina”, lançado em 1887 e patrocinado pela Drogaria Granado, do Rio de Janeiro, foi um modelo para os almanaques farmacêuticos seguintes (Marteleto; Guimarães; Nóbrega, 2009). Outros títulos patrocinados por laboratórios farmacêuticos foram surgindo, como o “Almanaque d’A Saúde da Mulher”, de 1904; o “Almanaque Iza”, de 1912; o “Almanaque Capivarol”, de 1919; o “Almanaque Biotônico Fontoura”, de 1920; e o “Renascim Sadol”, de 1946 (Figura 4) (Dourado, 2018; Park, 2010). Destes, apenas o Sadol continua a ser publicado nos dias de hoje.

Figura 4 – Capas de almanaques farmacêuticos (1938 e 1941)



Fonte: Casa do Colecionador (c2024), Conrado Leiloeiro (2015), Geraldles (2024).

Nota: Capas dos almanaques farmacêuticos “Almanach d’A Saúde da Mulher” para o ano de 1938, “Almanaque Capivarol” e “Almanaque do Biotônico” para o ano de 1941.

Os almanaques de farmácia tiveram seu auge entre as décadas de 1930 a 1970. Tinham distribuição gratuita ou vinham de brinde aos fregueses que adquirissem medicamentos na farmácia. Dentre seus conteúdos, além dos habituais em almanaques, destaca-se a publicidade de medicamentos e de produtos de higiene e beleza, e os conselhos para uma vida saudável, para a higiene e a construção de um país trabalhador, servindo como um veículo de educação (Marteleto; Dourado, 2019). Estas publicações traziam “em seu bojo a medicalização do espaço urbano-rural, trazendo uma política higienista, com norma de conduta individual e social” (Park, 2010, p. 77).

Entre os almanaques farmacêuticos, o mais influente foi o Almanaque Biotônico Fontoura, que, durante as décadas de 1930 a 1970, teve impressos e distribuídos entre dois e três milhões e meio de exemplares, sendo considerado por Park (2010) a primeira peça de comunicação publicitária em massa. O primeiro número, de 1920, foi elaborado e ilustrado por Monteiro Lobato, em uma tiragem de 50 mil exemplares, impulsionado pelo folheto “Jeca Tatuzinho” distribuídos anteriormente pelas farmácias (Park, 2010). Jeca Tatu, personagem de Lobato que tomou conta do imaginário nacional, estava presente no Almanaque do Biotônico, passeando por todas as seções de informação e divertimento (Marteleto; Guimarães; Nóbrega, 2009). Antes de usar o Biotônico, era um homem do campo indolente e enfermo. Depois, se torna belo, forte e saudável (Gomes, 2006). O personagem foi um símbolo do discurso higienista que vigorava no Brasil à época. Jeca Tatu “nasce da pena de Lobato em comunhão ao que ocorre no país, em termos de medicina social, medicina sanitária, trabalhos de

saneamento básico e reurbanização. Tratam-se das ideias de Progresso e Civilização que marcam as décadas iniciais do século XX no Brasil” (Park, 2010, p. 121).

Saúde como tema e educação como objetivo estão presentes na própria concepção dos almanaques, como afirmam Marteleto, Guimarães e Nóbrega (2009, p. 93). Com “essas características, esses livretos tornaram-se objetos de ajuda na recuperação dos doentes, pelo riso e divertimento”. As informações úteis para os cuidados e mesmo sobrevivência do corpo eram acompanhados também pela preocupação com a saúde espiritual, a saúde moral, “da alma” (Botrel, 2001). Indicava-se que comportamentos morais, religiosos e de temperança eram fatores para o bem-estar e bem-viver.

Casa Nova (1996) caracteriza os almanaques de farmácia como dispositivos pedagógicos, meios de comunicação de massa e, como tais, aparelhos ideológicos culturais. Servindo como instrumentos de captação de receita publicitária, desempenhavam também um papel tanto de educação popular quanto de formação ideológica. O discurso persuasivo de anúncios de remédios é entendido como expressão de um discurso institucional, “aquele produzido por micro ou macro aparelhos ideológicos: Estado, Igreja, Escola ou unidade familiar, médica e outros pequenos grupos sociais” (Casa Nova, 1996, p. 84). O discurso publicitário, ele também discurso ideológico, inscrevia “valores e um estilo de vida no produto, que aparece sempre como uma promessa de vida melhor, de bem-estar e saúde física para ‘felicidade geral da nação’” (Casa Nova, 1996, p. 86). A persuasão se valia de valores-signos ideológicos presentes nas imagens e textos publicitários, valores próprios à sociedade de consumo: a Saúde, Alegria, Força, Beleza e Felicidade.

Outro gênero de almanaques que alcançou grande popularidade no Brasil no século XX foram os almanaques de cordel do Nordeste. Tendo origem na década de 1930, eram editados por poetas populares que publicavam também folhetos de cordel, impressos em gráficas artesanais (Benjamin, 1999). Almeida (2019) e Benjamin (1999) consideram que o texto matricial de todos os almanaques populares do Nordeste é o Lunário Perpétuo, de Jerônimo Cortés. O Lunário foi uma das principais fontes de leitura e de consulta dos produtores de almanaques nordestinos, além das obras “O Tarô Adivinhatório” e “Experiências Astrológicas”. Dentre os títulos, destacam-se o “Almanaque O Juízo do Ano”, de Manoel Caboclo e Silva; o “Almanaque do Nordeste Brasileiro”, de Manoel Luiz dos Santos; o “Calendário Nordestino”⁴, de José Costa Leite; o “Almanaque do Nordeste”, de Vicente Vitorino Melo; e o “Almanaque de Pernambuco”, de João Ferreira de Lima (Figura 5)

⁴ Inicialmente intitulado “Calendário Brasileiro”.

(Almeida, 2019; Szesz, 2008). Alguns deles continuaram a ser publicados até o final do século XX, outros permanecem ainda no século XXI (Melo, 2011).

Figura 5 – Capas de almanaques de cordel (1971, 1976 e 2001)



Fonte: Leite (2001), Melo (1976), Silva (1971).

Nota: Capas dos almanaques de cordel “Almanaque O Juízo do Ano para o Nordeste” para o ano de 1971, “Almanaque do Nordeste” para o ano de 1976 e “Calendário Nordestino” para o ano de 2001.

Na segunda metade do século XX, surgiram almanaques com características semelhantes às enciclopédias. Exemplos disso são o “Almanaque Mundial”, lançado em 1960; o “Almanaque de Seleções: a enciclopédia compacta”, de 1970; e o “Almanaque Abril”, de 1974. De acordo com Marteleto, Guimarães e Nóbrega (2009), embora apresentassem mais páginas – variando de 600 a mil –, esses almanaques abordavam um número menor de temas e eram impressos em papel de qualidade inferior. Eram frequentemente volumosos, limitados por uma compreensão superficial das práticas e da realidade de seus leitores. Priorizavam a utilidade, por isso muitas vezes eram utilizados para tarefas escolares e relatórios empresariais.

Entre 1999 e 2014 circulou o “Almanaque Brasil de Cultura Popular”, veiculada nos voos da companhia aérea TAM, e que procurava resgatar o espírito dos almanaques de variedades, valorizando a cultura popular brasileira (Andreato; Rodrigues, 2009). Atualmente, dois títulos podem ser facilmente encontrados em livrarias e bancas de jornal: o “Almanaque do Pensamento”, da Editora Pensamento, lançado em 1912, de caráter astrológico e místico; e o “Almanaque Santo Antonio”, da Editora Vozes, lançado em 1977, de caráter religioso, mas ainda com a ampla variedade temática dos almanaques tradicionais.

A Editora Vozes também publica desde 1940 a “Folhinha do Sagrado Coração de Jesus”. As folhinhas fazem parte de uma tradição relativa ao tempo e ao calendário que muito as aproximam dos almanaques, sendo às vezes designadas como sinônimos. As semelhanças se dão na estrutura, formato e conteúdo, como observa Pereira (2019). A folhinha da Editora Vozes é caracterizada por um bloco de pequenas folhas com dimensões de 10 cm por 6,5 cm e que podem ser arrancadas. Cada folha corresponde a um dia do ano, contendo informações sobre o dia do mês e da semana, os feriados e dias de santos, as datas comemorativas civis, fases da lua, versículos bíblicos, aforismos, máximas e provérbios. No verso de cada folha, um breve texto com conteúdo variado, como curiosidades, conselhos, reflexões, humor, religião, receitas culinárias e saúde (Pasini, 2024).

Outra publicação tradicional corrente é a “Folhinha Eclesiástica de Mariana”, publicada desde 1870 e impressa desde 1965 pela Editora Dom Viçoso, da Arquidiocese de Mariana, em Minas Gerais. Sua tiragem anual varia entre 300 e 400 mil exemplares e é conhecida em todo o estado, além de outras regiões do Brasil. O Lunário Perpétuo é uma de suas fontes principais (Carvalho, c2025). Diferentemente da Folhinha do Sagrado Coração de Jesus, a Folhinha de Mariana é caracterizada por uma folha com dimensões de 60 cm por 50 cm, constituída por um calendário eclesiástico e informações sobre a previsão do tempo, fases da lua, agricultura, normas canônicas diversas, entre outros.

Como observa Park (2010, p. 59) ao analisar os almanaques farmacêuticos brasileiros do século XX em diálogo com a análise de Bollème (1965) sobre os almanaques europeus dos séculos XVII e XVIII, o que marca a relação dos almanaques com sua época são as modificações tipográficas, e não os temas, que se mantêm pelos séculos (Marteletto; Guimarães; Nóbrega, 2009). Pellegrini Filho (2009) empreendeu uma análise de conteúdo em quinze almanaques publicados entre 1988 e 2007 em nove países (Brasil, Costa Rica, Espanha, Estados Unidos, França, Inglaterra, Itália, Japão e Portugal). Através da análise, o autor chegou a 25 categorias de assuntos contidos nestes documentos. São eles: astrologia; astronomia; calendário/tempo; cartas de leitores; cidadania; clima; conselhos; comunicação social; culinária; cultura erudita; cultura popular/folclore; curiosidades/passatempos; datas comemorativas; feiras/mercados/eventos; hora legal; humorismo; literatura (contos, poesia); misticismo/predições; pesos e medidas; nacionalismo/regionalismo; religiões/religiosidade; saúde; tábua de marés; vida rural/ agricultura; outros assuntos⁵.

⁵ Dourado (2018) também realizou uma análise de conteúdo de uma coleção de almanaques de farmácia pertencentes à família Carneiro Rezende. A autora analisou 241 exemplares de 55 títulos de almanaques publicados no período de 1906 a 2014. Tendo como base a categorização de assuntos de Pellegrini Filho (2009)

Eça de Queirós (2011, p. 260) afirma que “só dois livros se vendem, penetram nas massas humanas – a Bíblia e o Almanaque”. Em seu elogio ao almanaque, o autor conta uma lenda talmúdica sobre as origens do almanaque, identificando-o como o “Livro de Todo-o-Saber, gravado para a Humanidade vindoura” (Queirós, 2011, p. 252). Para Queirós (2011, p. 260), “o Almanaque contém essas verdades iniciais que a Humanidade necessita saber, e constantemente rememorar, para que a sua existência, entre uma Natureza que a não favorece e a não ensina, se mantenha, se regularize, e se perpetue”. A essas verdades, o autor chama de “verdades de almanaque”, as “altas verdades vitais”, ou seja, os conhecimentos úteis e práticos essenciais para a vida humana. O autor alude assim a uma das principais funções do almanaque: a de organização do tempo e espaço, organização do cotidiano, destacando também o seu lado regulador. Como demonstra:

O Almanaque com efeito é o livro disciplinar que coloca os marcos, traça as linhas, dentro das quais circula, com precisão, toda a nossa vida social. O Tempo, essa impressão misteriosa [...], é para o homem como uma planície, sem forma, sem caminho, sem fim, sem luz, onde ele transita guiado pelo Almanaque, que o segura pela mão, o vai puxando e a cada passo murmurando: – “Aqui, estás em Setembro!... Além, finda a semana!... Em breve alcanças o 28... Hoje é sábado...”. Se o Almanaque de repente [...] lhe soltasse a mão, o abandonasse, o homem vaguearia, irremissivelmente confuso e perdido, dentro da vacuidade e do Não-ser do Tempo. Sumida a noção do Ano, do Mês, do Dia, ele não poderia mais cumprir, com ordem proveitosa, os actos de sua vida urbana, rural, religiosa, política, social [...]. Só com o Almanaque, sempre presente e sempre vigilante, pode existir regularidade na vida individual ou colectiva (Queirós, 2011, p. 253-254).

Lisboa (2002) também descreve o almanaque como um instrumento organizador do tempo e da vida cotidiana. Ele funciona primeiramente como um guia, estruturando o tempo com base em um calendário anual. Além disso, organiza atividades ao reunir saberes e informações práticas que auxiliam nessas tarefas. O almanaque também reflete a coletividade, ao registrar valores morais e culturais compartilhados. Em relação ao espaço, oferece uma visão do universo, com forte influência na astrologia. Embora tenha sua origem ligada à contagem do tempo, o almanaque também serve como uma compilação de saberes, especialmente voltados para públicos com acesso limitado a outras fontes de informação.

A noção do tempo é, portanto, central nos almanaques. Através de seu cômputo, os indivíduos organizam suas vidas particulares, sociais, civis e religiosas. Se guiam nos campos: tempo de semear, tempo de colher, tempo de seca, tempo de chuva. Tempo de trabalhar, tempo

e levando em conta as especificidades do gênero farmacêutico, a autora acrescentou quatro assuntos: anúncios/publicidade; gênero; correios/tarifas postais; e música. A primeira categoria se dá justamente pela função publicitária destes dispositivos. À categoria “cartas de leitores” acrescentou a palavra “depoimentos”, relacionados aos relatos dos leitores sobre os produtos farmacêuticos anunciados nos almanaques.

de descansar. Radich ([198-?], p. 35) afirma: “situar-se no tempo, situar no tempo aquilo que é necessário saber e fazer para assegurar a continuidade da vida, para responder a exigências culturais elementares, ou mesmo pueris, esse é o campo primeiro dos almanaques, o tema que, forçosamente, nunca falta”. Também para Botrel (2001, p. 18), os almanaques são guias e semiologias do tempo, e testemunham, “para além de todas as fronteiras, as constantes interrogações humanas sobre o tempo da vida, antes que chegue o tempo da morte e das obrigações da vida em sociedade”. O calendário é, portanto, a “razão mesma da existência do almanaque” (Casa Nova, 1996, p. 27).

Jacques Le Goff (2021) vê a conquista do tempo por meio da medição como um dos aspectos centrais do controle do universo pelo ser humano, considerando o calendário como um objeto cultural, científico, religioso e social. Os calendários estão associados a crenças e observações astronômicas e, embora presentes em sociedades laicas, mantêm um forte componente religioso. Eles organizam o tempo e coordenam a vida pública – afinal, toda a vida cotidiana, afetiva e fantástica de uma sociedade depende de seu calendário – desempenhando ainda um papel crucial como dispositivo de poder, seja proveniente da Religião ou do Estado. Para o autor, ao controlar o tempo, o calendário também regula as atividades econômicas e sociais, separando-as ritualmente ao longo do ano. Le Goff (2021) argumenta que foram principalmente os poderes religiosos que buscaram controlar o calendário, que já estava profundamente ligado ao sagrado, com o objetivo de gerenciar o calendário litúrgico. A Igreja Católica Romana chegou a conquistar poder suficiente para impor uma reforma do calendário juliano em 1582, resultando no calendário gregoriano, cuja reforma foi operada pelo Papa Gregório XIII, permanecendo em uso pela maioria dos países até hoje.

O autor evidencia que o calendário depende do tempo cósmico, “regulador da duração que se impõe a todas as sociedades humanas”. As sociedades captam este tempo cósmico, medem-no e transformam-no em calendário de acordo com “suas estruturas sociais e políticas, seus sistemas econômicos e culturais e seus instrumentos científicos e tecnológicos” (Le Goff, 2021, p. 450). Considerando que o dia, a primeira divisão do tempo natural que se apresenta aos homens, é uma unidade pequena demais para permitir o controle da duração do tempo, as sociedades, querendo encontrar unidades maiores, se voltam à Lua e o Sol como pontos de referências naturais. O mês natural deriva da luação, enquanto o ano se liga ao período de revolução da Terra em torno do Sol. O ano, segundo Le Goff (2021) é a unidade fundamental do calendário, e os calendários-objeto são calendários anuais (excetuando-se os calendários perpétuos). O ano é sobretudo a sucessão das estações, bem como dos trabalhos e das festas. É símbolo de um ciclo completo de morte e de renascimento.

As fases da lua, associadas aos calendários, são uma temática de grande interesse nos almanaques. Há todo um simbolismo que envolve a Lua no imaginário popular desde tempos mais remotos. Eliade (2008) compreende a Lua como instrumento de medida universal. Segundo o autor, a lua é o astro dos ritmos da vida, em razão da periodicidade sem fim de seu eterno retorno às fases iniciais. Em seu movimento de crescer, decrescer e desaparecer, a Lua está submetida à lei universal do devir, do nascimento e da morte, assim como o ser humano. Mas a sua morte é seguida de seu renascimento: a lua nova (Eliade, 2008). Por isso, para o homem primitivo, a Lua é o primeiro símbolo da ressurreição (Casa Nova, 1996). Desde pelo menos a época neolítica, período de desenvolvimento da agricultura, “o mesmo simbolismo liga entre si a Lua, as águas, a chuva, a fecundidade das mulheres, a dos animais, a vegetação, o destino do homem após a morte e as cerimônias de iniciação”.

Câmara Cascudo (2024) relata que, no Brasil, as tradições sobre a lua, transmitidas por portugueses, negros e indígenas, associam-na ao crescimento e à fertilidade, especialmente na fase da lua crescente. Segundo Casa Nova (1996), esses saberes populares associam a fase crescente ao fortalecimento vital e a fase minguante ao repouso da natureza. No saber popular de agricultores, a fase lunar orienta as atividades agrícolas, com a crença de que o que se desenvolve na fase crescente se fortalece na minguante. Além disso, as fases lunares estão relacionadas às marés e aos signos zodiacais, e a combinação correta dessas fases e signos propiciam o sucesso das plantações.

A informação agrícola, segundo Casa Nova (1996), justifica radicalmente o almanaque, perpassando séculos nesse guia de prescrições. Nesse contexto, as previsões meteorológicas desempenham um papel importante, com ênfase nas condições climáticas como ventos, chuvas, calor ou frio, seca ou umidade. O “tempo” aqui é tratado como um conjunto de probabilidades, relacionado às fases da lua e às constelações. Sem os recursos necessários para uma previsão científica, o homem do campo dependia da observação dos elementos naturais para fazer suas estimativas. O agricultor, sensível às forças da natureza, decodifica signos naturais. É uma semiótica em primeira instância, isto é, um processo de semiose que se opera no sistema de comunicação homem-natureza, onde o céu, a terra, o ar, as águas e os animais atuam como signos que auxiliam na previsão do tempo. Mesmo que os dados meteorológicos dos almanaques sejam imprecisos ou coincidam acidentalmente, eles servem como referências para que o agricultor decida o melhor momento para atividades como adubar, plantar ou colher.

Almanaques e calendários, em toda sua história, veicularam, conservaram e difundiram um saber de tipo astrológico. Astrologia e astronomia caminharam juntas e por vezes confundiam seus campos de estudos por séculos. A astrologia é um sistema de crenças e práticas

que busca interpretar a influência dos astros sobre as coisas terrestres e as vidas dos seres humanos. Para cada signo zodiacal é determinada uma série de características típicas dos indivíduos nascidos sob sua influência, além de previsões sobre suas vidas. Pela interpretação dos astros e dos signos seria possível realizar previsões sobre o meio ambiente, estados de saúde, amizades, amor, trabalho e agricultura do período. O horóscopo é, portanto, o tempo controlado simbolicamente, através da profecia ou do prognóstico (Casa Nova, 1996). Casa Nova (1996, p. 45) lembra que as indicações astrológicas eram pré-requisitos para os tratamentos médicos nas universidades medievais, e os médicos, juntamente com os astrólogos, astrônomos e sacerdotes, eram os produtores de almanaques até o século XVIII.

Desde os almanaques que se popularizaram com a criação da imprensa e os almanaques brasileiros nordestinos ou de farmácia do século XX, até os formatos contemporâneos, os almanaques acompanharam e influenciaram a consolidação de sociedades leitoras, especialmente entre as camadas mais humildes e rurais até o último século. Considerado por estudiosos como o “livro dos iletrados” (Meyer; Aguirre, 2001, p. 133) e o “livro destinado a todos e que todos, mesmo os menos letrados ou os analfabetos, podem ‘ler’” (Chartier, 2010, p. 9), devido ao seu caráter de leitura fácil e sua forte relação de texto-imagem, o almanaque reúne em torno de si toda uma tipologia de práticas de leitura. Da leitura individual para a leitura coletiva, da leitura em voz baixa para a leitura em voz alta, tem-se toda uma gama de possibilidades, que passam também pela leitura do texto escrito para a leitura visual de imagens, da leitura direta para a leitura ouvida, da leitura por utilidade para a leitura por lazer. Os almanaques se fazem um “instrumento da conquista maravilhada da escrita” para os leitores mais humildes, como observa Chartier (2010, p. 12).

Park (2010), em seu estudo sobre os almanaques de farmácia brasileiros, investigou as práticas de leitura constituídas por essas publicações por meio da análise de centenas de cartas de leitores enviadas ao Almanaque Renascim Sadol. A autora observou as influências que os almanaques tinham na formação de uma sociedade leitora, bem como as diferentes formas de leitura, os interesses dos leitores e as sociabilidades geradas pelas leituras compartilhadas em grupos. A autora destaca diversas práticas associadas aos almanaques, como a leitura para aprendizado, a leitura enciclopédica, a leitura lúdica, a leitura em voz alta, a leitura escutada, a leitura em família e a leitura no ambiente escolar. Além disso, era comum a consulta do almanaque para a resolução de questões práticas ou para sanar dúvidas, bem como sua leitura por lazer, para passar o tempo. Algumas cartas mencionam, ainda, que a leitura do almanaque despertou o gosto pela leitura em muitos leitores.

O próprio almanaque enquanto objeto-livro tinha um valor simbólico para os leitores. De 1920 até 1954, os almanaques de farmácia costumavam vir com um cordão que servia para pendurá-los na parede. Com os altos custos de produção, essa prática foi interrompida, o que causou diversas reclamações de leitores. Nas residências do meio rural, a cozinha era local privilegiado, local de encontros nos momentos que sucediam o trabalho cotidiano da roça. O almanaque, pendurado na cozinha, adquiria determinado valor. “Inserido na cotidianidade, o almanaque era qualificado. Significados eram criados. Ele era o médico, o conselheiro, ele indicava o que plantar. Pendurá-lo por um cordãozinho valorizava e elevava um determinado objeto” (Park, 2010, p. 176). O almanaque representava no meio rural o universo da escrita, muitas vezes sendo o único objeto desse ambiente, às vezes acompanhado pela Bíblia. Fora das paredes do lar e mesmo que não à vista dos olhos, os almanaques acabam ganhando outros lugares nesses espaços rurais onde as práticas de leitura se aproximam de um acontecimento coletivo (Park, 2010).

Para além dos assuntos habituais, os almanaques são reconhecidos por uma tipografia especial que mistura diferentes famílias gráficas, figuras, fotografias e ilustrações (Marteletto, 2016). Seu caráter enciclopédico e sua forma de organização os caracterizam como obras de referência que direcionam para outros tipos de leitura e consulta, diferentes das obras que são lidas em uma sequência linear. Essa não-linearidade posiciona os almanaques como precursores, em formato impresso, dos hipertextos modernos, pois provêm interações de leitura e de apropriação de sentidos através de múltiplas configurações de sentidos (Marteletto; Guimarães; Nóbrega, 2009).

Segundo Marteletto e Couzinet (2013, p. 10) as marcas e pausas de leitura dos almanaques, seus “remetimentos, citações, lembram a estrutura e os elos dos textos digitais em rede, ao apontarem pistas e caminhos para múltiplas leituras e aprofundamentos úteis, de acordo com os interesses do leitor”. Nessa leitura não-linear que aproxima os almanaques com os dispositivos da web, não há qualquer necessidade de uma leitura sequencial dos textos e os leitores podem escolher quais sessões ler sem qualquer prejuízo de compreensão, de acordo com seus interesses. Os leitores têm a liberdade de criar sua própria trajetória de leitura, estabelecer conexões e construir sentidos.

2.5.1 Estudos sobre almanaques: uma revisão

Neste tópico, apresenta-se uma revisão da literatura dedicada ao estudo dos almanaques. Durante a pesquisa, foram identificados diversos trabalhos que analisam esses impressos sob

diferentes perspectivas. Tais estudos forneceram subsídios essenciais para uma compreensão mais aprofundada desse gênero editorial, abrangendo sua conceituação, características, trajetória histórica e impacto cultural.

Foram realizadas pesquisas bibliográficas e documentais abrangendo livros, teses, dissertações e artigos científicos. As buscas foram realizadas nas bases de dados do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes); Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci); *Scientific Electronic Library Online* (SciELO); *Web of Science*; *Scopus*; *Education Resources Information Center* (ERIC); Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); *Library, Information Science & Technology Abstracts* (LISTA); e Google Acadêmico.

Utilizou-se a estratégia de busca “(“Almanaque” OR “Almanaques” OR “Almanak” OR “Almanach” OR “Almanachs” OR “Almanac” OR “Almanacs”)”, com o objetivo de abarcar o termo com variações em português, inglês, espanhol e francês, bem como formas ortográficas em desuso. Não foi delimitado um espaço temporal para as publicações. Em seguida, os resultados foram analisados e os estudos selecionados de acordo com a relevância para os propósitos da pesquisa. Durante a análise, novas referências foram identificadas e incorporadas a partir da consulta às bibliografias dos trabalhos inicialmente selecionados. Optou-se pela manutenção de estudos que abrangessem os almanaques na Europa e Brasil e a exclusão de publicações sobre a América do Norte e África, justificando-se pelos contextos de circulação do objeto empírico da pesquisa, o *Lunário Perpétuo*. Pesquisas indisponíveis para acesso não foram incluídas. Ao final, foram selecionadas 162 referências.

No Quadro 1 apresenta-se o referencial bibliográfico agrupado por escopos. O critério para o agrupamento foi quanto à procedência regional e a tipologia dos almanaques. Em geral, os estudos tratam de sua conceituação, caracterização e história. A primeira categoria engloba publicações que tratam dos almanaques de modo geral, sem se ater a um tipo específico ou de determinada procedência. Na segunda categoria constam estudos sobre a história e características dos almanaques europeus. As categorias seguintes englobam a história e características de diferentes tipos de almanaques brasileiros: o terceiro grupo contém estudos sobre almanaques de farmácia e almanaques no campo da saúde; o quarto grupo, estudos sobre os almanaques de cordel do Nordeste brasileiro; e o quinto grupo, almanaques brasileiros no geral (incluindo literários, de cidades etc.), além de almanaques luso-brasileiros.

Quadro 1 – Bibliografia de estudos sobre almanaques, organizada por escopo temático e foco geográfico (1751-2023)

Escopo	Referências
Almanaques no geral: conceituação, caracterização e história	Andreato; Rodrigues (2009); Assis (2001); Botrel (2001, 2006, 2015); Ceia (2009); Chartier (2010); Chaves; Santos (2021); D'Alembert (1751); Dourado; Marteleto (2016, 2017); Dutra (2023); Ferreira (2001); Gaspard (1998); Guerreiro; Correia (1986); Le Goff (2021); Lüsebrink (2001); Marteleto (2016); Marteleto; Couzinet (2013); Marteleto; Dourado (2019); Martín-Barbero (2013); Otlet (2018); Pellegrini Filho (2009); Pereira (2019); Queirós (2011); Rodrigues (2021); Sordet (2023)
Almanaques europeus	Albisson (2019); Anastácio (2012); Andries (1996); Barbier (2020); Baubérot (2018); Bollème (1965, 1969, 1971, 1975); Botrel (2003); Carolino (2002); Carreño (1991); Champier (1886); Chartier (2004, 2011a); Costa (2001, 2004); Cunha (2002); Dalbello (2003); Denis (1880); Galvão (2002); Grand-Carteret (1896); Krikorian (2010); Labadie (1917); Lisboa (2002, 2021); Lüsebrink (2000, 2003); Lüsebrink <i>et al.</i> (2003); Lyons (2011); Medeiros (2012, 2015a, 2015b); Mercadier (2000); Mézières (1783); Moncorps (1909); Nisard (1864); Pouy (1874, 1879); Priore (2012); Radich ([198-]); Salles; Barbosa (2021); Socard (1882); Welschinger (1884)
Almanaques brasileiros de farmácia e almanaques no campo da saúde	Barbosa (2015); Casa Nova (1982, 1996, 1997); Dourado (2018); Dourado; Marteleto (2018); Gadini; Camargo (2015); Gomes (2006); Kuhlmann Jr.; Magalhães (2010); Lara (2016); Machado; Rossi; Neves (2012); Magalhães (2005); Magalhães; Rocha (2007); Marteleto; David (2014); Marteleto; Guimarães; Nóbrega (2009); Marteleto; Nóbrega (2005); Marteleto; Nóbrega; David (2011); Meyer; Aguirre (2001); Muniz (2011); Nadaf (2011); Park (1999, 2010); Santos (2019); Santos; Germano (2020); Vale (2008)
Almanaques brasileiros de cordel	Almeida (2012); Almeida (2019); Beltrão (1982); Benjamin (1999, 2000); Bezerra (2007); Carvalho (2001, 2011); Carvalho (2008, 2021); Figueirêdo (2010, 2014); França Júnior (2007); Melo (2008, 2011); Moura (2009); Rios (2003); Santos (2021); Szesz (2008)
Almanaques brasileiros no geral (incluindo literários, de cidades etc.) e almanaques luso-brasileiros	Almeida (2015); Barbosa (2022); Calixto (2008); Camargo (1983); Carvalho (2016); Carvalho; Graziotin (2018); Costa (2016); David (2016); Dutra (2002, 2005a, 2005b); Ferreira (2006); Ferreira; Gottinari; Lima (2014); Freitas (2007); Galzerani (1998, 2004); Gomes (2002); Grützmänn (2005, 2006a, 2006b); Leite (2016); Lopes (2002); Macambira (2010); Magri (2021); Marques (2019); Menezes (2006); Meyer (2001); Moreira (2014); Oliveira (2001); Oliveira Júnior (2011); Pereira (2009a, 2009b, 2012); Pimenta; Costa (2021); Ribeiro (2021); Romariz (2011); Schwambach (2010); Segalin (2011); Silva (1998); Silva (2006); Silva (2012); Sodré (1983); Sousa (1986); Torres (2009, 2012); Trizotti (2008, 2010)

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Os almanaques são estudados em diversas áreas do conhecimento, refletindo seu caráter interdisciplinar e multifacetado. A análise dos estudos selecionados permitiu identificar as disciplinas com as quais esses materiais dialogam, considerando a formação acadêmica dos autores, o escopo das revistas científicas em que foram publicados e os programas de pós-graduação aos quais as teses e dissertações estão vinculadas. Dentre a bibliografia selecionada, ao menos 67 estudos são da área de História (incluindo História da Ciência, História da Educação e História Social). Outras 26 pesquisas estudam os almanaques pela ótica das Letras

e Linguística; 15 são da área de Educação; 13 da Ciência da Informação; e 10 da Comunicação. Também foram encontrados estudos de Antropologia, Psicologia, Biologia, Geografia, Memória Social e Museologia.

Dentre a bibliografia selecionada, Regina Marteleto, docente de Ciência da Informação do IBICT/UFRJ, é a autora com mais publicações sobre o tema, contabilizando 10 estudos. Seu foco principal são os almanaques em uma perspectiva informacional e de mediação em saúde, abrangendo os almanaques de farmácia e os projetos que coordenou para a elaboração do “Almanaque da Dengue” (2004) e do “Almanaque do Agente Comunitário de Saúde” (2014). Stella Moreira Dourado contabiliza 5 publicações relacionadas à sua tese de doutorado, orientada por Regina Marteleto, também analisando almanaques farmacêuticos sob a perspectiva da Ciência da Informação.

Geneviève Bollème aparece com quatro publicações entre os estudos selecionados. Reconhecida como uma das principais referências no estudo dos almanaques e da literatura popular na França, a historiadora francesa dedica especial atenção à *Bibliothèque Bleue*. Outro nome de destaque é Jean-François Botrel, historiador da cultura hispânica, que também conta com quatro estudos selecionados. Também com quatro citações, o alemão Hans-Jürgen Lüsebrink é outra referência nos estudos sobre almanaques e literatura popular, explorando a história dos almanaques na Europa e nas Américas. Por fim, Eliana de Freitas Dutra, professora de História da Universidade Federal de Minas Gerais, também reúne quatro publicações, com destaque para suas pesquisas sobre o Almanaque Garnier.

A análise da bibliografia permitiu identificar os estudos pioneiros sobre os almanaques, desenvolvidos na França. Já na *Encyclopédie* de Didot e D’Alembert, de 1751, consta um verbete sobre o gênero. Mas é provavelmente de 1783 o primeiro estudo importante sobre os almanaques: o livro de Nicolas Le Camus de Mézières (1783), intitulado “*L’esprit des almanachs: analyse critique et raisonnée de tous les almanachs tant anciens que modernes*”⁶, publicado em Paris. Outro relevante estudo, de 1864 em Paris, é o de Charles Nisard (1864), “*Histoire des livres populaires ou De la littérature du colportage*”. Ferdinand Pouy (1874, 1879) publicou na década seguinte em Amiens, França, dois livros sobre os almanaques e

⁶ Esta obra e as seguintes podem ser livremente traduzidas como “O espírito dos almanaques: uma análise crítica e fundamentada de todos os almanaques antigos e modernos”; “História dos livros populares ou da literatura de venda ambulante”; “Pesquisas sobre os almanaques e calendários”; “Novas pesquisas sobre os almanaques e calendários a partir do século XVI”; “Pesquisas bibliográficas e históricas sobre os almanaques de Champagne e Brie”; “Estudo sobre os almanaques e calendários de Troyes: (1497-1881)”; “Os almanaques da revolução”; “Os antigos almanaques ilustrados: história do calendário desde os tempos antigos até os dias atuais”; e “Os almanaques franceses: bibliografia-iconografia de almanaques, *années*, anuários, calendários, cancioneiros, *étrennes*, *états*, horas, listas, livros de endereços, *tableaux*, *tablettes* e outras publicações anuais editadas em Paris: 1600-1895”.

calendários dos séculos XVI ao XIX: “*Recherches sur les almanachs & calendriers*” e “*Nouvelles recherches sur les almanachs & calendriers a partir du XVI^e siècle*”.

Nos anos 1880, mais quatro estudos foram publicados na França: o de Auguste Denis (1880), “*Recherches bibliographiques et historiques sur les almanachs de la Champagne et de la Brie*”; de Émile Socard (1882), “*Étude sur les almanachs et les calendriers de Troyes: (1497-1881)*”; de Henri Welschinger (1884), “*Les almanachs de la révolution*”; e de Victor Champier (1886), “*Les anciens almanachs illustrés: histoire du calendrier depuis les temps anciens jusqu'a nos jours*”. No final do século, destaca-se a ampla bibliografia-iconografia do francês John Grand-Carteret (1896), o livro “*Les almanachs français: bibliographie-iconographie des almanachs, années, annuaires, calendriers, chansonnières, étrennes, états, heures, listes, livres d'adresses, tableaux, tablettes et autres publications annuelles édités à Paris: 1600-1895*”.

A análise das referências bibliográficas dos estudos selecionados permitiu identificar as publicações mais citadas. Esse levantamento evidenciou as pesquisas de maior influência e relevância no estudo dos almanaques. No Quadro 2, estão listados os estudos que receberam dez ou mais citações.

Quadro 2 – Referências mais recorrentes nos estudos sobre almanaques (1751–2023)

Nº de citações	Tipo de publicação	Autoria	Título
43	Livro (originalmente Tese de Doutorado)	Margareth Brandini Park (2010)	“Histórias e leituras de almanaques no Brasil”
39	Livro (originalmente Tese de Doutorado)	Vera Casa Nova (1996)	“Lições de almanaque: um estudo semiótico”
35	Livro	Marlyse Meyer (2001) (org.)	“Do almanak aos almanaques”
32	Livro	Geneviève Bollème (1969)	“ <i>Les almanachs populaires aux XVII^e et XVIII^e siècles</i> ”
25	Capítulo de livro	Jacques Le Goff (2021)	“Calendário”
21	Prefácio	Eça de Queirós (2011)	“Almanaques”
19	Capítulo de livro	Jerusa Pires Ferreira (2001)	“Almanaques”
17	Conto	Machado de Assis (2001)	“Como se inventaram os almanaques”
17	Livro	Maria Carlos Radich ([198-?])	“Almanaque: tempos e saberes”
12	Livro	Eliana de Freitas Dutra (2005b)	“Rebeldes literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier”
11	Livro	Nelson Werneck Sodré (1983)	“História da imprensa no Brasil”
10	Artigo de periódico	M. V. Guerreiro; J. D. P. Correia (1986)	“Almanaques ou a sabedoria e as tarefas do tempo”
10	Capítulo de livro	Roger Chartier (2010)	“O livro dos livros”

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Com 43 citações, a obra mais citada foi o livro de Park (2010). Intitulado “Histórias e leituras de almanaques no Brasil”, o livro, originalmente apresentado como tese de doutorado em Educação em 1998, traz importantes contribuições à história da produção, circulação e leitura de almanaques na Europa e no Brasil, com foco principal nos almanaques de farmácia brasileiros. A autora abordou ainda as práticas de leitura constituídas pelos almanaques ao analisar dezenas de cartas de leitores enviadas a estas publicações. É também deste livro o prefácio de Chartier (2010), que aparece com 10 citações. No texto, o autor analisa os almanaques a partir de suas práticas de leitura.

A segunda publicação mais citada, com 39 citações, é o livro “Lições de almanaque: um estudo semiótico”, de Casa Nova (1996). Do campo de Letras, é também resultado de uma tese de doutorado, de 1990. Com foco nos almanaques farmacêuticos brasileiros, a autora analisa as características, os temas, discursos e retóricas dos almanaques, compreendidos como dispositivos pedagógicos, publicitários e ideológicos. Em terceiro, com 35 citações, o livro organizado por Meyer (2001), “Do almanak aos almanaques”. A obra é resultado de uma exposição de almanaques brasileiros na Fundação Memorial da América Latina ocorrida em 1999. Contém informações sobre a história dos almanaques no Brasil, compilando diversos almanaques de cidades, oficiais, de farmácia, astrológicos, entre outros. O livro inclui textos de diferentes autores que abordam o valor histórico e simbólico dos almanaques, como o de Ferreira (2001), citado 19 vezes, e o de Botrel (2001), que contabiliza 9 citações.

A quarta publicação mais citada, com 32 citações, é o livro da historiadora francesa Bollème (1969), um dos mais influentes estudos sobre o tema. Em quinto lugar, com 25 citações, o capítulo do livro “História e memória” do historiador francês Le Goff (2021), sobre a história do Calendário, da noção do tempo e dos almanaques. Eça de Queirós (2011) e Machado de Assis (2001) escreveram, respectivamente em 1895 para o “Almanach Encyclopédico e 1890 para o “Almanaque Fluminense”, dois textos amplamente citados. Não se tratam de estudos propriamente ditos, mas de elogios aos almanaques com certa romantização e ficcionalização, abordando suas origens lendárias. Com isso, os autores conseguem captar a essência, o simbolismo e o valor afetivo que envolvem os almanaques.

Também com mais de uma dezena de citações, o livro de Radich ([198-?]), sobre a história e caracterização dos almanaques em Portugal; o livro de Dutra (2005b) sobre o Almanaque Brasileiro Garnier, publicação literária e científica do início do século XX; o livro de Sodré (1983) sobre a história da imprensa no Brasil, que contém algumas indicações sobre

os almanaques no país; e o artigo de Guerreiro e Correia (1986), de Portugal, que aborda as origens, história, conceituação e principais temáticas dos almanaques.

2.6 LUNÁRIO PERPÉTUO

O Lunário Perpétuo, como é popularmente conhecido, mas cujo título completo é “O non plus ultra do lunário e prognóstico perpétuo geral e particular para todos os reinos e províncias”⁷ (tendo diversas variações de título em suas edições ao longo dos séculos), é um almanaque publicado no final do século XVI em Valência, na Espanha. A data de sua primeira edição é 1594⁸ (Almeida, 2012; Palau y Dulcet, 1924; Sarrión Mora, 2006). Produzido pelo matemático, astrônomo, naturalista e compilador espanhol valenciano Jerónimo Cortés⁹ (ca. 1560-ca. 1611), o livro foi reeditado numerosas vezes ao longo dos séculos especialmente na Espanha, Portugal e França, tendo circulando também em outros países, como o Brasil. É reconhecido como um dos livros impressos em língua castelhana mais populares de todos os tempos (Palau y Dulcet, 1924). O Lunário se insere na tradição dos almanaques populares, reunindo saberes de gêneros diversos, como astrologia, astronomia, previsões do tempo, horóscopo, calendários, festas fixas e móveis, saúde, remédios caseiros, religião, agricultura, veterinária, além de provérbios e conselhos para o bem-viver.

Existem poucos dados biográficos sobre Jerónimo Cortés. A data e local de seu nascimento são incertos, mas estima-se que tenha nascido por volta de 1560 e falecido em torno de 1611. Embora frequentemente identificado como “Jerónimo Cortés Valenciano” em seus livros, há indícios de que seja natural de Gandia, município da província de Valência. A designação “Valenciano” pode referir-se, portanto, à região e não à cidade de Valência. Algumas referências autobiográficas em livros de Cortés sugerem isso, como quando menciona lembranças de infância em um mercado e praça de Gandia, onde teria passado parte de sua vida¹⁰. Em um de seus livros, publicado em 1613, constam outros dados biográficos que

⁷ Em espanhol, “*El non plus ultra del lunario y pronóstico perpétuo general y particular para cada reino y provincia*”.

⁸ Na edição de 1910 da Chardron há um trecho que diz “quando em 1582 Jeronymo Cortez escreveu o LUNARIO [...]” (Cortez, 1910, p. 206). Medeiros (2015b) também registra que a primeira edição é de 1582. No entanto, não foram encontrados registros que atestem a publicação do livro antes de 1594.

⁹ Há uma variação ortográfica do nome do autor nas diferentes edições do Lunário, aparecendo por vezes com o prenome Jeronimo, Jerónimo, Jeronymo, Geronimo, Gerónimo, Geronimo, Hieronymo, e o sobrenome Cortez, Cortéz, Cortes, Cortés.

¹⁰ No livro “*Fisonomia, y varios secretos de naturaleza*”, Cortés relata: “O chover de rãs, parecerá coisa de riso e fábula, como coisa impossível, e não o é, porque não só a Filosofia o ensina, mas também a experiência o demonstra; pois há muitas pessoas que já as viu cair, e eu mesmo em meus primeiros anos as vi cair muitas no

informam que foi casado com Angela Rull e teve cinco filhos¹¹, um deles chamado Bartholome Cortes¹², e que deve ter falecido até o ano de 1611¹³ (Cortes, 1613c).

Cortés é reconhecido como um dos homens de ciências mais populares de sua época, destacando-se como autor de sucesso no âmbito da chamada “subcultura científica popular”, uma literatura de consumo comum naquele período. Entre todos os autores de prognósticos e “segredos do tempo”, Cortés é o único cuja obra perdurou e continuou a ser comentada por mais de três séculos, ocupando ainda hoje calendários e livros populares (Báguena Cervellera *et al.*, 1985; Picatoste y Rodríguez, 1891).

Em suas obras, Cortés aparece mais como compilador de conhecimentos e escritos de outros autores do que como criador original. Matemático de profissão, produziu obras que se dividem entre tratados de aritmética e textos didáticos e divulgativos sobre astronomia e filosofia natural. Sua produção bibliográfica inicia-se em 1591 com o “*Tratado del cómputo por la mano*”, livro didático sobre o cálculo do tempo, especialmente com o auxílio das mãos, que inclui temas que mais tarde seriam incorporados ao Lunário Perpétuo. A obra se justifica como um instrumento útil após a reforma do calendário gregoriano, ocorrida na década anterior (Jerónimo [...], c2022; Jerónimo [...], 2024; Picatoste y Rodríguez, 1891).

Em 1594, publica o “*Compendio de reglas breves*”, um tratado de conversão de moedas com diversas tabelas e um diálogo com o leitor em que são resolvidos diversos problemas comerciais. O “*Fisonomía natural y varios secretos de naturaleza*”, provavelmente de 1597,

mercado e na Praça da Seu de Gandia, de que não poucos se espantaram daquela vila” (Cortes, 1767, p. 157, tradução própria).

¹¹ O “*Libro y tratado de los animales terrestres y volátiles*”, impresso pelo valenciano Juan Crisóstomo Garriz, indica em seu frontispício que a obra era vendida na casa da viúva de Cortés, “*junto ao Collegio del Patriarca*”. Na licença concedida pelo Rei Filipe III, datada a 8 de janeiro de 1612, justifica-se a autorização para impressão, bem como prorrogação por mais dez anos da licença para publicar os livros de Cortés, em razão da viuvez e pobreza de Angela Rull, que tendo cinco filhos para criar, dependia do sustento proporcionado pelas obras. A permissão indica ainda a boa aceitação dos livros do autor na região. Consta: “*por quanto por parte de Angella Rull, y de Cortes viuda de Geronymo Cortes, se nos ha suplicado, que atento que expiran los diez años de la licencia que dimos al dicho Geronymo Cortes su marido para imprimir em los Reynos de Corona de Aragon los libros siguientes. Uno intitulado [...], Lunario, y pronostico perpetuo general y particular para cada Reyno, y Provincia [...]: los quales el compuso con mucho trabajo de su persona, y ingenio, y son muy utiles, y necesarios a la Republica, y bien recebidos en ella, y que por su pobreza, no los ha podido hazer imprimir ni sacado el beneficio que sacara el dicho su marido, del qual le han quedado cinco hijos que sustentar, sin tener otra cosa que los dichos libros, y trabajos; le hagamos merced de prorrogalle la dicha licencia por otros diez años*” (Cortes, 1613c, f. 4).

¹² Bartholome Cortes assina a dedicatória do mesmo livro, datada a 20 de dezembro de 1612, indicando que seu pai não chegou a ver a obra publicada em vida. Consta: “*Pensando estos días con cuydado a que persona dirigir este Libro de la naturaleza de los animales terrestres, y volátiles, que con mucho trabajo compuso Geronimo Cortes, mi padre, después de muy larga leccion en autores que tratan della, y siendo el último que (si viviera huviera sacado a la luz) después de haber sido tan bien recibidos el de su Aritmética practica, el de su Phisonomía natural, y Lunario y pronóstico perpetuo [...]*” (Cortes, 1613c, f. 7).

¹³ No livro consta uma licença para impressão em Portugal, datada a 30 de maio de 1611, em que Angela Rull já figura como viúva de Cortés (Cortes, 1613c).

apresenta regras para se conhecer a personalidade das pessoas por meio de suas fisionomias; as propriedades e virtudes de pedras e ervas; explicações sobre os planetas e elementos; e um diálogo com o leitor para esclarecimento de dúvidas. O livro teve ampla circulação e popularidade, e foi reeditado sucessivamente nos séculos XVII, XVIII e XIX, inclusive com traduções para o português e francês. Em “*Aritmética práctica*”, de 1604, o autor descreve fundamentos de diversas operações aritméticas, além de ferramentas próprias ao cálculo mercantil, expondo regras para diferentes operações comerciais e administrativas. Produzido em um contexto em que surgiam manuais de “contas” destinados à formação de profissionais do comércio e finanças, o livro de Cortés, marcado pelo didatismo, é considerado o mais importante deles. Seu último livro, o “*Libro y tratado de los animales terrestres y volátiles*”, de 1613, constitui um tratado de história natural que apresenta animais terrestres e aves, com ênfase nos animais extraordinários e curiosos (Jerónimo [...], c2022; Jerónimo [...], 2024; Palau y Dulcet, 1924; Picatoste y Rodríguez, 1891).

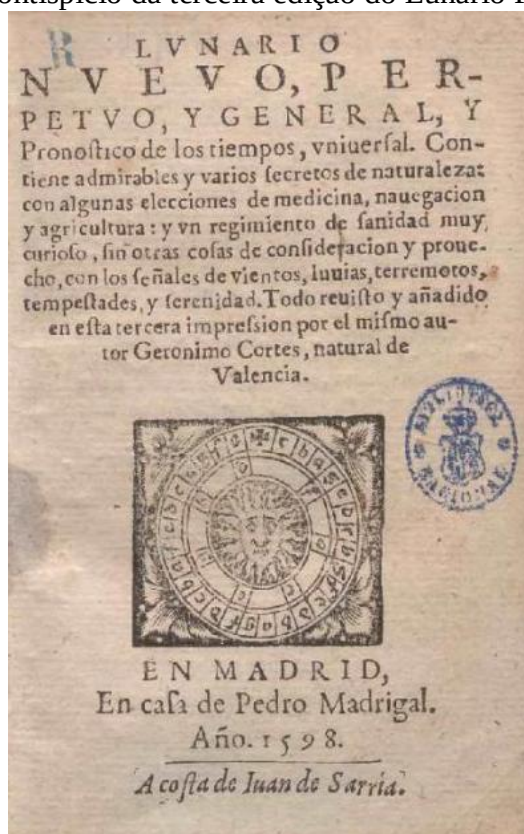
O Lunário, seu livro mais popular, foi produzido em um momento pós-invenção da imprensa em que publicações astrológicas prosperavam na Europa. Desde meados do século XV, registros dão conta do surgimento e circulação de Lunários de diferentes autores no continente europeu. Sarrión Mora (2006, p. 33, tradução própria) afirma que nos Lunários “se realizavam prognósticos sobre as mais diversas questões: agricultura, saúde, guerra... Em princípio, esses prognósticos se faziam para poucos anos; mais tarde se fizeram perpétuos, confeccionando-se, sobretudo, segundo os movimentos da Lua, daí o nome de Lunário”. Carolino (2002) afirma que essas publicações eram muitas vezes intituladas “Cronografia” ou “Repertório dos Tempos”, caracterizados também pela exposição de regras básicas da ciência astrológica de Ptolomeu. Circularam amplamente pela península Ibérica (Medeiros, 2015a).

Em Portugal, o primeiro que se tem notícia do gênero é o “*Almanach Perpetuum*”, de 1496, do judeu de Salamanca, Abraão Zacuto. No século XVI, um dos primeiros sucessos é a tradução e adaptação para a realidade portuguesa do “*Reportorio dos Tempos*”, de Andrés de Li, de Saragoça (Lisboa, 2002). Outros autores também assinaram vários prognósticos, como André do Avelar, autor de outro “*Reportorio dos Tempos*”; Manuel de Figueiredo, autor de “*Chronographia repertorio dos tempos*”; Gaspar Cardoso de Sequeira, autor do “*Pronostico Geral e Lunário Perpectuo*” (Carolino, 2002). A popularidade do gênero não se restringiu à Espanha e Portugal, mas também a outros territórios da Europa (Medeiros, 2015a). Na Itália, entre os livros mencionados no processo inquisitorial do século XVI do moleiro Menocchio, figura principal do estudo de Ginzburg (2020) “*Os queijos e os vermes*”, consta uma edição do

“Lunario ao modo di Italia calculato, composto nella città di Pesaro dal ecc^{mo} dottore Marine Camilo de Leonardi”.

A primeira e segunda edições do Lunário Perpétuo, de 1594 e 1596, foram impressas pelos herdeiros de Joan Navarro, em Valência. A terceira edição, de 1598, publicada em Madrid e impressa por Pedro Madrigal (Figura 6), tem o título completo: *“Lunario nuevo, perpetuo, y general, y pronostico de los tiempos, universal: contiene admirables y varios secretos de naturaleza: con algunas elecciones de medicina, navegacion y agricultura: y un regimiento de sanidad muy curioso, sin otras cosas de consideracion y provecho, con los señales de vientos, luvias, terremotos, tempestades, y serenidad”*. Apresenta a observação: *“Todo revisto y añadido en esta tercera impression por el mismo autor Geronimo Cortes, natural de Valencia”* (Cortes, 1598a)¹⁴.

Figura 6 – Frontispício da terceira edição do Lunário Perpétuo (1598)



Fonte: Cortes (1598a).

O almanaque já contava com dezenas de edições quando foi expurgado pelo Santo Ofício da Inquisição pela primeira vez no início do século XVII. Consta o livro nos catálogos

¹⁴ As referências bibliográficas das edições do Lunário Perpétuo encontram-se separadas da seção de referências da dissertação, presentes no Apêndice B, de modo a melhor organizar a bibliografia de seus exemplares.

de obras proibidas (os *Index Librorum Prohibitorium*) de 1632, 1640 e 1707 da Inquisição espanhola (Costa, 2001). A Inquisição ordenou a censura de páginas inteiras do Lunário (Albisson, 2019). Àquela época, a astronomia e a astrologia eram campos de um mesmo saber, sem distinções claras. Segundo Sarrión Mora (2006, p. 79, tradução própria), a única distinção no século XVII era a “estabelecida entre a astrologia permitida, admitida como ciência verdadeira; e a ‘astrologia judiciária’, próxima à magia e considerada supersticiosa por realizar prognósticos deterministas que anulavam a liberdade dos seres humanos e a casualidade dos eventos naturais”.

Durante a Inquisição, permitia-se a astrologia natural, que incluía a astro-meteorologia, designada também como astrologia rústica, e a astrologia médica. Considerava-se inofensiva a inclusão de prognósticos que decorriam dos efeitos naturais da influência astral. Nesse sentido, “previsões meteorológicas, conjecturas sobre possíveis calamidades naturais como severas tempestades, grandes secas e mesmo terremotos próximos podiam tomar o seu lugar no almanaque astrológico anual”, bem como as previsões de doenças em que podiam incorrer as pessoas (Carolino, 2002, p. 26). A distinção que os inquisidores aplicavam para definir o que é astrologia permitida e o que é astrologia judiciária (proibida) se dá, portanto, no fato de que ela deve preservar a liberdade do homem, o livre-arbítrio (Sarrión Mora, 2006). Defender que os astros são capazes de definir o que acontecerá é semelhante à ideia de predestinação, que a Contrarreforma da Igreja Católica buscava combater. Além disso, considerava-se “que a alma humana tinha um caráter sublime e superior a qualquer entidade corpórea como os planetas” (Carolino, 2002, p. 24).

Nesse contexto delicado para as publicações astrológicas, os almanaques tinham que enfrentar o juízo do Inquisidor antes de serem colocados à venda. Este membro do Tribunal do Santo Ofício “lia atentamente o prognóstico para ver se ele colocava em risco o princípio do Livre-arbítrio, e se eventualmente ia além do permitido pelos princípios da teologia católica” (Carolino, 2002, p. 25). Sarrión Mora (2006) relata que o Lunário Perpétuo de Jerónimo Cortés passou pelas primeiras qualificações dos inquisidores no início do século XVI para levar a cabo possíveis censuras. Dos quatro qualificadores que o julgaram a princípio, o frade Mateo de Burgos argumentou que não havia censura possível, pois mantinha o livre-arbítrio e não havia nada contra a fé católica. Sua única censura foi a um trecho em que Cortés aconselhava defumar a casa com “romero” (alecrim) para se proteger dos espíritos. Outro inquisidor, Esteban de Ojeda decidiu por não censurar nada. No entanto,

o frade Diego Granero considerava o livro “pernicioso e supersticioso e que diminui o livre arbítrio do homem favorecendo nisso a Lutero e Prisciliano, hereges que hereticamente negaram o livre arbítrio do homem”; a razão é que não fala de inclinações, mas que “os que nascem sob tal planeta são...”. No mesmo sentido, a qualificação do frade Rafael Riphor aconselha depurar o livro e mudar essas frases por “sua aparência e inclinação natural é ser inclinado a ser...”, para salvar o conceito de liberdade (Sarrión Mora, 2006, p. 34, tradução própria).

As predições astrológicas estariam a salvo, portanto, se em vez de taxar o destino e personalidade do indivíduo que nascia sob determinado signo e planeta, substituir esta definição por “influência” ou “inclinação”. As edições seguintes do Lunário se adaptaram aos expurgos, informando-o em folhas de rosto e notas introdutórias dos qualificadores do Santo Ofício.

As diversas edições apresentam grande variação de conteúdo, e numerosos atores estavam envolvidos na produção das versões da obra. Algumas folhas de rosto indicam o que foi modificado ou acrescentado e quem são alguns desses atores. Em uma edição de 1628 consta: “*visto, reconocido, y añadido por el Doctor Stevan Pujaçol*” (Cortes, 1628); outra, de 1750 informa: “*con algunas tablas astronômicas de las lunas, quartos, eclipses, y fiestas, etc. hasta el año 1761 y de alli adelante por tablas generales: por el Doctor en ambos derechos D. Carlos Guillino, Professor de Mathematicas*” (Cortés, 1750); ainda, uma de 1848: “*adicionado por Don Pedro Enguera, aumentada esta edicion con las efemérides de la historia de España, hasta el dia, varias noticias y tablas astronómicas; y un curioso apéndice titulado El Nestor de los siglos, por D. Francisco Javier Ribera y Aravity*” (Cortés, 1848).

Em 1703, o livro foi pela primeira vez publicado em Portugal traduzido para o português por Antonio da Silva de Brito, na oficina de Miguel Manescal, em Lisboa (Medeiros, 2015a). Um verbete do “Diccionario bibliographico portuguez” de Innocencio Francisco da Silva (1858) sobre Antonio Brito traz alguns dados sobre as obras de Jerónimo Cortés traduzidas por ele. Além do Lunário, o “Fysionomia e varios segredos da Natureza” foi publicado em Lisboa poucos anos antes do Lunário, em 1699, também por Manescal. Segundo Silva (1858, p. 269), o “Fysionomia” tornou-se obra “popularíssima em Portugal, foi no decurso do século passado repetidas vezes reimpressa [...] [e] ainda no século atual [XIX] têm continuado as reimpressões”.

Medeiros (2015a, p. 167) levanta a hipótese de que antes da tradução para o português, Jerónimo Cortés deveria ser um nome de certa fama em Portugal, e edições do Lunário provavelmente circularam nas terras lusitanas em espanhol. Caso contrário, segundo a autora, seria difícil “compreender a decisão da casa editorial e/ou tipográfica de Miguel Manescal de mandar traduzir e imprimir num curto intervalo de tempo duas obras do mesmo autor”. Além disso, ambas as obras foram impressas em in-8º, ou seja, em formato pequeno, o que indica

uma economia no uso de papel e consequentemente dos custos de produção. Com preços mais acessíveis de venda, isso “tornava sua aquisição mais fácil por parte de um número maior de compradores”, o que a caracterizaria como uma obra de apelo popular.

A tradução de Antonio Brito foi uma espécie de versão matricial para a maioria das dezenas de edições que se seguiram nos séculos seguintes em Portugal¹⁵. Não se tratava de uma mera tradução de palavras, mas também de uma espécie de reescrita, de adaptação ao contexto e atualidade portuguesa da época. Como analisa Medeiros (2015a, p. 168),

o texto português se constrói por uma operação de escrita do tradutor que inclui e extingue excertos, palavras, noções em obediência a várias exigências: a manutenção da matriz narrativa que fez o sucesso e o prestígio do livro, [...] a necessidade de criar afinidades ou reconhecimentos entre o texto e o leitor lusitano naquele começo de século XVIII, as apostas editoriais com suas convicções de ter de inserir novos valores ou derruir tradições e o anseio de implantar sua própria marca autoral sobre o livro.

Ao longo do tempo, o *Lunário* passou por diversas casas editoriais e tipográficas, e seu conteúdo sofreu numerosas modificações, com acréscimos, exclusões, correções e adaptações. Analisando a bibliografia de edições do *Lunário Perpétuo* levantadas para esta pesquisa (Apêndices A e B), foi possível constatar outros atores responsáveis por versões do livro diferentes da de Antonio Brito no contexto português. Consta em uma edição de 1764 outro tradutor, sendo o livro apresentado como “novamente traduzido em português por Manoel Domingues”, publicada no Porto pela Officina de Francisco Mendes Lima (Cortez, 1764b).

Outra versão foi levada a cabo por António Coutinho, no Porto, que reformou e acrescentou à obra, originando uma versão matriz para diversas edições subsequentes, especialmente de publicação no Porto. Não há indicações de tradutores, portanto não se pode afirmar se é uma adaptação à tradução de Antonio Brito ou Manoel Domingues, nem mesmo se trata-se de uma tradução nova. Dentre as edições do *Lunário* levantadas (Apêndices A e B), foram encontrados registros da versão de António Coutinho em algumas delas. A primeira data de 1877, publicada em sua própria casa editorial, sob o nome de Casa de António Rodrigues da Cruz Coutinho Editor (Cortez, 1877b). Em 1891, após sua morte, a Livraria Chardron adquiriu os fundos de sua livraria (Serenio, 1995). Por isso, observa-se que as edições da Livraria Chardron e Lello Editores (que se fundiram) seguem a versão de Coutinho em sucessivas edições, com algumas alterações (Cortez, 1895, 1910, 1927a, 1945, 1980, 2004, 2013).

¹⁵ Antonio da Silva de Brito é creditado como tradutor das seguintes edições mapeadas do *Lunário*: Cortez (1703, 1726, 1730, 1749, 1757, 1768, [17--], 1805, 1820, 1822, 1840, 1847, 1848, 1850b, 1852, 1857, 1858, 1861, 1863, 1866b, 1876, 1897, [18--?], 1921, 1927b, 1955a, 1955b, [1978]).

Comparando três edições de 1857, 1876 e 1927 (Cortez, 1857, 1927a, [1978]), Medeiros (2015a, p. 171) observa que a permanência do calendário nas edições, no qual se sobressaem as referências astrológicas e religiosas, indica que esse parece ser o núcleo-duro do Lunário: “uma base cronológica à qual se vêm integrar, ao longo das distintas edições, múltiplas seções que abordam majoritariamente as questões do dia a dia”. As diferenças editoriais do Lunário ao longo dos tempos, de acordo com a autora (Medeiros, 2015a, p. 173), indicam um “movimento contínuo que, sobre uma mesma narrativa matriz, agregava e retirava seções, derivava das operações empreendidas por escritores, editores, tipógrafos e outros profissionais pelos quais o impresso passou”. Essas operações eram motivadas “pelas ideias que esses profissionais do livro tinham sobre o público leitor”.

Cruzando o Oceano Atlântico e desembarcando no Brasil durante o período em que era colônia portuguesa, o Lunário gradualmente foi se difundindo no país. O livro iniciou sua circulação no Brasil pelo menos desde o século XVIII, quando foram publicadas as primeiras edições em Portugal (Medeiros, 2015b). Os primeiros almanaques chegaram ao Brasil através de importações e contrabandos portugueses. A impressão de livros e papéis avulsos era proibida no país pela Coroa Portuguesa.

Há registros do Lunário em inventários de bibliotecas particulares e livrarias do período colonial, como cita, por exemplo, Cavalcanti (2004, p. 153) ao analisar o inventário de 1794 de uma livraria do Rio de Janeiro, do livreiro José de Souza Teixeira. Relata ele que da “listagem não constavam obras oficialmente censuradas, exceção feita a um livro cuja leitura era desaconselhada pela Igreja por conter elementos heréticos de ‘astrologia’ – o Lunário Perpétuo”. O estudo de Araújo (1988) sobre o perfil do leitor colonial cita o livro em pelo menos dois inventários da cidade de Sabará, Minas Gerais: um de 1742, possuída pelo Dr. João Ferreira da Roza, e outro de 1800, do padre José Luís Soto.

Com a chegada da Família Real no Brasil e a instalação da Imprensa Régia em 1808, a imprensa começa a se desenvolver no país. A princípio, a Imprensa Régia detinha o monopólio da impressão no Rio de Janeiro, mas em 1821 chegou ao fim a censura e as tipografias particulares passaram a ser permitidas. Poucos anos depois, em 1838, foi fundada pelos irmãos alemães Eduardo e Henrique Laemmert uma das editoras mais influentes do século XIX no Brasil: a Typographia Universal, mais conhecida como Laemmert (Hallewell, 2012). A editora possui o único exemplar brasileiro do Lunário Perpétuo encontrado, de 1848 (Cortez, 1848).

Com a transferência da Corte ao Brasil, transferiu-se também a Biblioteca Real Portuguesa, que contava com mais de 60 mil volumes e que deu origem à atual Biblioteca Nacional. A história da transferência da Biblioteca é relatada no livro “A longa viagem da

biblioteca dos reis”, de Schwarcz (2014). No exemplar do Lunário digitalizado da Biblioteca Nacional do ano de 1805 (Cortez, 1805), é possível observar dois carimbos no início e no final do livro com o escrito “Da Real Bibliotheca” (Figura 7), indicando a sua chegada por meio da biblioteca portuguesa. Pode-se deduzir que, além da biblioteca oficial, chegaram ainda mais exemplares do Lunário pelos acervos particulares dos membros da Corte, intensificando a circulação do livro no país.

Figura 7 – Carimbo da Real Biblioteca em edição do Lunário Perpétuo (1805)



Fonte: Cortez (1805).

Circulando pelo Brasil, é no Nordeste que a presença do Lunário Perpétuo se estabelece com longevidade. Sua relevância na cultura brasileira é evidenciada pela inclusão de um verbete no “Dicionário do Folclore Brasileiro”, do folclorista e historiador Luís da Câmara Cascudo (2024). O autor afirma que o Lunário

foi durante séculos o livro mais lido nos sertões do Nordeste, informador de ciências complicadas de astrologia, dando informações sobre horóscopos, rudimentos de física, remédios estupefacientes e velhíssimos. Não existia autoridade maior para os olhos dos fazendeiros e os prognósticos meteorológicos, mesmo sem maiores exames pela diferença dos hemisférios, eram acatados como sentença. Foi um dos livros mestres para os cantadores populares, na parte que eles denominavam “ciência” ou “cantar teoria”, gramática, história, doutrina cristã, países da Europa, capitais, mitologia. Decoravam letra por letra. É o volume responsável por muita frase curiosa, dita pelo sertanejo [...]. Registra um pouco de tudo, incluindo astrologia, receitas médicas, calendários, vidas de santos, biografias de papas, conhecimentos agrícolas, ensinamentos gerais, processo para construir um relógio de sol, conhecer a hora pela posição das estrelas, conselhos de veterinária. [...] Fala também em eclipse, terremotos, geadas. É um livro de *valor*, mostrado aos *entendidos* (Cascudo, 2024, p. 236, grifos do autor).

No Nordeste, o Lunário foi amplamente difundido por intermédio de artistas populares, poetas, cantantes, emboladores que buscavam nele fonte de inspiração, bem como de variados

leitores ávidos por saberes sobre curas, tratamentos de doenças, previsão do tempo, prognósticos lunares, horóscopo e muito mais (Martelete; Dourado, 2019). O livro oferece conselhos e orientações que visam a saúde do corpo e a saúde da alma, ambas interdependentes. O almanaque era muito presente nas residências, e foi “possuído, lido, relido, recitado, escutado, comentado, e seus ensinamentos devidamente apropriados” por gerações de inúmeras famílias nordestinas (Figueirêdo, 2010, p. 150).

Nos séculos XIX e XX, o Lunário foi transladado para muitas versões da literatura de cordel, improvisadas, recitadas e vendidas em feiras. O livro é o esteio fundamental de todos aqueles que fazem almanaques populares no Nordeste, sendo texto matricial para os almanaques da região (Almeida, 2019; Benjamin, 2000). Conforme Benjamin (2000, p. 32), os poetas astrólogos utilizavam-se das tabelas do Lunário para a elaboração de seus almanaques anuais, e “o uso de um mesmo texto matricial explica a semelhança das previsões, a linguagem e os conselhos contidos em diversos almanaques populares editados para um mesmo ano”.

A influência do Lunário no Nordeste também se deu a partir de seus saberes e práticas de cura, como observa Almeida (2012). Campos (1967), na obra “Medicina popular do Nordeste”, ao se referir aos curandeiros, comenta que “um dos livros mais lidos no interior cearense e guardados com interesse pelos pseudomédicos é o Lunário Perpétuo” (Campos, 1967, p. 68). O autor reforça a relevância do livro na região: “os ensinamentos antigos a respeito dos astros, dos planetas, da Lua, em particular, continuam chegando ao homem do campo através das edições do famoso Lunário Perpétuo, obra consultada e respeitada ainda hoje pelo sertanejo” (Campos, 1967, p. 31).

Em um contexto em que a seca é fenômeno cíclico e problema social, as previsões meteorológicas baseadas nos astros e nos sinais da natureza, presentes no Lunário, tornaram o almanaque um recurso influente e amplamente utilizado. O livro se tornou uma espécie de bíblia para os “profetas da chuva” do sertão. Estes sujeitos, “em geral, moram no sertão e conhecem com profundidade as ‘astúcias’ da natureza semi-árida e fazem delas um bom material para as previsões que desafiam os outros ‘cientistas’” (Rios, 2003, p. 80). O Lunário dialoga com as práticas já existentes no sertão antes de sua difusão, em que a previsão do tempo era diagnosticada pela leitura dos comportamentos dos animais, pelas alterações nas folhas e galhos, bem como pelas experiências com o calendário.

As incontáveis possibilidades de previsão do tempo presentes no Lunário criam mais uma dimensão de ligação do homem com a natureza, registrada no escrito. Esse tipo de literatura, portanto, possui forte atração em um cenário onde a vida é marcada pela espera da chuva ou da seca. Mesmo sem nunca terem lido o livro, “muitos sertanejos fazem previsões do

tempo com uma linguagem semelhante à do livro cujas páginas já foram, em certa medida, capturadas pela tradição oral” (Rios, 2003, p. 82). Com esses aspectos, gestou-se no sertão nordestino um imaginário social baseado no Lunário, cuja presença se refletiu nas narrativas romanescas e historiografia da região (Rodrigues, 2003).

Apesar do êxito editorial do livro, realizar um mapeamento das edições publicadas do Lunário para dimensionar a sua circulação ao longo do tempo é uma tarefa complexa. Em geral, os almanaques não foram considerados dignos para uma preservação sistemática e de guarda por instituições oficiais, como bibliotecas, arquivos e museus (Botrel, 2006; Marteleto; Dourado, 2019; Park, 2010).

Botrel (2006) destaca que, embora os almanaques e calendários fossem publicações amplamente disseminadas e de uso compartilhado, frequentemente eram considerados impressos de valor “menor”, o que resultou em sua preservação limitada. Além disso, por serem obras de caráter efêmero – com validade restrita ao ano de referência, sendo substituídos por novas edições no ano subsequente –, esses materiais não eram habitualmente guardados e catalogados. Muitos almanaques foram perdidos ao longo do tempo, enquanto outros sobreviveram graças a coleções pessoais, frequentemente transmitidas de geração em geração dentro das famílias (Barbosa, 2022; Dourado, 2018).

Nesse sentido, as bibliografias podem fornecer pistas acerca da circulação dos almanaques. McKenzie (2018) defende que a bibliografia não deve se pautar apenas pela simples descrição de impressos, mas pelo estudo histórico da produção e uso dos livros e outros documentos, constituindo-se assim em uma “sociologia dos textos”. Para o autor, a bibliografia deve estudar os processos de transmissão dos textos, incluindo sua produção e recepção. McKenzie (2018, p. 26) afirma que

qualquer história do livro que excluísse o estudo das motivações sociais, econômicas e políticas da publicação, as razões pelas quais os textos foram escritos e lidos desta ou daquela maneira, o porquê de terem sido reescritos e redesenhados, ou deixados morrer, se degeneraria em uma frágil e degressiva lista de livros e jamais se tornaria uma história legível.

Botrel (2006) propõe uma espécie de guia para a elaboração de bibliografias dos almanaques e calendários espanhóis dos séculos XIX e XX. Para ele, primeiro deve-se conhecer o objeto, descrevendo-o segundo os critérios das bibliografias tradicionais e da moderna bibliografia material, que considera a materialidade do suporte, o paratexto e o próprio texto. A partir disso, parte-se para a interrogação “sobre os possíveis usos, indo do externo ao mais profundo, do conjuntural ao diacrônico: uma contribuição da bibliografia à história cultural”.

De acordo com o autor, para o estudo dos almanaques e outros impressos populares, o pesquisador deve levar a cabo um trabalho quase arqueológico para que possa “interpretar indícios dispersos e díspares, para reconstituir e entender usos históricos compartilhados e talvez desaparecidos” (Botrel, 2006, p. 36-37, tradução própria).

A presente pesquisa buscou dimensionar a circulação do Lunário Perpétuo por meio do rastreamento de suas edições, bem como de seus usos e apropriações ao longo do tempo. Para isso, foram pesquisados exemplares do livro, tanto em formato físico quanto digitalizado, em bibliotecas e plataformas digitais, além de registros de edições em bibliografias especializadas¹⁶. Dentre as bibliotecas pesquisadas, foram realizadas buscas em bibliotecas nacionais, universitárias e públicas da Europa e das Américas, em especial bibliotecas brasileiras, espanholas, portuguesas e francesas.

Com isso, foi possível constatar a existência de ao menos 176 edições do Lunário desde o ano de 1594 até 2023, publicadas principalmente na Espanha, Portugal e França. Os resultados encontram-se no Apêndice A, organizados por data, e a bibliografia no Apêndice B, organizados por país de publicação. Das edições encontradas, foi possível acessar a 45 exemplares, dentre eles 14 portugueses, em formato digital ou físico em acervos pessoais ou institucionais da Biblioteca Nacional e do Real Gabinete Português de Leitura.

Entre as edições levantadas, foram identificadas 121 da Espanha, publicadas entre 1594 e 2003 nas cidades de Alcalá de Henares (8), Barcelona (45), Granada (1), Madrid (22), Málaga (4), Saragoça (6), Sevilha (3), Valência (19), Valladolid (12) e Vic (1). Foram identificadas 39 edições de Portugal, publicadas em Lisboa (24), Porto (12), Coimbra (1) e em cidade indeterminada (2), entre 1703 e 2013. No Brasil, há registro de uma edição de 1848 pelos editores Laemmert, do Rio de Janeiro (Cortez, 1848).

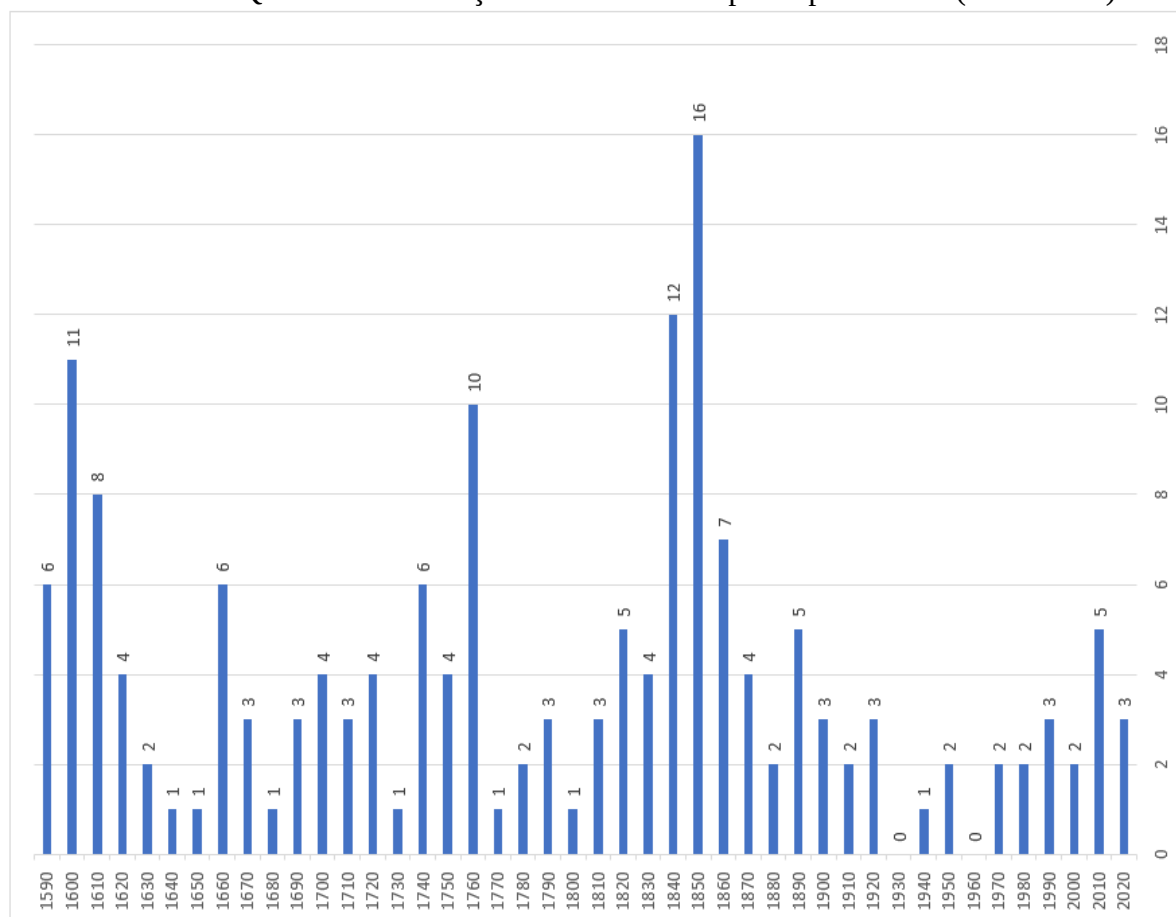
Também foram identificadas sete edições de Paris, França, publicadas entre 1842 e 1893. Não foram traduzidas para o francês, publicadas em espanhol. Mais cinco edições foram publicadas no Estados Unidos entre 2012 e 2023 e uma no México, em 1972. Estas tratam-se de reproduções fac-símiles de edições antigas. Dentre elas, apenas uma publicada nos Estados Unidos reproduz uma edição portuguesa. Por fim, duas edições publicadas em Londres, Reino

¹⁶ Uma delas é a *Iberian Books*, projeto da *University College Dublin* (UDC) que objetiva listar livros publicados na Espanha, Portugal e Novo Mundo, ou livros que tenham sido impressos em qualquer local em espanhol e português entre 1472 e 1700. Em sua bibliografia constam edições do Lunário entre os anos de 1594 e 1697 (*Iberian Books*, c2024). Outro projeto é o LUSODAT, do Grupo de História e Teoria da Ciência (GHTC) da Universidade de São Paulo (USP). Trata-se de uma base de dados sobre história da ciência, medicina e técnica em Portugal e Brasil, cobrindo o período do Renascimento até 1900. O projeto conta com uma bibliografia de 11 edições portuguesas do Lunário entre os anos de 1703 a 1858 (GHTC, [20--]). Entre outros, foram consultados também Galvão (2002), Palau y Dulcet (1924), Picatoste y Rodríguez (1891) e Navarro Brotóns *et al.* (1999).

Unido, em 2017 e 2019. A de 2019 é fac-símile de uma edição portuguesa. Já a de 2017 é a única versão do Lunário encontrada em outro idioma que não o espanhol e português. Trata-se de um livro chamado “Biblioteca Valenciana” que compila o Lunário e outros dois livros de Cortés, traduzidos recentemente para o inglês (Cortés, 2017).

Tendo o Lunário Perpétuo sido publicado pela primeira vez no final do século XVI, o mapeamento realizado contabilizou oito edições daquele período. Do século XVII foram 39 edições; 38 edições do século XVIII; 62 edições do século XIX; 19 edições do século XX; e 10 edições do século XXI. No Gráfico 1, apresenta-se a quantidade de edições registradas por década neste período de mais de 430 anos. Não foram incluídas 5 edições dos séculos XVIII, XIX e XX por terem datas incertas.

Gráfico 1 – Quantidade de edições do Lunário Perpétuo por década (1590-2020)



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

O Gráfico 1 indica o interesse contínuo pelo Lunário desde sua primeira publicação até o início do século XX. O pico de edições se dá nas décadas de 1840 e 1850, com 12 exemplares na primeira, sendo um deles edição brasileira, seguido na década seguinte por 16 exemplares. Noventa anos antes, tem-se o registro de 10 edições na década de 1760. Em relação ao século

XX, não foram encontrados registros do Lunário nas décadas de 1930 e 1960, constando entre uma década a outra apenas 3 edições. Das 17 edições encontradas desde 1970 até 2023, constatou-se que apenas 3 não são reproduções fac-símiles ou cópias de edições antigas. São as edições de 1980, 2004 e 2013 da editora portuguesa Lello, que manteve a publicação do Lunário atualizada, para além da curiosidade histórica da reprodução de exemplares antigos.

No Quadro 3, são apresentadas as 39 edições mapeadas do Lunário Perpétuo de Portugal e do Brasil, do período de 1703 a 2013. Trata-se de um excerto do mapeamento das edições de todos os países, presente no Apêndice A, destacadas aqui em razão do foco da pesquisa no contexto de circulação brasileiro.

Quadro 3 – Edições do Lunário Perpétuo publicadas em Portugal e no Brasil (1703-2013)

Local de publicação	Ano	Editores e impressores	Págs.	Fonte e Biblioteca	Referência
Lisboa	1703	Officina de Miguel Manescal	386	LUSODAT	Cortez (1703)
Lisboa	1726	Officina de Filipe de Souza Villela	316	HL, UC	Cortez (1726)
Coimbra	1730	Joseph Antunes da Sylva	285	LUSODAT	Cortez (1730)
Lisboa	1749	Officina de Miguel Manescal da Costa	360	UC	Cortez (1749)
Lisboa	1757	Officina de Domingos Gonsalves	316	BC, BV, FBN, UC, UL, UP	Cortez (1757)
Porto	1764	Officina de Francisco Mendes Lima	394	UL	Cortez (1764b)
Lisboa	1768	Officina de Francisco Borges de Sousa	312	SSB, UP	Cortez (1768)
[S. l.]	[17--]	[s. n.]	316	BNP	Cortez ([17--])
Lisboa	1805	Officina de Joaquim Thomaz de Aquino Bulhões	316	FBN	Cortez (1805)
Lisboa	1820	Imprensa Régia		LUSODAT	Cortez (1820)
Lisboa	1822	Typographia de José Baptista Morando	316	UL	Cortez (1822)
Lisboa	1840	Typographia de Mathias Joze Marques da Silva	270	RGPL, UL	Cortez (1840)
Lisboa	1847	Officina de Domingos Gonsalves	336	OL, WL	Cortez (1847)
Rio de Janeiro	1848	Laemmert	299	ULB	Cortez (1848)
Lisboa	1850	Typographia de Mathias José Marques da Silva	268	URV	Cortez (1850b)
Lisboa	1852	Typographia de José Baptista Morando		LUSODAT	Cortez (1852)
Lisboa	1857	Typographia de José Baptista Morando	316	LC, RGPL, OL, UCM	Cortez (1857)
Lisboa	1858	Typographia de Mathias José Marques da Silva		LUSODAT	Cortez (1858)
Lisboa	1861	Typographia de José Baptista Morando	316	Galvão (2002)	Cortez (1861)

Porto	1863	Typographia do Jornal do Porto	324	UP	Cortez (1863)
Lisboa	1866	Casa da Viuva Bertrand e Filhos	312	Galvão (2002)	Cortez (1866b)
Lisboa	1876	Livraria de Antonio Maria Pereira		Oliveira (2021)	Cortez (1876)
Porto	1877	António Rodrigues da Cruz Coutinho	520	UC	Cortez (1877b)
Porto	1895	Chardron	573	SSB	Cortez (1895)
Lisboa	1897	Livraria de Antonio Maria Pereira	348	Acervo Pessoal	Cortez (1897)
[S. l.]	[18--?]	[s. n.]	356	RGPL	Cortez ([18--?])
Porto	1901	[Chardron]		Palau y Dulcet (1924)	Cortez (1901)
Porto	1910	Livraria Chardron, Lello & Irmão	575	FBN	Cortez (1910)
Lisboa	1912	Parceira Antonio Maria Pereira		Almeida (2012)	Cortez (1912)
Lisboa	1921	Parceira Antonio Maria Pereira	350	UC	Cortez (1921)
Lisboa	1927	Livraria Chardron, Lello & Irmão		UL	Cortez (1927a)
Porto	1927	Parceira Antonio Maria Pereira	350	Medeiros (2012)	Cortez (1927b)
Porto	1945	Lello & Irmão		Campos (1967)	Cortez (1945)
Lisboa	1955	Livraria Editora		Melo (2011)	Cortez (1955a)
Lisboa	1955	Parceira Antonio Maria Pereira	359	Galvão (2002)	Cortez (1955b)
Lisboa	1978	Vega	233	RGPL, UC	Cortez ([1978])
Porto	1980	Lello & Irmão	545	ACL, UL, UC, RGPL	Cortez (1980)
Porto	[19--]	Lello	586	BBGJM	Cortez ([19--])
Porto	2004	Lello Editores	370	BPE, RGPL, UC	Cortez (2004)
Porto	2013	Lello Editores	370	UC	Cortez (2013)

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

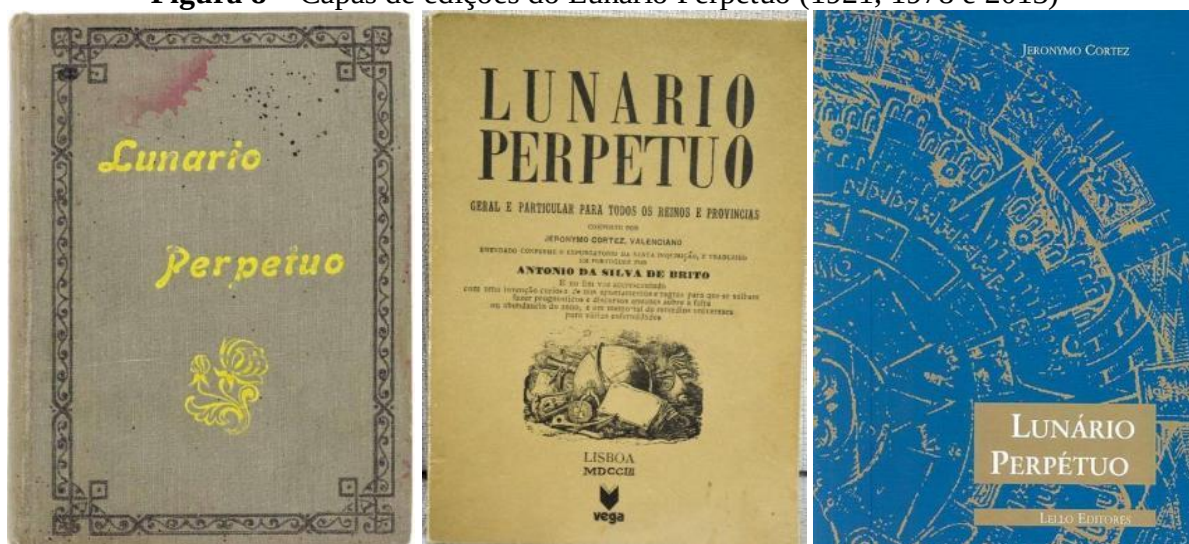
Nota: As colunas contêm a cidade e ano de publicação da edição, a respectiva casa editorial ou tipografia e o número de páginas, de modo a destacar a variação de dimensões. A coluna “Fonte e Biblioteca” apresenta em negrito as bibliotecas onde foram encontrados os exemplares. Os dados sem negrito se referem às fontes que registram exemplares que não foram encontrados em bibliotecas. Dentre eles, referências de estudos sobre o Lunário, o acervo pessoal da pesquisadora Regina Marteleto, e informações do LUSODAT (GHTC, [20--]).

Siglas: ACL = Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa; BBGJM = Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (São Paulo); BC = Biblioteca da Catalunha; BNP = Biblioteca Nacional de Portugal; BV = Biblioteca Valenciana Nicolau Primitiu; BPE = Biblioteca Pública de Évora; FBN = Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro); HL = *Houghton Library* (Harvard University); LC = Library of Congress; OP = *Open Library*; RGPL = Real Gabinete Português de Leitura (Rio de Janeiro); SSB = *Staatsbibliothek zu Berlin* (Biblioteca Estatal de Berlim); UC = Universidade de Coimbra; UCM = Universidad Complutense de Madrid; UL = Universidade de Lisboa; ULB = *Universitäts- und Landesbibliothek Darmstadt* (Universidade e Biblioteca Estadual de Darmstadt, Alemanha); UP = Universidade do Porto; URV = *Universitat Rovira i Virgili* (Tarragona, Espanha); WL = *Wellcome Library* (Londres).

Entre as edições levantadas, observa-se a predominância de edições da editora Lello e Chardron, do Porto, com 9 edições entre 1895 e 2013. Assim como a edição de 1877 de António Coutinho, estas edições apresentam, até a segunda metade do século XX, o maior número de

páginas, com mais de 500, assemelhando-se a pequenas enciclopédias. Outra editora que publicou por décadas o Lunário foi a Parceria Antonio Maria Pereira, de Lisboa, com 6 edições entre 1876 e 1955. No século XIX, em Lisboa, 4 edições são da Typographia de José Baptista Morando, entre 1822 e 1861, e 3 da Typographia de Mathias José Marques da Silva, entre 1840 e 1858. Com 2 edições, constam em Lisboa a Officina de Miguel Manescal da Costa, entre 1703 e 1749, e a Officina de Domingos Gonsalves, entre 1757 e 1847. Desde o início do século XX, a publicação do Lunário em Portugal se manteve por meio de quatro editoras: a Lello (8 edições), a Parceria Antonio Maria Pereira (4), a Vega (1) e a Livraria Editora (1) (Figura 8).

Figura 8 – Capas de edições do Lunário Perpétuo (1921, 1978 e 2013)



Fonte: Cortez (1921, 1978, 2013).

Nota: Da esquerda para a direita, edição de 1921 da Parceria Antonio Maria Pereira; edição de 1978 da editora Vega; edição de 2013 da editora Lello.

Como já abordado, a falta de preservação sistemática dos almanaques por instituições de guarda é um dos fatores que explicam o desafio de mapear as edições, dificultando o dimensionamento do número real de edições. Algumas bibliotecas são exceções, como as bibliotecas nacionais do Brasil, Espanha e Portugal, e também bibliotecas de universidades europeias. Das edições portuguesas, a Universidade de Coimbra, a Universidade de Lisboa e a Universidade do Porto desempenharam importante papel na preservação do Lunário. Constam, respectivamente, 9, 6 e 3 exemplares do livro em suas bibliotecas.

A falta de preservação institucional se evidencia no Brasil, pois, diante da influência do Lunário no país, corroborado pela literatura sobre o tema, são relativamente poucos exemplares encontrados em bibliotecas. O Real Gabinete Português de Leitura e a Biblioteca Nacional contam com respectivamente 6 e 3 exemplares portugueses. Quanto a edições brasileiras, apenas 1 edição foi encontrada, não em bibliotecas brasileiras, mas na Universidade e

Biblioteca Estadual de Darmstadt, Alemanha. Não é possível afirmar, portanto, se a circulação do *Lunário* no Brasil se deu quase exclusivamente por exemplares publicados em Portugal, ou se as edições brasileiras tinham relativa expressividade, mas se perderam.

Para os propósitos da presente pesquisa, foram realizadas buscas por estudos e textos que tratam do *Lunário Perpétuo*. Foram utilizadas as bases de dados SciELO, BDTD, Brapci, Portal de Periódicos da Capes, *Web of Science*, *Scopus*, ERIC, LISTA e Google Acadêmico. Utilizou-se uma estratégia de busca que objetivou abarcar variações de títulos do *Lunário* em diversas edições espanholas e portuguesas: “(“*Lunario Perpetuo*” OR “*Non plus ultra de el lunario*” OR “*Non plus ultra del lunario*” OR “*Non plus ultra do lunario*” OR “*Lunario nuevo, perpetuo*” OR “*Lunario y pronostico perpetuo*” OR “*Lunario e prognostico perpetuo*”)”.

Os resultados das buscas nas bases de dados foram bastante limitados, evidenciando a escassa literatura sobre o almanaque. Excluindo duplicatas, até o dia 24 de abril de 2024, foram encontrados 4 resultados na BDTD, 1 na Brapci, 3 no Portal de Periódicos da CAPES, e nenhum na SciELO, *Web of Science*, *Scopus*, ERIC e LISTA. A busca no Google Acadêmico somou 328 resultados, e após busca minuciosa, verificou-se que, destes, poucos resultam de pesquisas acadêmicas. A maioria dos resultados são referências ou versões digitalizadas do *Lunário Perpétuo* no Google Livros, ou materiais que o citam sem aprofundamentos.

Após as buscas, foram selecionados os documentos relevantes para a pesquisa, entre artigos de periódicos, trabalhos apresentados em eventos, teses, entre outros. O *Lunário Perpétuo* é estudado em Almeida (2012), Barberino (2014), Cascudo (2024), Figueirêdo (2014), Medeiros (2012, 2015a, 2015b), Picatoste y Rodríguez (1891); Rios (2003), Rodrigues (2003) e Simas (2018). Outros materiais sobre almanaques, especialmente almanaques de cordel, abordam brevemente o *Lunário*: Albisson (2019), Almeida (2019), Beltrão (1982), Benjamin (1999, 2000), Botrel (2015), Carolino (2002), Carreño (1991), Carvalho (2001), Figueirêdo (2010), Lucas (2007), Marteleto (2016), Marteleto e Dourado (2019), Melo (2011), Moura (2009), Pereira (2019), Peris Felipe (2013), Priore (2012), Santos (2021), Silva (1998) e Suassuna (2000a, 2000b). O livro também é citado em trabalhos que analisam as obras de Antonio Nóbrega e Ariano Suassuna: Andrade (2013), Costa (2007, 2011, 2013, 2014, 2015), Lima (2006), Lourenço (2021) e Szesz (2007, 2008).

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa atende ao método de estudo de caso, com abordagem qualitativa. Minayo (2014, p. 57) afirma que o método qualitativo é aquele “que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam”. As abordagens qualitativas, segundo a autora, “se conformam melhor a investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos e de documentos”.

Tendo como objeto empírico o almanaque *Lunário Perpétuo* e com base nos conceitos previamente apresentados, a pesquisa foi conduzida em duas etapas. Primeiramente, aplicou-se o procedimento metodológico de análise documental a um corpus de exemplares do *Lunário*, utilizando o método de análise temática. Em um segundo momento, a análise documental foi ampliada para abranger as leituras, releituras e apropriações do *Lunário Perpétuo*, investigando sua influência em diferentes manifestações literárias, artísticas e culturais.

A análise temática, conforme proposto por Braun e Clarke (2006), é definida pelas autoras como um “método para identificar, analisar e relatar padrões (temas) dentro de dados. Ele organiza e descreve minimamente os dados com (rico) detalhamento” (Braun; Clarke, 2006, p. 79, tradução própria). Este método contribui de forma substantiva para a geração de uma análise interpretativa dos dados. Além disso, contribui pela sua praticidade e ampla aplicabilidade e flexibilidade, podendo ser usado em quase qualquer tipo de análise qualitativa (Souza, 2019).

As autoras compreendem que “um tema captura algo importante sobre os dados em relação à pergunta de pesquisa e representa algum nível de resposta ou significado padronizado dentro de um conjunto de dados” (Braun; Clarke, 2006, p. 82, tradução própria). Braun e Clarke (2006) propõem seis etapas a serem seguidas na análise temática, que podem ser observadas no Quadro 4, sumarizado por Souza (2019). Referindo-se às fases, as autoras destacam que não se trata de regras fixas, mas de orientações. O processo da análise não é linear, mas recursivo, isto é: não se move necessariamente de uma fase à seguinte, mas sim em movimentos de vaivém através de todas as fases, conforme a necessidade (Souza, 2019).

Quadro 4 – As seis fases da análise temática

Fase	Descrição
1ª: Familiarizando com os dados	Transcrever os dados e revisá-los; ler e reler o banco; anotar ideias iniciais durante o processo.
2ª: Gerando códigos iniciais	Codificar aspectos interessantes dos dados de modo sistemático em todo o banco; reunir extratos relevantes a cada código.
3ª: Buscando temas	Reunir os códigos em temas potenciais; unir todos os dados pertinentes a cada tema em potencial.
4ª: Revisando os temas	Checar se os temas funcionam em relação aos extratos e ao banco de dados como um todo; gerar mapa temático da análise.
5ª: Definindo e nomeando os temas	Refinar os detalhes de cada tema e a história que a análise conta; gerar definições e nomes claros a cada tema.
6ª: Produzindo o relatório	Fornecer exemplos vívidos; última análise dos extratos escolhidos na relação com pergunta de pesquisa e literatura; relato científico da análise.

Fonte: Souza (2019) em adaptação aos trabalhos de Braun e Clarke (2006).

A primeira fase é de familiarização com os dados: é importante que o pesquisador realize uma imersão nos dados para se familiarizar com os conteúdos de forma profunda e ampla. Tal imersão significa leituras repetidas dos dados de forma ativa, que buscam por significados e padrões (Braun; Clarke, 2006; Souza, 2019).

A segunda fase envolve a produção de códigos iniciais a partir dos dados. Recomenda-se aqui codificar o máximo de temas/padrões em potencial (pois nunca se sabe o que pode se tornar de interesse nas fases subsequentes da análise). O resultado dessa fase é uma extensa lista de diferentes códigos identificados no banco de dados (Braun; Clarke, 2006; Souza, 2019).

A terceira fase é a de busca pelos temas. Classificam-se os diferentes códigos em temas potenciais, e agrupam-se todos os extratos relevantes nesses temas que estão sendo construídos. Aqui, o pesquisador começa a considerar de que modo diferentes códigos podem se agrupar para formar um tema abrangente. Começam a se estabelecer diferentes relações, seja entre os códigos, entre os temas ou entre os diferentes níveis de temas. O resultado é um conjunto de candidatos a temas, que serão refinados na fase seguinte (Braun; Clarke, 2006; Souza, 2019).

Na quarta fase, realiza-se a revisão e refinamento dos temas. Alguns temas podem ser unidos, divididos ou eliminados. Esta fase envolve dois níveis de refinamento temático: o primeiro trata da revisão dos extratos dos dados coletados e o segundo da revisão de todo o conjunto de dados. Este processo de recodificação serve para afinar e dar mais nuance à estrutura de códigos (Braun; Clarke, 2006; Souza, 2019).

A quinta fase é de definição e nomeação dos temas e subtemas. Para cada tema deve-se realizar e redigir uma análise detalhada. É necessário considerar os temas separadamente, bem

como cada tema em relação aos demais. Os nomes devem ser concisos, de destaque e claros para o leitor. Esta fase termina com um conjunto finalizado de temas plenamente trabalhados (Braun; Clarke, 2006; Souza, 2019).

Por fim, a sexta fase trata da produção do relatório. Nesse relato, conta-se a história complexa dos dados, e é importante que essa análise ofereça uma descrição lógica, coerente, concisa, não repetitiva e interessante sobre a história contada pelos dados. É necessário que o relatório forneça evidência suficiente dos temas nos dados, isto é, extratos de dados o bastante para demonstrar a prevalência dos temas (Braun; Clarke, 2006; Souza, 2019).

Para a realização da análise temática, em um primeiro momento, deu-se início à fase exploratória da pesquisa. Foi consultado um exemplar físico do *Lunário Perpétuo* de uma edição de 1897, que faz parte de um acervo particular; e um exemplar de 1910 digitalizado do acervo da Biblioteca Nacional (Cortez, 1897, 1910). Procedeu-se com uma leitura exploratória sobre os exemplares, de modo a perceber os principais conteúdos e assuntos, bem como as maneiras como se estruturam no texto. A consulta ao exemplar impresso possibilitou a aproximação do pesquisador ao objeto empírico em sua fisicalidade e materialidade.

Em uma segunda fase, realizou-se um levantamento de edições do *Lunário Perpétuo* que constatou a existência de ao menos 176 edições do livro desde o ano de 1594 até 2023 (Apêndices A e B). A partir disso, estabeleceu-se um corpus documental de exemplares do *Lunário* a fim de realizar uma leitura analítica com base no método de análise temática.

O corpus documental da pesquisa é composto por quatro edições portuguesas, publicadas nos anos de 1757, 1897, 1910 e 2004. Destas, duas encontram-se digitalizadas (Cortez, 1757, 1910) e duas foram consultadas em formato impresso (Cortez, 1897, 2004). Buscou-se aqui um recorte que contemplasse os quatro séculos desde a tradução do *Lunário* ao português até os tempos atuais. Duas delas foram publicadas em Lisboa (Cortez, 1757, 1897) e as outras duas no Porto (Cortez, 1910, 2004).

A edição de 1757 é a mais antiga em português que pôde ser consultada, publicada 54 anos após a primeira edição portuguesa de que se tem registro, de 1703. Foi publicada na Oficina de Domingos Gonsalves. A edição de 1897 foi publicada pela Livraria de Antonio Maria Pereira – Editor, localizada na Rua Augusta, em Lisboa. A edição de 1910 foi publicada pela Livraria Chardron de Lello & Irmão, localizada na Rua das Carmelitas, 144, no Porto. Por fim, a edição de 2004 foi publicada na mesma cidade pela mesma editora, então sob o nome de Lello Editores.

A opção pelas edições portuguesas em detrimento às espanholas se justifica pelo foco da pesquisa relacionado ao contexto de circulação do *Lunário Perpétuo* no Brasil. Ao que tudo

indica, essa circulação se deu predominantemente por edições de Portugal, pois das dezenas de edições em português levantadas, apenas uma é brasileira. A edição não foi passível de análise, pois foi encontrada apenas na Universidade e Biblioteca Estadual de Darmstadt, Alemanha.

Através da aplicação da análise temática sobre o corpus selecionado, foram identificados, categorizados e analisados os conteúdos e assuntos tratados no *Lunário Perpétuo* de modo a compreender a sua estrutura informacional-comunicacional e documentária enquanto um dispositivo da cultura popular escrita. A pesquisa também analisou os aspectos morfológicos dos exemplares, considerando sua estrutura física e organizacional, incluindo formato e dimensões dos livros, presença de ilustrações e tabelas, organização interna de capítulos e seções, recorrência e variação de capítulos entre edições, além de elementos paratextuais, como frontispícios e prefácios. Além disso, foram investigadas as marcas de leitura e de propriedade deixadas por seus leitores ao longo do tempo. Nesse contexto, buscou-se identificar as redes de atores envolvidos na produção, edição, leitura e apropriação do *Lunário Perpétuo* nos cenários português e brasileiro.

Na categorização dos dados, estabelece-se uma distinção conceitual entre “assuntos”, “conteúdos” e “temas”. Os “assuntos” referem-se às áreas dos conhecimentos tratados no almanaque, como astrologia, saúde, agricultura etc. Eles correspondem aos grandes eixos temáticos que estruturam a obra e refletem os diversos saberes disseminados ao longo de suas edições. Já os “conteúdos” dizem respeito à materialização dos assuntos, isto é, a forma como esses assuntos são apresentados no texto ao longo dos capítulos, seções, quadros e ilustrações. Por fim, os “temas” correspondem às categorias temáticas emergentes da análise temática, organizando os aspectos centrais identificados no *Lunário Perpétuo*. Essas categorias não apenas englobam os principais assuntos presentes na obra, como também incluem os elementos estruturais e os atores envolvidos em sua produção, circulação e apropriação. Assim, “tema” pode referir-se, por exemplo, tanto ao assunto “astrologia”, quanto a “elementos gráficos” ou “apropriações da obra”. Isso permite uma abordagem mais precisa da análise, possibilitando compreender como a obra organiza e transmite informações ao longo do tempo, bem como sua ressignificação por diferentes atores.

Para a definição das categorias de classes e subclasses de assuntos, adotou-se como referência a Classificação Decimal Universal (CDU) e a categorização de assuntos de almanaques realizada por Américo Pellegrini Filho (2009) em sua pesquisa “Comunicação popular escrita”. Essa categorização foi posteriormente ampliada por Stella Moreira Dourado (2018) em sua tese de doutorado sobre uma coleção particular de almanaques de farmácia, a qual também serviu como base para esta pesquisa.

Numa segunda etapa metodológica, a análise foi expandida para abranger a circulação, as leituras, releituras e apropriações do Lunário Perpétuo, investigando sua influência em diversas manifestações artísticas e culturais brasileiras. Para isso, foram conduzidas pesquisas bibliográficas sobre a literatura existente a respeito do almanaque, bem como pesquisas documentais sobre manifestações artísticas e culturais a ele associadas. Dentre as fontes pesquisadas, destacam-se os acervos virtuais da cordelteca e da hemeroteca do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), unidade do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) que busca preservar as expressões dos saberes e fazeres do povo brasileiro (CNFCP, c2018a, c2018b).

4 ANÁLISE TEMÁTICA DO LUNÁRIO PERPÉTUO

Com a leitura e análise das quatro edições selecionadas para o corpus documental da pesquisa e a aplicação dos princípios da análise temática conforme proposto por Braun e Clarke (2006), chegou-se às seguintes categorias e subcategorias temáticas que procuram sumarizar o conteúdo do Lunário Perpétuo (Quadro 5):

Quadro 5 – Categorias e subcategorias temáticas do Lunário Perpétuo

Categoria	Subcategoria
ESTRUTURA/FORMA	Frontispícios
	Capítulos e Seções
	Ilustrações, Elementos gráficos e Ornamentos de páginas
O TEMPO	Medição do tempo
	Cômputo/Cálculo do tempo
	Estágios da vida humana
	Cronologia e Calendários
	Datas de festas fixas e móveis
O UNIVERSO (ASTRONOMIA)	Cosmos/Universo
	Lua e suas fases
	Eclipses do Sol e da Lua
	Planetas
	Estrelas
	Cometas e Meteoros
	Cálculo do tempo por observações astronômicas
O COSMOS (ASTROLOGIA)	Zodíaco/Signos
	Planetas
	Lua e suas fases
	Cometas e Meteoros
	Astrologia preditiva
A NATUREZA	Previsões meteorológicas
	Ventos
	Temperatura, Umidade e Seca, Chuvas e Tempestades
	Variações periódicas do clima
	Influências astrológicas ou por causas diversas sobre o tempo
	Marés e o tempo para a navegação
	Terremotos
	Juízo do Ano e os sinais da natureza para a previsão do futuro
O SOLO	Épocas de trabalhos no solo (estações, meses, fases da Lua)
	Condições meteorológicas na agricultura
	Plantio, Semeadura e Colheita
	Cuidados com plantas, Pragas
	Culturas agrícolas, Horticultura, Jardinagem, Viveiros
	Zootecnia, Pecuária, Veterinária, Apicultura e Sericicultura
	Previsões/Prognósticos agrícolas
A SAÚDE E A DOENÇA	Higiene
	Alimentação, Temperança
	Saúde mental e moral
	Doenças/Enfermidades
	Medicina popular, Plantas medicinais e Remédios caseiros

	Tratamentos (Sangrias, Purgas e Banhos)
	Acidentes e Primeiros socorros
	Aspectos astrológicos no tratamento e cura de enfermidades
O LAR	Cuidados com alimentos/mantimentos
	Higiene, Cuidados corporais
	Limpeza e cuidados com a moradia, Extermínio de pragas
	Consertos e reparos
	Contabilidade financeira
	Dicas e conselhos práticos de natureza diversa
A RELIGIÃO	Bíblia
	Deus
	Cosmogonia/Criação do mundo
	Vida e Feitos de Jesus Cristo
	Santos e Mártires
	Orações e Ladainhas
	Calendário eclesiástico e hagiológico, Festas cristãs
	História da Igreja Católica
	Biografias dos Pontífices
	Moral cristã, Livre-arbítrio
O LÚDICO	Leitura
	Jogos, Recreação
OS ATORES	Produtores (autores, tradutores, editores etc.)
	Autores citados
	Leitores
	Apropriações

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Como é possível observar no Quadro 5, foram identificadas onze categorias temáticas principais e sessenta e cinco subcategorias. Vale ressaltar que algumas dessas subcategorias se repetem, o que decorre da natureza interligada dos temas abordados no Lunário, onde não há uma delimitação rígida entre os diferentes assuntos. A astronomia se entrelaça com a astrologia, que, por sua vez, influencia áreas como meteorologia, agricultura e saúde, todas passíveis de previsões e prognósticos de diversas naturezas. Além disso, a concepção de tempo cíclico do calendário, assim como os valores morais e a visão de mundo judaico-cristã, permeiam toda a estrutura do almanaque.

Das categorias principais, uma trata de elementos estruturais e outra dos atores presentes na produção e apropriação do Lunário. As nove outras categorias tratam dos assuntos que caracterizam o conteúdo do almanaque. Nas próximas seções analisaremos as categorias temáticas elencadas. De modo a melhor organizar a apresentação dos resultados, as onze categorias foram agrupadas em três seções: a primeira, referente à estrutura/forma do corpus documental; a seguinte, referente ao seu conteúdo, com a apresentação das categorias de assuntos; por fim, a seção referente à categoria dos atores envolvidos em sua produção e apropriação.

4.1 ESTRUTURA/FORMA

A partir da análise do corpus documental das edições do *Lunário Perpétuo*, foi possível constatar diversas modificações ao longo dos séculos. A obra teve capítulos removidos, acrescentados, reorganizados e atualizados de acordo com o estágio do conhecimento científico à respectiva época, ou a partir de decisões editoriais que poderiam interessar aos leitores.

Através dos frontispícios das edições consultadas é possível antever algumas dessas modificações. A edição de 1757, a mais antiga que pôde ser consultada, apresenta em nota o seu conteúdo:

Emendado conforme o Expurgatorio da Santa Inquisição [...]. E no fim vai acrescentado co hua invenção curiosa de huns apontamentos, e regras para q se saibao fazer pronosticos, e discursos annuaes sobre a falta, ou abundancia do anno, e hum memorial de remedios universaes para varias enfermidades (Cortez, 1757, p. [1]).¹⁷

Destaca-se aqui que a obra foi modificada a partir das exigências do Expurgatório da Santa Inquisição, tendo então sido validada pela Igreja Católica. Indica-se que seus principais acréscimos são relativos às regras para a realização de prognósticos e à saúde, com a recomendação de remédios para várias enfermidades. A nota do frontispício da edição de 1897 indica acréscimos relacionados à agricultura e jardinagem; saúde, com remédios para doenças de homens e animais; equações do tempo; além de instruções para a construção de relógios de sol ou para encontrar águas sem auxílio de vedores. A edição de 1910 também apresenta suas principais modificações em nota:

Reformado e muito acrescentado:
 1º na computação dos tempos;
 2º nas cousas agricolas;
 3º com as virtudes medicinaes d'algumas plantas portuguezas;
 4º com os socorros a dar aos envenenados;
 5º com a descripção e tratamento de muitas molestias;
 6º com numerosas receitas uteis e proveitosas;
 7º com o modo de descobrir as águas;
 8º com varios jogos de cartas divertidos, etc. (Cortez, 1910, p. [2]).

A referida edição indica seus acréscimos, relativos ao cômputo do tempo, à agricultura e à saúde, bem como conteúdos ausentes nas outras edições, como cuidados de primeiros

¹⁷ Optou-se por manter a ortografia original em todas as citações diretas das edições analisadas.

socorros a envenenados, receitas práticas “úteis e proveitosas” e jogos de cartas para lazer e recreação. A edição de 2004 é mais enxuta, com uma nota indicando o Lunário “actualizado e remodelado incluindo uma lista biográfica dos papas” (Cortez, 2004). Na Figura 9, apresenta-se a reprodução dos frontispícios das edições de 1757, 1897 e 1910.¹⁸

Figura 9 – Frontispícios das edições de 1757, 1897 e 1910 do Lunário Perpétuo



Fonte: Cortez (1757, 1897, 1910).

Os prefácios e apresentações das edições também indicam o que justifica as alterações. A edição de 1910, com revisão e acréscimos de António Coutinho, contém uma “Advertência aos leitores”, na qual Coutinho destaca a defasagem e os erros das edições então correntes do Lunário:

O Lunário Perpétuo, impresso pela primeira vez há mais de duzentos anos, estava sendo um livro quase inútil para os desejosos de fazerem a computação dos tempos com acerto e exactidão. Os cálculos das luas novas ou conjunções, cheias ou oposições e quartos crescentes ou minguentes, contidos no Áureo número ou Ciclo lunar do velho Lunário, andavam tão afastados da verdade, que víamos realizarem-se as fases do astro da noite em dias, horas, signos e graus diversos indicados por ele; resultava disto que as pessoas que se guiavam pelo seu cômputo, erravam a um tempo as luas e as festas mudáveis, colocando-as muitos dias antes ou depois daqueles em que elas deviam ter lugar. Além dos erros apontados notavam-se muitas faltas no velho Lunário, [...] coisas essenciais e necessárias para esclarecer e facilitar a computação dos tempos, assim na ordem civil como na religiosa. Enfim, não só as faltas referidas vão preenchidas, mas também os erros e absurdos, que se notavam no velho Lunário, foram emendados ou expurgados desta edição, que, além disso, vai acrescentada de muitas coisas, tanto para utilidade como recreio dos leitores e satisfação de quem as escreveu (Cortez, 1910, p. [3-4]).

¹⁸ O frontispício da edição de 2004 não pôde ser reproduzido, pois o exemplar foi consultado no Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro, que proíbe a reprodução das obras.

Observando a nota explicativa da edição da Lello Editores de 2004, nota-se que o editor, que assina o texto, também destaca as relevantes mudanças do *Lunário* desde suas primeiras edições até os tempos atuais. Aqui são apresentadas as atualizações da obra, citando a revisão realizada por António Coutinho mais de um século antes:

A presente edição do *Lunário* [...] encontra-se bastante modificada em relação à obra original, nomeadamente após a revisão levada a cabo por António Coutinho que nela introduziu grande número de reformas e acrescentos, conforme se deixa ver na Advertência aos leitores [...] que muito valorizam a obra. Na edição que agora se apresenta ao público procurou-se melhorar a já existente, actualizando algumas tabelas e o Calendário dos meses, eliminando alguns temas por desajustados ao tempo presente e introduzindo, no fim da obra, uma lista biográfica dos papas segundo o *Liber Pontificalis* e o *Anuário Pontifício* de 1972. Corrigem-se igualmente os lapsos e tornou-se o *Lunário* de mais fácil manuseamento, utilizando um formato maior e um tipo de letra mais legível (Cortez, 2004, p. [5]).

Guardadas as diferenças das dimensões físicas e gráficas (como tamanhos e tipos de fontes) das edições, a análise do número de páginas dos exemplares evidencia a discrepância da variação estrutural entre as edições. A edição de 1757 possui 316 páginas; a de 1897, 348 páginas; a de 1910, 575 páginas; e a de 2004, 370 páginas. Esta, como referido na última nota, foi impressa em um formato maior que as edições anteriores da obra. Enquanto as edições de 1757, 1897 e 1910 têm uma variação de tamanho de 16 cm e 17 cm de altura, ou seja, são de formato pequeno, considerados livros de bolso, a edição de 2004 tem o formato padrão de 23 cm de altura.

Outro aspecto que evidencia a diferença estrutural entre as edições é a contagem de capítulos, seções e verbetes de cada livro¹⁹. Foram contabilizados na edição de 1757 o total de 289 capítulos e seções; na de 1897 o total de 450 capítulos/seções e 203 verbetes para doenças e plantas medicinais; na de 1910 o total de 496 capítulos/seções e 609 verbetes para as mesmas categorias; e na de 2004 o total de 276 capítulos/seções e 438 verbetes para plantas medicinais e biografias de papas.

Analisando os capítulos das quatro edições, foi possível constatar 195 seções recorrentes em todas elas, denotando uma espécie de estrutura permanente do *Lunário*, que o constitui como tal sem perder sua identidade em meio a tantas alterações. Além dessa estrutura

¹⁹ Não há no *Lunário* uma divisão formal que evidencie os capítulos e as seções a eles submetidas, de modo que se optou por contabilizá-los em uma só categoria. Já os verbetes foram separados por sua natureza mais objetiva e de mais fácil identificação, com textos curtos.

fixa, observou-se que alguns capítulos foram removidos em edições posteriores, enquanto outros foram adicionados, denotando ampla variação estrutural e temática.

Os capítulos e seções específicos a determinadas edições se diferenciam amplamente. São capítulos essencialmente sobre saúde, primeiros socorros, plantas medicinais, doenças de humanos e de animais; conselhos e instruções úteis agrícolas e domésticas; modos de descobrir águas, de construir relógios de sol; e mesmo tipos de jogos de cartas. Os capítulos e seções recorrentes e específicos a cada edição serão abordados na seção 4.2, relativa ao conteúdo do almanaque.

Dentre os aspectos estruturais observados, constatou-se que as quatro edições apresentam um sumário detalhado, abrangendo todos os capítulos, seções e quadros, juntamente com suas respectivas páginas, facilitando o acesso à informação buscada pelo leitor. Observou-se que o texto faz diversas autorreferências, citando capítulos, quadros ou páginas do próprio livro. Isso caracteriza a hipertextualidade do almanaque, em que um texto é levado ao outro com facilidade e de maneira não-linear, como observado por Marteleto, Guimarães e Nóbrega (2009).

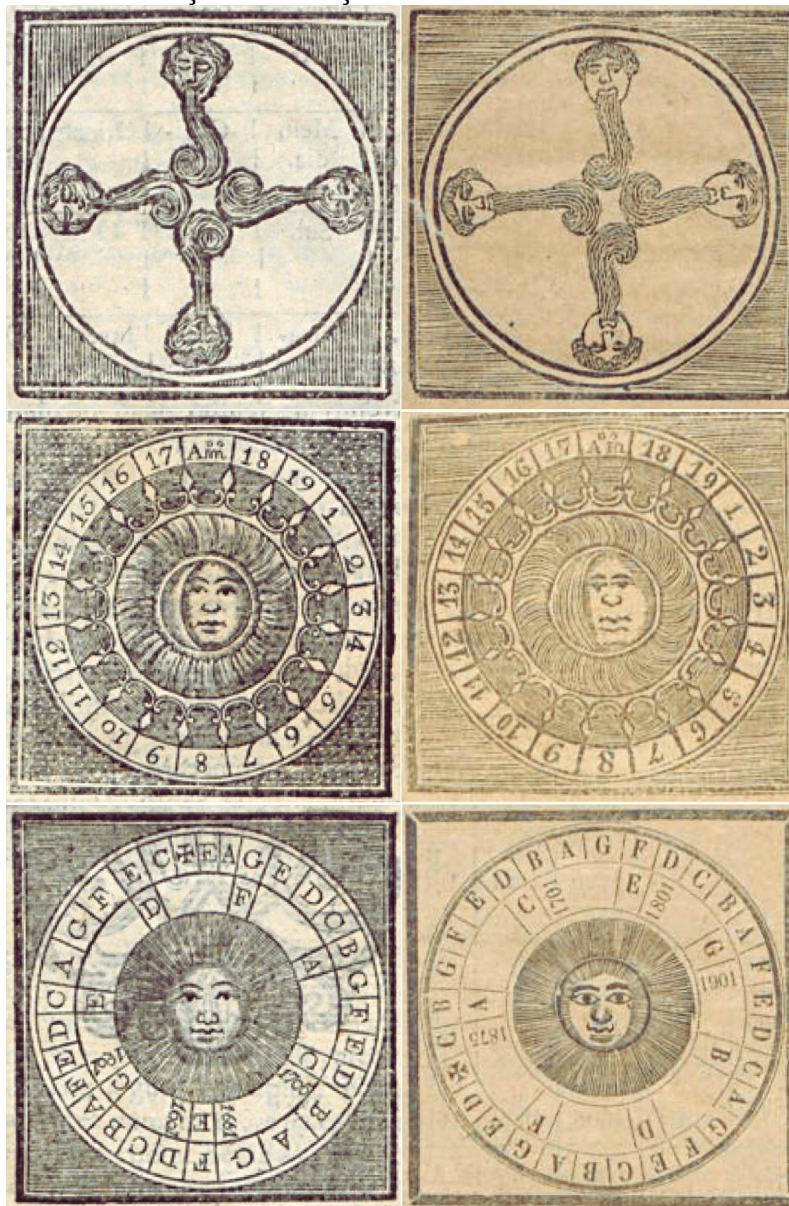
As edições se caracterizam também pelo amplo recurso de elementos gráficos, como ilustrações, quadros e ornamentos de páginas. Os desenhos e quadros são instrumentos que facilitam a consulta para leitores pouco letrados e letrados. São utilizadas ilustrações para os signos, os planetas, os meses, a anatomia humana relacionada ao domínio dos signos e planetas, entre outros. A imagem que consta nos frontispícios das edições de 1757 e 1910 (Figura 9) representa um instrumento astronômico. É uma imagem recorrente em diversas edições espanholas e portuguesas.

As edições de 1757 e 1910 também têm em comum imagens que representam de maneira antropomorfizada os quatro ventos, as rodas perpétuas das letras dominicais²⁰ e dos áureos números²¹. Observa-se que algumas destas ilustrações são bastante semelhantes, mas os traços são distintos, evidenciando que foram copiadas manualmente de uma edição para a outra. (Figura 10).

²⁰ As letras dominicais são as sete primeiras do alfabeto, de A a G, que representam os sete dias da semana. Cada ano pertence a uma destas letras, a qual marca o dia da semana em que ele se inicia. Com isso, pode-se calcular o dia da semana em que coincidirá qualquer data do mês, observadas as particularidades dos anos bissextos (Cortez, 1910).

²¹ Número de ordem de um determinado ano no ciclo lunar de 19 anos. A exata revolução da Lua em 19 anos solares (ou 235 lunações) foi descoberta pelo grego Meton. Ao fim de 19 anos, se repetem as conjunções da Lua nos mesmos dias do ano civil. O Áureo número auxilia, portanto, no cálculo das festas móveis e das conjunções da Lua em qualquer ano (Cortez, 1910).

Figura 10 – Ilustrações das edições de 1757 e 1910 do Lunário Perpétuo

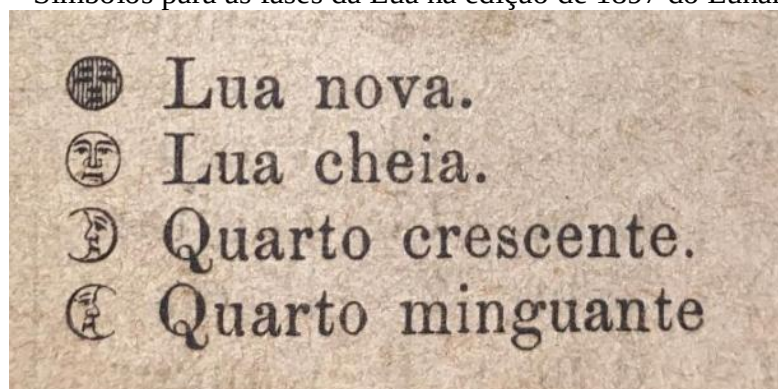


Fonte: Cortez (1757, 1910).

Nota: À esquerda, ilustrações da edição de 1757 e à direita, de 1910. De cima para baixo, representações dos quatro ventos, da roda perpétua do Áureo número e da roda perpétua das letras dominicais.

Na apresentação das prognosticações pelos Áureos números, o Lunário da edição de 1897 faz alusão a outros almanaques informando aos leitores o significado dos símbolos geralmente usados por eles para representar as fases da Lua: “aproveitamos esta ocasião para mostrar ao leitor os signaes que geralmente se usam nos almanachs, indicando a Lua cheia, nova, etc., que são as seguintes” (Cortez, 1897, p. 159). Segue-se a este parágrafo símbolos para as fases lunares, reproduzidos na Figura 11.

Figura 11 – Símbolos para as fases da Lua na edição de 1897 do Lunário Perpétuo



Fonte: Cortez (1897, p. 159).

As edições de 1757 e 1897 possuem também elementos gráficos com a função de ornamentar as páginas. A edição de 1757 se inicia com uma letra capitular, reproduzida na Figura 12. Em sequência, a Figura 13 reproduz os arabescos da edição de 1757. A edição de 1897 também utiliza arabescos em outra estética. Esses elementos geralmente aparecem ao final de capítulos, preenchendo os espaços vazios entre o término de uma seção e o início da outra na página subsequente. Trata-se de um recurso gráfico que não apresenta uma função utilitária evidente, mas torna a leitura mais aprazível por senso estético.

Figura 12 – Letra capitular na edição de 1757 do Lunário Perpétuo



Fonte: Cortez (1757, p. 1).

Figura 13 – Ornamentos na edição de 1757 do Lunário Perpétuo



Fonte: Cortez (1757).

Nas edições estão presentes dezenas de quadros e tabelas. Estes elementos sistematizam conteúdos de maneira objetiva, auxiliando no cômputo do tempo, informando sobre as posições dos planetas, astros e signos, e propiciando com isso a realização dos prognósticos. São quadros que apresentam calendários, áureos números, letras epactais²², letras dominicais, festas móveis, festas fixas, horas do nascer e pôr do sol, horas de luar, horas planetárias, horas de enchentes e vazantes das marés, entre outros.

Um exemplo é o capítulo “Da região elementar e dos elementos”, presente em todas as edições analisadas. Aqui consta um quadro (Figura 14) que sistematiza o conteúdo previamente apresentado nos primeiros capítulos do Lunário. São apontadas as quatro qualidades (calor, frio,

²² Epacta é o excesso de 11 dias que tem o ano solar (de 365 dias) em relação ao ano lunar (354 dias ou 12 lunações). Seu cálculo permite saber a idade da Lua em qualquer data do ano, bem como auxilia no cômputo de festas móveis (Cortez, 1910).

umidade e secura) de diversas categorias: os quatro elementos; as quatro partes do mundo; os quatro ventos cardeais; as quatro estações do ano; os quatro humores; as quatro idades da vida humana; e os doze signos do zodíaco (Cortez, 1897).

Figura 14 – Quadro das qualidades dos elementos na edição de 1897 do Lunário Perpétuo

	Qualidades			
	QUENTE E HUMIDA	QUENTE E SECCA	FRIA E HUMIDA	FRIA E SECCA
<i>Os 4 elemen- tos</i>	Ar	Fogo	Agua	Terra
<i>As 4 partes do mundo</i>	Meio-dia	Oriente	Occidente	Septentrião
<i>Os 4 ventos</i>	Sul	Leste	Oeste	Norte
<i>As 4 partes do anno</i>	Primavera	Estio	Outomno	Inverno
<i>Os 4 humo- res</i>	Sangue	Colera	Fleugma	Melancolia
<i>As 4 idades</i>	Infancia	Juventude	Velhice	Decrepitude
<i>As qualidades dos 12 signos</i>	Geminis Libra Aquarius	Aries Leo Sagitaris	Cancer Scorpio Piscis	Taurus Virgo Capricornio

Fonte: Cortez (1897, p. 21).

Estes recursos gráficos são em geral de consulta fácil e rápida, se caracterizando como recursos úteis para leitores que têm pouca ou nenhuma familiaridade com as letras. Por vezes sistematizam o conteúdo do texto, outras vezes o complementam. Algumas seções são inteiramente constituídas por eles, como as que se referem aos prognósticos a partir do áureo número. Em algumas seções, o texto explica didaticamente como fazer a leitura dos quadros.

Nesse sentido, o Lunário se caracteriza também pelo didatismo, não só pelas instruções práticas e detalhadas sobre, por exemplo, como construir um relógio de sol, tirar manchas de tecidos ou tirar o mau hálito; mas também pelo uso de diversos exemplos sobre como proceder para realizar o cálculo do tempo. A seção “Das festas e acontecimentos fixos” oferece um exemplo de como saber o dia da semana de um evento histórico pelas letras dominicais:

Segundo exemplo – Desejo saber em que dia da semana foi o nascimento de D. Pedro V, a 16 de setembro de 1837.

Sabido que a letra dominical d'aquelle anno foi A, irei á regra do mez de setembro, e fazendo a contagem como no exemplo antecedente, acabarei os 16 na letra G, e como falta um dia para chegar ao domingo, ficarei sabendo que D. Pedro V nasceu em um sabbado. Por este mesmo processo se pode saber o dia de semana em que nasceu ou morreu qualquer sujeito, sabido que seja para isso o anno e a data do mez (Cortez, 1910, p. 53, grifo do autor).

Com o uso de exemplos, reduzem-se ambiguidades e são resolvidas possíveis dúvidas, ao oferecer situações concretas como evidência. Aqui o autor também se aproxima do leitor ao postular um questionamento, tornando o texto mais envolvente e estimulando o aprendizado, o que se verifica também em um capítulo de perguntas e respostas entre leitor e autor. Observa-se ainda o uso de um exemplo que se aproxima do imaginário do leitor português da época, ao se referir à figura do membro da realeza de Portugal.

4.2 CONTEÚDO

O Lunário Perpétuo, correspondendo à tradição secular dos almanaques populares, apresenta uma ampla variedade de assuntos. Essa variação temática se evidencia pela análise dos capítulos que compõem a obra em suas diferentes edições. No Quadro 6 são apresentados os capítulos e seções recorrentes nas quatro edições do almanaque. Mantendo a ordem em que se apresentam, os capítulos foram divididos para fins de organização em 14 blocos a partir de seus assuntos. Em seguida, os blocos serão analisados em subseções referentes às respectivas categorias temáticas.

Quadro 6 – Estrutura recorrente dos capítulos e seções do Lunário Perpétuo nas edições de 1757, 1897, 1910 e 2004

Grupo	Capítulos e seções
A	Prólogo do autor
B	Do mundo e sua divisão – Do tempo – Das idades do tempo – Das idades do homem – Do ano e sua divisão – Do mês – Da semana – Do dia – Da hora – Do quarto de hora – Dos quatro tempos do ano e suas qualidades – Dos equinócios e solstícios que tem o ano – Tábua das horas em que nasce e se põe o sol, e da duração do dia – Da região elementar e dos elementos – Do número e natureza dos ventos – Avisos para conservar mantimentos – Da região etérea ou celeste – Regra para conhecer de noite que hora será pelo Norte – Regra para saber pela mão e pelo sol que hora é do dia – Das letras dominicais – Do Áureo número – Do advento, e quando começa – Das velações ou benções matrimoniais – Das quatro tēmporas – Das ladainhas ou rogações
C	Janeiro, tem 31 dias – Obras de janeiro, conforme Plínio – Fevereiro, tem 28 dias – Obras de fevereiro, conforme Palladio – Março, tem 31 dias – Obras de março, conforme Palladio – Abril, tem 30 dias – Obras de abril, conforme Abenguefite – Maior, tem 31 dias – Obras de maio, conforme Palladio – Junho, tem 30 dias – Obras de junho, conforme Palladio – Julho, tem 31 dias – Obras de julho, conforme Palladio – Agosto, tem 31 dias – Obras de agosto, conforme Palladio – Setembro, tem 30 dias – Obras de setembro, conforme Palladio – Outubro, tem 31 dias – Obras de outubro, conforme Abenguefite – Novembro,

	tem 30 dias – Obras de novembro, conforme Abenguefite – Dezembro, tem 31 dias – Obras de dezembro, conforme Palladio
D	Coisas que influem os planetas – Saturno – Da qualidade, prognosticação natural e efeitos – Sua prognosticação – A fisionomia que dá – As condições que influi – A que coisas inclina – As coisas que lhe estão sujeitas – Júpiter – Da qualidade, prognosticação natural e efeitos – Sua prognosticação – A fisionomia que dá – As condições que influi – A que coisas inclina – As coisas que lhe estão sujeitas – Marte – Da qualidade, prognosticação natural e efeitos – Sua prognosticação – A fisionomia que dá – As condições que influi – A que coisas inclina – As coisas que lhe estão sujeitas – Sol – Da qualidade, prognosticação natural e efeitos – Sua prognosticação – A fisionomia que dá – As condições que influi – A que coisas inclina – As coisas que lhe estão sujeitas – Vênus – Da qualidade, prognosticação natural e efeitos – Sua prognosticação – A fisionomia que dá – As condições que influi – A que coisas inclina – As coisas que lhe estão sujeitas – Mercúrio – Da qualidade, prognosticação natural e efeitos – Sua prognosticação – A fisionomia que dá – As condições que influi – A que coisas inclina – As coisas que lhe estão sujeitas – Lua – Da qualidade, prognosticação natural e efeitos – Sua prognosticação – A fisionomia que dá – As condições que influi – A que coisas inclina – As coisas que lhe estão sujeitas
E	Regra para conhecer se a Lua é nova ou velha – Tábua para se saber as horas do luar em todos os dias do ano – Efeitos da Lua nos fluxos e refluxos do mar – Regra para saber em que signo anda a Lua – Tábua dos dias em que o sol entra em cada signo – Regra para se saber quantas horas haverá de Lua cada noite – Tábua da prognosticação dos anos
F	Declaração dos doze signos, suas qualidades e efeitos – Aquário – Peixes – Áries/Carneiro – Touro – Gêmeos – Câncer/Caranguejo – Leão – Virgem – Libra/Balança – Escorpião – Sagitário – Capricórnio – Regra astronômica para saber o signo da hora em que uma pessoa nasceu
G	Dos eclipses do Sol e da Lua – De como se podem conhecer os efeitos que costumam causar os eclipses – Do tempo em que começarão os efeitos dos eclipses – Do tempo que duram os efeitos dos eclipses – De como se pode conhecer e saber em que partes do mundo serão executados os efeitos dos eclipses – Dos cometas e de suas naturezas e efeitos em geral – Dos dias caniculares, quando começam e acabam – Juízo de um ano para outro pelo dia em que começam os caniculares
H	Para prognosticar do tempo de todo o ano – De como se hão de entender as prognosticações antecedentes – Ano em que haja 1 de Áureo número – Ano em que haja 2 de Áureo número – Ano em que haja 3 de Áureo número – Ano em que haja 4 de Áureo número – Ano em que haja 5 de Áureo número – Ano em que haja 6 de Áureo número – Ano em que haja 7 de Áureo número – Ano em que haja 8 de Áureo número – Ano em que haja 9 de Áureo número – Ano em que haja 10 de Áureo número – Ano em que haja 11 de Áureo número – Ano em que haja 12 de Áureo número – Ano em que haja 13 de Áureo número – Ano em que haja 14 de Áureo número – Ano em que haja 15 de Áureo número – Ano em que haja 16 de Áureo número – Ano em que haja 17 de Áureo número – Ano em que haja 18 de Áureo número – Ano em que haja 19 de Áureo número
I	Juízo astronômico das enfermidades naturais – Outro juízo da enfermidade – Juízo das enfermidades pela idade da Lua – Prognosticação e sucessos das enfermidades
J	Advertências mui proveitosas e necessárias para as sangrias – Do tempo que é danoso e proveitoso para tomar purgas – Das eleições dos banhos – Das ventosas – Regimento de saúde muito útil e necessário para conservar e alargar os dias da vida, tirado da medicina de Avicena
K	Efeitos da Lua pelos signos e pelos primeiros trovões do ano – Aviso importante para os lavradores – Segredo mui curioso e útil para os lavradores
L	Tratado de astronomia rústica e pastoril: importante a lavradores, pastores e navegantes – Sinais de terremotos por diversas causas – Sinais de peste por várias causas – Sinal de carestia por várias causas – Sinais de tempestades pelo Sol – Sinais de serenidade pelo Sol – Sinais de vento pelo Sol – Sinais de serenidade pela Lua – Sinais de vento pela

	Lua – Sinais de chuva pela Lua – Sinais de tempestade pela Lua – Sinais de frio pela Lua e aves – Sinais de serenidade pelas estrelas – Sinais de ventos pelas estrelas – Sinais de frio pelas estrelas – Sinais de ventos pelas nuvens – Sinais de serenidade pelo Arco do céu – Sinais de serenidade pelas aves e peixes – Sinais de ventos pelas aves e peixes – Sinais de chuvas pelas aves e animais terrestres – Sinais de tempestades pelas aves e peixes – Sinais de tempestade pelos animais terrestres – Sinais de serenidade por coisas sem sentido – Sinais de vento por coisas sem sentido – Sinais de chuva por coisas sem sentido – Sinais de tempestades por coisas sem sentido – Sinais de vento pelos relâmpagos – Sinais de tempestades pelas nuvens e relâmpagos – Sinais de chuva pelas nuvens e Arco do céu – Anotações – Significação da fertilidade ou esterilidade, e enfermidades do ano por modo rústico
M	Outras notícias de coisas particulares que os Sumos Pontífices ordenaram em favor da Religião Cristã, desde S. Pedro até Gregório XIII [1757, 1910]/[...] até ao atual Pontífice Leão XIII [1897]/Lista biográfica dos papas [2004]
N	Perguntas e respostas entre o leitor e o autor desta obra, sobre algumas dificuldades e nomes astronômicos

Fonte: Elaborado pelo autor (2025) a partir de Cortez (1757, 1897, 1910, 2004).

Nota: Os capítulos estão apresentados em negrito e as seções sem destaques. As barras indicam a variação de título de um capítulo/seção em mais de uma edição.

No Quadro 6, o grupo A é constituído pelo texto introdutório à obra, que se dirige ao “amigo leitor”, e afirma que mesmo o Lunário sendo um “livrinho tão pequeno, até ao presente se vêem tão sublimes, e extraordinarios proveitos para todo o genero de gente”. Alude às várias impressões e correções da obra: “assim te não pareça novidade a diversidade de tantas impressões, porque mais se gastariam, se mais se fizessem, especialmente com esta ultima correcção” (Cortez, 1910, p. 1). O texto é permeado pela noção de virtude e do bem-fazer conforme os preceitos da ética cristã, citando os santos São Gregório de Nazianzo, São Paulo e Santo Agostinho, bem como o Evangelho; e os filósofos, poetas e escritores romanos e gregos Sêneca, Píndaro, Cícero, Terêncio e Tito Lívio²³.

4.2.1 O Tempo

O Lunário Perpétuo é, essencialmente, um livro sobre o tempo. O almanaque se estrutura em seções relativas à divisão e medição do tempo, reforçando sua função de organizar e orientar a vida cotidiana. As principais seções do livro são os calendários dos meses, com dados religiosos, astronômicos e agrícolas, além do calendário lunar com ciclo de dezenove anos, que realiza prognosticações meteorológicas. São calendários perpétuos, isto é, podem ser consultados a qualquer ano.

²³ O texto introdutório não é assinado, finalizado com a palavra “Vale”, que no latim era usado como uma forma de despedida epistolar, significando algo como “Passa bem!”. Analisando exemplares espanhóis de 1598, 1606, 1614, 1628 e 1670, observa-se que o texto introdutório só começa a aparecer nesta última edição, o que indica que não deve ter sido escrito por Cortés, falecido por volta de 1611 (Cortés, 1598a, 1614a, 1628, 1670).

Os capítulos e seções iniciais da obra (agrupadas no grupo B do Quadro 6) tratam do tempo, reunindo elementos astrológicos, astronômicos e religiosos. Aborda-se o tempo e seu cômputo, bem como as origens e os elementos do mundo de acordo com a concepção cristã. Aqui, o tempo é abordado desde a “criação do mundo” (que, de acordo com a edição de 1910, teria então 5879 anos); os tempos de vida do homem (Infância/Puerícia, Adolescência, Juventude/Mocidade, Virilidade e Senectude/Velhice); as divisões do tempo em eras históricas de acordo com acontecimentos bíblicos, passando pelos anos, estações, meses, semanas, dias, horas e até quartos de horas.

Ao contar a história do mundo ao longo dos tempos, o Lunário segue um princípio de narratividade, alinhado ao conceito explorado por Walter Benjamin (1994). Estão presentes também elementos referentes ao cômputo do tempo a partir de observações astronômicas (nascer e pôr do sol, equinócios, solstícios e estrelas) e de elementos como o áureo número e as letras dominicais, que no calendário auxiliam no cálculo do dia do mês em que as festas móveis cairão ou do dia da semana em que as festas fixas cairão.

Nas edições analisadas, os capítulos e seções desse bloco inicial apresentam pequenas variações de ordem, e cada edição possui seções acrescentadas que as diferenciam das outras. As edições de 1757, 1910 e 2004 apresentam também as seções “Prognosticação para cada ano” e “Dos cheios, e conjunções perpétuas da lua”, excluídas da edição de 1897. Esta, diferente das três outras, inclui as seções “Equação do tempo”; “Tábuas de equação”; “Dos dias de abstinência”; “Da septuagésima”; “Da quarta feira de cinza”; “Da Páscoa da ressurreição”; “Da Ascensão e Pentecostes”; “Da festa da Santíssima Trindade”; e “Do Corpus Christi”, com um detalhamento mais completo das festas móveis cristãs. Já a mesma edição de 1897 e as edições de 1910 e 2004, diferentemente da de 1757, incluem também as seções “Da epacta”; “Das festas mudáveis”; e “Das letras do martirológio”²⁴, com outros elementos úteis ao cômputo do tempo. Por fim, as edições da Chardron e Lello Editores, de 1910 e 2004, apresentam as seções “Da reforma gregoriana do calendário”; “Do ciclo solar ou dominical”; “Indicção romana”²⁵ e “Das festas e acontecimentos fixos”, ausentes das edições de 1757 e 1897.

Observa-se que as edições seguintes à de 1757 acrescentaram mais detalhes a respeito das festas fixas e festas móveis do calendário cristão, incluindo instruções para seu cálculo. Como destaca Bakhtin (2010), as festividades possuem uma relação intrínseca com o tempo, e

²⁴ Martirológio romano é um livro em que se relatam os triunfos e feitos históricos dos santos e mártires. Nele serve uma letra cada ano, a qual demonstra a idade da Lua. Através dele, a Igreja regulava as festas móveis (Cortez, 1910).

²⁵ Ciclo de 15 anos usados pelos romanos para a cobrança de impostos. Não tem relação com fenômenos celestes nem serve para cômputo civil e eclesiástico (Cortez, 1910).

em sua base encontra-se uma concepção concreta do tempo natural (cósmico), biológico e histórico. São, para o autor, uma forma primordial da civilização humana, e mesmo as festas cristãs têm origem nos festejos pagãos agrícolas da Antiguidade. Nesse contexto, Le Goff (2021), enfatiza que uma das funções do calendário é ritmar a dialética do trabalho e do tempo livre, com o entrecruzamento de dois tempos: o tempo regular e linear do trabalho, e o tempo cíclico e tradicional da festa. Assim, as festas ritualizam a passagem do tempo e estruturam no calendário sua percepção de forma cíclica, em um retorno contínuo às celebrações que marcam o ritmo da vida religiosa, civil e cultural.

O bloco de capítulos e seções seguintes (grupo C do Quadro 6) apresenta os doze meses do ano. Para cada mês há um calendário hagiológico²⁶ contendo os dias; os santos a eles associados; as letras dominicais; os áureos números; as epactas; as conjunções da lua; e as luas novas ou cheias “perpétuas e gerais”. Para cada mês, há uma seção com as “obras” (isto é, os trabalhos agrícolas) que devem ser realizadas no mês de acordo com as fases da lua propícias, conforme Plínio, Palladio ou Abenguefite²⁷, bem como o prognóstico do juízo do ano. Este é indicado pelos primeiros trovões do ano. Se os primeiros trovões forem ouvidos em março, por exemplo, indica que será um ano com “muitos ventos e abundancia de herva, e de pães; dissensões, espantos e mortes [...] no Reino em que se ouvirem” (Cortez, 1757, p. 44).

Mais adiante no Lunário, um bloco de capítulos e seções (grupo H do Quadro 6) trata da prognosticação meteorológica dos anos a partir de determinados elementos, especialmente o calendário perpétuo baseado nos áureos números. O livro oferece orientações didáticas sobre como consultar os quadros relativos aos anos correspondentes aos 19 áureos números, e assim realizar a prognosticação do tempo. Em seguida, são apresentados os quadros que representam cada um dos 19 anos do ciclo lunar. Esses quadros apresentam os 12 meses do ano, com os dias e fases da lua, as horas, minutos e graus, os signos zodiacais correspondentes e previsões climáticas para o período. Podem ser consultados perpetuamente: “chegando aos dezenove [anos] torna outra vez a começar em um e assim correm em roda viva perpetuamente” (Cortez, 1910, p. 166). Tais seções são a base do Lunário Perpétuo, que é regido pelo áureo número. Na Figura 15, o quadro indica o prognóstico do tempo meteorológico dos anos que têm o 11 de áureo número, no ciclo lunar de 19 anos.

²⁶ Calendário de santos cristãos.

²⁷ Abenguefite foi um farmacólogo e médico andalusino do século XI. Parece haver uma confusão entre as edições portuguesas acerca da autoria das seções com as obras para os meses. A edição de 1757 usa a grafia “Abencenif” para se referir ao autor, bem como edições espanholas anteriores e posteriores consultadas. Já as edições portuguesas de 1897, 1910 e 2004 atribuem estas seções a Avicena, em uma possível confusão devido à similaridade das grafias. No entanto, a própria edição de 1757 se refere também a Avicena (escrito deste modo) em outro capítulo da obra, indicando que de fato as seções relativas aos meses não são de autoria de Avicena.

Figura 15 – Quadro de áureo número na edição de 1910 do Lunário Perpétuo

188

LUNARIO PERPETUO

Anno em que haja

Mens	Dias	Aspectos	Horas	Minutos	Gras	Signos	Tempos
Janeiro	3	Q. ming.	9 25 t.	23	Libra	Tempo revolto.	
	10	L. nova	2 24 t.	3	Aquario	Agua ou nevoa.	
	17	Q. cresc.	11 28 m.	1	Tauro	Trovões ou vento.	
	25	L. cheia	4 40 t.	11	Leo	Bom tempo.	
Fevereiro	2	Q. ming.	9 36 m.	25	Scorpio	Tempo humido.	
	9	L. nova	1 18 m.	22	Aquario	Sol entre nuvens.	
	17	Q. cresc.	5 50 m.	24	Tauro	Vento ou trovões.	
	24	L. cheia	10 22 m.	13	Virgo	Frio com mud.	
Março	2	Q. ming.	6 54 m.	13	Sagitar.	Tempo vario.	
	9	L. nova	— 19 t.	15	Piscis	Agua ou nevoa.	
	17	Q. cresc.	1 51 m.	17	Geminis	Carreg. e mud.	
	25	L. cheia	1 9 m.	1	Libra	Tempo vario.	
Abril	1	Q. ming.	1 58 m.	12	Capric.	Tempo mudavel.	
	7	L. nova	11 58 t.	12	Aries	Tempo vario.	
	15	Q. cresc.	9 37 t.	17	Cancer	Tempo vario.	
	23	L. cheia	1 3 t.	2	Scorpio	Vento ou trovões.	
Maio	30	Q. ming.	7 47 m.	10	Aquario	Tempo brusco.	
	7	L. nova	— 45 t.	8	Tauro	Agua, frio e vento	
	15	Q. cresc.	3 32 t.	17	Leo	Sol intenso.	
	22	L. cheia	10 47 t.	1	Sagitar.	Calmarias.	
Junho	29	Q. ming.	1 38 t.	6	Piscis	Humidade.	
	6	L. nova	2 49 m.	8	Geminis	Tempo sombrio.	
	14	Q. cresc.	6 45 m.	17	Virgo	Tempo nublado.	
	21	L. cheia	6 24 m.	1	Capric.	Vento ou trovões.	
Julho	27	Q. ming.	8 53 t.	1	Aries	Calmarias	

LUNARIO PERPETUO

189

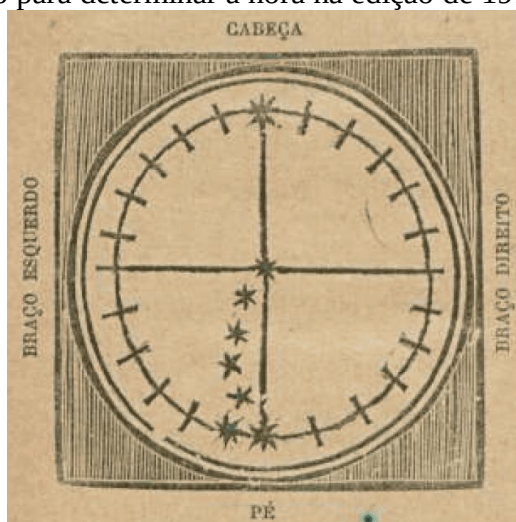
II de Aureo numero

Mens	Dias	Aspectos	Horas	Minutos	Gras	Signos	Tempos
Julho	5	L. nova	5 51 t.	6	Cancer	Tempo fresco.	
	13	Q. cresc.	7 14 t.	16	Libra	Bom tempo.	
	20	L. cheia	1 19 t.	23	Capric.	Tempo ventoso.	
	27	Q. ming.	6 45 m.	26	Aries	Tempo revolto.	
Agosto	4	L. nova	— 12 m.	—	Leo	Calmarias.	
	12	Q. cresc.	5 18 m.	18	Scorpio	Tempo fresco.	
	18	L. cheia	8 19 t.	5	Piscis	Tempo nublado.	
	23	Q. ming.	8 1 t.	24	Tauro	Tempo brusco.	
Setembro	3	L. nova	— 19 m.	5	Virgo	Humido.	
	10	Q. cresc.	1 29 t.	18	Sagitar.	Mud. de tempo.	
	17	L. cheia	4 31 m.	20	Piscis	Tempo fresco.	
	24	Q. ming.	— 47 t.	22	Geminis	Bom tempo.	
Outubro	2	L. nova	2 57 t.	5	Libra	Tempo mudavel.	
	9	Q. cresc.	8 30 t.	17	Capric.	Tempo ventoso.	
	16	L. cheia	3 1 t.	18	Aries	Tempo revolto.	
	24	Q. ming.	8 20 m.	22	Cancer	Mostra de agua.	
Novembro	1	L. nova	4 54 m.	8	Scorpio	Agua com vento.	
	8	Q. cresc.	3 17 m.	16	Aquario	Frio e most. d'ag.	
	15	L. cheia	4 34 m.	17	Tauro	Fresco e frio.	
	23	Q. ming.	5 11 m.	22	Leo	Tempo quieto.	
Dezembro	30	L. nova	3 1 t.	4	Sagitar.	Bom tempo.	
	7	Q. cresc.	11 2 m.	11	Piscis	Agua com vento.	
	14	L. cheia	9 10 t.	16	Geminis	Neve e humidade.	
	23	Q. ming.	1 38 m.	24	Virgo	Humidade.	
Dezembro	30	L. nova	6 2 m.	7	Capric.	Vento ou trovões.	

Fonte: Cortez (1910, p. 188-189).

O Lunário apresenta ainda instruções de ordem prática para a determinação do tempo imediato. Recorrente em todas as edições, são apresentadas duas seções com orientações para saber a hora, à noite e de dia. Para a identificação da hora à noite, deve-se identificar a estrela do Norte, a “estrela horological”, que os marinheiros usam para se guiar. Utilizando o próprio corpo humano como instrumento, e posicionando-o em relação à estrela, com os braços apontando para o Leste e o Oeste, seria possível a determinação do horário, como representado na Figura 16.

Figura 16 – Ilustração para determinar a hora na edição de 1910 do Lunário Perpétuo



Fonte: Cortez (1910, p. 28).

Também utilizando o corpo como instrumento, instrui-se sobre a estimativa da hora do dia pelo Sol utilizando a própria mão. Destaca-se a necessidade de consultar o calendário em ambos os casos, uma vez que a época do ano influencia os resultados. A edição de 1897 inclui um capítulo denominado “Relógios de sol”, contendo instruções detalhadas e ilustrações para a construção de diferentes tipos de relógios solares (Cortez, 1897).

4.2.2 O Universo (Astronomia)

A noção de tempo tem relação intrínseca com a astronomia. Os calendários se baseiam nos movimentos do Sol e da Lua. O ano é definido pelo tempo que a Terra leva para completar a órbita ao redor do Sol, o mês é baseado no ciclo lunar, e o dia é determinado pelo movimento de rotação da Terra em relação ao Sol. A própria denominação dos dias da semana, na maioria das línguas neolatinas, como o espanhol, francês e italiano, derivam dos planetas clássicos da astrologia. A observação dos astros, portanto, sempre foi essencial para a medição do tempo.

A temática da astronomia, no Lunário Perpétuo, está presente desde os capítulos iniciais da obra, que tratam das origens do tempo e do universo e de conceitos relativos a estes elementos (grupo B do Quadro 6). A observação dos astros auxilia no cômputo do tempo, seja para a definição dos períodos temporais, seja pra saber a hora pela estrela do Norte ou a hora pela posição do Sol. São abordados também os equinócios e solstícios e é apresentado um quadro que mostra a que horas nasce e se põe o Sol, e quantas horas têm o dia e a noite em todo o decurso do ano.

A astronomia está presente nas tabelas do calendário perpétuo do áureo número (grupo H do Quadro 6), que se baseia na exata revolução da Lua no período de 19 anos. A Lua também tem relação com as letras do Martirológio; o Sol com as letras dominicais; e ambos com as letras epactais, sendo a epacta o excesso de 11 dias que tem o ano solar em relação ao ano lunar. Todos esses elementos auxiliam na definição de calendários para qualquer ano, ajudando a definir as datas das festas fixas e móveis.

No contexto de produção do Lunário, a astronomia e a astrologia não eram propriamente separadas. Eram parte de uma ciência só, e isso se evidencia no livro. O almanaque apresenta uma série de capítulos e seções (grupo D do Quadro 6) acerca dos sete astros clássicos da astrologia: Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vênus, Mercúrio e Lua. Tratam essencialmente de questões relativas à astrologia, que serão tratados na seção seguinte. Mas ao abordar os astros, faz-se também uma breve descrição astronômica sobre suas características, dimensões e distâncias da Terra.

Mais adiante no Lunário, são apresentados aspectos específicos da Lua (grupo E do Quadro 6), como a maneira de identificar sua fase, seus efeitos sobre as marés, as horas de enchentes e vazantes das marés, e um cálculo para saber quanto tempo haverá de Lua a cada noite. Para identificar se a Lua é nova ou minguante, o Lunário ensina:

Todas as vezes que os cornos ou pontas da Lua estiverem para a parte d'onde sae o sol, será lua nova; se estiverem para a parte d'onde o sol se põe, será lua velha ou minguante; e assim para a memoria vem bem um verso que diz:

Lua crescente, pontas ao Oriente;

Lua minguante, pontas adiante (Cortez, 1897, p. 121).

Outro conjunto de capítulos e seções tratam dos eclipses do Sol e da Lua, também em uma perspectiva astronômica e astrológica (grupo G do Quadro 6). Explica-se o que causa os eclipses, o tempo em que começam, o tempo de duração, e as terras, províncias e cidades que sentirão seus efeitos. Explica também o que são os cometas, os dias caniculares²⁸, e suas datas de início e fim. A edição de 1757 inclui um quadro com a data de início dos dias caniculares em Lisboa, diversas cidades da Espanha e Índia e de alguns países africanos e asiáticos. Da América do Sul, inclui Cartagena das Índias, na Colômbia.

4.2.3 O Cosmos (Astrologia)

²⁸ Os dias caniculares (popularmente chamados de “dias de cão”) são os períodos do ano de intenso calor e abafamento do verão, que duram aproximadamente 40 dias.

Os almanaques, desde suas origens, veiculam um tipo de saber astrológico. Caminhando junto com a astronomia por séculos, a astrologia é um saber que interpreta a influência dos astros sobre a vida terrestre. Em diferentes seções, o Lunário descreve os efeitos atribuídos aos sete planetas clássicos da astrologia, aos signos do Zodíaco e aos eclipses. O livro mistura elementos de astrologia rústica e astrologia médica, além de elementos da astrologia judiciária. A primeira, também chamada de astro-meteorologia, prevê o clima a partir das influências dos astros; a segunda prevê o sucesso ou insucesso de enfermidades, associando os signos do zodíaco e planetas às partes do corpo; e a terceira é a que prevê eventos e destinos na vida de indivíduos e povos. São aspectos da astrologia preditiva, aquela que busca prever o futuro.

Os juízos da astrologia judiciária eram atenuados no Lunário após os expurgos da Inquisição. Preservava-se a crença do livre-arbítrio, difundida pela Igreja Católica, ao incluir palavras como “inclinações” sobre, por exemplo, as características de indivíduos nascidos sob a influência de um signo ou planeta. Além disso, as previsões astrológicas estavam submetidas à vontade de Deus, o que é advertido diversas vezes ao longo do livro, como no trecho ao final de uma seção de prognósticos: “Mas tudo isso, amigo leitor, só sucederá se Deus quizer, do contrario fica tudo em palavriado” (Cortez, 1910, p. 236).

Nos capítulos e seções iniciais do Lunário Perpétuo (grupo B do Quadro 6), é apresentada a divisão do cosmos em região elementar e região etérea. A primeira seria tudo desde o centro da Terra até a orbe da Lua, que seria composta por quatro elementos: Terra, Água, Ar e Fogo. Além da Lua estaria a região etérea, composta pelo quinto elemento, o Éter. Tal região conteria 11 céus, onde se localizam os sete planetas, as estrelas, e, no último céu, a “morada dos bem aventurados” (o paraíso cristão). Da região elementar, também são descritos os tipos de ventos cardeais e colaterais, suas naturezas e qualidades supersticiosas (o vento Oeste-noroeste, por exemplo, seria um vento pernicioso e pestilencial), bem como indicações de a quais ventos devem estar expostos os vinhos, cereais e azeites para que sejam bem conservados, e escritórios e quartos de dormir, para que façam bem à saúde.

Segue-se aqui uma perspectiva de ciência antiga e medieval, não só pelas teorias relativas às regiões elementar e etérea, mas também com a teoria humoral apresentada. De acordo com ela, a saúde dos seres humanos seria mantida pelo equilíbrio de quatro humores (os fluidos corporais): o sangue, a fleuma, a cólera (bílis amarela) e a melancolia (bílis negra). A cada um deles se relacionam os quatro elementos, os quatro ventos, as quatro estações do ano, os doze signos, entre outros.

Mais adiante, no Lunário, um conjunto de capítulos e seções (grupo D do Quadro 6) apresentam as influências astrológicas dos sete astros. Descreve-se Saturno, Júpiter, Marte, Sol,

Vênus, Mercúrio e Lua a partir de suas características, os dias da semana a que cada um corresponde, seus efeitos sobre a vida humana, suas prognosticações, a fisiognomia²⁹ que dão, a personalidade das pessoas nascidas sob seu domínio, os ofícios e profissões a que estas pessoas se inclinam, e as coisas que estão sujeitas a eles (isto é, determinados animais, elementos físicos, plantas, órgãos do corpo humano, cores e enfermidades).

Saturno, por exemplo, é descrito no Lunário como um planeta frio e seco, melancólico, térreo, masculino, diurno e inimigo da natureza humana. Causa fomes, trabalhos, aflições, esterilidade e carestia nos mantimentos. Traz choros, suspiros, cárceres, destruições, peregrinações e mortes. Representa inquietações, desassossegos, tardanças, misérias e desconfianças. Costuma causar aos que são de sua natureza aborrecimentos, tristezas, melancolias, ânsias, penas, espantos e angústias. Tem domínio sobre os velhos, caducos e solitários, sobre os avarentos, tristes e melancólicos, sobre os homens vis, miseráveis e desconfiados, sobre os glutões, feiticeiros, mágicos e nigromantes.

Júpiter, um planeta mais benigno à natureza humana e cujo dia da semana é quinta-feira, tem uma prognosticação positiva. O ano que entra na quinta-feira é descrito como de inverno temperado, primavera ventosa, verão aprazível e outono sem chuvas. Há previsão de abundância de trigos, mantimentos, frutos e peixe fresco, mas pouco vinho e mel. Pelas naturezas benévolas do planeta, indica haver pazes e concórdias entre os povos, “salvando sempre o livre alvedrio³⁰ dos homens” (Cortez, 1897, p. 105).

A fisiognomia dos que nascem sob o domínio do Sol é descrita como de rosto claro, boca mediana, beijos um pouco grossos, testa redonda, sobrancelhas delgadas, dentes brancos e formosos, com corpo direito e bem formado, costumando ser fortes e bem dispostos. A personalidade dos que nascem sob o domínio de Vênus é descrita como de pessoas eloquentes, prudentes, ditosas, bem-afortunadas, amigáveis, justas, piedosas, de palavras doces, apreciadoras de música, danças, jogos e ócio. Os que são de Mercúrio têm inclinação para serem notários, tabeliães, escrivães, escultores, pintores, comerciantes, mercadores, gravadores, impressores, lapidários, grandes negociantes e casamenteiros.

As seções sobre os planetas são ilustradas por suas representações de acordo com a mitologia romana. Saturno, por exemplo, é representado “na figura de um velho calvo, com uma foice para mostrar que o tempo destoe tudo” (Cortez, 1897, p. 253). As ilustrações que

²⁹ Fisiognomia é a prática pseudocientífica que interpreta o caráter e personalidade dos indivíduos através de suas feições. No Lunário, entende-se que a partir do dia da semana (que corresponde a um planeta) em que uma pessoa nasceu é possível prever suas características físicas, como feições, estatura, cabelos, olhos, etc.

³⁰ Livre-arbítrio.

representam os sete planetas e astros nas edições são semelhantes, com pequenas diferenças de traços. Na Figura 17, são reproduzidas as ilustrações para os planetas na edição de 1757.

Figura 17 – Ilustrações dos planetas e astros na edição de 1757 do Lunário Perpétuo



Fonte: Cortez (1757).

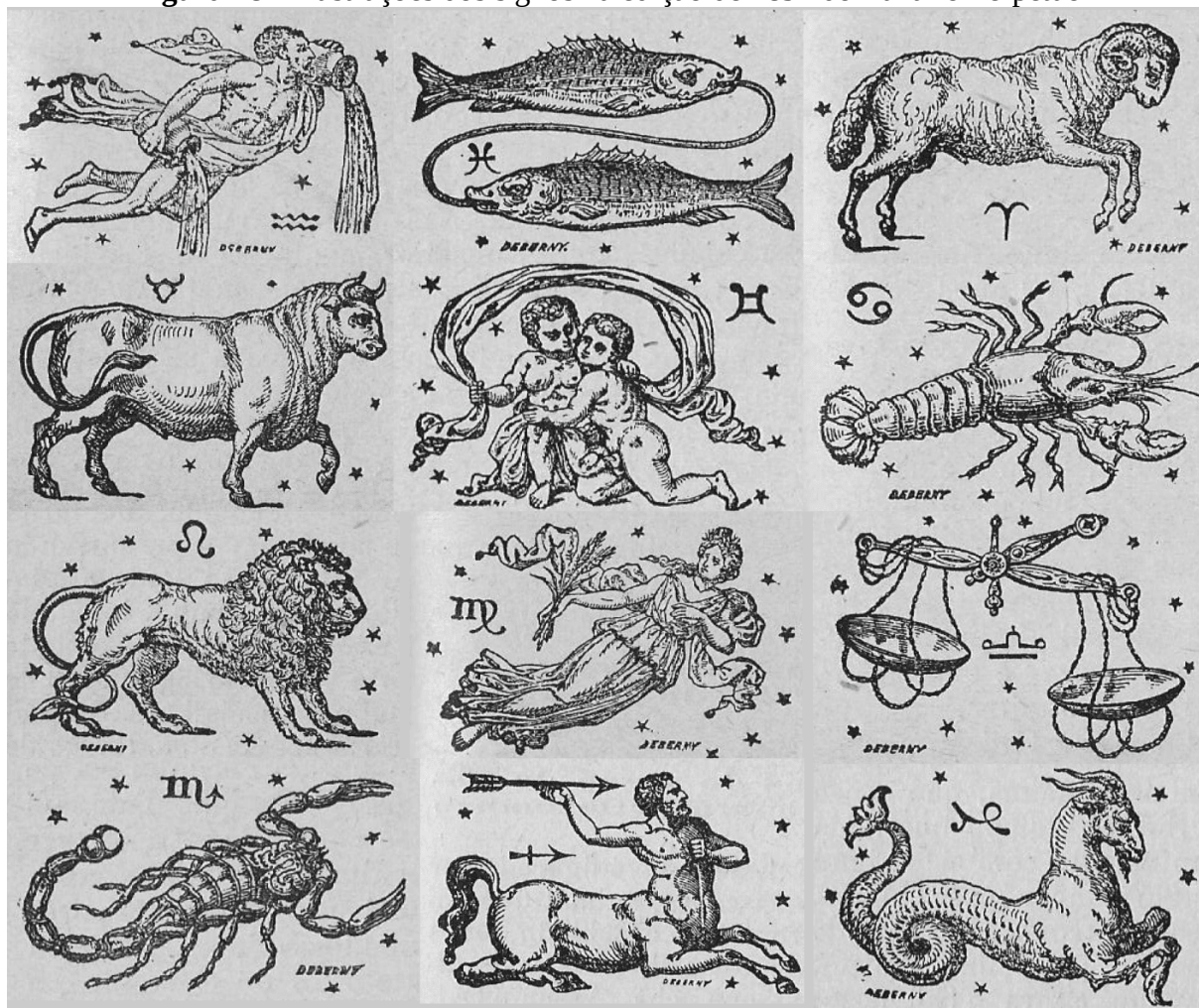
Nota: Respectivamente da esquerda para a direita, de cima para baixo, as representações dos planetas e astros Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vênus, Mercúrio e Lua.

Adiante, capítulos e seções tratam dos doze signos do Zodíaco (grupo F do Quadro 6), com suas características, naturezas, datas, planetas aos quais se relacionam, personalidades e inclinações das pessoas nascidas sob sua influência, bem como previsões de acontecimentos nas vidas destes sujeitos. É finalizado por uma seção com instruções para se saber o signo da hora em que uma pessoa nasceu. Outra seção (presente no grupo E do Quadro 6) indica os modos de descobrir em que signo anda a Lua, bem como o Sol.

Todas as edições analisadas apresentam juntamente das características dos signos uma ilustração com uma descrição da imagem que o simboliza. Para o signo de Aquário, por exemplo, é dito: “este signo é figurado por um homem despejando dois vasos de água, denotando as muitas águas e chuvas que caem” (Cortez, 1897, p. 133). A Figura 18 apresenta as ilustrações da edição de 1897, assinados por Deberny³¹. Em nenhuma das edições analisadas as ilustrações para os signos se assemelham.

³¹ Não foram encontrados dados biográficos sobre o ilustrador.

Figura 18 – Ilustrações dos signos na edição de 1897 do Lunário Perpétuo



Fonte: Cortez (1897).

Nota: Respectivamente da esquerda para a direita, de cima para baixo, as representações dos signos de Aquário, Peixes, Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário e Capricórnio.

O signo de Peixes, por exemplo, é descrito como um signo feminino, noturno, aquático e comum do inverno e verão, tendo natureza fria e úmida. O signo de Áries é casa de Marte, exaltação do Sol, queda de Saturno e detrimento de Vênus. O homem nascido sob a influência do signo de Touro é descrito como atrevido, presunçoso e altivo, inclinado a deixar sua pátria e ir para terras estrangeiras. Prevê-se que será mordido por um cão, e se for comerciante, terá sucesso no trato de comprar e vender. Terá uma doença aos 11 anos, outra aos 30 e a terceira aos 40, da qual se se curar, viverá até os 64 anos. A mulher nascida sob o signo de Escorpião é descrita como diligente e cuidadosa. Prevê-se que padecerá de inquietações por causa de filhos e família. Terá muitos filhos e correrá perigo de cair do alto. Encontrará algumas coisas escondidas, ainda que de pouco valor. Viverá sadia e sua natureza lhe promete 70 anos de vida.

Em outra seção (grupo G do Quadro 6), o Lunário aborda os efeitos astrológicos dos eclipses solar e lunar a partir do signo ou casa em que se acham, bem como as terras, províncias e cidades que sentirão seus efeitos. Também informa sobre os efeitos dos cometas e a prognosticação para cada tipo. Se o cometa tiver cor vermelha e cauda comprida, por exemplo, é da natureza de Marte, e denota grandes fomes, guerras, terremotos, falta de águas e destruições de cidades e reinos (Cortez, 1910).

Um capítulo recorrente em todas as edições é o “Perguntas e respostas entre o leitor e o autor desta obra, sobre algumas dificuldades e nomes astronômicos” (grupo N do Quadro 6). Aqui, o autor conversa com o leitor por meio de um diálogo imaginado. O leitor tira dúvidas de natureza astrológica sobre os signos e os planetas e o autor responde de maneira didática desfazendo possíveis confusões sobre o tema.

O leitor questiona a diferença entre os planetas e os signos, por que os primeiros são representados com aspectos humanos enquanto os segundos assumem formas animais, e por que os signos são chamados de “casas” dos planetas. Além disso, busca entender o significado dos signos de casas diurnas e noturnas, a distinção entre signos masculinos e femininos, e os motivos pelos quais alguns signos são considerados de gozo, detrimento, exaltação ou queda de determinado planeta. As perguntas são respondidas de maneira clara e objetiva, descrevendo a simbologia por trás das representações dos planetas e signos, servindo de guia para qualquer pessoa que queira compreender o básico da astrologia.

4.2.4 A Natureza

No Lunário, correspondendo à tradição dos almanaques, a meteorologia e o clima ocupam um papel de destaque. Informações do tipo eram muito consultadas por agricultores e navegadores, que se guiavam nas previsões do tempo para planejar suas atividades. Saber o tempo de chuvas para semear, o tempo bom para colher ou navegar, se antecipar a condições adversas, são saberes essenciais para aqueles cujo trabalho está diretamente ligado às variações climáticas. Além disso, tais previsões despertam o interesse e curiosidade de todo o tipo de gente.

Sem os instrumentos científicos mais atualizados para uma previsão do tempo certa, a sabedoria popular se guia pelos sinais da natureza e pelo tempo cíclico das variações periódicas do clima presente nos calendários. O Lunário apresenta diversos saberes para a previsão do tempo, baseados na astrologia, na astronomia e nos sinais da natureza, incorporando elementos de caráter supersticioso. São apresentados os “juízos dos anos”, prognósticos que

preveem como será determinado ano em questões de clima, agricultura, enfermidades e mantimentos.

O juízo do ano pode ser definido por diversos fatores. Um deles, presente no capítulo “Para prognosticar do tempo de todo o ano” é indicado pelos doze dias que vão desde o dia de Santa Luzia (a 13 de dezembro) até o Natal, indicando o tempo nos doze meses do ano seguinte. Conforme estiver o tempo no primeiro dia, assim será o mês de janeiro do ano seguinte, e por aí em diante.

Os calendários perpétuos baseados nos 19 áureos números (grupo H do Quadro 6) fazem prognosticações essencialmente sobre o clima. Estando a Lua em determinada fase de um período em determinado ano, indica-se que o tempo poderá ser frio ou quente, úmido, seco, ventoso, chuvoso, nublado, calmo, com trovões, com neves, névoas, etc. (Figura 15).

Todas as edições incluem um capítulo que apresenta um inventário de sinais associados ao Sol, à Lua, às estrelas, aos animais e a diversos fenômenos que servem para prognosticar condições meteorológicas, eventos naturais (como terremotos), enfermidades e a fertilidade ou esterilidade das plantações. Esse capítulo, intitulado “Tratado de astronomia rústica e pastoril importante a lavradores, pastores e navegantes” (grupo L do Quadro 6), reúne um conhecimento tradicional baseado na observação da natureza. Como afirma Câmara Cascudo (2013, p. 45) no estudo “Tradição, ciência do povo”, existem no Brasil, e universalmente, fórmulas da previsão tradicional para o conhecimento do tempo futuro: “deduz o povo o prognóstico de vegetais, animais, aspectos atmosféricos, nuvens, estrelas, constelações, incidência pluvial em determinados dias”. O Lunário Perpétuo apresenta um inventário desses saberes tradicionais.

No livro, os sinais que predizem as mudanças no tempo, como a serenidade, umidade, frio, ventos, chuvas, tempestades, pestes, carestias ou terremotos, abrangem desde os astros até os animais. São sinais preditivos do tempo a Lua, o Sol, as estrelas, os cometas, os eclipses, as nuvens, as névoas, as geadas, os ventos, a temperatura, os arco-íris, os relâmpagos, as chuvas, a secura, a umidade, o mar, as aves, os peixes, os animais terrestres, os répteis e as moscas. Além disso, elementos como a água dos poços, os sons, os ecos, os objetos, o sal, a fuligem e os cheiros, também são considerados sinais preditivos em determinadas circunstâncias.

O Lunário ensina que “quando a Lua, sendo nova, tiver as pontas mui delgadas, coradas e resplandecentes e que pareçam que se movem, denota terríveis ventos” (Cortez, 1910, p. 227). Já quando o Sol, ao nascer, “se mostra amarello e grande, estando o dia claro, significa haver no mesmo dia tempestades de trovões e relampagos” (Cortez, 1910, p. 225). Se “os bois, depois de chover, pastam mui depressa, denota que choverá mais”. Se as vacas “cheiram a terra e depois levantam a cabeça para o céu, denotam tempestade” (Cortez, 1910, p. 232). Já “quando

muitas aves pequenas de diferentes espécies se ajuntarem para buscar o mantimento junto do povoado, denota nevoas mui grandes” (Cortez, 1910, p. 228-229). Ainda, que “quando os sinos soarem mais do costumado, é signal de ventos humidos” (Cortez, 1910, p. 233).

O calendário mensal presente no almanaque (grupo C do Quadro 6) também faz indicações relativas às variações periódicas do clima ao longo do ano, orientando os agricultores sobre as atividades mais adequadas para cada época, de acordo com as condições sazonais.

4.2.5 O Solo

A informação agrícola justifica radicalmente o almanaque, perpassando séculos nesse guia prescritivo (Casa Nova, 1996). A presença constante de informações sobre o clima tem como principal razão a sua aplicação nos trabalhos agrícolas. O Lunário Perpétuo orienta sobre uma variedade de atividades essenciais para a agricultura, como o plantio, semeadura, cultivo, adubação, poda e colheita de plantas, além do controle de pragas. Ele também indica as épocas mais favoráveis para essas práticas, considerando as particularidades de cada planta, conforme as variações climáticas, as estações do ano, os meses e as fases da Lua. Além disso, fornece instruções sobre o cultivo de jardins, hortas, arvoredos, viveiros e grandes culturas, bem como sobre zootecnia, pecuária, veterinária, apicultura e sericicultura. Traz ainda previsões e prognósticos agrícolas por fatores diversos.

Nos capítulos e seções que apresentam os doze meses do ano (grupo C do Quadro 6), a agricultura tem destaque central. Os trabalhos agrícolas a serem realizados a cada mês são aconselhados por Plínio, Palladio e Abenguefite, sempre levando em conta o que deve ser feito durante a Lua crescente ou a Lua minguante.

Para a Lua crescente de março, Palladio recomenda o plantio de melões, pepinos e abóboras. Em terras quentes, recomenda a semeadura de milho, linho, grãos e alfaces; e nas terras temperadas o plantio de figueiras. Já na Lua minguante, recomenda que se lavre as hortas, os trigos e os campos para que não criem ervas daninhas. Deve-se podar as figueiras, amoreiras e mais árvores que brotam tarde. Diz que é também um bom período para trasfegar os vinhos e armazená-los nas adegas ou subterrâneos.

Cada mês apresenta um “juízo do ano”, cujo prognóstico se relaciona à agricultura, aos mantimentos, ao clima e a acontecimentos sociais diversos. Nessa modalidade de juízo, o prognóstico é definido pelo mês em que são ouvidos os primeiros trovões do ano na localidade em que ocorrem. Se ocorrem em abril, por exemplo, o juízo é de um ano próspero, abundante

em vinho, gado e trigos naquela região. Se ocorrem em junho, significam abundância de pão e pesca, porém falta de frutos e cheias nos rios.

Nestas seções, uma diferença constatada entre os exemplares foi o acréscimo nas edições de 1897, 1910 e 2004 de uma seção para cada mês denominada “Conforme o Almanach do Horticultor” ou “Segundo o manual do Jardineiro e Horticultor”, em referência à obra popular de 1872 do português José Marques Loureiro, com a indicação dos trabalhos de agricultura a serem realizados em cada época do ano. Estas subseções expandem consideravelmente as seções mensais, com prescrições que abrangem entre duas e três páginas.

Este conteúdo é dividido entre os trabalhos específicos para Jardins; Hortas; Arvoredos; Viveiros; Grande Cultura; e Gados. Os conselhos são mais objetivos e técnicos, sem elementos de natureza astrológica, como os conselhos de Plínio, Palladio e Abenguefite, e leva-se em conta as variações periódicas do clima. Na área de Grande Cultura, apresenta ainda instruções sobre apicultura e sericicultura, isto é, a criação de abelhas e bichos da seda.

Mais adiante, presente em todas as edições, um conjunto de capítulos e seções (grupo K do Quadro 6) trata de mais prognósticos e conselhos a agricultores, com relação às fases da Lua, aos signos do Zodíaco, aos dias caniculares e aos primeiros trovões do ano. A partir destes fatores, seria possível prognosticar o sucesso ou fracasso de colheitas, abundância ou falta de mantimentos e quais grãos teriam boa colheita no ano seguinte.

Um dos conselhos afirma que, para que as colheitas sejam boas, convém que o lavrador semeie quando seja Lua nova e ela se encontre no signo de Touro, Câncer, Virgem, Libra ou Capricórnio. A edição de 1910, porém, apresentando certo ceticismo, acrescenta: “Dizem, porém, outros [autores] que para as sementeiras produzirem muito convém fazel-as em tempo apropriado, tendo antes preparado e estrumado convenientemente a terra, sem o que de pouco servirá a influência dos signos” (Cortez, 1910, p. 223).

Observa-se aqui, como em todo o Lunário, a convivência de discursos frequentemente contraditórios. A fusão de diferentes saberes e discursos é uma das marcas mais distintas dos almanaques, e o Lunário se insere plenamente nessa tradição. A astrologia entra em constante confronto com a religião, e as crendices e superstições se deparam com o ceticismo, refletindo uma tensão entre crenças populares e o conhecimento científico.

Entre outras seções que se inserem na temática da agricultura, as edições de 1910 e 2004 apresentam um capítulo denominado “Preceitos e máximas do agricultor” com diversos conselhos, provérbios e aforismos sobre economia doméstica e agrícola, bem como sobre moral, condutas e comportamentos, às vezes apresentados em forma de versos. Observa-se aqui forte valorização ao trabalho agrícola, como denota o trecho:

Cultivadores ricos, em lugar de fazer d'aquelles de vossos filhos que dão mais esperanças medicos, advogados, mercadores, curas e artistas, fazei-os cultivadores, depois de lhes haver dado uma boa educação preliminar, não de grego e latim, mas dos conhecimentos que teem relação com a cultura da terra! (Cortez, 1910, p. 109-110).

Também de natureza agrícola e doméstica, a edição de 1910 apresenta um amplo capítulo chamado “Instruções agrícolas e receitas úteis aos lavradores”, com 153 seções contendo conselhos e instruções relativas aos trabalhos agrícolas, bem como soluções práticas para o cotidiano. Incluem, por exemplo, orientações sobre cuidados com plantas, terrenos, animais, adubação, controle de pragas, conservação de alimentos, entre outros. A edição de 1897 também apresenta um capítulo de “Instruções agrícolas”, mas bem enxuto, apresentando orientações relativas aos solos, estrumes, regas, vinhas e cuidados com os vinhos. Esta edição inclui o capítulo “Receitas para curar algumas enfermidades dos animais” que fornece em 38 seções receitas e tratamentos veterinários para diversas doenças ou acidentes que afetam os animais domésticos e de criação.

As edições de 1897 e 1910 têm em comum um capítulo sobre a “Arte de descobrir as águas: sem auxilio dos vedores”, no qual são descritas diversas práticas e simpatias para localizar água subterrânea. Apresenta também os horários propícios para essa busca e os métodos de extração da água. Essas instruções remetem à radiestesia, pseudociência baseada na adivinhação, que busca detectar objetos, seres vivos ou elementos naturais, como água, minérios e pedras preciosas, sem o uso de instrumentos científicos.

4.2.6 A Saúde e a Doença

A saúde é uma temática recorrente em todas as edições do Lunário Perpétuo. No almanaque há uma perspectiva de medicina popular, com receitas práticas para a cura de enfermidades a partir de remédios caseiros. Aqui, a saúde encontra forte relação com a astrologia, e os astros muitas vezes podem ditar os rumos da enfermidade, bem como influenciar a cura.

De acordo com Almeida (2012, p. 33), os saberes e práticas de cura do Lunário “se constituem numa compatibilização entre a medicina humoral, hipocrática, galênica e islâmica com a medicina astrológica de origem egípcia”, fortemente influenciada por Hipócrates e Avicena. Conforme a teoria humoral, a saúde era compreendida como consequência de uma combinação harmônica de humores, e a doença era sinal de desajuste, de uma ruptura neste

equilíbrio. Durante séculos, práticas como sangrias, purgas e banhos desempenharam um papel central nos métodos de cura, e o Lunário Perpétuo reflete essa concepção (Almeida, 2012). Além disso, a saúde corporal também dependia de um equilíbrio com a saúde moral e espiritual.

A análise dos capítulos e seções indicam o destaque que o Lunário dava para a temática. A teoria humoral está presente logo nos capítulos iniciais do livro (grupo B do Quadro 6). São indicadas as estações do ano e os ventos propícios à saúde, bem como os que trazem consigo pestilências. Mais adiante, (grupo I do Quadro 6), são apresentados “juízos astronômicos”, isto é, previsões astrológicas para as enfermidades a partir de determinados sinais.

A Figura 19 reproduz o “Juízo astronômico das enfermidades naturais”, uma das maneiras de prognosticar a saúde, que apresenta a previsão do desfecho de uma doença a partir da contagem dos dias desde o início do período canicular até o dia em que a doença teve início. Subtrai-se 36 repetidamente até restar um número, que é então consultado no quadro. As abreviações indicam o prognóstico: m = morte, v = vida, l = doença longa e difícil, ou incerteza caso não haja marcação.

Figura 19 – Juízo astronômico das enfermidades naturais na edição de 1910 do Lunário

JUIZO ASTRONOMICO DAS ENFERMIDADES NATURAES			
m.	1.	Se alguma pessoa cair enferma, e sou-	19.
v.	2.	ber certo o dia em que lhe começou	20.
l.	3.	a enfermidade, è desejar saber o suc-	21.
v.	4.	cesso d'ella, conte os dias que houve-	22.
l.	5.	rem passado desde o dia em que come-	23.
m.	6.	çam os caniculares até o proprio dia em	24.
m.	7.	que lhe começou a enfermidade, con-	25.
l.	8.	tando <i>inclusivè</i> , e d'este numero de dias	26.
v.	9.	se tirará este numero de 36, tantas ve-	27.
m.	10.	zes, quantas se poder tirar e o numero	28.
v.	11.	que ficar, se buscará ao redor d'esta pa-	29.
v.	12.	gina e a letra que se achar defronte	30.
m.	13.	do tal numero, declara o successo da	31.
v.	14.	enfermidade. Deve notar-se que a abre-	32.
l.	15.	viatura <i>m</i> , indica morte; <i>v</i> , vida; <i>l</i> ,	33.
v.	16.	mostra ter longa enfermidade, e tra-	34.
v.	17.	balhosa; e se o numero que defronta não	35.
m.	18.	tiver abreviatura alguma, quer dizer	36.
que estará em duvida se viverá ou mor-			
rerá d'aquella enfermidade: note esta regra o curioso			

Fonte: Cortez (1757, p. 206).

Observa-se que essas seções são permeadas por superstições e credices. A própria edição de 1910 admite isso, em um texto cético que não consta nas edições precedentes:

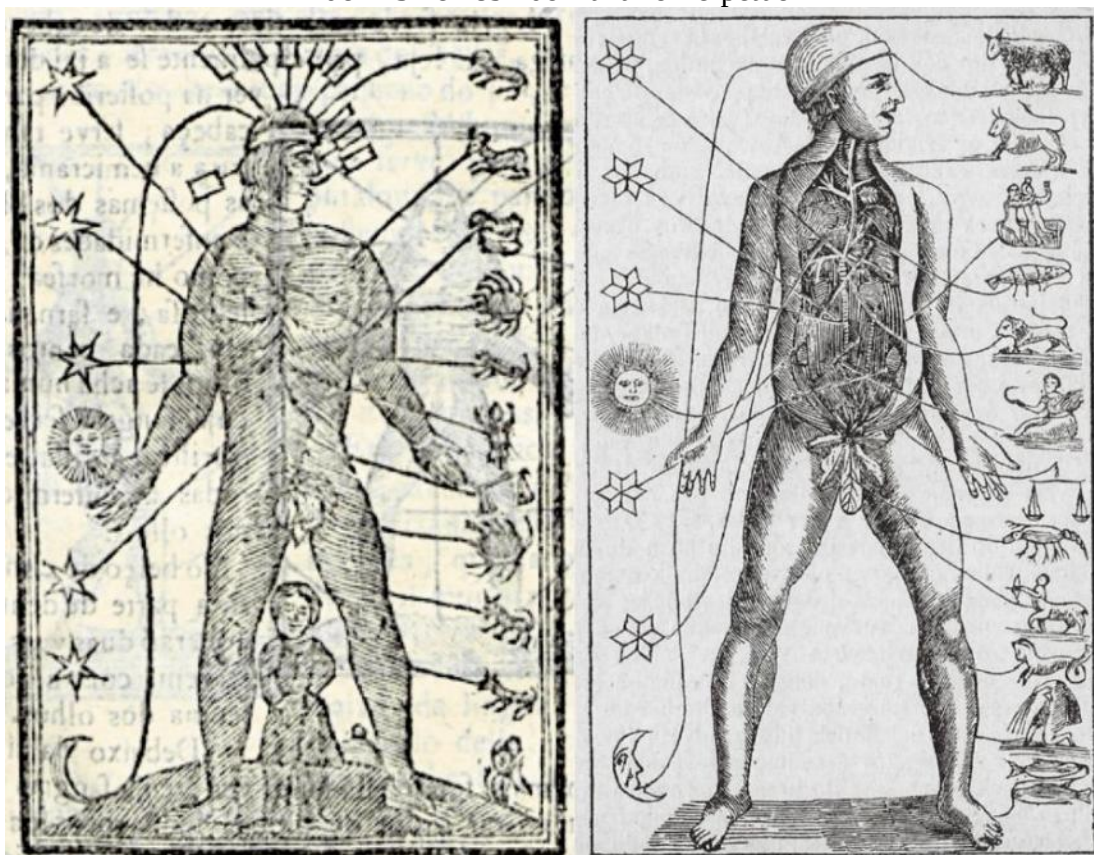
Note esta regra o curioso leitor, mas tenha sempre na lembrança que estes e outros juízos astronomicos, que foram moda e muito acreditados, na antiguidade e sobretudo quando em 1582 Jeronymo Cortez escreveu o LUNARIO, são tão fallíveis no tempo presente, que só as pessoas muito credulas teem n'elles alguma fé (Cortez, 1910, p. 206).

Outra seção realiza o prognóstico das enfermidades pelas fases da Lua. Aqui, deve-se saber o dia que começou a enfermidade e o dia da conjunção perpassada. Sabendo quantos dias são desde a conjunção até o início da enfermidade, deve-se consultar uma lista de 30 dias para ter o prognóstico. Alguns dos 30 prognósticos indicam: “com pouco trabalho brevemente melhorará”; “mostra trabalhosa enfermidade, porém não de morte”; “denota que se dentro de quinze dias não estiver bom, se irá”; “denota que de uma enfermidade cairá em outra”; “trabalhosa enfermidade; porém com cuidado e diligencia cobrará brevemente a saúde” (Cortez, 1910, p. 208-209).

Aqui, admite-se em uma advertência ao leitor a falibilidade do prognóstico astrológico, em uma submissão da astrologia à fé cristã: “note o leitor que ainda que a Lua denote e influa uma cousa não se segue que esta cousa se realice, pois Deus, Nosso Senhor pode ordenar outra mui differente, como tem succedido, e ha de continuar a succeder a cada instante até ao fim do mundo” (Cortez, 1897, p. 199).

Mais adiante, constam capítulos e seções com indicações médicas e astrológicas acerca do tempo que é proveitoso ou danoso para a realização de sangrias, purgas e banhos (grupo J do Quando 6). As edições de 1757 e 1897 apresentam outras seções que expandem os conselhos acerca das sangrias e purgas, ausentes nas edições de 1910 e 2004. Naquelas edições consta uma ilustração (Figura 20), presente com variações ainda nas edições mais antigas espanholas, que representa o corpo humano relacionado aos signos e planetas que têm domínio sobre cada membro. A partir disso seria possível saber para que período as sangrias e purgas seriam proveitosas ou prejudiciais para cada membro do corpo.

Figura 20 – Membros do corpo humano e os signos e planetas que os dominam nas edições de 1757 e 1897 do *Lunário Perpétuo*



Fonte: Cortez (1757, 1897).

Em sequência, consta um capítulo recorrente em todas as edições intitulado “Regimento de saúde muito útil e necessário para conservar e alargar os dias da vida”, com conselhos e indicações de saúde corporal e moral, de higiene e de bem-viver a partir da medicina de Avicena. O texto recomenda a temperança ao comer e beber, bem como práticas como lavar o rosto com água fria ao acordar, pentear os cabelos para evitar humores crassos, escovar os dentes para prevenir doenças e humores corruptos, praticar exercícios matinais e moderar o sono diurno.

Desaconselha os cuidados em demasiado (que diminuem e abreviam os dias de vida), mudanças repentinas de dieta e hábitos, consumo excessivo de vinho e carnes vermelhas, bem como de atividades sexuais em excesso. O capítulo inclui provérbios e versos em latim que ressaltam a relação entre hábitos saudáveis e longevidade, citando Avicena, Hipócrates, Plínio, Palladio, Galeno e a Bíblia. O texto reflete uma mentalidade médica que mescla ciência, moral religiosa e filosofia para orientar um estilo de vida equilibrado e saudável.

Ainda sobre saúde, as edições de 1897, 1910 e 2004 apresentam um amplo inventário de plantas e ervas medicinais, no capítulo “Virtudes medicinais de algumas plantas, frutos e

sementes de Portugal” (Cortez, 1910, 2004) ou “Aplicação medicinal de algumas plantas, frutos e sementes que se encontram nos campos” (Cortez, 1897). A edição de 1897 apresenta 93 verbetes (sendo 15 remissivas), enquanto as edições de 1910 e 2004 apresentam 165 verbetes (27 remissivas), em uma diversidade de plantas, frutos, vegetais, hortaliças, cereais, etc. e suas propriedades de cura. A edição de 1897 inclui o capítulo “Doenças que se podem curar com as diversas plantas, frutos e sementes”, que contém um inventário de 110 doenças cujas curas são remetidas às plantas do capítulo anterior.

São apresentadas as propriedades medicinais de plantas como abóbora, açafrão, alecrim, alface, alho, arruda, café, camomila, cebola, dente-de-leão, figo, erva-cidreira, funcho, hortelã, linhaça, mamona, manjerição, manjerona, mostarda, oliveira, ópio, orégano, papoula, polvilho, repolho-roxo, tomilho, uva, zimbro, entre outros. Incluem o modo de preparo e a posologia para as enfermidades. Um exemplo é o verbete sobre o marroio branco (*Marrubium vulgare*):

Marroio branco – Planta que a medicina considera como tónica e estimulante e a emprega contra a inflamação dos pulmões e para promover a menstruação.
 Chá: Folhas ou flores de marroio branco 2 gram. (meia oitava).
 Água fervendo 250 gram. (meio quart.)
 Infunde por meia hora, cõe e tome, adorado, de uma vez (Cortez, 1910, p. 270).

A edição de 1910 realiza outro amplo inventário de doenças em 444 verbetes (sendo 97 remissivas), oferecendo para cada enfermidade orientações sobre tratamento e cura, incluindo receitas de remédios caseiros. São apresentadas soluções para condições como asma, aftas, azia, inflamações, caspa, câimbra, cólicas, constipação, delírio alcoólico, dor de barriga, dor de cabeça, febres, feridas, gases, gastrite, gonorreia, gota, histerismo, indigestão, insônia, lombrigas, ninfomania, obesidade, palpitações, pesadelos, queda de cabelo, queimaduras, rinite, sífilis, sonambulismo, tuberculose, tosse, úlceras, unhas encravadas, entre outros. As edições de 1757 e 1897 possuem um capítulo equivalente, intitulado “Remédios universais para enfermidades ordinárias por Carlos Estevão e João Lihaut, médicos da cidade de Paris”, que contam com 76 e 77 verbetes de doenças, respectivamente. A edição de 2004 não apresenta um capítulo correspondente.

Capítulos de primeiros socorros também constam na edição de 1910. Aqui são apresentados os sintomas e as instruções de tratamento às pessoas afogadas, asfixiadas por diferentes gases ou envenenadas por diversas substâncias (por plantas, cogumelos, alimentos contaminados, ácidos, compostos químicos etc.). Indica também como tratar a pessoa infectada pela mordida de cães com raiva e informa sobre os modos de descobrir se cães, gatos, cavalos, bois, carneiros e porcos estão infectados pela doença. Em comum com a edição de 1897,

apresenta ainda como curar a mordida ou picada de insetos, aracnídeos e cobras venenosas, além dos já referidos socorros às pessoas afogadas. Observa-se que a edição de 1910 e em menor nível a de 1897 têm características que as aproximam de enciclopédias e manuais de instruções, devido aos amplos inventários de plantas medicinais, doenças, primeiros socorros e instruções práticas do dia a dia na agricultura e no lar.

4.2.7 O Lar

A economia doméstica é um conjunto de práticas e saberes relacionados à administração do lar e à organização da vida familiar. Envolve a gestão do orçamento doméstico, nutrição, higiene, culinária, relações interpessoais e cuidados com a casa. No *Lunário Perpétuo*, diversos conselhos e instruções práticas auxiliam no cotidiano doméstico, oferecendo orientações sobre a conservação de alimentos e mantimentos, a higiene pessoal, a limpeza da moradia, o controle de pragas, a realização de consertos e reparos, além da administração financeira do lar.

A perspectiva de medicina popular presente no almanaque se baseia fortemente no uso de remédios caseiros, preparados a partir de plantas com propriedades medicinais comuns em hortas domésticas. A “ciência de almanaque” é descrita por Eça de Queirós (2011, p. 282) como uma ciência caseira e útil, que além de curar as enfermidades cotidianas, “arregaça as mangas, e imediatamente, cantarolando, esfrega os tachos, limpa os candeeiros, reaviva as pinturas antigas, reverdece as flores murchas, emudece as portas que rangem, recola o verniz que lascou”.

Os conselhos de higiene e de temperança na alimentação e bebida, presentes no capítulo baseado na medicina de Avicena, o “Regimento de saúde muito útil e necessário para conservar e alargar os dias da vida” (grupo J do Quadro 6) se relacionam com a manutenção de um lar equilibrado, refletindo os princípios da economia doméstica.

A temática encontra predominância nos capítulos das edições de 1910 e 2004 denominado “Preceitos e máximas do agricultor” e da edição de 1910 intitulado “Instruções agrícolas e receitas úteis aos lavradores”. Apesar de remeterem aos agricultores, os capítulos oferecem conselhos e receitas práticas aplicáveis ao lar. A mescla entre os conselhos sobre agricultura e cuidados com a casa sugere um cotidiano doméstico no campo, indicando que o *Lunário* se dirige principalmente ao camponês. Afinal, os períodos históricos em que o almanaque encontrou maior circulação foram nos contextos da pré-urbanização, em que a maioria da população habitava no campo.

O capítulo “Preceitos e máximas do agricultor”, que reúne provérbios, aforismos e versos com conselhos de ordem moral e comportamental, apresenta uma seção denominada “Economia doméstica e agrícola”. Aqui, são dados conselhos sobre o gerenciamento das finanças, a convivência familiar e com os criados, o trato com os animais domésticos e a temperança no consumo de bebidas. A preguiça e a fadiga são criticadas, e o trabalho é exaltado como uma prática que dignifica o homem.

Acerca da economia financeira, aconselha: “Sê economico. – Mas olha que a economia está em gastar tudo o que é necessário, e nada do que é superfluo. A economia é a primeira qualidade do agricultor – do que é rico para não empobrecer – do que é pobre para não morrer de miseria. Quem guarda, acha” (Cortez, 1910, p. 102). Sobre a contabilidade das finanças, alerta: “Sem contabilidade não ha empresa agricola que seja regular. Lavoura sem contas é navio sem agulha. Conta de sacco é conta de pouco mais ou menos: é a ruina do lavrador” (Cortez, 1910, p. 100). Em relação à bebida, adverte: “Dize! – O que has de gastar na taberna não é melhor gastal-o em casa? E o tempo que alli perdes não vale mais ganhal-o na horta? Maldita taberna! que é o sumidouro do teu dinheiro, e do teu tempo, que é mais que o dinheiro, e da tua saude, que é mais que o tempo!” (Cortez, 1910, p. 103).

Como guia de conduta social, aconselha o leitor para que seja “prudente, activo, perseverante e economico. Amae a vossa familia, para que ella vos ame a vós; e para que vos ajude contente nas lides agrarias, e nos desgostos domésticos” (Cortez, 1910, p. 100). Quanto aos patrões, avisa que “se tratares os teus criados como teus companheiros, com bondade e sem altaneria; e não como escravos, com imperio e dureza, elles te olharão como seu pae, e não como seu tyranno. E então trabalharão com gosto; isto é, trabalharão bem e dobrado” (Cortez, 1910, p. 100). Aconselha ainda um tratamento digno aos animais domésticos e do campo:

Trata bem o teu cão, que é o sentinella do teu casal – o teu cavallo, que são as tuas pernas – as tuas juntas de bois, que são a força do teu braço – os teus gados, que são, depois de Deus, a tua providencia – todos os teus animaes, que são ou os companheiros dos teus trabalhos, ou os fornecedores da tua casa, – e até mesmo o teu gallo, que é o teu despertador e o relógio da aldeia (Cortez, 1910, p. 100).

O capítulo “Instruções agrícolas e receitas úteis aos lavradores”, um inventário de 153 seções com conselhos e instruções diversas, apresenta soluções práticas para o cotidiano do lar. Elas incluem métodos para preservar alimentos, como carne, ovos e manteiga, além de técnicas para limpar utensílios e móveis. Há também sugestões sobre cuidados pessoais de higiene e beleza, como pomadas para tingir os cabelos ou fazê-los crescer. Apresenta dicas para lidar com pragas, como ratos, percevejos, traças e caracóis. A conservação de objetos e a remoção de

manchas de diferentes substâncias também são detalhadas, oferecendo soluções para manter a casa e os pertences em bom estado.

4.2.8 A Religião

Desde suas origens, os almanaques no Ocidente mantêm uma estreita ligação com a religião cristã. O almanaque, assim como o calendário, é considerado por Le Goff (2021) como um objeto religioso, associado a crenças e observações astronômicas. Organizando o tempo e coordenando a vida pública por meio das datas litúrgicas e festividades religiosas, os almanaques e calendários funcionam como um dispositivo de poder, tanto estatal quanto religioso. Além disso, desempenham um papel de dispositivo pedagógico, com a função de cristianizar e transmitir valores religiosos aos leitores.

A religião permeia todo o conteúdo do *Lunário Perpétuo*, que reflete uma visão de mundo judaico-cristã. Ao longo de suas páginas, encontram-se citações de versículos e capítulos bíblicos, referências a Deus, a Jesus Cristo, seus apóstolos, santos e mártires. Episódios bíblicos são narrados, tanto do Antigo Testamento quanto da vida de Cristo no Novo Testamento. A obra apresenta uma cosmogonia judaico-cristã, que vê o universo como uma criação divina, e evidencia as marcas deixadas pela censura da Inquisição, com as ênfases no preceito do livre-arbítrio. A história da Igreja Católica é abordada, principalmente, por meio de dados biográficos sobre os pontífices. O *Lunário* também inclui orações, ladainhas, o calendário eclesiástico e hagiológico, além das festividades cristãs, que estruturam e orientam a organização do almanaque.

Já na primeira seção dos capítulos iniciais da obra (grupo B do Quadro 6) a cosmogonia tem presença. Afirma-se que o mundo foi “criado” no outono, pelo mês de setembro, ou no equinócio vernal, pelo mês de março. O mundo teria aproximadamente 6 mil anos, conforme os hebreus. O tempo histórico se dividiria em três partes, a partir dos acontecimentos bíblicos: o tempo da Lei natural, que durou até a Lei da Escritura registrada por Moisés, durando 2.513 anos; o tempo desta até o nascimento de Jesus Cristo, que durou 1.491 anos; e o tempo deste até a atualidade. As seções seguintes, que explicam as divisões do tempo (anos, meses, semanas, dias e horas) são contextualizadas não só pela ótica da ciência, astrologia e astronomia, mas também de acordo com a Bíblia e a Igreja Católica. No texto sobre a unidade de tempo que é o dia, por exemplo, explica-se que “a Igreja [...] começa o dia da meia noite, porque n’aquella hora nasceu seu Esposo, e Redemptor nosso, Jesus Christo” (Cortez, 1910, p. 15).

As festas religiosas fixas e móveis regulam o tempo pelo rito, em um entrecruzamento entre o tempo regular e o tempo cíclico da tradição (Le Goff, 2021). O Lunário define: “festas mudaveis são aquellas que a Santa Igreja Catholica manda celebrar em determinados dias da semana, e com relação ás luas: todas as mais são invariaveis, ou nos mesmos dias de cada mez” (Cortez, 1910, p. 45). No calendário litúrgico católico, as festas móveis são calculadas em relação à data da Páscoa. Elementos como o áureo número, as letras dominicais, letras epactais e letras do martirológio auxiliam na definição do dia do mês em que cairão as festas móveis e o dia da semana em que cairão as festas fixas a cada ano.

As principais festas móveis elencadas no Lunário são o Advento, a Septuagésima, a Quarta-feira de Cinzas, a Páscoa da Ressurreição, as Ladainhas, a Ascensão, o Pentecostes, a Santíssima Trindade, o Corpus Christi e o Santíssimo Coração de Jesus. A edição de 1897 apresenta uma seção detalhada para cada data, explicando seu significado na fé cristã. São abordados também os rituais associados ao calendário litúrgico, como as quatro têmporas (os quatro períodos de jejum no ano) e as velações ou benções matrimoniais.

A edição de 1910 apresenta um quadro que orienta sobre uma das maneiras de descobrir as datas das festas móveis de qualquer ano. Primeiro, deve-se consultar o áureo número e a letra dominical do ano, e com isso descobrir a data da Páscoa. A partir disso, conta-se quantos dias há entre uma data móvel e a Páscoa, lembrando que a Septuagésima e a Quarta-feira de Cinzas são antes e as demais datas depois da Páscoa (Figura 21).

Figura 21 – Modo de achar as festas móveis pelo calendário na edição de 1910 do Lunário Perpétuo

Da Paschoa á Septuagesima vão	64 dias
Da Paschoa á Cinza vão.....	47 dias
Da Paschoa ás Ladainhas vão	37 dias
Da Paschoa á Ascensão vão.....	40 dias
Da Paschoa ao Espirito Santo vão	50 dias
Da Paschoa á Santissima Trindade vão.....	57 dias
Da Paschoa ao Corpo de Deus vão	61 dias
Da Paschoa ao Santíssimo Coração de Jesus	69 dias

Fonte: Cortez (1910, p. 48).

Seguindo também um calendário hagiológico, os capítulos relativos aos doze meses do ano (grupo C do Quadro 6) apresentam os dias dos santos e as principais festas fixas (Figura 22).

Figura 22 – Calendário para o mês de janeiro na edição de 1897 do Lunário Perpétuo

Epactas	Let. dom.	Dias do mes	JANEIRO  31 dias
*	A	1	✠ Circumcisão do Senhor.
29	B	2	S. Izidoro, B.; e M.
28	C	3	S. Anthero, P. M.
27	D	4	S. Gregorio, B.; S. Tito.
26	E	5	S. Simeão Estylita.
xxv. 25	F	6	✠ Dia de Reis.
24	G	7	S. Theodoro, monge.
23	A	8	S. Lourenço Justiniano.
22	B	9	* S. Julião, M.
21	C	10	S. Paulo, S. Gonç. d'Amarante.
20	D	11	S. Hygino, P. M.
19	E	12	S. Satyro, M.
18	F	13	S. Hilario, B.
17	G	14	* S. Felix, M.
16	A	15	* S. Amaro.
15	B	16	Os Ss. Martyres de Marrocos.
14	C	17	S. Antão, ab.
13	D	18	A cadeira de S. Pedro em Roma.
12	E	19	S. Canuto, Rei de Dinamarca.
11	F	20	* S. Sebastião, M.
10	G	21	Jej. S. Ignez, V. M.
9	A	22	✠ S. Vicente, M.
8	B	23	S. Ildefonso, B.
7	C	24	Nossa Senhora da Paz.
6	D	25	Conversão de S. Paulo.
5	E	26	S. Polycarpo, B. M.
4	F	27	S. João Chrisostomo.
3	G	28	S. Cyrillo.
2	A	29	S. Francisco de Salles.
1	B	30	S. Martinha, V. M.
*	C	31	S. Pedro Nolasco; S. Cyro.

Fonte: Cortez (1897, p. 53).

Como já abordado, o discurso religioso com frequência entra em conflito com o discurso astrológico. As previsões astrológicas deviam preservar o livre-arbítrio dos indivíduos e estarem submetidas à vontade divina, o que é advertido ao leitor em trechos diversos. Nesse sentido, consta nas edições de 1757 e 1897 uma seção intitulada “Conselhos saudáveis e máximas utilíssimas para conservar a saúde e prolongar a vida”. Esta seção atenta para a falibilidade dos prognósticos astrológicos e indica que a onipotência de Deus é superior a qualquer predição. Por isso indica aos leitores que recorram a Deus e aos santos em orações para que suas necessidades sejam remediadas e seus desejos atendidos. O trecho inicial da edição de 1897 ilustra esse pensamento:

Já que temos exposto a nossa opinião a respeito da influencia mais ou menos efficaz que cada signo ou planeta póde exercer na compleição das pessoas segundo a humorisação ou constituição physica de cada uma, protestamos de novo que estas opiniões, sem embargo de serem fundadas em observações medicas e astronomicas de auctores de nomeada, não devem tomar-se como regras certas e infalliveis, senão como conjecturas humanas que podem ser falliveis e sujeitas sempre á vontade omnipotente de Deus Nosso Senhor. Feita esta declaração, e contando com a conformidade christã do leitor, vamos dar-lhe agora um meio segurissimo de conseguir o remedio de suas necessidades, e o goso de seus desejos, suppondo que

elles são accordes com a razão e a justiça: este meio é o recorrer a Deus Nosso Senhor, invocando a intercessão dos seus santos (Cortez, 1897, p. 208-209).

Segue então com o conselho de que o leitor pratique a oração aos santos para a solução de seus problemas. O texto recomenda que os leitores invoquem o Santo Antonio de Lisboa, “tanto para acharem as coisas perdidas, como para qualquer outra afflicção ou desgraça, bem entendido que o devem fazer sempre com coração recto, com verdadeira fé e confiança por meio das orações approvadas pela egreja” (Cortez, 1897, p. 209). Em seguida, é reproduzida a oração do santo. Afirma-se também que “o que temos dito do bemaventurado Santo Antonio podemos igualmente dizer do glorioso patriarcha S. José, de S. Vicente Ferrer, de Santa Rita, de S. Francisco de Paula, e de todos os mais santos a quem o Senhor concede os effeitos do seu poder” (Cortez, 1897, p. 210).

A seção, por fim, afirma que a obrigação de recorrer a Deus nas extremas necessidades da vida não nos impede “de empregar os meios racionaes que tenhamos ao nosso alcance, e com relação ás doenças corporaes será bom experimentar as regras que pessoas dotas e estudiosas nos hão deixado em beneficio nosso, e para nosso governo” (Cortez, 1910, p. 211). O discurso religioso se soma, portanto, ao discurso médico racional.

Mais adiante, no almanaque, apresenta-se um longo capítulo, presente em todas as edições, com uma lista de feitos de todos os papas em favor da Igreja Católica (grupo M do Quadro 6). Alguns aspectos diferenciam as edições: a de 1757 e a de 1910 apresentam feitos desde o primeiro papa, São Pedro, até o papa Gregório XIII (1502-1585). A edição de 1897 expande a lista, indo até os feitos do então atual papa, Leão XIII (1810-1903). A edição de 2004 continua a expansão, indo até o papa João Paulo II (1920-2005), mas muda a sua forma, apresentando-se como uma lista dos papas, com dados biográficos mais detalhados e seus maiores feitos.

Este grupo de capítulos de natureza religiosa cristã é complementado por outras seções nas edições de 1757 e 1897, excluídas nas de 1910 e 2004. São as seções “Tratado e virtude do Agnus Dei”, “Virtudes do Agnus Dei” e “Notícia de algumas coisas particulares que a Majestade de Deus Nosso Senhor obrou pelos 7 dias da semana”. Este último apresenta os sete dias da semana, relacionando-os aos dias da criação do mundo por Deus, bem como acontecimentos da vida de Jesus Cristo, de acordo com a Bíblia.

4.2.9 O Lúdico

O lúdico tem historicamente o seu lugar nos almanaques. Caracteriza-se como aquilo que envolve brincadeiras, jogos, diversão, recreação e relaciona-se com o lazer. Como veículo da cultura popular, nos almanaques o lugar do riso é garantido (Casa Nova, 1996). O estudo de Pellegrini Filho (2009) sobre comunicação popular escrita observa que no conteúdo das mensagens ocorrem duas constantes universais nos diversos povos e regiões: a religiosidade e a jocosidade. A pesquisa sobre almanaques de farmácia de Casa Nova (1996) atesta que no almanaque o lazer é o jogo, o passatempo, a carta enigmática, a piada, a anedota, a curiosidade.

O almanaque alterna o peso da informação científica séria, da moral cívica e religiosa, dos tecnicismos das práticas de saúde e de agricultura com a leveza do riso. Como afirma Bakhtin (2010, p. 105), o sério e o cômico são os dois aspectos do mundo que coexistem e se refletem mutuamente. “O verdadeiro riso, ambivalente e universal, não recusa o sério, ele purifica-o e completa-o. [...] O riso impede que o sério se fixe e se isole da integridade inacabada da existência cotidiana”.

O Lunário Perpétuo caracteriza-se por um tom mais sério do que, por exemplo, os almanaques de farmácia e de variedades do século XX. O espaço para o lúdico e para o lazer não foi identificado em todas as edições do corpus documental estudado. Ele se destaca especificamente nas edições de 1910 e 2004, da editora Chardron/Lello, refletindo a leveza característica dos almanaques mais recentes dos séculos XX e XXI.

O capítulo “Preceitos e máximas do agricultor”, presente nas edições de 1910 e 2004, apresenta algumas máximas e versos de conselhos com tom cômico. Isso pode ser observado nos versos:

As águas dos nossos rios,
Que ao mar vão por nosso mal,
Valem inda mais que as rendas
Do fisco de Portugal (Cortez, 1910, p. 109).

Os provérbios e ditos populares, por sua natureza criativa e frequentemente irreverente, relaciona-se com o lúdico nesse lugar de lazer. Costumam carregar ironias, trocadilhos ou observações cômicas sobre a vida. Os versos muitas vezes apresentam rimas e sonoridades, sendo de fácil memorização e recitação, relacionando-se com o divertimento.

O lúdico está presente também na leitura como lazer. Entre os conselhos do capítulo, a leitura é valorizada. Afirmar que “um bom livro é uma excelente companhia” (Cortez, 1910, p. 103). Relacionando a leitura ao prazer e à sabedoria, e ainda refletindo a prática de leitura oral e compartilhada no seio do lar, oferece o seguinte conselho:

Que os teus filhos saibam lêr, para se aconselharem com os bons livros, que aconselham bem e de graça! – Como não é agradável, reunida a família em torno do lar, em longa noite de inverno, ouvir com curiosa atenção a historia dos santos patriarchas, a narração das proezas de nossos honrados e valentes paes, a exposição de praticas agricolas, melhores do que as vossas, e mesmo a leitura d’estas linhas que vos estou dedicando! Fazei, bons lavradores, fazei com que vossos filhos saibam lêr, escrever e contar; porque esta é a primeira porta do saber (Cortez, 1910, p. 103).

No que diz respeito à recreação e ao jogo, a edição de 1910 apresenta o capítulo “Vários jogos de cartas: modo de compor o baralho para fazer alguns jogos”, uma seção recorrente nas edições do Lunário da Chardron/Lello. Embora já ausente na edição de 2004, um exemplar de 1980 ainda preserva a seção (Cortez, 1980). Inicialmente, o capítulo fornece instruções sobre como compor o baralho para realizar determinados jogos. Em seguida, são apresentados vinte jogos de entretenimento, adivinhação e enigma com baralhos. Algumas dessas atividades envolvem a previsão de cartas escolhidas por outros jogadores. A diversidade de jogos evidencia o caráter lúdico desses passatempos, promovendo tanto o divertimento quanto o exercício da lógica.

5.3 ATORES

A análise bibliográfica das edições do Lunário Perpétuo (Apêndices A e B) e o exame de frontispícios e outros elementos pré-textuais dos exemplares permitiram identificar alguns dos atores envolvidos na produção da obra. Para além do autor original, Jerónimo Cortés, foram identificados editores, impressores, tradutores, organizadores, ilustradores, censores (com os expurgos da Santa Inquisição) e outros atores que revisaram, acrescentaram ou excluíram partes da obra, nos contextos espanhol, português e brasileiro. Sabe-se também que outros atores anônimos foram responsáveis pela circulação e apropriação do Lunário Perpétuo: são livreiros, comerciantes, vendedores ambulantes, bibliotecários, leitores, ledores, ouvintes de leituras orais, além de estudiosos e criadores de releituras ou obras inspiradas no almanaque.

As primeiras edições encontradas do Lunário Perpétuo, do final do século XVI, concentram-se nas cidades espanholas de Valência, Barcelona, Madrid e Alcalá de Henares. Valência, região de origem de Jerónimo Cortés, sediou a edição inaugural do livro em 1594, publicada pelos herdeiros de Joan Navarro, seguida de uma segunda edição da mesma casa, em 1596 (Cortez, 1594, 1596). A terceira edição foi impressa em 1598 em Valência, por Juan Crisóstomo Garriz, e, no mesmo ano, em Madrid, por Pedro Madrigal às custas (“*a costa*”) de Juan de Sarria (Cortez, 1598a, 1598b). Alcalá de Henares aparece com uma edição publicada

por Juan Gracián, em 1600 (Cortes, 1600a). Há registros de três edições de Barcelona produzidas por impressores não identificados (Cortes, 1598c, 1599, 1600b).

No século XVII, as cidades com maior concentração de edições são Valência e Barcelona, seguidas por Saragoça e Alcalá de Henares, revelando a distribuição geográfica da produção e circulação do Lunário no período. Dentre as edições identificadas, o impressor mais recorrente é Sebastián de Cormellas, de Barcelona, com seis edições (Cortés, 1625, 1629, 1634, 1638, 1646 e 1660a). Em Valência, novamente Juan Crisóstomo Garriz se destaca com quatro edições (Cortés, 1603, 1604b, 1607b e 1616), além de uma quarta, em 1650, publicada por seus herdeiros em uma impressão às custas de Juan Sonsoni (Cortés, 1650). Na cidade, Jerónimo Villagrasa imprimiu duas edições (Cortés, 1660b, 1663a), assim como Juan Lorenzo Cabrera, uma de 1663 às custas de Francisco Duarte, e outra de 1672 (Cortés, 1663b, 1672). Benito Macé (Cortés, 1665a) e Jaime Bordazar (Cortés, 1699) produziram uma edição cada, e há registros de duas outras edições por impressores valencianos não identificados (Cortés, 1613b, 1678).

De Alcalá de Henares, Juan Gracián produziu duas edições (Cortés, 1606, 1614a), e sua viúva imprimiu outras duas (Cortés, 1617, 1618). Em Saragoça, Angelo Tavano imprimiu duas edições (Cortés, 1605a, 1607a), e Pedro Cabarte uma em 1613 às custas de Juan de Bonilla e outra em 1622 (Cortés, 1613a, 1622). Em Barcelona, Jerónimo Margarit publicou duas edições (Cortés, 1614b, 1628) e outras foram publicadas por Antonio Lacavalleria (Cortés, 1670) e Joseph Forcada (Cortés, 1681). Em Madrid, Pedro Madrigal realizou uma impressão às custas de Miguel Martinez (Cortés, 1601), e em 1695 outra edição foi produzida pela Imprenta Real às custas dos herdeiros de Gabriel de León (Cortés, 1695). Outros impressores responsáveis por edições foram os saragoçanos Lorenzo de Robles (Cortés, 1604a) e Diego Dormer (Cortés, 1665b), os sevilhanos herdeiros de Tomás de López de Haro (Cortés, [1700]), além de alcalaínos não identificados em três edições (Cortés, 1605b, 1612, 1697).

O século XVIII consolida Barcelona e Madrid como os principais polos editoriais do Lunário Perpétuo e marca sua expansão para Portugal, especialmente em Lisboa. Em Barcelona, destacam-se com três edições a Imprenta de María Ángela Martí (ou M. A. Marti), (Cortez, 1760; Cortés, 1768a, [1793]), a Imprenta dos herdeiros de Juan Jolis (Cortés, 1764a, 1768b, 1769c) e o impressor Joseph Giralt (Cortés, 1713b, [ca. 1742], 1750). Outros impressores na cidade foram A. Marti (Cortés, 1708), Juan Pablo Marti (Cortez, 1713a), Tomas Piferrer (Cortez, [1790]), Juan Francisco Piferrer (Cortez, [1793?]) e Pablo Campins (Cortés, [1756?]), além de um impressor não identificado (Cortés, 1788).

Em Madrid, o Lunário foi impresso por Antonio Gonçalves de Reyes (Cortez, 1715), Francisco Martinez Abad (Cortez, 1722), Balvas (Cortez, 1728), Don Pedro Joseph Alonso y

Padilla (Cortes, 1747a), Juan Mena (Cortés, 1747b), Joachim Ibarra (Cortés, 1759), D. Manuel Martin (Cortes, 1769b), Martin (Cortés, 1779) e Antoni Sanz, impressor do Real Consejo de Castilla (Cortes, [1741]), além de um impressor não identificado (Cortés, 1787). Em Sevilha, constam edições de Jose Antonio de Hermosilla (Cortés, [ca. 1727]) e da Imprenta Real de Don Diego Lopez de Haro (Cortès, 1745). Outras impressões ocorreram em Valência, por Antonio Bordazar (Cortés, 1709), em Valladolid, por Thomas de Santander (Cortes, 1769a), e em Vic, por Joseph Tolosa (Cortes, [1764]).

Já em Portugal, a primeira edição traduzida para o português foi publicada na Officina de Miguel Manescal da Costa, em Lisboa, em 1703, seguida por outra na mesma casa em 1749 (Cortez, 1703, 1749). Ainda em Lisboa, Filippe de Souza Villela imprimiu uma edição em 1726, Domingos Gonsalves outra em 1757 e Francisco Borges de Sousa, em 1768 (Cortez, 1726, 1757, 1768). Em Coimbra, Joseph Antunes da Sylva realizou uma impressão em 1730 (Cortez, 1730) e, no Porto, Francisco Mendes Lima publicou outra em 1764 (Cortes, 1764b). Uma edição não teve a cidade, ano e impressor identificados (Cortez, [17--]).

No século XIX, Barcelona, Madrid e Lisboa mantiveram-se como os principais polos editoriais do *Lunário Perpétuo*. Observou-se ainda um aumento numérico de edições em Valladolid, Málaga, Porto e mesmo Paris, na França, além de uma edição do outro lado do oceano Atlântico, no Rio de Janeiro, marcando a difusão da obra para além do contexto europeu. Em Barcelona, sobressai a família Saurí entre os impressores da obra: a Imprenta de D. Manuel Saurí publicou duas edições, em 1841 e 1848. Após seu falecimento, a viúva e o filho deram continuidade ao ofício, com uma edição de 1856 pela Imprenta de la Sra. Viuda de Sauri e Hijo; posteriormente, o filho, também chamado Manuel Saurí, lançou mais duas edições, em 1878 e 1888 (Cortés, 1841, 1848, 1856a, 1878, 1888). Ainda na cidade, José Ribet imprimiu duas edições (Cortéz, 1844; Cortés, 1845), assim como José Tauló (Cortés, 1852, 1857) e Miguel y Jaime Gaspar (Cortés, 1837b, 1842). Outros impressores barceloneses incluem Valero Sierra y Martí (Cortes, 1823), a viúva e filho de Sierra (Cortés, [18--]), Don Juan Francisco Piferrer (Cortés, 1836), Oliva (Cortés, 1837c) e Estevan Pujal (Cortés, 1855a).

Em Madrid, destaca-se a viúva de Barco, com três edições (Cortés, 1813b, 1814, 1820a), Manuel Minuesa com duas (Cortes, 1856b, 1859b), além de D. Julian Viana Razola (Cortés, 1837a), e Saturnino Calleja, cuja edição, sem data exata, foi publicada entre 1876 e 1915, período de atividade da editora (Cortés, [entre 1876 e 1915]). Em Málaga, a Imprenta y Librería de Martinez de Aguilar produziu três edições (Cortes, 1847, 1849, 1859c). Já em Valladolid, merece destaque a Imprenta de Roldán, com duas edições de 1813 e 1820, seguido pela Imprenta da viúva de Roldán, com edição de 1840 (Cortés, 1813a, 1820b, 1840). A Imprenta

de D. Juan de la Cuesta publicou duas edições, em 1855 e 1859, e sua viúva e filhos deram sequência com a Imprenta y Librería Católica de la Viuda de Cuesta e Hijos, responsável por uma edição em 1894 (Cortés, 1855c, 1859a, 1894). Ainda na cidade, houve publicações por Don Fernando Santaren (Cortés, 1864), Julian Pastor (Cortés, 1865) e impressor não identificado (Cortés, 1887). Também Málaga e Granada possuem registros de edições por produtores desconhecidos (Cortés, 1855b, [1890?]).

Em Portugal, a Typographia de José Baptista Morando tem preponderância entre os impressores, com quatro edições em Lisboa (Cortez, 1822, 1852, 1857, 1861). A Typographia de Mathias José Marques da Silva figura com três edições (Cortez, 1840, 1850b, 1858), e a Livraria de Antonio Maria Pereira, com duas (Cortez, 1876, 1897). O livro também foi publicado na cidade pela Officina de Joaquim Thomaz de Aquino Bulhões (Cortez, 1805), Imprensa Régia (Cortez, 1820), Casa da viúva Bertrand e filhos (Cortez, 1866b) e Officina de Domingos Gonsalves (Cortez, 1847), que já havia produzido outra edição noventa anos antes. No Porto, foi publicada pela Typographia do Jornal do Porto (Cortez, 1863), pela Casa de António Rodrigues da Cruz Coutinho Editor (Cortez, 1877b) e pela Chardron (Cortez, 1895). Outra edição portuguesa não teve a cidade, ano e impressor identificados (Cortez, [18--?]). Já em Paris, a editora Rosa y Bouret, em suas variadas denominações (Rosa; Librería de Rosa, Bouret y Cia; Rosa y Bouret; Bouret e Hijo), publicou cinco edições do Lunário (Cortez, 1842, 1850a, 1856, 1866a, 1877a). Os editores Garnier também produziram duas edições francesas, de 1868 e 1893 (Cortés, 1868, 1893). No Brasil, os editores Eduardo e Henrique Laemmert publicaram uma edição em 1848, no Rio de Janeiro (Cortez, 1848).

Nos séculos XX e XXI, a publicação do Lunário Perpétuo manteve-se ativa sobretudo em Portugal, enquanto na Espanha observa-se um declínio significativo no número de edições. No contexto espanhol, identificam-se apenas duas edições originais em 1904: uma em Barcelona, impressa por Francisco Sabater, e outra em Madrid, por impressor não identificado (Cortés, 1904a, 1904b). A partir do final do século XX, verifica-se uma transição das impressões tradicionais para edições fac-símiles, refletindo um interesse mais voltado para o valor histórico e documental do almanaque. Nesse contexto, surgem novas edições espanholas: duas em Valladolid, uma pela editora Ámbito (Cortez, [1985]) e outra pela Maxtor (Cortés, 2003); uma em Madrid, publicada pela Espasa-Calpe (Cortez, 1991); e duas em Valência, lançadas pelas Librerías Paris-Valencia (Cortés, 1992, 1997). Fora da Espanha, destaca-se uma edição fac-símile mexicana, provavelmente de 1972, pela Ediciones Kabir (Cortez, [1972?]). Nos Estados Unidos, o Lunário Perpétuo foi publicado em cinco edições fac-símiles: pela Nabu Press (Cortés, 2012), Wentworth Press (Cortés, [2018]) e Legare Street Press (Cortés, [2022a],

[2022b], [2023]). No Reino Unido, também foram lançadas edições pela Hadean Press (Cortés, 2017) e Forgotten Books (Cortés, 2019).

Durante esse período, Portugal preservou de forma mais contínua a tradição editorial do *Lunário*, especialmente em Lisboa e no Porto. Na capital, a Parceira Antonio Maria Pereira publicou quatro edições (Cortez, 1912, 1921, 1927b, 1955b), enquanto a Livraria Editora lançou outra em 1955 (Cortez, 1955a). No Porto, a Livraria Chardron e sua sucessora, a Lello Editores, mantiveram a publicação ativa com oito edições: em 1901, 1910, 1927, 1945, 1980, 2004, 2013, além de uma de data desconhecida (Cortez, [19--], 1901, 1910, 1927a, 1945, 1980, 2004, 2013). Apenas uma edição portuguesa em fac-símile foi identificada, publicada em 1978 pela editora Vega, de Lisboa (Cortez, [1978]).

Além de impressores e editores, a análise permitiu identificar outros atores envolvidos na produção do *Lunário Perpétuo*. Foram registrados três tradutores: Antonio da Silva de Brito, responsável por uma tradução portuguesa de ampla circulação, creditado em ao menos 28 edições; Manoel Domingues, que consta em uma edição publicada no Porto, em 1764; e José Leitão, que traduziu a obra para o inglês, na edição britânica que compila os textos de Jerónimo Cortés (2017). No início do século XVIII, Antonio da Silva de Brito não apenas traduziu, como realizou uma espécie de reescrita e adaptação do *Lunário* ao contexto português, como observa Medeiros (2015a), resultando em uma versão que se tornaria matriz para diversas edições em Portugal (Cortez, 1703). Outra versão que serviu de base para várias edições, especialmente no Porto, foi reformulada, organizada e prefaciada por António Coutinho na segunda metade do século XIX (Cortez, 1877b). Mais recentemente, João Arrepi organizou e prefaciou as edições do século XXI publicadas pela editora Lello (Cortez, 2004, 2013). Quanto aos ilustradores, apenas as representações dos signos nas edições da Parceira Antonio Maria Pereira são assinadas por Deberny (Cortez, 1897); para as demais ilustrações nas edições analisadas, não há identificação.

No contexto espanhol, outros atores participaram da organização, atualização e acréscimos à obra, criando versões que serviriam de matriz para edições posteriores. Entre eles, destaca-se Don Pedro Enguera, identificado como “professor de Mathematicas”, cuja intervenção na reformulação e ampliação do *Lunário* é creditada em pelo menos 25 edições, publicadas entre 1715 e 1893. Palau y Dulcet (1924) afirma que quase todas as edições modernas do *Lunário* seguem a revisão de Enguera. Destaca-se, no entanto, que sua reformulação ocorreu após a tradução do *Lunário* para o português e, portanto, as edições portuguesas seguem uma versão distinta. Outro nome é Don Carlos Guillino, “*professor de Mathematicas, vulgarmente llamado: El Secretario de Apolo*”, identificado em pelo menos três

edições do século XVIII (Cortés, [ca. 1742], 1745, [1756?]). Além deles, figuram o Doutor Stevan Pujaçol, em três edições do século XVII (Cortés, 1628, 1629, 1670); o astrólogo Don Gonzalo Antonio Serrano, em edição de 1741; e Don Francisco Javier Ribera y Aravity, em edição de 1848 (Cortés, [1741], 1848).

As edições também evidenciam a presença de atores ligados à censura da monarquia e da Inquisição, que alteraram ou concederam permissão para a publicação da obra, observadas principalmente em edições dos séculos XVI a XVIII. As edições de Alcalá de Henares de 1606 e 1614, por exemplo, obtiveram licença de Miguel de Ondarça Zauala, escrivão do reino (Cortés, 1606, 1614a). O Padre Geronimo Vidal da Companhia de Jesus, qualificador do Santo Ofício, é identificado nas edições de Barcelona de 1670 e 1681 como responsável pela revisão e correção do texto (Cortés, 1670, 1681). O Padre Thomas Roca, prior do Convento de Catarina Mártir, aprovou a publicação nas edições de Barcelona de 1628 e 1670 (Cortés, 1628, 1670). Nas edições de Valência de 1672 e de Madrid de 1695, a permissão para publicação foi dada por Don Miguel de Espinosa, bispo de Marrocos e cônego de Valência, após exame e aprovação de Antonio Galant, doutor em Sacra Teologia (Cortés, 1672, 1695). A edição de 1745, impressa em Sevilha, recebeu licença de Joseph de Bayas e do cônego Geroymo Antonio de Barreda y Yebra (Cortés, 1745). Já uma edição de Madrid de 1747 foi aprovada pelo Padre Don Christoval Rosado Coronel, com licença concedida por Don Francisco Joseph de Castillo Albarañez, cônego de Alcalá de Henares (Cortés, 1747a).

Além da atuação de tradutores, organizadores, revisores e censores, a análise do corpus da pesquisa revelou ainda que muitas edições do Lunário Perpétuo incorporam conteúdos de terceiros, como partes do “Almanach do Horticultor”, obra popular de 1872 de José Marques Loureiro (Cortez, 1897, 1910, 2004); além dos capítulos “Regimento de saúde muito útil e necessário para conservar e alargar os dias da vida, tirado da medicina de Avicena” (Cortez, 1757, 1897, 1910, 2004); e “Remédios universais para enfermidades ordinárias por Carlos Estevão e João Lihaut, médicos da cidade de Paris” (Cortez, 1757, 1897). Citações de trechos da Bíblia também são muito frequentes.

O Lunário invoca os conhecimentos de diversos outros atores históricos, entre escritores, filósofos, cientistas, astrólogos e religiosos. Entre eles, são citados Abenguefite (médico andalusino), Alexandre Dumas (escritor francês), Alfragano (astrônomo persa), Aristóteles (filósofo grego), Arnaldo de Vilanova (alquimista espanhol), Avicena (filósofo persa), Bernardo Granullachs (astrólogo), Cicero (filósofo romano), Cláudio Galeno (médico romano), Demóstenes (político grego), El-rei D. Affonso, Hipócrates (médico grego), Júlio César (político romano), Leopoldo de Áustria (imperador romano), Nicéforo Calisto

(historiador grego), Nicolau Florentino (médico), Palladio, Píndaro (poeta grego), Platão (filósofo grego), Plínio (naturalista romano), Ptolomeu (cientista grego), Sêneca (filósofo romano), Terêncio (poeta romano) e Tito Lívio (escritor romano). Também são citados Santo Agostinho, Santo Ambrósio, Santo António de Lisboa, Santo Gregório de Nazianzo, Santo Isidoro, São João Damasceno, São Mateus, São Paulo, entre outros.

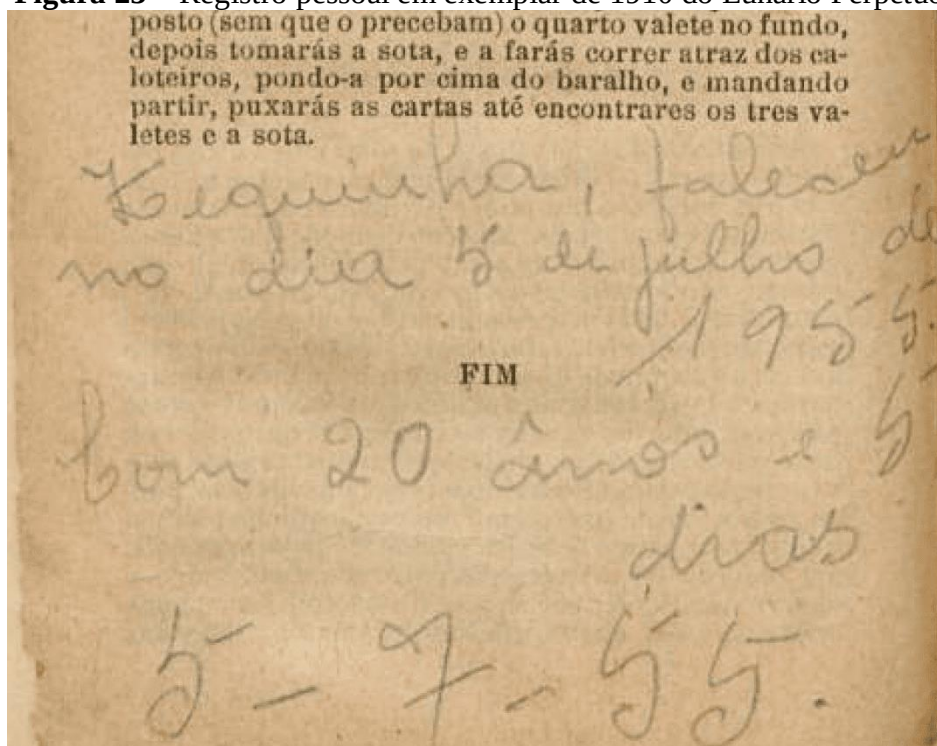
Por meio da análise dos exemplares do corpus da pesquisa constatou-se a presença de marcas de leitura e de propriedade dos sujeitos que os possuíam. Foram identificados assinaturas, anotações, datas e destaques em trechos do texto. As marcas de leitura revelam modos como o livro era lido, apropriado e ressignificado pelos seus leitores.

Dentre os trechos destacados, datas das tabelas dos calendários foram marcadas na edição de 1897, e uma seção da edição de 1910 apresenta um “X” assinalando as recomendações de jardinagem para o mês de março (Cortez, 1897, 1910). Estes destaques revelam interesses dos leitores, que, por meio desse artifício, registram os conteúdos que consideram importantes, facilitando uma consulta futura a um trecho que gostariam de revisitar.

Algumas marcas constituem-se em anotações que denotam a relevância e presença do livro na vida de seus proprietários. O exemplar da edição de 1910 apresenta um registro marcante para o indivíduo que o possuía, o que indica que o livro teve um uso semelhante ao de uma agenda. Em três páginas ao longo do livro há o registro de uma data, 5 de julho de 1955, associada ao nome Zeca: no anterrosto³², na página 97, e na página final do texto, de número 560. Nesta página há um escrito que se lê “Zequinha, faleceu no dia 5 de julho de 1955. Com 20 anos e 5 dias. 5-7-55” (Figura 23).

³² Anterrosto é a primeira folha de um livro, que precede a folha de rosto. Geralmente contém apenas o título.

Figura 23 – Registro pessoal em exemplar de 1910 do Lunário Perpétuo

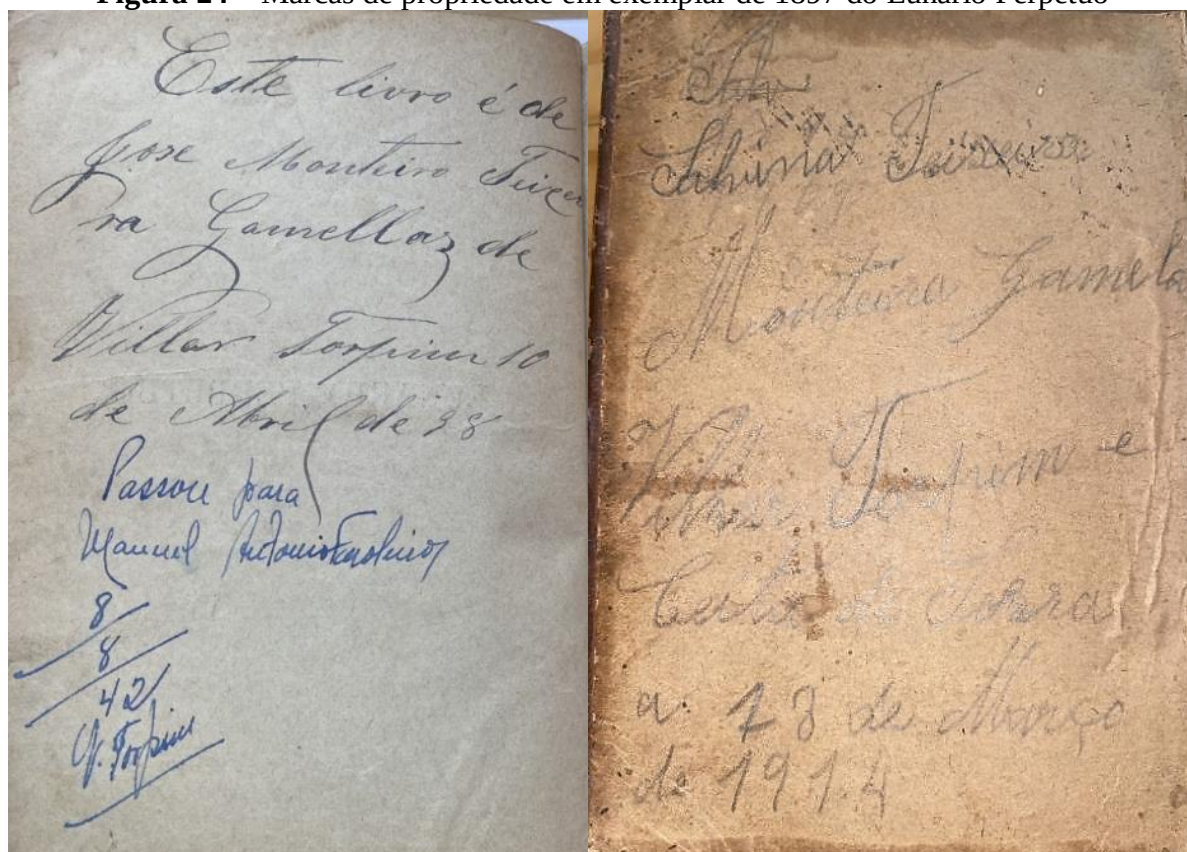


Fonte: Cortez (1910, p. 560).

Esse registro indica um valor simbólico atribuído ao livro como lugar de memória. A longevidade desse exemplar na vida de seu detentor, que possivelmente lhe foi passado por outra geração, se evidencia pelo fato de que o exemplar de 1910 já tinha 45 anos quando da data do acontecimento registrado.

O exemplar de 1897 apresenta ainda mais indícios de longevidade, com inscrições que evidenciam que foi passado de geração a geração. No verso do anterosto há a inscrição: “Este livro é de José Monteiro Teixeira [...] 10 de abril de [18]98”. Logo abaixo, em outra caligrafia, consta: “Passou para Manuel [...] 8/8/[19]42”, acrescentado 44 anos após o registro do primeiro proprietário. Entre os dois proprietários, o verso da capa indica o registro do nome de Salvina Teixeira Monteiro, parente de José Monteiro, com a data de 18 de março de 1914 (Figura 24).

Figura 24 – Marcas de propriedade em exemplar de 1897 do Lunário Perpétuo

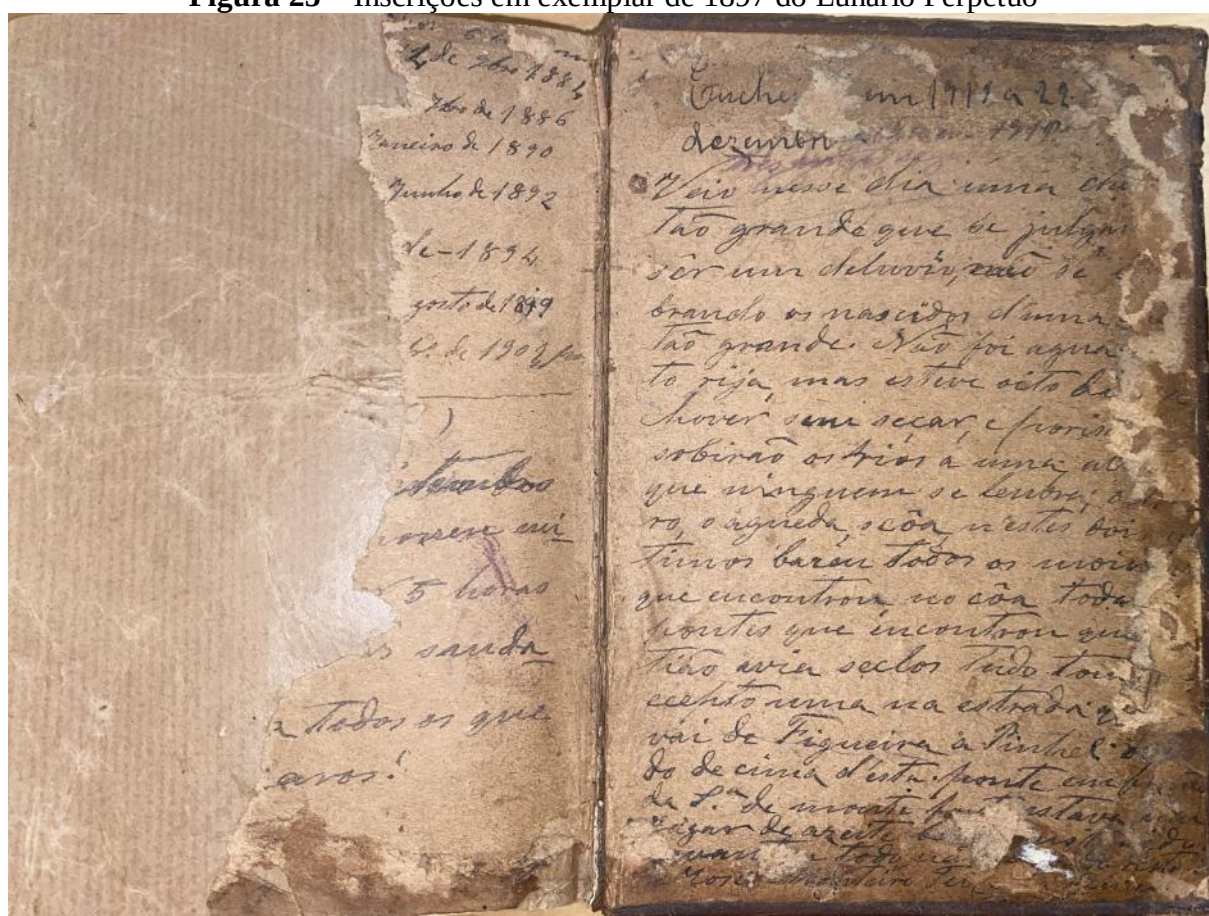


Fonte: Cortez (1897).

Há também nesse exemplar registros de datas marcantes para seus proprietários. Na folha de guarda inicial a inscrição aparenta dizer: “Em 25 [de] outubro de 1911 saíu de casa para embarcar o Abel. No dia 6 de fevereiro embarcou o Antoninho, de 1914”. Ao final do exemplar (Figura 25), a folha de guarda está rasgada, mas é possível identificar o registro de diferentes datas, referentes a 1884, 1886, janeiro de 1890, junho de 1892, 1894, agosto de 1899 e 1901. Pode-se deduzir que se tratem de datas de nascimento de familiares ou de acontecimentos relevantes de suas vidas.

No verso da contracapa consta ainda um texto manuscrito com um relato pessoal sobre uma enchente, que não pôde ser inteiramente decifrado. O texto se inicia com o que parece ser “Enchente em 1911 a 22 de dezembro. Veio nesse dia uma chuva tão grande que se julgava ser um dilúvio, não se lembrando os nascidos d’uma [...] tão grande [...]” (Cortez, 1897).

Figura 25 – Inscrições em exemplar de 1897 do Lunário Perpétuo



Fonte: Cortez (1897).

Estes elementos de registro evidenciam o papel do Lunário como objeto com função de calendário pessoal e agenda, estabelecendo-se como um lugar de memória. O almanaque torna-se lugar não só do tempo civil, religioso e astronômico compartilhado por todos, mas do tempo apropriado por cada indivíduo, para si mesmo ou para sua família (Botrel, 2006).

5 (RE)LEITURAS E APROPRIAÇÕES

A literatura sobre o *Lunário Perpétuo* também indica quem são seus leitores no contexto brasileiro, tanto da cultura popular quanto da cultura erudita. Câmara Cascudo (2024) cita os fazendeiros e agricultores que os consultavam para os prognósticos meteorológicos e agrícolas, os cantadores populares que nele se inspiravam, os sertanejos que o consultavam para se informar sobre assuntos variados. Benjamin (2000) e Almeida (2019) citam os astrólogos e poetas populares do Nordeste, produtores de almanaques e folhetos de cordel. Campos (1967) e Araújo (1961) citam os indivíduos responsáveis pela cura: benzedeiros, curandeiros e parteiras.

Simas (2018, p. 248) afirma que Luís da Câmara Cascudo, folclorista e historiador, “morreu cego, mas com um exemplar do *Lunário Perpétuo*, edição de 1918, em cima do criado-mudo”. Capistrano de Abreu, importante historiador do século XIX, “dizia não acreditar em padres, feiticeiros, filósofos ou coisas que o valha. Não abria mão, porém, de consultar o *Lunário* para informar-se sobre os desígnios dos astros”. Ainda hoje os cantadores de São José do Egito consultam “velhíssimas edições do livro para versar seus desafios em gestas imemoriais”, segundo Simas (2018, p. 248).

Os estudos sobre o *Lunário* também registram seus ouvintes por leituras orais, eles também leitores. Araújo (1961, p. 197) cita o cego benzedor que, “não sabendo ler, mesmo quando enxergava, nunca teve oportunidade de ler o ‘*Lunário Perpétuo*’, mas citava alguma coisa que aprendera de outiva, coisas lidas pelo ‘finado framecete’”. Os provérbios e ensinamentos do livro muitas vezes eram decorados e compartilhados por meio da oralidade e memória. Em uma mescla de cultura erudita e cultura popular, “alguns matutos repetem frases inteiras numa linguagem clássica, há os que até decoram o *Lunário Perpétuo*”, conforme Araújo (1961, p. 196).

Há indícios de que figuras emblemáticas de devoção popular do sertão nordestino tenham sido leitoras do *Lunário*. Antônio Conselheiro apresentava em suas pregações uma oratória de teor místico, cujas bases encontravam ressonância em obras como o *Lunário Perpétuo*, as *Horas Marianas* e a *Missão Abreviada* (Santos, 2017). Padre Cícero teria ensinado o poeta e astrólogo João Ferreira de Lima, autor do *Almanaque de Pernambuco*, a usar o *Lunário Perpétuo* e outros livros, de acordo com relato deste produtor de almanaques (Almeida, 2019).

O próprio nome do cangaceiro pernambucano Lampião, Virgulino Ferreira da Silva, teria sido inspirado no *Lunário Perpétuo*, bem como os nomes de muitos outros sertanejos, conforme o biógrafo Lins (1997). O autor relata:

O cônego Joaquim Monteiro Torres, que o batizou, [...] ao perguntar aos familiares o nome da criança, ouviu da boca dos avós a resposta: “O menino se chamará Virgulino”. O cônego Joaquim foi tomado por um sentimento de surpresa e perplexidade. “Qual a razão da escolha desse nome?”, perguntou o vigário. Os avós não sabiam. Como tantos outros sertanejos, foi nas páginas do Lunário Perpétuo que encontraram e escolheram o nome (Lins, 1997, p. 7-8).

Algumas apropriações dos leitores do Lunário deram origem a obras artísticas e culturais, além de pesquisas acadêmicas. Por meio de estudos, releituras, citações e homenagens, estes leitores recriaram e perpetuaram o almanaque ao longo do tempo. Essas manifestações se deram, no campo cultural, entre outros, através da música, da cantoria, da declamação, da literatura, de folhetos de cordel, de almanaques, de folhinhas e da festa do carnaval.

Folhinhas

As folhinhas são um tipo de impresso popular que se assemelha aos almanaques, sendo frequentemente designadas como sinônimos destes. Compartilhando estruturas semelhantes, integram a noção de guia e de semiologia do tempo a partir do calendário, reunindo uma diversidade de saberes, temas e conteúdos, em consonância com o conceito de *assemblage*, isto é, “composto de saberes” (Botrel, 2001; Pereira, 2019). Seus formatos podem variar entre folhinhas de parede ou de bolso, com folhas destacáveis ou não, o que indica leitores pretendidos, modos de uso, de circulação e de distribuição dos impressos (Pereira, 2019).

Em estudo sobre as “folhinhas de algibeira”³³ do século XIX no Brasil, Pereira (2019) identificou o Lunário Perpétuo como fonte para diversas publicações do gênero. Os cálculos e fórmulas presentes no Lunário para o estabelecimento dos dias da semana em correlação com os dias dos meses, as lunações, previsões do tempo, indicações para as épocas de plantio e informações astrológicas e astronômicas serviram de base para estes impressos. A “Folhinha de lembranças instructivas e divertidas para o anno de 1875”, dos editores Laemmert, incluía a seção “Preceitos de agricultura, horticultura e jardinagem adaptados ao clima do Brasil”, sugerindo uma adaptação local das indicações do Lunário, originalmente escrito no contexto europeu. De modo semelhante, a seção “Calendário do jardineiro”, da “Folhinha Laemmert para o anno bissexto de 1888” parece ter também o Lunário como fonte (Pereira, 2019, p. 55).

³³ “Algibeira” é sinônimo de “bolso”.

Outra publicação é a tradicional “Folhinha Eclesiástica de Mariana”, publicada ininterruptamente desde 1870 e impressa a partir de 1965 pela Editora Dom Viçoso, da Arquidiocese de Mariana, em Minas Gerais. Em 2025, a Folhinha de Mariana chegou à sua 156ª edição anual. Sucedeu a “Folhinha de Rezas do Bispo de Mariana”, de 1830, que apresentava preces e informações de utilidade pública. A publicação é caracterizada por uma única folha com dimensões de 60 cm por 50 cm constituída por um calendário eclesiástico acompanhado de informações de diversas naturezas (Carvalho, c2025). Seu tamanho, semelhante ao de um jornal, permite que seja lida dobrada, ou afixada em uma parede para consulta (Figura 26).

Figura 26 – Folhinha Eclesiástica de Mariana para o ano de 2025



Fonte: Folhinha de Mariana (2025).

A Folhinha foi reconhecida em 2016 como Patrimônio Imaterial da cidade de Mariana, devido à sua importância cultural, histórica, social e simbólica para o município. Todos os anos são impressos entre 300 e 400 mil exemplares, e sua circulação ultrapassa a cidade de Mariana, sendo bem conhecida no estado de Minas Gerais e em outras regiões do Brasil. Podem ser encontradas em farmácias e casas comerciais, muitas vezes distribuídas aos fregueses como

brinde de fim de ano, mantendo uma tradição semelhante à dos almanaques de farmácia, ou podem ser compradas em lotes pelo site da editora (Andrade, 2018; Carvalho, c2025).

Além do calendário, com indicação do santo de cada dia, estão presentes seções sobre o regulamento (previsão) do tempo, fases da lua, festas móveis e feriados, épocas de plantio, tabela de horários do amanhecer e anoitecer, normas canônicas diversas, dias de penitência, dados biográficos do pontífice atual, resoluções da Conferência dos Bispos do Brasil (CNBB), datas de início das estações do ano, ilustrações dos signos do zodíaco de cada mês e um espaço para anúncios publicitários das casas comerciais que a encomendam e distribuem aos fregueses (Carvalho, c2025; Folhinha [...], 2025).

As previsões do tempo contidas na Folhinha de Mariana são consideradas por muitos de seus leitores como infalíveis. Conta Carvalho (c2025) que “junto do povo por vezes se diz que ‘é mais fácil em galinha nascer dente do que a folhinha de Mariana falhar!’”. Para alguns, a Folhinha é vista como uma espécie de oráculo: “às vezes a gente ia sair, as mães diziam assim: Olha aí. Olha na folhinha como é que está o tempo. Se tiver com jeito de chuva ou tempo nublado, leve agasalho”, afirma leitora identificada como Dona Hebe em matéria jornalística sobre a publicação (Alvim; Ferreira, 2019). Carlos Drummond de Andrade, um de seus leitores, homenageou em crônica de 1973 a “boa, veraz, singela e insubstituível Folhinha de Mariana” (Andrade, 1973, p. 5). Afirma o poeta:

A folhinha que merece fé, a correta folhinha que lavradores, carpinteiros, comerciantes, professoras e donas-de-casa da minha província gostavam (ainda gostam?) de pendurar na parede, por ela se guiando e a ela recorrendo sempre que uma opinião apressada sobre o tempo se fazia ouvir, pedindo contestação – aqui a tenho, e não troco por outra. Afastai-vos de mim, calendários ornados de cromos perturbadores, em que formas indiscretas de ninfas e banhistas fazem esquecer não só o dia, mês e ano, como o tempo global e infinito em que se engasta a pequenina esmeralda de nossa vida. E não só o tempo como as obrigações que o povoam, tornando-o precioso e execrável, pois sem elas morreríamos de tédio e com elas morreremos de fadiga. Para trás, para longe, criações artísticas de gravadores, pintores, ilustradores desejosos de dar-nos a arte por amena companhia. A folhinha de Mariana é seca e pobre. Sua única decoração consiste nos 12 signos do zodíaco, em modestas e convencionais vinhetas. Ela não quer iludir-nos com as pompas deste mundo. Adverte-nos que há dias de penitência e dias de abstinência, esta última comutada em obras de caridade e exercícios piedosos. Para cada dia do ano, o santo, a santa ou os santos que nos convém aceitar, como companheiros de jornada: breve companhia, companhia sempre variada, e o ano se escoia sob luz tranquila, mesmo que o tempo seja brusco e haja “abundância de água”. No fundo, o bom desta folhinha que estou gabando é ela ser mais velha do que qualquer meteorologista ou astrônomo vivo, é falar do tempo em que as folhinhas eram veneráveis e, estabelecendo regulamento para as forças da natureza, as forças lhe obedeciam (Andrade, 1973, p. 5).

De acordo com o cônego José Geraldo Vidigal de Carvalho (c2025), ex-diretor da Folhinha de Mariana, a editora da Arquidiocese possui um exemplar português do século XVIII

do Lunário para a realização dos cálculos anuais. Afirma o cônego que “o Lunário Perpétuo oferece as regras para se poder calcular as variações do tempo, conforme registra o referido Regulamento estampado na Folhinha. É claro que tais previsões valem para o contexto geográfico assinalado no referido Lunário Perpétuo”. Estes cálculos, explica, “são feitos em torno do ano lunar, cujo início se fez coincidir com lunação que começa em dezembro. Cada lunação tem a duração exata de 19 dias, 12 horas e 44 minutos. De dezenove em dezenove anos se repetem os fenômenos causados pela influência lunar” (Carvalho, c2025).

Em reportagem veiculada em 28 de dezembro de 2019 no Jornal Nacional da TV Globo sobre a história e popularidade da Folhinha de Mariana, o Lunário Perpétuo é evidenciado como fonte principal da publicação. A edição do século XVIII da Arquidiocese é guardada em um cofre centenário, envolta em uma manta vermelha de cetim, preservada como relíquia de valor simbólico, histórico e cultural. Apesar de amplamente disponível em edições virtuais, como a presente pesquisa evidenciou, mantém-se uma ideia de que a edição guarda segredos e mistérios que não podem ser revelados, como evidencia a fala humorada do padre Darci Fernandes Leão, diretor da Editora Dom Viçoso: “o cálculo [do tempo] eu não posso passar, é como uma patente. Ou seja, eu mostrei para vocês o santo, mas o milagre eu não conto. É um segredo” (Alvim; Ferreira, 2019). Algumas matérias jornalísticas sobre a Folhinha de Mariana reforçam a aura de mistério sobre o Lunário, afirmando que se trata de um livro raríssimo que teria sido escrito por autor desconhecido e que só existiriam dois exemplares originais no mundo: um em Portugal e outro em Mariana (Andrade, 2018).

Assim como ocorre no Lunário, a tensão entre elementos da religião cristã e da astrologia também se manifesta na Folhinha de Mariana. Embora seja uma publicação de orientação católica, ela incorpora signos do zodíaco, em consonância com a tradição secular dos calendários e almanaques populares. Essa aparente contradição é abordada em uma página do site da editora, intitulada “Por que o zodíaco na Folhinha Eclesiástica de Mariana?”. Segundo a explicação, o uso do zodíaco como marcador dos meses remonta à Antiguidade e foi assimilado pelos primitivos cristãos, que, em vez de representarem crenças pagãs, o ressignificaram à luz de sua fé. Nesse novo simbolismo cristão, Aquário (janeiro), por exemplo, simbolizaria “as águas do Batismo, nas quais Jesus mergulha os judeus e pagãos por Ele salvos e representados pelos dois Peixes (fevereiro)”. Já o Carneiro (março) e o Touro (abril), oferecidos em sacrifícios no Antigo Testamento, remetem ao sacrifício de Cristo, o “Cordeiro de Deus”. Dessa forma, afirma a editora, “o Zodíaco – assim reinterpretado pela antiga arte cristã – tornou-se uma proclamação da vitória pascal de Cristo”, e a Folhinha de Mariana perpetua essa tradição simbólica no Brasil (Por que [...], c2025).

Almanaques de cordel

Os almanaques de cordel, também chamados de “folhinhas do ano”, têm o Lunário Perpétuo como uma de suas fontes principais (Benjamin, 2000; Almeida, 2019). Almeida (2019, p. 178) afirma que “geralmente, os autores de Almanagues não escondem a importância que dão ao Lunário, todos se declaram leitores desse livro. José Costa Leite declara-o em várias partes da sua publicação, e é, talvez, o mais apegado ao famoso livro”. Os cálculos e fórmulas para o cômputo do tempo, bem como os elementos astrológicos são, em geral, retirados do Lunário, e a respeito das plantas medicinais, os autores de almanaques recorrem também ao seu receituário.

José Costa Leite, autor do almanaque Calendário Nordestino, cita, no exemplar para o ano de 2002, as principais referências para os produtores de almanaques. Em seu texto, ele menciona os almanaques de Vicente Vitorino Melo (Almanaque do Nordeste) e Manoel Luiz dos Santos (Almanaque do Nordeste Brasileiro), que vendia juntamente ao seu nas feiras nordestinas:

O povo nas feiras me pergunta qual é o melhor almanaque. Eu apresento três tipos. O meu, o do Vitorino e o de Manoel Luiz e digo que todos três são bons. Quando o freguês é careta e insiste em saber qual é o melhor dos três. Sou obrigado a dizer que o melhor é o meu. Acontece que tanto eu, como Manoel Luiz e Vicente Vitorino escrevemos o almanaque com base no Taro Adivinhatório, no Lunário Perpétuo, na Astrologia Prática, no Livro das Plantas Medicinais e outros mais. Chegando a ser como se diz: Farinha do mesmo saco (Leite, [2002], p. 5).

Também o almanaque de Manoel Caboclo e Silva, O Juízo do Ano, tem seu título inspirado nas seções do Lunário dedicadas aos “juízos do ano” (Carvalho, 2011), que oferecem prognósticos determinados com base no mês em que, na localidade, se ouvem os primeiros trovões do ano.

Nos almanaques nordestinos, era comum a presença de acrósticos nas capas, composições poéticas cujas letras iniciais de cada verso formam verticalmente uma palavra, geralmente relacionada ao título do almanaque ou ao nome de seu autor. O Lunário Perpétuo é frequentemente citado em diversos acrósticos, sendo associado à astrologia, à ciência e ao calendário. O almanaque Calendário Brasileiro³⁴ para o ano de 1965, de José Costa Leite, apresenta o acróstico:

³⁴ Mais tarde intitulado Calendário Nordestino.

Com o Lunário na mão
 Admiro os horizontes
 Lanço um olhar aos montes
 Estudo minha lição
 Nas nuvens da amplidão
DEUS me envia um tesouro
 A minha pena em decôro
 Refere-se aos prognósticos
 Indicando nos acrósticos
O nosso ano vindouro

Basta que **VÊNUS** consente
 Reproduzir pouco estio
 Aguaceiro pesado e frio
 Sendo **MERCÚRIO** regente
 Indica um ano excelente
 Li no **LUNÁRIO** e não brinco
 Estudando com afinco
 Inda vou vitorioso
 Recomendando ser chuvoso
O ano 65 (Almeida, 2019, p. 161).

Aqui, Leite indica o Lunário como guia: admira os horizontes tendo-o em mãos. A partir dele faz seus prognósticos, que têm credibilidade por serem baseados no livro. Mesmo no século XXI, no almanaque Calendário Nordeste para o ano de 2010, o poeta cita o Lunário em acróstico. Também no Almanaque do Nordeste Brasileiro para o ano de 1954, de Manoel Luiz dos Santos, consta um acróstico que evidencia o destaque do Lunário nestes espaços com uma função de sabedoria, credibilidade e autoridade sobre os saberes vinculados:

Benfeito, bonito e preparado
Recebi este dom maravilhoso
Apresento um estudo valoroso
Sabendo que vou orientado:
Investigo o presente e o passado;
Leo todo futuro necessário,
Estudando ciências do Lunário,
Influenciado pela visão celeste
Rimei este Almanaque do Nordeste
Observando o Sistema Planetário (Almeida, 2019, p. 113-114).

Na década de 1940, o Lunário foi adaptado por Dr. Israel, pseudônimo do paraibano Manoel Pereira Diniz, e lançado sob o título “Lunário moderno ou manual do nordestino”. Sua versão tinha como proposta adaptar o Lunário Perpétuo para o hemisfério sul. Seu sucesso rendeu uma segunda edição revista em 1945, publicada pela Folheteria Silva e Tipografia São Francisco em Juazeiro do Norte, Ceará, “com muitos erros de ortografia, acompanhada de uma nota da redação: ‘Este livro foi cuidadosamente composto de acordo com o original e disposições do autor’”, segundo Carvalho (2011, p. 30). O Lunário Moderno, de leitura

hermética e com o caráter de perpetuidade de seu congênere europeu, “limitava as possibilidades editoriais, perdendo espaço para os almanaques” (Carvalho, 2011, p. 30).

Em folhetos da Tipografia São Francisco das décadas de 1950 e 1960 encontram-se anúncios publicitários que remetem à obra de Dr. Israel. Anunciam a venda do “famoso Lunário Moderno, com todos os cálculos astrológicos para os invernos do Norte brasileiro”, além de folhetos, romances, novenas etc. Um exemplo de publicidade pode ser encontrado no cordel de 1953, “Amor de pirata”, de João Martins de Athayde (Figura 27). O registro de seu anúncio por mais de duas décadas desde sua publicação nos anos 1940 indica que a versão teve relativa popularidade.

Figura 27 – Anúncio de 1953 do Lunário Moderno pela Tipografia São Francisco

TIP. São Francisco

José Bernardo da Silva

Mantém um variado sortimento de romances, Folhêtos
Novenas, Orações etc, Grande desconto para os re-
vendedores. Também tem a venda o famoso Lunario
Moderno, com todos os cálculos astrológicos para os
invernos do Norte Brasileiro.

Não atendemos Reembolso postal

Rua Sta. Luzia, 263 Juazeiro—Ceará

MARCELINO DE SOUZA BITENCOURTT
Rua Japaratuba, 737 — Aracajú—Sergipe

Fonte: Athayde (1953).

Folhetos de cordel

Para além dos almanaques, a reverência ao Lunário Perpétuo também se encontra presente na literatura de cordel nordestina. Sua relevância dentro do gênero é evidenciada pela presença de um verbete sobre o Lunário Perpétuo no “Dicionário brasileiro de literatura de cordel” (Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2013, p. 81). José Costa Leite, que também escrevia folhetos, se refere ao Lunário como um elemento de prazer no cordel humorístico “Beijo de mulher bonita e carinho de mulher feia”:

Beijo de mulher bonita
Tem gosto de amendoim
É um Lunário Perpétuo
Que nunca chega no fim
É mesmo que viajar

Na Empresa Itapemirim (Leite, [19--], p. 3).

A referência ao Lunário Perpétuo era também recorrente em cordéis de pelejas. Esse subgênero da literatura de cordel retrata debates ou disputas poéticas entre dois cantadores, geralmente representando desafios de inteligência, sabedoria, astúcia e força. Eram comumente improvisadas ou recitadas por duas pessoas de forma musicada em reuniões e festas, ao som da viola. No cordel “Peleja de Camilo com Silveira”, de Manoel Camilo dos Santos (1958), após Silveira se gabar de sua inteligência, Camilo lhe responde:

Você pode desmanchar-se em cantoria
por todos os poros do corpo fazer verso
decorar todos os livros do universo
Gramática, Lunário e Geografia,
Ciência, Matemática, Astrologia
e praticamente o mundo conhecer
os ares e os mares percorrer
e aprender dos cantores todo estilo
mas se cantares a propósito com Camilo
a certeza é apanhar ou é correr (Santos, 1958, p. 9).

Em geral, o Lunário figura nas pelejas como lugar de conhecimento e sabedoria, alçado aqui à mesma categoria da ciência, matemática, gramática, geografia e astrologia. No cordel de Rodolfo Coelho Cavalcante ([19--]), “A macumba da negra saiu errada” o almanaque tem lugar entre o sagrado e o profano. O poema se constitui de um inventário de ingredientes a serem depositados na poção de um ritual. Em uma das estrofes o Lunário consta como ingrediente, ao lado de elementos religiosos:

Um São Jorge quebrado,
Duas folhas de Lunário,
Três contas de um rosário,
Quatro unhas de finados,
Cinco anéis de amancebados,
Seis botões de uma batina (Cavalcante, [19--], p. 7).

No cordel “A ressurreição do poeta que não morreu”, de Manoel Camilo dos Santos ([19--]), o narrador faz referência aos prognósticos dos signos zodiacais do Lunário:

Porque me diz o Lunário
que só teria a viver
sessenta e oito anos
e teria que morrer
em lugar público e estranho
o que vou esclarecer:

– Com sessenta e sete anos
e nove meses eu estava
faltava apenas três meses
que o Lunário me dava
o lugar estranho e público
o hospital, nele eu estava (Santos, [19--], p. 14).

O cordel “Antonio Conselheiro e a Guerra de Canudos”, de Minelvino Francisco Silva (1980), uma biografia em versos do líder religioso, cita o Lunário entre suas influências:

Consta que aprendeu de cor
AS MISSÕES ABREVIADAS:
Mais: AS HORAS MARIANAS
Foram por ele estudadas
E, do LUNÁRIO PERPÉTUO,
Lições foram decoradas (Silva, 1980, p. 3).

Antonio Vieira (2005), no cordel “A peleja da ciência com a sabedoria popular” sintetiza a dualidade entre cultura erudita e cultura popular no campo do conhecimento: a oposição e a convergência entre ciência e saber popular. Diz o poeta:

Trata-se duma peleja
Travada através dos tempos
Onde as duas contendoras
Andam atrás de um consenso
Contudo, as duas partes
Dão banho de ensinamentos

As duas são importantes
Do mundo, elas são mola
De um lado a ciência
Que tem por sede a escola
Do outro a sapiência
Que o povo tem na caixola

Ambas são imprescindíveis
Representam a própria vida [...] (Vieira, 2005, p. 1).

O poema narra a história do conhecimento. Registra o surgimento do Lunário e refere-se às apropriações pelos nordestinos de conhecimentos e elementos provenientes da Europa, como a literatura de cordel e o próprio almanaque, que, com outros livros, “obrigaram o sertão a estudar”:

Os poemas trazidos da Europa
Encontraram guarida no Nordeste
E o sertão terra de cabra da peste
Deu a eles uma grande nota [...]

Os livros que vieram para cá
 O Lunário e a Missão Abreviada
 A Donzela Teodora e a Fábula
 Obrigaram o sertão a estudar
 De repente começaram a rimar
 A criar um sistema todo novo
 O diabo deixou de ser um estorvo
 E o boi assumiu outros lugares
 Os nomes dos poetas populares
 Deveriam estar na boca do povo (Vieira, 2005, p. 53).

A Figura 28 apresenta as capas dos folhetos de cordel “Beijo de mulher bonita e carinho de mulher feia”, “A ressurreição do poeta que não morreu”, e “A peleja da ciência com a sabedoria popular”.

Figura 28 – Capas de folhetos de cordel que citam o Lunário Perpétuo



Fonte: Leite ([19--]); Santos ([19--]); Vieira (2005).

Romances

Ariano Suassuna, escritor que idealizou nos anos 1970 o Movimento Armorial, iniciativa artística com o objetivo de criar uma arte erudita brasileira a partir das raízes populares da cultura (Newton Júnior, 2008), foi leitor de almanaques sertanejos ainda na sua infância na Paraíba. O autor prestou homenagem ao gênero ao intitular “Almanaque Armorial do Nordeste” sua coluna semanal no Jornal da Semana, do Recife, que durou de 1972 a 1974. Posteriormente, no jornal Folha de S. Paulo, escreveu outra coluna semanal chamada “Almanaque Armorial Brasileiro”, logo renomeada para “Almanaque Armorial”, que durou de 2000 a 2001 (Newton Júnior, 2008).

Suassuna (2000a, 2000b) cita o *Lunário* em suas colunas iniciais, tomando-o como fonte de inspiração. Relembra: “volto a minhas lembranças de menino sertanejo e a um livro que foi muito importante em minha vida, o *Lunário Perpétuo* [...]. É um livro tão útil que começa informando a seus leitores aquilo que pouca gente sabe – que Deus criou o mundo no mês de setembro” (Suassuna, 2000a, p. E8). Cita os saberes de cura presentes no livro, as virtudes medicinais de algumas plantas, as indicações de como socorrer os acidentados, a computação dos tempos para as coisas agrícolas, modos de descobrir as águas, jogos de cartas etc. Escreve ainda que, se este *Almanaque Armorial* “vez ou outra, chegar pelo menos perto do *Lunário* ou do *Calendário Brasileiro* do grande Gravador e Poeta-de-Cordel nordestino que é José Costa Leite, já me darei por satisfeito” (Suassuna, 2000b, p. E8).

Em 1971, Suassuna publicou o livro “*Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*”. Seu protagonista, Quaderna, é escritor de almanaques, astrólogo e mantém uma coluna de horóscopo em um jornal. O romance faz várias alusões ao *Lunário Perpétuo*, e em determinado momento da narrativa, em que Quaderna é interrogado acerca do seu conhecimento sobre ervas medicinais, o personagem responde: “o que eu sei de raízes é o que aprendi no *Lunário Perpétuo* e nas coleções do *Almanaque do Cariri* que meu Pai publicava” (Suassuna, 2017, p. 383). Em outro momento, Quaderna conta a história de seu pai, também escritor de almanaques e “um pouco médico”, por conta das receitas de plantas medicinais do *Lunário*:

Meu Pai, Dom Pedro Justino Quaderna, sabia de tudo, porque o Pai dele, Dom Pedro Alexandre, lhe contara. Mas, depois de casado com minha Mãe [...] resolvera “sepultar aquelas histórias todas no olvido e no passado”, como dizia ele, no seu estilo almanáquico, e já renunciando o Poeta que eu iria ser, por herdar a “ciência” dele — bebida no *Lunário Perpétuo* e no *Livro de São Cipriano*. Além disso, meu Pai era lido e relido no *Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba*, de Coriolano de Medeiros, e nas *Datas e Notas para a História da Paraíba*, do genial Irineu Pinto. Daí em diante, meu Pai se tornou, além de redator do *Almanaque do Cariri*, um pouco médico, com as receitas do *Lunário*, um pouco Poeta, um pouco orador, e um pouco historiador e Genealogista (Suassuna, 2017, p. 561).

Em outros trechos do romance, Quaderna faz previsões de horóscopo referenciando o almanaque: “[...] segundo nos ensina o *Lunário Perpétuo*” (Suassuna, 2017, p. 548). Outro personagem do livro, Lino Pedra-Verde, atesta seus conhecimentos: “Eu li o *Lunário Perpétuo* e o *Chernovitz*, assim como o *Tarô Adivinhatício*, de modo que conheço certas coisas bastante misteriosas e capacitárias, coisas que dão pr’o gasto!” (Suassuna, 2017, p. 716).

O *Lunário* encontra-se presente em outras obras da literatura nacional. Uma delas é “*Luzia-Homem*”, romance naturalista do cearense Domingos Olímpio, publicado em 1903. A

narrativa se passa durante uma grande seca no interior do Ceará e conta a história da retirante Luzia. Na história, Olímpio (1984, p. 54) relata a preocupação com o clima:

Não havia mais esperança. Os horóscopos populares aceitos pela credence, como infalíveis: a experiência de Santa Luzia, as indicações do Lunário Perpétuo e a tradição conservada pelos velhos mais atilados, eram negativas, e afirmavam uma seca pior que a de 1825, de sinistra impressão na memória dos sertanejos, pois olhos-d'água, mananciais que nunca haviam estancado, já não merejavam.

O escritor alagoano Graciliano Ramos publicou em 1933 seu primeiro romance: “Caetés”. Em um diálogo, o Lunário aparece como uma referência de leitura intelectual e objeto de leitura oral coletiva:

– Sim senhor, mas tudo isso é léria. Quando o nosso matuto tem um filho opilado ou raquítico, manda domesticá-lo a palmatória e a murro. O animal aprende cartilha e fica sendo consultor lá no sítio. Torna-se mandrião, fala difícil, lê o *Lunário Perpétuo* e o *Carlos Magno*, à noite, na esteira, para a família reunida em tomo da candeia. Qual é o resultado? A primeira garatuja que o malandro tenta é uma carta falsa em nome do pai, pedindo dinheiro ao proprietário (Ramos, 1947, p. 128).

Música

O Lunário Perpétuo também exerceu influência na música, para além dos cantadores populares. Em 2002, o pernambucano Antonio Nóbrega lançou um álbum intitulado “Lunário Perpétuo” (Figura 29).

Figura 29 – Álbum Lunário Perpétuo, de Antonio Nóbrega (2002)



Fonte: Lunário [...] (2002).

Com músicas inspiradas na obra de Ariano Suassuna, Graciliano Ramos e outras referências da cultura popular brasileira, o álbum foi transformado em espetáculo e lançado em DVD em 2003, com direção de Walter Carvalho.

Nóbrega, um multifacetado artista, reconhecido como ator, dançarino, músico e pesquisador das manifestações culturais populares do Brasil, é um influente nome do Movimento Armorial. Em 1971, recém-formado pela Escola de Belas-Artes do Recife, Nóbrega conheceu Suassuna ao tocar um concerto de violino de Bach com a Orquestra Sinfônica da capital pernambucana. Convidado pelo escritor a integrar o Quinteto Armorial, grupo musical por ele criado, o músico passou do violino para a rabeca, mergulhando no rico universo da cultura popular e se tornando desde então um propagador do movimento (Costa, 2011, 2015).

A canção que dá nome ao álbum e ao espetáculo foi composta por Bráulio Tavares, Wilson Freire e Antônio Nóbrega. Reverencia o almanaque, considerado conselheiro e guia que atravessa o tempo. Isso é evidenciado nos versos:

Meu lunário é conselheiro, é meu folheto, é meu missal
Atravessando os milênios, cada ponto cardeal
De norte a sul, de pai para filho, de lá para cá
Meu livrinho andarilho
Fabuloso romançal (Lunário [...], 2002).

Nóbrega destaca a longevidade e permanência do Lunário ao longo dos séculos, vencendo os “ataques” do tempo, dos homens, das traças:

Meu lunário tem antigas alquimias de almanaque
Já enfrentou intempéries, roubos, incêndios e saques
Dos homens, das traças, das garras, das eras
Carrega segredos, decifra quimeras
Venceu todos os ataques (Lunário [...], 2002).

Símbolo de sabedoria, carrega segredos e decifra quimeras. Na canção, o Lunário é amalgamado à cultura nordestina:

O meu lunário perpétuo guarda as vozes seculares
Do profeta de Canudos e do mártir dos Palmares
[...]
O meu lunário perpétuo é meu livro precioso
Minha cartilha primeira, minha Bíblia de Trancoso
João Grilo, Chicó, Malazartes, Mateus
Os órfãos da terra, os filhos de Deus
Heróis do maravilhoso (Lunário [...], 2002).

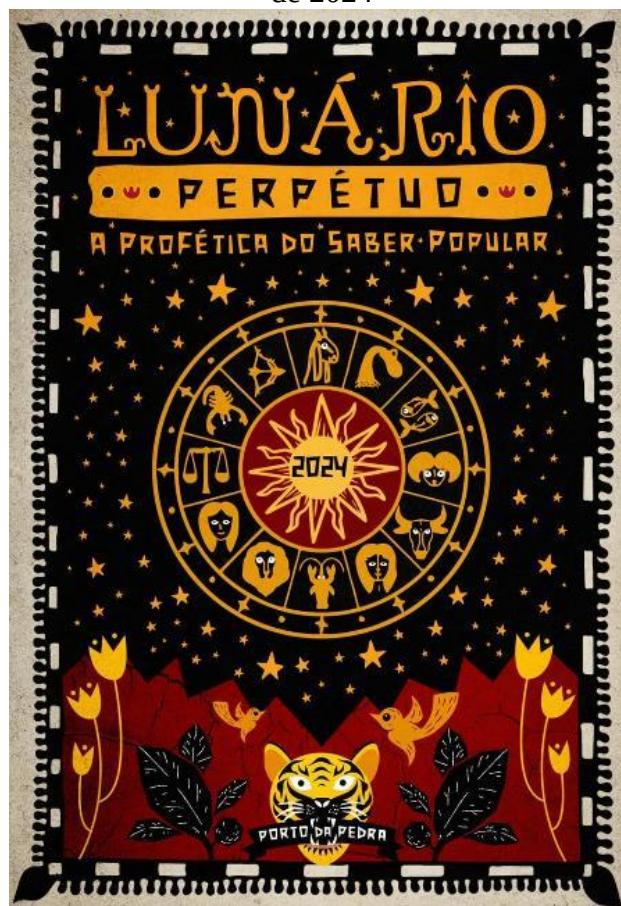
Carnaval

Em 2024, o Lunário Perpétuo foi recriado através da dança, música, figurinos e alegorias na festa do Carnaval. A Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra, do município de São Gonçalo, Rio de Janeiro, homenageou no Sambódromo da Marquês de Sapucaí o conteúdo, a trajetória, os atores e a influência do Lunário na cultura brasileira. Idealizada pelo carnavalesco Mauro Quintaes, o desfile teve como enredo “Lunário Perpétuo: a profética do saber popular”, apresentado na primeira noite de desfiles do Grupo Especial do Carnaval fluminense.

O carnaval é uma das mais tradicionais manifestações de festa na cultura popular brasileira. Luiz Antonio Simas (2023), historiador, professor e pesquisador da cultura popular no Brasil, compreende o carnaval como a “festa da ancestralidade”, entendendo o ancestral como “algo que atravessa o tempo e [que] sempre será contemporâneo, sempre falará com o presente”. Para o autor, o samba é testemunho, fonte documental, e nele “vivem saberes que circulam; formas de apropriação do mundo; construção de identidades comunitárias [...]; hábitos cotidianos: jeitos de comer, beber, vestir, enterrar os mortos, amar, matar, celebrar os deuses e louvar os ancestrais” (Simas, 2022, p. 114). Nesse sentido, as festas são instâncias de construção de sociabilidades e terreiros de produção de saberes diversos que instauram formas sofisticadas de invenção do mundo, dando sentido de vida às comunidades. As festas se constituem em símbolo da força e resistência da cultura popular.

A Figura 30 apresenta o pôster de divulgação da Porto da Pedra para o enredo. A arte traz elementos da fauna e flora sertaneja e elementos astrológicos, inspirados nas capas dos almanaques de cordel, em especial o “Juízo do Ano”, de Manoel Caboclo e Silva. Um tigre é representado por ser símbolo da Escola de Samba. A fonte tipográfica faz referência ao alfabeto sertanejo idealizado por Ariano Suassuna, que se inspirou nos símbolos dos ferros sertanejos de marcação de gados (Cardinali, 2016).

Figura 30 – Pôster da Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra para o enredo do Carnaval de 2024



Fonte: Porto da Pedra ([2024]).

A Figura 31 apresenta as referências estéticas para o pôster: o almanaque de Manoel Caboclo e a tipografia armorial de Suassuna.

Figura 31 – Referências estéticas para o pôster da Escola de Samba Porto da Pedra



Fonte: Silva (1995) e Cardinali (2016).

Diversos atores estiveram envolvidos na produção e execução do desfile. Além do carnavalesco Mauro Quintaes, a escola contou com Diego Araújo como enredista, e o samba-enredo foi composto por Guga Martins, Passos Júnior, Gustavo Clarão, Lucas Macedo, Leandro Gaúcho, Clairton Fonseca, Richard Valença, Gigi da Estiva, Abílio Jr., Marquinho Paloma, Cristiano Teles e Ailson Picanço. A interpretação ficou a cargo do cantor e intérprete Wantuir Oliveira, e a bateria esteve sob o comando de Mestre Pablo. A direção de carnaval foi conduzida por Aluizio Mendonça, enquanto Amauri de Oliveira assumiu a direção de harmonia. O casal de mestre-sala e porta-bandeira foi formado por Rodrigo França e Denadir Garcia. O desfile contou com 3 mil componentes, entre passistas e percussionistas de bateria (Porto da Pedra, 2024).

No carnaval, um desfile de escola de samba tem uma sequência lógica na qual as alas e os carros alegóricos contam uma história, um enredo. O desfile da Porto da Pedra possuía 6 carros alegóricos e 31 alas, e com eles a escola explorou uma variedade de elementos inspirados no almanaque e na cultura popular nordestina, com temas como a busca pelo conhecimento, a alquimia, a astrologia, o zodíaco, a profética da chuva, a cura do corpo e da alma, as ervas medicinais, os folhetos de cordel, as festas tradicionais e os saberes populares.

A comissão de frente era denominada “A busca incessante do saber” e o carro abre-alas “Alquimia dos saberes” (Fotografia 1). As alegorias representavam a Lua, os astros, a pedra filosofal e, através de alquimistas e astrólogos, os saberes que circularam na Europa medieval e moderna, contexto de produção do Lunário Perpétuo, em uma mistura de ciência e magia.

Fotografia 1 – Carro abre-alas do desfile da Escola de Samba Porto da Pedra, no Carnaval de 2024



Fonte: Thamiris Teza/Super Rádio Tupi (Mota, 2024).

Guiados por um indivíduo que representava Jerónimo Cortés, criador do almanaque, uma série de passistas fantasiados de alquimistas desfilavam com fantasias em que suas cabeças se fundiam visualmente à imagem da Lua (Fotografia 2).

Fotografia 2 – Fantasias de Jerónimo Cortés e de alquimista no desfile da Escola de Samba Porto da Pedra, no Carnaval de 2024



Fonte: Ewerton Pereira (GRESU Porto da Pedra, 2024).

As alas seguintes narraram a travessia do Lunário da Europa para o Brasil, onde foi apropriado e suas informações amalgamadas a outros saberes. Esse percurso pelo Atlântico é evidenciado pelas alas “Cavalo-marinho”, simbolizando a passagem pelos mares, e a ala “Conselheiro de quem veio d'outros cantos”, simbolizando os navegantes portugueses. Estes, que trouxeram o Lunário para terras brasileiras, são representados por fantasias com uma roda do leme e por diversas páginas do almanaque (Fotografia 3).

Fotografia 3 – Passista da ala “Conselheiro de quem veio d'outros cantos” no desfile da Escola de Samba Porto da Pedra, no Carnaval de 2024



Fonte: Nelson Malfacini (2024).

A assimilação do Lunário com os saberes populares brasileiros é representada pelas alas “Saberes indígenas” e “Saberes africanos”. Uma ala denominada “Caixeiros viajantes” simbolizava a circulação do Lunário a partir destas figuras que iam de cidade em cidade vendendo remédios, elixires, livretos, almanaques e uma variedade de artigos. A ala dos compositores, chamada “Cantadores do Sertão” também representava a circulação do almanaque por intermédio dos cantadores, músicos e recitadores que compartilhavam o Lunário por meio da oralidade e da música. O carro “Profética da chuva” referenciava os profetas da chuva do sertão, que se guiam pelos sinais da natureza, dos animais, dos astros e de publicações como o Lunário.

O samba-enredo diz em um trecho:

O sertão profetizou, cada flor do Cariri
A “ciência” desse povo, eu não guardo só pra mim
Separei as folhas secas misturadas no pilão

Confiei à rezadeira uma nova oração (Lunário [...], 2024).

Aqui, diversos elementos evidenciam o conteúdo do Lunário e o imaginário que o envolve, como o caráter profético, a religiosidade, os saberes populares passados de geração a geração e os remédios de ervas medicinais. Os saberes de cura do Lunário, apropriados pela medicina popular do sertão, são representadas pelo carro “Relicário da cura”, as alas “Benzedeiras e parteiras”, “Mercadores de ervas e especiarias”, “Sementes e raízes” e “Folhas e flores”. O carro tinha uma grande figura de uma benzedeira com o Lunário em sua mão, e em sua cintura, ervas e frutos com propriedades medicinais (Fotografia 4).

Fotografia 4 – Carro alegórico “Relicário da cura” no desfile da Escola de Samba Porto da Pedra, no Carnaval de 2024



Fonte: Nelson Malfacini (2024).

Os elementos astrológicos, astronômicos e meteorológicos presentes no Lunário, que se fundem em uma mescla de ciência e sabedoria popular, estão presentes também no samba-enredo. Isso se evidencia nos trechos:

Quarto minguante, a moringa quase seca
 Maré virou... virou luar!
 Tem alambique pra beber na quarta-feira
 Okê Caboclo! Tempo bom vem pra ficar!
 [...]
 Olhe pro céu onde a lua vagueia
 As estrelas brilham no chão
 Sabedoria é a luz que clareia
 Porto da Pedra do meu coração (Lunário [...], 2024).

Aqui, os versos iniciais fazem referência ao calendário lunar e às influências da Lua nos ciclos naturais. Os versos remetem à seca que aflige o sertão nordestino, representada pela escassez de água na moringa³⁵ durante a Lua em quarto minguante. Em seguida, a chegada da Lua cheia e a virada da maré marcam a renovação, trazendo água e anunciando “tempo bom”. Os versos evocam a sabedoria popular que se guia pelos astros, dos indivíduos que olham e interpretam o céu, a lua e as estrelas.

Ao narrar a jornada do Lunário desde suas origens até seus reflexos na cultura brasileira, a escola também reverenciou alguns dos atores que se apropriaram do almanaque e influenciaram a cultura popular nordestina. O desfile e enredo fizeram referência ao cordelista Manoel Caboclo e Silva, produtor do almanaque Juízo do Ano, ao Movimento Armorial, à obra do escritor Ariano Suassuna e ao artista Antonio Nóbrega.

O carro alegórico “A casa dos horóscopos”, com uma placa com os dizeres “Folhetaria”, fez referência à Folhetaria Casa dos Horóscopos de Manoel Caboclo, onde vendiam-se almanaques e literatura de cordel (Fotografia 5).

Fotografia 5 – Carro alegórico “A casa dos horóscopos” no desfile da Escola de Samba Porto da Pedra, no Carnaval de 2024



Fonte: Nelson Malfacini (2024).

As alas “Céu estrelado”, “Predições dos signos” e “Presciente Manoel Caboclo” remetem à prática astrológica do cordelista, que lhe rendia a fama de poder prever o futuro. O

³⁵ Moringa pode se referir tanto a um vaso de barro próprio ao armazenamento de água, como à planta *Moringa oleifera*, que tem propriedades medicinais.

poeta, como muitos produtores de almanaques de cordel, editava horóscopos e atendia a consultas particulares (Benjamin, 2000). Manoel Caboclo também foi homenageado por sua produção literária de folhetos de cordel: a ala “O assombro do sertão”, representada por lobisomens, remete a um dos cordéis mais famosos de Caboclo, intitulado “O valente Cobra Choca na pega do lobisomem”.

O carro “Armorial da Arte Popular” homenageava Ariano Suassuna e o movimento por ele idealizado, trazendo diversos elementos de sua obra artística e literária, como uma representação do “Auto da Compadecida”, peça de 1955 do escritor. A alegoria incluía um busto de Ariano Suassuna e elementos estéticos da arte armorial, remetendo também à obra do artista pernambucano Gilvan Samico, que tinha como cerne a técnica da xilogravura. A homenagem a Suassuna evoca a influência que o Lunário teve em sua obra, presente no livro “Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-volta”, de 1971³⁶.

O músico Antonio Nóbrega, também representante do Movimento Armorial, desfilou no carro alegórico “O Lunário Perpétuo de um brincante”, que celebrava sua carreira e obra (Fotografia 6).

Fotografia 6 – Carro alegórico “O Lunário Perpétuo de um brincante” no desfile da Escola de Samba Porto da Pedra, no Carnaval de 2024



Fonte: Nelson Malfacini (2024).

³⁶ O Lunário chegou a ser referenciado em uma exposição realizada em 2020, intitulada “Samico e Suassuna – Lunário Perpétuo”, na Galeria Base, em São Paulo. A exposição, centrada no movimento armorial, trazia elementos das obras literária e visual de Ariano Suassuna, gravuras de Gilvan Samico e folhetos de cordel de J. Borges, ressaltando a literatura de cordel como uma das referências fundamentais do movimento. O título da exposição faz referência ao Lunário devido à sua forte presença na cultura nordestina e à influência marcante que exerceu sobre a literatura de cordel (Freitas, 2020).

No trecho inicial do samba-enredo há uma referência direta ao músico, que se identifica como um “brincante”:

Vem Antônio, vem menino!
Seu destino é cirandar
Um brincante nordestino
A missão: perpetuar! (Lunário [...], 2024).

As alas “Excelência da Mãe de Deus”, “Marujos da Nau Catarineta”, “Tonheta e o Foguete Brasileiro” e “A Filha do Imperador do Brasil” representam algumas das expressões artísticas de Nóbrega. Entrevistado após a transmissão do desfile, Nóbrega reconheceu: “estou sendo homenageado pela maior referência, pela maior construção simbólica popular que o Brasil fez, que é a escola de samba” (Globeleza, 2024).

O samba-enredo da escola inclui em seus versos uma passagem que declara: “Sou seu lunário! Conselheiro imortal! / Já ‘folheando’ cada ponto cardeal” (Lunário [...], 2024). Ao definir o almanaque como “conselheiro imortal” e citar os pontos cardeais, os versos destacam o papel de guia e bússola que o Lunário e outros almanaques desempenhavam na vida dos sujeitos, que os consultavam para se informar sobre uma gama variada de assuntos. É “imortal” pois é um documento que atravessa os séculos e permanece na cultura e na memória coletiva.

Enquanto gênero editorial, o almanaque também atravessa os séculos e permanece nos tempos atuais. Embora não possua mais a mesma circulação massiva de séculos passados, diversos almanaques populares continuam a ser publicados anualmente, despertando o interesse e curiosidade de leitores de contextos sociais e culturais variados. É o caso do “Almanaque Santo Antonio”, ou dos centenários “Almanaque do Pensamento”, “*The Old Farmer's Almanac*” e “*The World Almanac and Book of Facts*”³⁷, bem como de variações editoriais como a “Folhinha Eclesiástica de Mariana” e a “Folhinha do Sagrado Coração de Jesus”. Além disso, a estrutura e o formato característicos dos almanaques inspiram diversas publicações que não têm caráter seriado e periódico, apresentando conteúdos informativos e pedagógicos sobre um tema específico em tom leve, acessível e descontraído³⁸.

Mas, para além dos almanaques contemporâneos, o gênero se mantém vivo também no ambiente digital. Embora não haja uma transposição direta para os dispositivos da web, os

³⁷ Estes, publicados nos Estados Unidos, são editados respectivamente desde 1792 e 1868.

³⁸ São exemplos o “Almanaque brasilidades”, “Almanaque da dengue”, “Almanaque do agente comunitário de saúde”, “Almanaque Paulo Freire”, “Almanaque do Censo Demográfico”, “Almanaque da TV”, “Almanaque Anos 80” e “Almanaque tipográfico brasileiro”.

almanaques se posicionam como precursores, em formato impresso, dos hipertextos modernos. A diversidade textual e temática, a organização não linear, a interatividade e o caráter enciclopédico dos almanaques os aproximam da dinâmica de navegação dos sites e portais da web (Marteletto; Couzinet, 2013; Marteletto; Guimarães; Nóbrega, 2009). Essas características dão aos leitores a liberdade de criar seus próprios percursos de leitura, de estabelecer conexões e construir sentidos conforme seus interesses. Desse modo, o ambiente digital amplia as possibilidades de uso e alcance dos almanaques, potencializando o papel infocomunicacional e pedagógico desses dispositivos de comunicação popular escrita.

Ao longo da pesquisa, buscou-se descrever as dimensões informacionais, culturais, pedagógicas, materiais e simbólicas do almanaque *Lunário Perpétuo*. Os conceitos de documento, dispositivo infocomunicacional e objeto cultural guiaram a análise dos dados na investigação da estrutura, dos conteúdos, dos atores e dos diferentes modos como o *Lunário* circulou e permaneceu na cultura popular brasileira.

O *Lunário Perpétuo* configura-se, antes de tudo, como um documento, na medida em que, em seu sentido mais básico, é um objeto que suporta informação, serve para comunicar e possui durabilidade (Meyriat, 2016). Sua fisicalidade enquanto objeto editorial viabilizou sua circulação, e a materialidade garantiu seu poder de enunciação, promovendo transformações na realidade por meio dos processos de leitura e apropriação realizados pelos sujeitos. Sua materialidade, portanto, implicou uma fisicalidade que atuou sobre o mundo, constituindo-se como matéria simbólica. As informações e discursos por ele sustentados possibilitaram o surgimento de diversos outros documentos, sejam estudos, releituras ou obras inspiradas, conformando um conjunto documental que operou e opera como força antropológica de transformação social e cultural (Frohmann, 2008; Marteletto; Nóbrega, 2006; Saldanha, 2013).

Como dispositivo infocomunicacional, o *Lunário* articula elementos heterogêneos que operam de forma relacional e interdependente, ligados entre si por uma rede de elos sociais que reúne textos, discursos, técnicas, objetos materiais, práticas e diversos atores: aqueles que produziram a informação, os que possibilitaram sua circulação por meio de artefatos técnicos, os que facilitaram sua difusão e os que dela se apropriaram (Couzinet, 2009; Marteletto; Couzinet, 2013). Essa rede de atores inclui os produtores da obra – Jerónimo Cortés e outros autores que a modificaram ou traduziram –, os agentes da circulação editorial – editores, impressores, tipógrafos –, os que viabilizaram sua difusão – livreiros, comerciantes, vendedores ambulantes, membros de instituições estatais e eclesiásticas que licenciaram sua reprodução, bibliotecários que garantiram sua preservação –, e, finalmente, os sujeitos que dela se apropriaram – leitores, ouvintes, estudiosos e criadores de releituras e obras inspiradas.

Enquanto dispositivo, o *Lunário* carrega discursos – religiosos, científicos, astrológicos, pedagógicos, populares – e atua como instrumento de poder. Trata-se de um objeto popular não por ter sido escrito do povo para o povo, mas por ter sido produzido por letrados em um estilo de divulgação científica que foi apropriado pelas camadas populares. Passou pelo crivo da censura inquisitorial, seu conteúdo foi adaptado para atender às demandas da Igreja, e foi licenciado pela Igreja e pelo Estado. Na própria função de organizar o tempo e coordenar a vida pública por meio das datas litúrgicas e festividades religiosas, o *Lunário*, em sua associação intrínseca com o calendário, funciona como dispositivo de poder, tanto estatal quanto religioso (Le Goff, 2021). Como instrumento de poder, carregado de uma discursividade que possui intencionalidade, o dispositivo apresenta um caráter ideológico e pedagógico, portanto informacional. As noções de poder e de saber, conforme Foucault (1994) estão intrinsecamente ligadas aos dispositivos, na medida em que eles estão inscritos em um jogo de poder e ligados aos limites do saber que derivam deste e o condicionam.

Ao interpretar os dispositivos infocomunicacionais a partir da noção de “seres culturais” (Jeanneret, 2008), entendidos como complexos que articulam objetos materiais, textos e representações, resultando na produção e compartilhamento de ideias, informações, saberes e julgamentos, o *Lunário Perpétuo* é concebido também como um objeto cultural. Trata-se de um objeto portador de materialidade, que esteve em constante circulação por distintos contextos históricos, sociais e geográficos, e que teve sua existência cultural e longevidade asseguradas graças a sucessivos gestos de apropriação e ressignificação.

Desse modo, a análise sobre o *Lunário Perpétuo* evidencia que os três conceitos – documentos, dispositivos infocomunicacionais e objetos culturais – não atuam isoladamente, mas são interdependentes: a materialidade e circulação do documento sustentam o funcionamento do dispositivo, garantindo sua discursividade e poder de enunciação; essa dinâmica possibilita, por sua vez, que o objeto seja apropriado e adquira existência cultural.

Essa articulação conceitual permitiu compreender diferentes modos como o *Lunário* circulou historicamente em diferentes dimensões. Informacionalmente, atuou como instrumento mediador de saberes e conhecimentos, veiculando conteúdos sobre uma gama variada de assuntos a diferentes grupos sociais e culturais. Pedagogicamente, desempenhou papel educativo, instruindo leitores sobre questões práticas e teóricas. Sua circulação material e simbólica envolveu sua fisicalidade – como livro de grande sucesso editorial – e seu poder de transformação da realidade. Culturalmente, por fim, transitou entre esferas eruditas e populares, em um processo de circularidade da cultura.

6 CONCLUSÃO

A dissertação partiu do pressuposto de que o almanaque *Lunário Perpétuo*, enquanto documento e objeto cultural, teve ampla relevância social, cultural e informacional nos contextos sócio-históricos em que circulou, servindo como influente dispositivo de mediação da informação, cultura e leitura. Pressupôs-se também que a obra permanecia na cultura popular brasileira por meio de suas leituras, releituras e apropriações. Nesse sentido, o objetivo da pesquisa foi compreender a circulação informacional, cultural, pedagógica, material e simbólica do almanaque *Lunário Perpétuo* enquanto documento, objeto cultural e dispositivo de informação e comunicação e os modos como ele permanece na cultura popular brasileira.

Para alcançar essa compreensão, adotou-se um percurso teórico que buscou conceituar documentos e dispositivos infocomunicacionais. O *Lunário Perpétuo* se configura como um documento que apresenta dimensões sociais, culturais, pedagógicas, simbólicas, materiais e informacionais. Trata-se de um objeto cultural e testemunhal que carrega discursos, e estes permitem entender os vínculos e interpretações que os atores que o produziram e o apropriaram estabeleceram com a realidade. Enquanto documento, se configura como dispositivo de produção de sentidos, ou, em outros termos, dispositivo infocomunicacional. Esses dispositivos medeiam o conhecimento, reunindo processos informacionais, documentais e comunicacionais.

Considerando o papel que os almanaques desempenharam na história da leitura ao propiciarem leituras e apropriações por indivíduos com diferentes graus de alfabetização em diversos contextos sociais, culturais e históricos, a pesquisa explorou a leitura e suas práticas sob uma perspectiva histórica. Em seguida, dado o caráter popular atribuído aos almanaques, foram discutidos os conceitos de cultura popular, leitura popular e comunicação popular escrita, incluindo suas controvérsias e indefinições. Posteriormente, foi apresentado um panorama conceitual e histórico sobre os almanaques, desde suas origens até os dias atuais, perpassando pelos principais subgêneros europeus e brasileiros. Por fim, abordou-se a história da produção, circulação e apropriação do *Lunário Perpétuo* com base em uma revisão da literatura.

Atendendo aos objetivos específicos da pesquisa, elaborou-se um levantamento de edições do *Lunário Perpétuo* que permitiu a identificação de ao menos 176 edições publicadas entre os anos de 1594 e 2023. Entre elas, foram identificadas 121 da Espanha, publicadas entre 1594 e 2003; 39 edições de Portugal, publicadas entre 1703 e 2013; e 7 da França, publicadas entre 1842 e 1893. Do Brasil, identificou-se uma edição de 1848 dos editores Laemmert.

Em sequência, utilizando o método de análise temática aplicado a um corpus documental de quatro edições portuguesas do *Lunário*, buscou-se identificar e compreender sua

estrutura, variação de conteúdos, as redes de atores e os rastros presentes na produção, edição, circulação, leitura e apropriação do *Lunário*. A análise foi expandida por meio de uma pesquisa bibliográfica e documental, que buscou identificar as formas como o *Lunário* alcançou permanência documentária e informacional na cultura popular brasileira, através de apropriações feitas por diferentes atores.

Os resultados evidenciam uma variedade de assuntos de porte informacional e pedagógico no *Lunário Perpétuo*, além de discursos e de atores da ciência, da medicina, da religião, da astrologia, das artes e dos saberes populares. Seus principais conteúdos estão relacionados ao tempo, astronomia, astrologia, meteorologia, agricultura, saúde, lar, religião e o lúdico. A análise temática permitiu identificar padrões, permanências e transformações do *Lunário Perpétuo* ao longo de suas edições. Embora haja ampla variação estrutural e temática entre elas, observa-se uma estrutura recorrente que confere identidade à obra em meio a tantas modificações.

Através das marcas de leitura e de propriedade nos exemplares encontrados, bem como por meio de suas releituras nas artes e na literatura, foi possível identificar leitores da cultura erudita e da cultura popular que se apropriaram do *Lunário*, replicando-o ao longo do tempo em um processo de circularidade cultural. Além disso, foram identificados editores, impressores, tradutores, censores e autores que revisaram, acrescentaram ou excluíram partes da obra em suas diversas edições. Estes atores propiciaram a produção, circulação, difusão, leitura e apropriação do *Lunário Perpétuo*.

Complementarmente, a análise traçou conexões entre o *Lunário* e as obras que se inspiraram nele, identificando influências diretas e indiretas. Nesse sentido, ainda que não tenha hoje a mesma circulação e influência que teve no Brasil até meados do século XX, conclui-se que o *Lunário Perpétuo* permanece no imaginário e na cultura popular brasileira por meio de suas releituras e apropriações. Desse modo, o *Lunário* encontrou outras maneiras de se perpetuar no tempo, para além de sua simples consulta e leitura como objeto-livro.

Isso é evidenciado pela influência que exerceu sobre muitos dos almanaques posteriores, como a *Folhinha de Mariana* e os almanaques de cordel, que o tomaram como modelo e referência. Sua permanência na literatura é notável, presente nas obras de Ariano Suassuna, Graciliano Ramos e Domingos Olímpio, além da literatura de cordel nordestina. Na música, aparece na obra de Antonio Nóbrega, além do repertório dos cantadores populares nordestinos, que recitavam trechos da obra. Inspirou ainda os artistas populares na festa do carnaval, símbolo da força e resistência da cultura popular.

Assim, conclui-se que o *Lunário Perpétuo* sustentou sua permanência por séculos não apenas por meio de suas reedições e atualizações, mas, sobretudo, por suas apropriações e ressignificações no campo cultural. Sua longevidade evidencia sua relevância como documento, objeto cultural e dispositivo infocomunicacional, que continua a circular na memória coletiva e na cultura popular brasileira. Seu legado persiste, demonstrando que a comunicação popular escrita exerce um papel duradouro na mediação e construção de saberes.

Desse modo, a pesquisa permitiu compreender não apenas a permanência do *Lunário Perpétuo* na cultura popular brasileira, mas também os processos que possibilitaram essa longevidade, incluindo suas reedições, releituras e ressignificações por diversos atores. Demonstrou-se que seu impacto transcende o conteúdo informativo e pedagógico, tornando-se um símbolo cultural que dialoga com diferentes contextos sócio-históricos. Além disso, a pesquisa contribuiu para a ampliação dos estudos sobre almanaques, um gênero editorial que, apesar de seu relevante papel na transmissão de saberes a variados segmentos sociais, foi muitas vezes negligenciado no campo biblioteconômico e informacional.

Os achados da pesquisa abrem caminhos para desdobramentos futuros em diferentes perspectivas. Estudos complementares podem aprofundar os modos como as informações e saberes do *Lunário Perpétuo* e de outros almanaques populares foram apropriados e ressignificados ao longo do tempo. Sua recepção pode ser analisada em comunidades específicas, tanto no passado quanto no presente, ampliando a compreensão de seus impactos nas práticas culturais, produções artísticas, crenças e na transmissão do conhecimento.

A investigação pode ser estendida à circulação do *Lunário Perpétuo* em outros países, como Espanha e Portugal, bem como antigas colônias ibéricas, onde o almanaque pode ter circulado. Além disso, o levantamento de edições do *Lunário* pode ser ampliado, pois é provável que o número real de publicações seja significativamente maior do que o identificado na pesquisa. Esse mapeamento, quase arqueológico, pode se estender a outros almanaques populares, cuja guarda e conservação foi historicamente negligenciada, contribuindo para uma investigação mais aprofundada sobre a circulação dos objetos culturais.

A pesquisa também abre caminho para um estudo mais amplo sobre como os dispositivos de informação e comunicação popular escrita se constituíram como formas acessíveis e eficazes de transmissão de saberes em diferentes contextos. Nesse sentido, sugere-se a análise em uma perspectiva informacional da produção, circulação e apropriação de outros documentos populares além dos almanaques, investigando os modos como foram transformados e ressignificados ao longo do tempo.

Outra vertente possível é a investigação dos almanaques no contexto tecnológico contemporâneo, analisando como suas características estruturais e informacionais dialogam com as dinâmicas das plataformas digitais. No mundo digital, a navegação hipertextual, a interatividade e a leitura não linear refletem a organização dos almanaques, que guiam seus leitores por diferentes temas e conteúdos. De modo semelhante, os espaços digitais permitem que os usuários construam percursos personalizados de leitura e apropriação do conhecimento, mantendo viva, por novos meios, a tradição dos almanaques.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

ABREU, Martha. Cultura popular: um conceito e várias histórias. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (org.). **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 83-102.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL. **Dicionário brasileiro de literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Rovellet, 2013.

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? In: AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?: e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009. p. 25-51.

AGOSTINELLI, Serge. Comment penser la médiation inscrite dans les outils et leurs dispositifs?: une approche par le système artefactuel. **Distances et savoirs**, [s. l.], v. 7, n. 3, p. 355-376, 2009. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-distances-et-savoirs-2009-3-page-355.htm>. Acesso em: 11 set. 2023.

ALBISSON, Mathilde. En mala estrella: los pronósticos astrológicos y repertorios de los tiempos censurados por la Inquisición española (1632-1707). **Studia histórica: historia moderna**, Salamanca, v. 41, n. 2, p. 249-279, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7183872>. Acesso em: 23 abr. 2024.

ALMEIDA, Argus Vasconcelos de. **Saberes e práticas de cura no “Lunário Perpétuo” de Gerônimo Cortés (1555-1615) e sua influência no Nordeste brasileiro**. Olinda: [s. n.], 2012.

ALMEIDA, Celine Lehmann Escher. **A propósito da leitura de altas verdades vitais: impressão, difusão da palavra escrita em língua alemã e práticas de leitura do almanaque *Der Familienfreund*: (RS, 1912-1956)**. Orientadora: Maria Stephanou. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/141994>. Acesso em: 23 abr. 2024.

ALMEIDA, Ruth Trindade de. **Os almanaques populares do Nordeste**. Belém: Naea, 2019. Disponível em: <https://www.naea.ufpa.br/index.php/livros-publicacoes/332-os-almanaques-populares-do-nordeste>. Acesso em: 19 fev. 2024.

ALVIM, Carlos Eduardo; FERREIRA, Eulym. Há 150 anos, folhinha de Mariana desafia o tempo e mantém tradições. In: JORNAL NACIONAL. Rio de Janeiro: TV Globo, 28 dez. 2019. Programa de TV. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/12/28/ha-150-anos-folhinha-de-mariana-desafia-o-tempo-e-mantem-tradicoes.ghtml>. Acesso em: 20 maio 2025.

ANASTÁCIO, Vanda. Almanagues: origem, gêneros, produção feminina. **Vereadas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, Santiago de Compostela, v. 18, p. 53-74, dez. 2012. Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/63>. Acesso em: 24 abr. 2024.

ANDRADE, Carlos Drummond de. A boa folhinha. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, v. 83, n. 262, 27 dez. 1973. Caderno B, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/030015_09/25694. Acesso em: 20 maio 2025.

ANDRADE, Joana Paula Costa Cardoso e. **Articulações armoriais**: uma abordagem dialógica-intertextual do universo literário do Lunário Perpétuo. Orientadora: Sueli Meira Liebig. 2013. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2013. Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/2501>. Acesso em: 19 fev. 2024.

ANDRADE, Vinícius. Existe um 'calendário' em Minas Gerais que traz a previsão do tempo do ano todo. **Revista encontro**. Belo Horizonte, 26 fev. 2018. Disponível em: <https://www.revistaencontro.com.br/canal/atualidades/2018/02/existe-um-calendario-em-minas-gerais-que-traz-a-previsao-do-tempo-do.html>. Acesso em: 20 maio 2025.

ANDREATO, Elifas; RODRIGUES, João Rocha (org.). **Brasil**: almanaque de cultura popular: todo dia é dia. São Paulo: Ediouro, 2009. p. 8-13.

ANDRIES, Lise. Almanques: revolucionando um gênero tradicional. In: DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (org.). **Revolução impressa**: a imprensa na França: 1775-1800. São Paulo: Edusp, 1996. p. 287-307.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina rústica**. Rio de Janeiro: Editora Nacional, 1961. Disponível em: <http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/73>. Acesso em: 16 fev. 2025.

ARAÚJO, Jorge de Souza. **Perfil do leitor colonial**. Orientador: Gilberto Mendonça Teles. 1988. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11422/6233>. Acesso em: 12 fev. 2025.

ASSIS, Machado de. Como se inventaram os almanques. In: MEYER, Marlyse (org.). **Do almanak aos almanques**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 25-28.

ATHAYDE, João Martins de. **Amor de pirata**. Juazeiro do Norte: Tipografia São Francisco, 1953. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/14437>. Acesso em: 15 fev. 2025.

BÁGUENA CERVELLERA, María-José; BARONA VILAR, José Luis; FRESQUET FEBRER, José Luis; LÓPEZ TERRADA, María Luz; MICÓ NAVARRO, Juan Antonio; SALAVERT FABIANI, Vicente Luis. **Estudios sobre la medicina y la ciencia valencianas**: (siglos XVI-XIX). Valencia: Cátedra de Historia de la Medicina/Universidad de Valencia, 1985. (Cuadernos Valencianos de Historia de la Medicina y de la Ciencia, 28. Serie A: Monografías). Disponível em: <https://digital.csic.es/handle/10261/90929>. Acesso em: 25 maio 2025.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BARBERINO, Lisi. À luz do Lunário. Contorno, Salvador, v. 2, n. 5, p. 30-41, set. 2014. Disponível em: https://issuu.com/bienaldabahia/docs/revista_contorno_smallest_3. Acesso em: 24 abr. 2024.

BARBIER, Jonathan. L'éducation du "peuple" par les almanachs au XIXe siècle. **Carnet de la recherche à la Bibliothèque nationale de France**: bases de programmes de recherches, 1 maio 2020. Disponível em: <https://bnf.hypotheses.org/9377>. Acesso em: 31 ago. 2024.

BARBOSA, Gabriela Ferreira. **Almanaques de farmácia**: saúde, eugenia e trabalho no Governo Vargas (1930-1945). Orientador: Francisco Carlos Jacinto Barbosa. 2015. Dissertação (Mestrado em História e Cultura) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=84672>. Acesso em: 23 abr. 2024.

BARBOSA, Josenilto Rodrigues. **Almanaque como patrimônio afetivo**: colecionismo e autobiografia em Santa Inês, Bahia. Orientador: Clovis Carvalho Brito. 2022. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Programa de Pós-Graduação em Museologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/36387>. Acesso em: 19 abr. 2024.

BAUBÉROT, Arnaud. Prophéties et prédictions astrologiques dans les almanachs populaires du XIXe siècle. **Société des études romantiques et dix-neuviémistes**, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.58079/u023>. Acesso em: 6 set. 2024.

BELO, André. **História & livro e leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BELTRÃO, Luiz. Almanaque de cordel: veículo de informação e educação do povo. **Comunicarte**, Campinas, v. 1, p. 81-96, dez. 1982.

BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. **O almanaque de cordel**: informação e educação do povo. 1999. Comunicação apresentada ao colóquio internacional "Les almanachs populaires en Europe et dans les Amériques (XVIIè-XIXè siècles): genres, circulation, échanges et rapports interculturels", Saint-Quentin-en-Yvelines, 1999. Disponível em: <https://espacoastrologico.com.br/almanaques-astrologicos/>. Acesso em: 2 set. 2024.

BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: UFPB, 2000.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura: obras escolhidas: volume 1. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BEZERRA, Amílcar Almeida. Literatura e almanaques: Ariano Suassuna e os modos alternativos de inserção do popular e do nacional na mídia. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos. **Anais eletrônicos [...]**. Santos: [s. n.], 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r1349-1.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2024.

BOLLÈME, Geneviève. **La bible bleue**: anthologie d'une littérature "populaire". Paris: Flammarion, 1975. Disponível em:
<https://archive.org/details/labiblebleueanth0000unse/mode/2up>. Acesso em: 5 set. 2024.

BOLLÈME, Geneviève. **La Bibliothèque Bleue**. Paris: Gallimard; Julliard, 1971.

BOLLÈME, Geneviève. **Les almanachs populaires aux XVIIe et XVIIIe siècles**: essai d'histoire sociale. Paris: Mouton & Co, 1969. Disponível em:
<https://archive.org/details/lesalmanachspopu0000gene>. Acesso em: 3 set. 2024.

BOLLÈME, Geneviève. Littérature populaire et littérature de colportage au XVIIIe siècle. In: BOLLÈME, Geneviève et al. **Livre et société dans la France du XVIIIe siècle**. Paris: Mouton, 1965.

BOTREL, Jean-François. Almanachs et calendriers en Espagne au XIXe siècle: essai de typologie. In: MOLLIER, Jean-Yves; LÜSEBRINK, Hans-Jürgen (org.). **Les lectures du peuple en Europe et dans les Amériques du XVIIe au Xxe siècle**. Bruxelles: Éditions Complexe, 2003. p. 105-115.

BOTREL, Jean-François. Almanaque. In: GARRIDO GALLARDO, Miguel Ángel (dir.). **Diccionario español de terminos literarios internacionales**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2015. Disponível em:
<http://www.proyectos.cchs.csic.es/detli/sites/default/files/Almanaque.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2025.

BOTREL, Jean-François. Catálogo Almanak dos Almanques. In: MEYER, Marlyse (org.). **Do almanac aos almanques**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

BOTREL, Jean-François. Para una bibliografía de los almanques y calendarios (siglos XIX-XX). **Elucidario**, n. 1, mar. 2006. p. 35-46. Disponível em:
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1984281>. Acesso em: 15 fev. 2025.

BOURDIEU, Pierre. Você disse “popular”? Tradução de Denice Barbara Catani. **Revista brasileira de educação**, Rio de Janeiro, n. 1, jan./abr. 1996. p. 16-26. Disponível em:
<http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n01/n01a03.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2024.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em:
<https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em: 27 abr. 2024.

BUCKLAND, Michael Keeble. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, New York, v. 45, n. 5, p. 351-360, June 1991.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**: Europa, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CALIXTO, Adrielle da Costa. **Cultura de almanaque**: conhecimento via entretenimento. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2008. (Cadernos da comunicação. Série estudos, 22).

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. **Os primeiros almanaques de São Paulo**: introdução à edição fac-similar dos almanaques de 1857 e 1858. São Paulo: Convênio IMESP/DAESP, 1983. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/113>. Acesso em: 23 abr. 2024.

CAMPOS, Eduardo. **Medicina popular do Nordeste**: superstições, crendices e mezinhas. 3. ed. il. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967.

CARDINALI, Luciano. A tipografia armorial: a concepção de uma identidade visual sertaneja. **Dat jornal**: design, art and technology, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 160-180, 11 out. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.29147/2526-1789.DAT.2016v1i1p160-180>. Acesso em: 16 fev. 2025.

CAROLINO, Luís Miguel. **A escrita celeste**: almanaques astrológicos em Portugal nos séculos XVII e XVIII. Rio de Janeiro: Access, 2002.

CARREÑO, Miryam. Almanques y calendarios en la historia de la educación popular: un estudio sobre España. **Revista de educación**, Madrid, n. 296, p. 195-216, 1991. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=18874>. Acesso em: 4 fev. 2024.

CARVALHO, Gilmar de. Les almanachs populaires du Nordeste brésilien "O juízo do ano" de Manoel Caboclo e Silva. **Revista L'Aleph**, Paris, n. 7, p. 32-42, jun. 2001. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/41873>. Acesso em: 24 abr. 2024.

CARVALHO, Gilmar de. **Lyra popular**: o cordel do Juazeiro. 2. ed. Fortaleza: Museu do Ceará, 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/47547>. Acesso em: 15 fev. 2025.

CARVALHO, Jeferson Luís Marinho de. **Almanack da Parnahyba**: leituras da educação em suas páginas. Orientadora: Luciane Sgarbi Santos Grazziotin. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/5564>. Acesso em: 12 set. 2024.

CARVALHO, Jeferson Luís Marinho de; GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos. Um almanaque de cidade como objeto de pesquisa da história da cultura escrita: Almanack da Parnahyba (1924-1982). **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 70, p. 179-195, jul./ago. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.53880>. Acesso em: 24 abr. 2024.

CARVALHO, José Geraldo Vidigal de. Folhinha de Mariana. In: GRÁFICA E EDITORA DOM VIÇOSO. Mariana, MG: Gráfica e Editora Dom Viçoso, c2025. Disponível em: <https://www.graficadomvicoso.com.br/folhinha-de-mariana/>. Acesso em: 16 maio 2025.

CARVALHO, Reinaldo Forte. "Almanaque Juízo do Ano": natureza, ciência e magia no Juazeiro do Norte/CE (1961-1996). **Revista Historiar**, [Sobral], v. 13, n. 24, p. 116-134, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/390>. Acesso em: 19 fev. 2024;

CARVALHO, Reinaldo Forte. “**Cordel, almanaques e horóscopos**”: e(ru)dição dos folhetos populares em Juazeiro do Norte-CE (1940-1960). Orientador: José Olivenor Souza Chaves. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História e Culturas, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008. Disponível em: <https://www.uece.br/ppghce/wp-content/uploads/sites/64/2022/08/Reinaldo-Forte-Carvalho.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2024.

CASA DO COLECIONADOR. **Almanaque Capivarol 1941**. Juiz de Fora: [s. n.], c2024. Disponível em: <https://casadocolecionador.com.br/produto/almanaque-de-farmacia-almanaque-capivarol-1941/>. Acesso em: 18 fev. 2025.

CASA NOVA, Vera Lúcia. Almanagues de farmácia (1920...). **Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura**, Belo Horizonte, n. 8, p. 53-65, 1982. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/cltl/article/view/7946>. Acesso em: 3 set. 2024.

CASA NOVA, Vera Lúcia. Eça de Queirós e os almanaques do seu tempo. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 268-272, jul./dez. 1997. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10164>. Acesso em: 24 abr. 2024.

CASA NOVA, Vera Lúcia. **Lições de almanaque**: um estudo semiótico. Belo Horizonte: UFMG, 1996. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1990.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 13. ed. São Paulo: Global, 2024.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Tradição, ciência do povo**: pesquisas na cultura popular do Brasil. 2. ed. São Paulo: Global, 2013.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **A macumba da negra saiu errada**. Salvador: [s. n., 19--]. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/26899>. Acesso em: 15 fev. 2025.

CAVALCANTI, Nireu. **O Rio de Janeiro setecentista**: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da Corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CEIA, Carlos. Almanaque. In: CEIA, Carlos (coord.). **Dicionário de termos literários**. [S. l., s. n.], 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/almanaque>. Acesso em: 6 set. 2024.

CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR. **Cordelteca**. [Rio de Janeiro]: Iphan, c2018a. Disponível em: http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura_de_Cordel_C0001_a_C7176. Acesso em: 4 mar. 2025.

CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR. **Hemeroteca**. [Rio de Janeiro]: Iphan, c2018b. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/hemeroteca>. Acesso em: 4 mar. 2025.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAMPIER, Victor. **Les anciens almanachs illustrés**: histoire du calendrier depuis les temps anciens jusqu'à nos jours: ouvrage accompagné de 50 planches hors texte em noir et en couleur: reproduisant les principaux Almanachs illustrés ou gravés. Paris: L. Frinzine et Cie, 1886. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bd6t54181120n>. Acesso em: 6 set. 2024.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no Ocidente. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p. 19-31.

CHARTIER, Roger. "Cultura popular": revisitando um conceito historiográfico. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2005>. Acesso em: 9 jul. 2024.

CHARTIER, Roger. Do código ao monitor: a trajetória do escrito. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 8, n. 21, p. 185-199, maio/ago. 1994. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/WXQwxxRhNjfZCbdkRMPXdYw/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger. (org.). **Práticas da leitura**. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011a. p. 77-105.

CHARTIER, Roger. **Formas e sentido**: cultura escrita: entre distinção e apropriação. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2011b.

CHARTIER, Roger. Introdução: o livro dos livros. In: PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. São Paulo: Fapesp, 2010. p. 9-13.

CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: UNESP, 2004.

CHAVES, Vania Pinheiro; SANTOS, Gilda. O almanaque: dos periódicos oitocentistas ao Facebook. **Convergência Lusíada**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 46, p. 203-216, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.37508/rcl.2021.n46a473>. Acesso em: 24 abr. 2024.

CONRADO LEILOEIRO. **Almanaque d' A Saúde da Mulher, 1938**. Rio de Janeiro: [s. n.], 2015. Disponível em: <https://www.conradoleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=1101896>. Acesso em: 18 fev. 2025.

CORTES, Geronimo. **Fisonomia, y varios secretos de naturaleza**: estan expurgados, segun lo manda el Decreto de la Santa Inquisicion de trece de Junio del año de mil setecientos quarenta y uno. Madrid: Oficina de D. Manuel Martin, 1767. Disponível em: <https://bvpb.mcu.es/ca/consulta/registro.do?id=405644>. Acesso em: 25 maio 2025.

CORTES, Geronymo. **Libro, y tratado de los animales terrestres, y volatiles, con la historia, y propiedades dellos**: alabão de cada uno de los terrestres la virtude em que mas se aventajò, y señalò: con autoridad de docros, y santos. Valencia: Juan Chrysostomo Garriz, 1613c. Disponível em:

https://books.google.com.br/books/about/Libro_y_tratado_de_los_animales_terrestr.html?id=xuGWJ3H2IDEC. Acesso em: 25 maio 2025.

COSTA, Adalgisa Botelho da. **O Reportorio dos Tempos de André do Avelar e a astrologia em Portugal no século XVI**. Orientador: Roberto de Andrade Martins. 2001. Dissertação (Mestrado em História da Ciência) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://www.ghtc.usp.br/server/Teses/Adalgisa-Botelho-da-Costa.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2024.

COSTA, Adalgisa Botelho da. O reportorio dos tempos de André do Avelar e a astrologia em Portugal no século XVI. In: MARTINS, Roberto de Andrade *et al.* (ed.). **Filosofia e história da ciência no Cone Sul**: 3º Encontro. Campinas: AFHIC, 2004. p. 1-7. Disponível em: <https://www.ghtc.usp.br/server/AFHIC3/Trabalhos/01-Adalgisa-Botelho-Costa.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2024.

COSTA, Filipe Manuel Baptista Ribeiro. **Do material ao imaterial**: procissões, festas e romarias no Almanach de Lembranças (1851-1932). Orientadora: Maria Inês Ferreira de Amorim Brandão da Silva. 2016. Dissertação (Mestrado em História e Patrimônio) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2016. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/86720>. Acesso em: 5 set. 2024.

COSTA, Luís Adriano Mendes. **Antonio Carlos Nóbrega em acordes e textos armoriais**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788578791865>. Acesso em: 17 abr. 2024.

COSTA, Luís Adriano Mendes. **Antonio Carlos Nóbrega em cartografias (pós) armoriais**. Orientador: Sébastien Joachim. 2015. Tese (Doutorado em Literatura e Interculturalidade) – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2015. Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/2725>. Acesso em: 17 abr. 2024.

COSTA, Luís Adriano Mendes. Antonio Carlos Nóbrega em seu Lunário Perpétuo: um olhar intermediático. **Revista ECOS**, [Cáceres], v. 15, n. 2, p. 123-145, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/633>. Acesso em: 24 abr. 2024.

COSTA, Luís Adriano Mendes. Jerônimo Cortêz e Antonio Carlos Nóbrega entre almanaques e lunários perpétuos. In: Marly Gondim Cavalcanti Souza; Agnaldo Rodrigues da Silva (org.). **Diálogo entre Literatura e outras artes**: v. 1. 3. ed. Cáceres: UNEMAT, 2014. p. 153-170.

COSTA, Luís Adriano Mendes. **Movimento armorial**: o erudito e o popular na obra de Antonio Carlos Nóbrega. Orientador: Sebastien Joachim. 2007. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2007. Disponível em: https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Costa-Dissertacao-Movimento_Armorial.pdf. Acesso em: 5 set. 2024.

COUZINET, Viviane. Dispositifs info-communicationnels: contributions à une définition. *In*: COUZINET, Viviane (org.). **Dispositifs info-communicationnels**: questions de médiations documentaires. Paris: Hermès; Lavoisier, 2009. p. 19-30.

COUZINET, Viviane. Do micro ao macrodispositivo documentário: compartilhando saberes e memória do mundo. Tradução: Cristina Dotta Ortega, Marcílio de Brito. **ConCI**: convergências em Ciência da Informação, Aracaju, v. 5, p. 1-30, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.33467/conci.v5i.18045>. Acesso em: 17 dez. 2024.

COUZINET, Viviane. Les dispositifs: question documentaire. *In*: GARDIÈS, Cécile (org.). **Approche de l'information-documentation**: concepts fondateurs. Toulouse: Cepaduès-Éditions, 2011. p. 117-130.

CUNHA, Margarida. A encadernação dos almanaques. *In*: GALVÃO, Rosa Maria (coord.). **Os sucessores de Zacuto**: o almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002. p. 25-27.

D'ALEMBERT, Jean le Rond. Almanach. *In*: DIDEROT, Denis; D'ALEMBERT, Jean le Rond. **Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres**: tome premier. Paris: Briasson, 1751. Disponível em: https://fr.wikisource.org/wiki/L'Encyclopédie/1re_édition/ALMANACH. Acesso em: 2 fev. 2024.

DALBELLO, Marija. Architectures of knowledge and literary tradition: a history of the almanac in Croatia. **Slavic & East European Information Resources**, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 21-69, 2003. Disponível em: https://doi.org/10.1300/J167v04n01_04. Acesso em: 5 set. 2024.

DAVID, Debora Leite. Almanach de lembranças: colaborações africanas no século XIX. **Miscelânea**, Assis, v. 19, p. 353-368, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/71>. Acesso em: 5 set. 2024.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DARNTON, Robert. História da leitura. *In*: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. p. 199-236.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo. *In*: DELEUZE, Gilles. **O mistério de Ariana**. Lisboa: Vega, 1996. p. 83-96.

DENIS, Auguste. **Recherches bibliographiques et historiques sur les almanachs de la Champagne et de la Brie**. Chalons-sur-marne: l'auteur, 1880. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=bopLYnS8a98C>. Acesso em: 6 set. 2024.

DIDEROT, Denis. Enciclopédia. *In*: DIDEROT, Denis; D'ALEMBERT, Jean le Rond. **Enciclopédia, ou dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios**: volume 2: o sistema dos conhecimentos. São Paulo: Unesp, 2015.

DOURADO, Stella Moreira. **O almanaque enquanto documento de comunicação e informação popular escrita**: a coleção da família Carneiro Rezende. Orientadora: Regina

Maria Marteleto. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/30/teses/870908.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2024.

DOURADO, Stella Moreira; MARTELETO, Regina Maria. A coleção de almanaques da família Carneiro Rezende: documentos de informação e comunicação popular escrita. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **Anais eletrônicos [...]**. Londrina: UEL, 2018. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIX_ENANCIB/xixenancib/paper/view/1618. Acesso em: 19 fev. 2024.

DOURADO, Stella Moreira; MARTELETO, Regina Maria. O almanaque enquanto documento de informação e comunicação popular escrita no contexto de uma coleção. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília, SP. **Anais eletrônicos [...]**. Marília: Unesp, 2017. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XVIII_ENANCIB/ENANCIB/paper/view/511. Acesso em: 19 fev. 2024.

DOURADO, Stella Moreira; MARTELETO, Regina Maria. Releituras dos almanaques no tempo da web. In: JOURNÉES SCIENTIFIQUES INTERNATIONALES DU RÉSEAU MUSSI, 3., 2016, Toulouse. **Anais eletrônicos [...]**. Toulouse: ENFA, 2016. p. 281-296. Disponível em: <https://remussi.org/wp-content/uploads/2019/04/MUSSI2016-InterieurFINAL.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2024.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Contexto, leitura e subjetividade. **Transinformação**, Campinas, v. 13, n. 1, p. 43-47, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/gkNdrR4fFfSBD3PrdJwNc/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Os múltiplos aspectos e interfaces da leitura. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, dez. 2002. Disponível em: <http://afro.culturadigital.br/wp-content/uploads/2017/10/Artigo-21.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2024.

DUTRA, Eliana de Freitas. Revisitando a literatura de almanaques: itinerâncias, performatividades, memória e tradição. **Miscelânea**, Assis, v. 34, p. 13-34, jul./dez. 2023. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/2658>. Acesso em: 4 fev. 2025.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Laços fraternos: a construção imaginária de uma comunidade cultural luso-brasileira no almanaque de lembranças. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, v.1, p. 116-27, 2005a. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/Lacos_Fraternos.PDF. Acesso em: 7 set. 2024.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. O Almanaque Garnier, 1903-1914: ensinando a ler o Brasil, ensinando o Brasil a ler. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado das Letras, 2002. p. 477-504.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. **Rebeldes literários da República**: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914). Belo Horizonte: UFMG, 2005b.

DYSON, Stephen L. **Rome**: a living portrait of an ancient city. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2010.

EGBERT, James C. **Introduction to the study of latin inscriptions**. New York: American Book Company, c1896. Disponível em: <https://archive.org/details/introductiontost00egberich/page/n3/mode/2up>. Acesso em: 3 fev. 2024.

EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FABRE, Isabelle; GARDIÈS, Cécile. La médiation documentaire. In: LIQUÈTE, Vincent (ed.). **Médiations**. Paris: CNRS Éditions, 2010. p. 121-139. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/books.editions-cnrs.14763>. Acesso em: 25 abr. 2024.

FERREIRA, Caroline Farias.; GOTTINARI, Saarah Londero; LIMA, Paula Garcia. A importância e memória gerada pelos almanaques pelotenses (1913-1935). In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, 23., 2014, Pelotas. **Anais eletrônicos [...]**. Pelotas: UFPEL, 2014. Disponível em: https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2014/LA_01223.pdf. Acesso em: 6 set. 2024.

FERREIRA, Antonio Celso. Para ler nos caminhos de ferro: o Almanach Litterario de São Paulo (1876-1885). **Patrimônio e memória**, Assis, v. 2, n. 1, p. 3-16, 2006. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/6>. Acesso em: 24 abr. 2024.

FERREIRA, Jerusa Pires. Almanagues. In: MEYER, Marlyse (org.). **Do almanak aos almanaques**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 19-22.

FIGUEIRÊDO, Franselma Fernandes de. **Aquelas leituras formadoras de culturas**: (Caicó-RN, século XIX). Orientadora: Marta Maria de Araújo. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/14326>. Acesso em: 23 abr. 2024.

FIGUEIRÊDO, Franselma Fernandes de. As fortunas eruditas e populares do Lunário Perpétuo. **Imburana**: revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN, Natal, v. 5, n. 9, p. 23-35, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/imburana/article/view/6257>. Acesso em: 13 fev. 2024.

FOLHINHA de Mariana. In: GRÁFICA E EDITORA DOM VIÇOSO. Mariana, MG: Gráfica e Editora Dom Viçoso, 2025. Disponível em: <https://www.graficadomvicoso.com.br/folhinha/folhinha-de-mariana/>. Acesso em: 16 maio 2025.

FOUCAULT, Michel. Le jeu de Michel Foucault. In: FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits**: 1954-1988: [tome] 3: 1976-1979. Paris: Gallimard, 1994. p. 298-329.

FRANÇA JÚNIOR, Luis Celestino de. O Juízo do Ano: um estudo sobre o almanaque popular no Nordeste. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 5., 2007, São Paulo. **Anais eletrônicos [...]**. São Paulo: [s. n.], 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/R0141-1.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2024.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 15. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

FREITAS, Claudia Fernanda de Barros. **Aspectos da história e da literatura na primeira década do Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul (1889-1900)**. Orientador: Francisco das Neves Alves. 2007. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2007. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/2568>. Acesso em: 4 fev. 2025.

FREITAS, Douglas de. Samico e Suassuna: Lunário Perpétuo. *In*: GALERIA BASE. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.galeriabase.com.br/samico-e-suassuna>. Acesso em: 16 maio 2025.

FROHMANN, Bernd. O caráter social, material e público da informação. *In*: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; MARTELETO, Regina Maria; LARA, Marilda Lopes Ginez de (org.). **A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Fundepe, 2008. p. 17-34.

GADINI, Sérgio Luiz; CAMARGO, Isadora Ortiz de. 'Almanaques' farmacêuticos brasileiros: informação e estratégias folkcomunicacionais em panfletos de redes de drogarias. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos [...]**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3533-1.pdf>. Acesso em: 6 set. 2024.

GALVÃO, Rosa Maria (coord.). **Os sucessores de Zacuto**: o almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. **O almanaque, a locomotiva da cidade moderna**: Campinas, décadas de 1870 e 1880. Orientador: José Roberto do Amaral Lapa. 1998. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1587147>. Acesso em: 19 fev. 2024.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Os almanaques, os livros do povo, os livros da revolução: entre sensibilidades, visões de mundo e práticas modernas de leitura (Campinas, SP, final do século XIX e início do século XX). **Quaestio**: revista de estudos em educação, Sorocaba, v. 6, n. 2, 2004. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/22>. Acesso em: 24 abr. 2024.

GARDIÈS, Cécile. **Dispositifs info-communicationnels de médiation des savoirs**: cadre d'analyse pour l'information-documentation. Toulouse: Université de Toulouse, 2012. Disponível em: <https://hal.science/tel-01725359/document>. Acesso em: 25 abr. 2024.

GASPARD, Claire. L'interdisciplinarité à l'épreuve des almanachs de la fin du siècle. **Dix-huitième Siècle**, Paris, n. 30, p. 165-177, 1998. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/dhs_0070-6760_1998_num_30_1_2229. Acesso em: 2 set. 2024.

GERALDES, Neto. Jeca Tatu e o Almanaque do Biotônico. **Xarope de letrinhas**, 19 out. 2024. Disponível em: <https://xaropedeletrinhas.com.br/jeca-tatu-e-o-almanaque-do-biotonico/>. Acesso em: 18 fev. 2025.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

GLOBELEZA. Rio de Janeiro: TV Globo, 11 fev. 2024. Programa de TV.

GOMES, Ana Cláudia. **O Almanach das Senhoras (1871-1927) e um projeto político de acesso feminino à cultura letrada**. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

GOMES, Mario Luiz. Vendendo saúde!: revisitando os antigos almanaques de farmácia. **História, Ciências, Saúde**: Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 1007-1018, out./dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/gBm69TsGmDD7Ccnrb9CKDNR/>. Acesso em: 24 abr. 2024.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura**. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011. p. 107-116.

GRAND-CARTERET, John. **Les almanachs français**: bibliographie-iconographie des almanachs, années, annuaires, calendriers, chansonniers, étrennes, états, heures, listes, livres d'adresses, tableaux, tablettes et autres publications annuelles édités à Paris: 1600-1895: ouvrage illustré de 5 planches coloriées et de 306 vignettes, affiches, reliures, titres, et figures d'almanachs. Paris: J. Alisie et cie, libraires-editeurs, 1896. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k39925k>. Acesso em: 25 abr. 2024.

GRESU PORTO DA PEDRA. **Sabedoria é a luz que clareia [...]**. Rio de Janeiro, 19 fev. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C3iDAdjszVg/>. Acesso em: 16 fev. 2025.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A arte do povo**: histórias na literatura de cordel: (1900 – 1940). Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

GRUPO DE HISTÓRIA E TEORIA DA CIÊNCIA. **LUSODAT**. São Paulo: Universidade de São Paulo, [20--]. Disponível em: <https://www.ghtc.usp.br/server/Lusodat/pri/01/pri01655.htm>. Acesso em: 15 fev. 2025.

GRÜTZMANN, Imgart. Almanques em língua alemã em Santa Catarina (1864-1938): tipos, editores, objetivos. **Dimensões**: Revista de História da Ufes, Vitória, v. 18, p. 71-103, 2006a. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2438>. Acesso em: 31 ago. 2024.

GRÜTZMANN, Imgart. Almanques em língua alemã na América Latina (1895-1941): aproximações teórico-metodológicas ao tema. **Espaço plural**, Marechal Cândido Rondon, v. 6, n. 14, p. 14-17, jan./jun. 2006b. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/485>. Acesso em: 31 ago. 2024.

GRÜTZMANN, Imgart. Nacional-socialismo em almanques de língua alemã no Brasil (1933-1939). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. **Anais eletrônicos [...]**. Londrina: ANPUH, 2005. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simpósios/pdf/2019-01/1548206370_e8112accac2777723fba4387532ee897.pdf. Acesso em: 12 set. 2024.

GUERREIRO, Manuel Viegas; CORREIA, J. David Pinto. Almanques ou a sabedoria e as tarefas do tempo. **Revista ICALP**, [Lisboa], v. 6, p. 43-52, ago./dez. 1986. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/dmdocuments/almanques.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2024.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

IBERIAN books. Dublin: UCD School of History, c2024. Disponível em: <https://iberian.ucd.ie/index.php>. Acesso em: 15 fev. 2025.

JEANNERET, Yves. Dispositif. In: COMMISSION NATIONALE FRANÇAISE POUR L'UNESCO. **La "société de l'information"**: glossaire critique. Paris: La Documentation Française, 2005. p. 50-51. Disponível em: https://www.diplomatie.gouv.fr/IMG/pdf/Glossaire_Critique.pdf. Acesso em: 25 abr. 2024.

JEANNERET, Yves. **Penser la trivialité**: volume 1: la vie triviale des êtres culturels. Paris: Lavoisier, 2008.

JERÓNIMO Cortés. In: HISTORIA HISPÁNICA. Madrid: Real Academia de la Historia, c2022. Disponível em: <https://historia-hispanica.rah.es/biografias/12256-jeronimo-cortes>. Acesso em: 26 maio 2025.

JERÓNIMO Cortés. In: WIKIPEDIA: la enciclopedia libre. [San Francisco, CA]: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: https://es.wikipedia.org/wiki/Jerónimo_Cortés. Acesso em: 26 maio 2025.

KRIKORIAN, Sandrine. La table du roi dans l'image populaire: les repas de Louis XIV dans les almanachs. In: CONGRÈS NATIONAUX DES SOCIÉTÉS HISTORIQUES ET SCIENTIFIQUES, 132., 2007, Arles. **Actes [...]**. Paris: Editions du CTHS, 2010. p. 19-31. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/acths_1764-7355_2010_act_132_4_1758. Acesso em: 5 set. 2024.

KUHLMANN JR., Moysés; MAGALHÃES, Maria das Graças Sandi. A infância nos almanques: nacionalismo, saúde e educação (1920-1940). **Educação em revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 327-350, abr. 2010.

LABADIE, Ernest. **Les almanachs bordelais du XVI^e au XIX^e siècle**: (bibliographie historique): avec un frontispice et douze fac-similés de titres d'almanachs. Bordeaux:

Imprimeries Gounouilh, 1917. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k96125657/>. Acesso em: 24 abr. 2024.

LARA, Caroline de. “**Agora sou outro!**”: propagandas e educação sanitária nos almanaques de farmácia (1900-1945). Orientador: Niltonci Batista Chaves. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016. Disponível em: <http://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/376>. Acesso em: 12 set. 2024.

LE GOFF, Jacques. Calendário. In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. São Paulo: Unicamp, 2021. p. 441-484.

LE MAREC, Joëlle. **Ce que le “terrain” fait aux concepts**: vers une théorie des composites, mémoire pour l’habilitation a diriger les recherches. Paris: Université de Paris, 2002.

LEITE, Carlos Roberto Saraiva da Costa. Um mergulho no passado. **Observatório da Imprensa**, São Paulo, n. 900, 30 abr. 2016. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/memoria/um-mergulho-no-passado/>. Acesso em: 4 fev. 2025.

LEITE, José Costa. **Calendário nordestino para 2001**. Recife: Editora Coqueiro, 2001. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/65685>. Acesso em: 15 fev. 2025.

LEITE, José Costa. **Beijo de mulher bonita e carinho de mulher feia**. [S. l.: s. n., 19--]. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/15105>. Acesso em: 15 fev. 2025.

LEITE, José Costa. **Calendário nordestino para 2002**. Recife: Editora Coqueiro, [2002]. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/65697>. Acesso em: 15 fev. 2025.

LIBRAIRIE CAMILLE SOURGET. **Calendrier des bergers**. Paris: Librairie Camille Sourget, c2025. Disponível em: <https://www.camillesourget.com/en/ouvrages/18238-calendrier-des-bergers-rare-books-first-edition-antique-books-camille-sourget/>. Acesso em: 18 fev. 2025.

LIMA, Jorge Luís Moutinho. **Antônio Nóbrega**: a expressão linguístico-poético-musical de um brincante pernambucano. Orientador: André Crim Valente. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/6177>. Acesso em: 24 abr. 2024.

LINS, Daniel. **Lampião**: o homem que amava as mulheres: o imaginário do cangaço. São Paulo: Annablume, 1997.

LISBOA, João Luís. Almanques. In: GALVÃO, Rosa Maria (coord.). **Os sucessores de Zacuto**: o almanque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002. p. 11-23.

LISBOA, João Luís. Duelo à lua: o Sarrabal contra o Cego, cerca de 1740. **Convergência Lusíada**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 46, p. 259–277, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.37508/rcl.2021.n46a461>. Acesso em: 6 set. 2024.

LOPES, Fátima Faleiros. **Memória, história, educação**: trilhas sugeridas por um Almanaque. Orientadora: Eloisa de Mattos Höfling. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/239856>. Acesso em: 24 abr. 2024.

LOURENÇO, Rachel. **A cosmografia de Quaderna na Ilumiara ou Uma trajetória do verdadeiro imperador do Brasil na obra de Ariano Suassuna**. Orientador: Henryrk Siewierski. 2021. Tese (Doutorado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2021. Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/42390>. Acesso em: 23 abr. 2024.

LUCAS, Ricardo Jorge de Lucena. Aproximações entre infografia e a cultura popular. **Ângulo**, Lorena, n. 109, p. 39-45, abr./jun. 2007. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/41774>. Acesso em: 4 fev. 2025.

LUNÁRIO Perpétuo. Intérprete: Antônio Nóbrega. Compositores: Bráulio Tavares, Wilson Freire, Antônio Nóbrega. In: LUNÁRIO Perpétuo. Intérprete: Antônio Nóbrega. São Paulo: Tratore, 2002. 1 CD, faixa 15.

LUNÁRIO Perpétuo: a profética do saber popular. Intérprete: Wantuir de Oliveira. Compositores: Guga Martins, Passos Júnior, Gustavo Clarão, Lucas Macedo, Leandro Gaúcho, Clairton Fonseca, Richard Valença, Gigi da Estiva, Abílio Jr., Marquinho Paloma, Cristiano Teles e Ailson Picanço. São Gonçalo: Porto da Pedra, 2024. Disponível em: <https://www.portodapedra.com.br/samba>. Acesso em: 17 abr. 2024.

LÜSEBRINK, Hans-Jürgen et al. (dir.). **Les lectures du peuple**: en Europe et dans les Amériques (XVIIe-XXe siècle). Bruxelles: Complexe, 2003.

LÜSEBRINK, Hans-Jürgen. L'almanach: structure et évolution d'un type d'imprimé populaire en Europe et dans les Amériques. In: MICHON, Jacques; MOLLIER, Jean-Yves (dir.). **Les mutations du livre et de l'édition dans le monde du XVIIe siècle à l'an 2000**. Québec: Les Presses universitaires de Laval; Paris: L'Harmattan, 2001. p. 432-441.

LÜSEBRINK, Hans-Jürgen. La littérature des almanachs: réflexions sur l'anthropologie du fait littéraire. **Études françaises**, Montreal, v. 36, n. 3, p. 47-64, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/009722ar>. Acesso em: 24 abr. 2024.

LÜSEBRINK, Hans-Jürgen. Transferts culturels transatlantiques et circulation des savoirs dans les cultures populaires — le cas des almanachs de Benjamin Franklin. **Tangence**, Montréal, n. 72, p. 27-40, été 2003. Disponível em: <https://id.erudit.org/iderudit/009090ar>. Acesso em: 2 set. 2024.

LYONS, Martyn. A história da leitura de Gutenberg a Bill Gates. In: LYONS, Martyn; LEAHY, Cyana. **A palavra impressa**: histórias da leitura o século XIX. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

LYONS, Martyn. **Livro: uma história viva**. São Paulo: SENAC, 2011.

MACAMBIRA, Débora Dias. **Impressões do tempo: os almanaques no Ceará (1870-1908)**. Orientadora: Kênia Sousa Rios. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/2834>. Acesso em: 19 fev. 2024.

MACHADO, Marcelo Oliano; ROSSI, Ednéia Regina; NEVES, Fátima Maria. O discurso educacional e o Almanaque do Biotônico Fontoura: por entre práticas de leitura e a produção de uma representação do sertanejo (1920-1950). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 12, n. 45, p. 78-88, mar. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/rho.v12i45.8640137>. Acesso em: 24 abr. 2024.

MAGALHÃES, Maria das Graças Sandi. **A infância nos almanaques de farmácia 1920 a 1940**. Orientador: Moysés Kuhlmann Junior. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade São Francisco, Itatiba, 2005.

MAGALHÃES, Maria das Graças Sandi; ROCHA, Heloisa Helena Pimenta. "Leituras úteis" sobre a infância: almanaques de farmácia e guias maternos brasileiros: 1920 a 1950. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16, 2007, Campinas. **Anais [...]**. Campinas: [s. n.], 2007.

MAGRI, Dirceu. De almanach a almanaque: um olhar sobre dois importantes almanaques. **Convergência Lusíada**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 46, p. 230-258, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.37508/rcl.2021.n46a468>. Acesso em: 24 abr. 2024.

MALFACINI, Nelson. Porto da Pedra: fotos do desfile no Carnaval 2024. **Carnavalesco**: [Rio de Janeiro], 11 fev. 2024. Disponível em: <https://carnavalesco.com.br/porto-da-pedra-fotos-do-desfile-no-carnaval-2024/>. Acesso em: 16 fev. 2025.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARQUES, Ana Luiza de Vasconcelos. **“O almanach tudo desvenda... tudo ensina”**: sociabilidades, mediação cultural e elementos cívico-educacionais nos impressos Brasil-Portugal (1899-1903). Orientadora: Mauricéia Ananias. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/15857>. Acesso em: 6 set. 2024.

MARTELETO, Regina Maria. **Informação e mediações em saúde: dos almanaques de farmácia aos dispositivos da web**. 2019. Projeto de pesquisa – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2019.

MARTELETO, Regina Maria. Tierce connaissance et rencontre de savoirs : pour une épistémologie sociale de l'information. In: JOURNÉES SCIENTIFIQUES INTERNATIONALES DU RÉSEAU MUSSI, 3., 2016, Toulouse. **Anais eletrônicos [...]**. Toulouse: ENFA, 2016. p. 38-51. Disponível em: <https://remussi.org/wp-content/uploads/2019/04/MUSSI2016-InterieurFINAL.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2024.

MARTELETO, Regina Maria; COUZINET, Viviane. Mediações e dispositivos de informação e comunicação na apropriação de conhecimentos: elementos conceituais e empíricos a partir de olhares inter cruzados. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, jun. 2013. Disponível em:

<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/450/1104>. Acesso em: 19 fev. 2024.

MARTELETO, Regina Maria; DAVID, Helena Maria Scherlowski Leal. Almanaque do Agente Comunitário de Saúde: uma experiência de produção compartilhada de conhecimentos. **Interface: comunicação, saúde, educação**, Botucatu, v. 18, p. 1211-1226, 2014. Supl. 2. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/icse/2014.v18suppl2/1211-1226/>. Acesso em: 19 fev. 2024.

MARTELETO, Regina Maria; DOURADO, Stella Moreira. Os almanaques e a circulação social dos objetos culturais: bibliografia, coleções, rastros de leitura. **Em questão**, Porto Alegre, v. 25, p. 354-372, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245250.354-372>. Acesso em: 13 fev. 2024.

MARTELETO, Regina Maria; GUIMARÃES, Cátia; NÓBREGA, Nanci Gonçalves da. Almanaque da dengue: conhecimento, informação e narrativas de saúde. In: MARTELETO, Regina Maria; STOTZ, Eduardo Navarro (org.). **Informação, saúde e redes sociais**: diálogos de conhecimentos nas comunidades da Maré. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; Belo Horizonte: UFMG, 2009. p. 83-106. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/23585>. Acesso em: 19 fev. 2024.

MARTELETO, Regina Maria; NÓBREGA, Nanci Gonçalves da. Ler os almanaques hoje: gestos de informação e de leitura. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Florianópolis. **Anais eletrônicos [...]**. Florianópolis, 2005. Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/173053>. Acesso em: 19 fev. 2024.

MARTELETO, Regina Maria; NÓBREGA, Nanci Gonçalves da. Les documents et leurs appropriations: réflexions sur “information-document” et reserve symbolique. **Sciences de la Société**, Toulouse, n. 68, p. 28-43, maio 2006.

MARTELETO, Regina Maria; NÓBREGA, Nanci Gonçalves da; DAVID, Helena. Almanaque do Agente Comunitário de Saúde: narrativas e dispositivos de informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília, DF. **Anais eletrônicos [...]**. Brasília, DF, 2011. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/enancibXII/paper/view/876>. Acesso em: 19 fev. 2024.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Do folclore ao popular. In: MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 7. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**. 3. ed. il., rev. e atual. São Paulo: Ática, 2001.

MCKENZIE, Donald Francis. **Bibliografia e a sociologia dos textos**. São Paulo: Edusp, 2018.

MEDEIROS, Aline da Silva. Dos livros aos remédios, dos remédios aos livros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA, 3.; SEMINÁRIO DE PESQUISA DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – UFC, 10., 2012, Fortaleza. **Anais eletrônicos [...]**. Fortaleza, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/42797/1/2012_eve_asmedeiros.pdf. Acesso em: 19 fev. 2024.

MEDEIROS, Aline da Silva. Notas sobre a produção, a circulação e a leitura do Lunário Perpétuo de Jerônimo Cortez entre Portugal e o Brasil. **Revista portuguesa de História**, [Coimbra], n. 46, p. 163-184, 2015a.

MEDEIROS, Aline da Silva. **Os remédios, os livros e os tempos**: consumo de remédios e experiência do tempo entre o Lunário Perpétuo e o Dicionário do Dr. Chernoviz. Orientador: Francisco Régis Lopes Ramos. 2015. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015b. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/14509>. Acesso em: 19 fev. 2024.

MELO, Rosilene Alves de. Almanques de cordel: do fascínio da leitura para a feita da escritura, outro campo de pesquisas. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [São Paulo], n. 52, p. 107-136, set./mar. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/34671>. Acesso em: 19 fev. 2024.

MELO, Rosilene Alves de. Escrito nas estrelas: almanques astrológicos, relicários do tempo, prognósticos do destino. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA ANPUH-RIO, 13., 2008, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos [...]**. Rio de Janeiro: ANPUH, 2008. Disponível em: https://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212968077_ARQUIVO_ANPUH_RIO2008Textocompleto.pdf. Acesso em: 19 fev. 2024.

MELO, Vicente Vitorino de. **Almanaque do Nordeste 1976**. [S. l.: s. n.], 1976. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/84030>. Acesso em: 15 fev. 2025.

MENEZES, Roni Cleber Dias de. **O grupo do Almanaque Literário de São Paulo**: paradigmas da sociabilidade republicana nos tempos da propaganda (1876-1885). Orientadora: Maria Lucia Spedo Hilsdorf. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de História da Educação e Historiografia, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.48.2006.tde-05122007-152648>. Acesso em: 12 set. 2024.

MERCADIER, Guy. L'almanach en Espagne au XVIIIe siècle: métamorphoses d'un genre ouvert. **Cahiers d'études romanes**, Marseille, n. 4, p. 335-347, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/etudesromanes.3588>. Acesso em: 2 set. 2024.

MEYER, Marlyse (org.). **Do almanak aos almanques**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MEYER, Marlyse; AGUIRRE, Zulene. Almanques de farmácia. In: MEYER, Marlyse (org.). **Do almanak aos almanques**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 127-140.

MEYRIAT, Jean. Documento, documentação, documentologia. Tradução: Camila Mariana A. da Silva, Marcílio de Brito, Cristina Dotta Ortega. **Perspectivas em Ciências da Informação**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 240-253, jul./set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22480>. Acesso em: 14 mar. 2024.

MÉZIÈRES, Nicolas Le Camus de. **L'esprit des almanachs**: analyse critique et raisonnée de tous les almanachs tant anciens que modernes. Paris: La Veuve Duchesne, 1783. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9765493r>. Acesso em: 5 set. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOREIRA, Maria Eunice. As senhoras gaúchas no Almanaque de lembranças luso-brasileiro. **Convergência Lusíada**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 32, p. 29-39, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.convergencialusiada.com.br/rci/article/view/77>. Acesso em: 6 set. 2024.

MONCORPS, Savigny de. **Almanachs illustrés du XVIIIe siècle**. Paris: Librairie Henri Leclerc, 1909. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5784504h>. Acesso em: 6 set. 2024.

MOTA, Gustavo. Porto da Pedra abre desfile do Grupo Especial e quase ultrapassa tempo limite. **Tupi.fm**, Rio de Janeiro, 11 fev. 2024, 23:26. Disponível em: <https://www.tupi.fm/carnaval/porto-da-pedra-abre-desfile-do-grupo-especial-e-quase-ultrapassa-tempo-limite/>. Acesso em: 16 fev. 2025.

MOURA, Rosiane Valério de. A narrativa impressionista dos almanaques de cordel. In: JORNADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 9., 2009, Recife. **Anais [...]**. Recife: UFRPE, 2009.

MUNIZ, Jane (coord.). **Tempo de almanaque**. Rio de Janeiro: SESC, 2011.

MUSEO GALILEO. **Farmer's calendar**. Florença: Museo Galileo, c2009. Disponível em: <https://brunelleschi.imss.fi.it/galileopalazzostrozzio/object/FarmersCalendar.html>. Acesso em: 18 fev. 2025.

NADAF, Yasmin Jamil. Essas revistinhas que se chamam almanaque. **Revista ECOS**, [Cáceres], v. 10, n. 1, p. 131-138, jul. 2011. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/767>. Acesso em: 24 abr. 2024.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico resumido**. [Rio de Janeiro]: Instituto Nacional do Livro, 1966.

NAVARRO BROTONS, Víctor; SALAVERT FABIANI, Vicente; ROSSELLÓ BOTEY, Victoria; DARÁS ROMÁN, Víctor. **Bibliographia physico-mathematica hispanica (1475-1900)**: volumen I: libros y folletos, 1475-1600. Valencia: Instituto de Historia de la Ciencia y Documentación "López Piñero": Universitat de València-CSIC, 1999. (Cuadernos Valencianos de Historia de la Medicina y de la Ciencia, 56. Serie C: Repertorios Bio-Bibliográficos). Disponível em: <https://digital.csic.es/handle/10261/92140>. Acesso em: 25 maio 2025.

NEWTON JÚNIOR, Carlos. Ariano Suassuna: do ensaio ao Almanaque. In: SUASSUNA, Ariano. **Almanaque Armorial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

NISARD, Charles. **Histoire des livres populaires ou De la littérature du colportage**: depuis l'origine de l'imprimerie jusqu'à l'établissement de la commission d'examen des livres de colportage: 30 novembre 1852: tome premier. 2^e éd. Paris: E. Dentu, libraire-éditeur, 1864. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1113960>. Acesso em: 25 abr. 2024.

OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-homem**. São Paulo: Três Livros e Fascículos, 1984.

OLIVEIRA JÚNIOR, Rômulo José Francisco de. Almanach de Pernambuco: sua história, seus escritores e suas ideias (1899-1931). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais eletrônicos [...]**. São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em: https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300587349_ARQUIVO_novoartigoanpuh2011.pdf. Acesso em: 24 abr. 2024.

OLIVEIRA, Fernando Correia de. Coisas do Ephemera: a estrela horológica e o Lunário Perpétuo. In: OLIVEIRA, Fernando Correia de. **Estação chronographica**. Lisboa, 4 jul. 2021. Disponível em: <https://estacaochronographica.blogspot.com/2021/07/coisas-do-ephemera-estrela-horologica-e.html>. Acesso em: 19 fev. 2025.

OLIVEIRA, Maria Coleta. Os almanaques de São Paulo como fonte para a pesquisa. In: MEYER, Marlyse (org.). **Do almanak aos almanaques**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 23-24.

ORTEGA, Cristina Dotta. Mediação da informação: do objeto ao documento. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE MUSEOLOGIA, 1., 2014, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos [...]**. Belo Horizonte: UFMG, 2014. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.14352/24718>. Acesso em: 17 mar. 2024.

OTLET, Paul. **Tratado da documentação**: o livro obre o livro: teoria e prática. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2018.

PALAU Y DULCET, Antonio. **Manual del librero hispano-americano**: inventario bibliográfico de la producción científica y literaria de España y de la América Latina desde la invención de la imprenta hasta nuestros días, con el valor comercial de todos los artículos descritos: tomo segundo. Barcelona: Libreria Anticuaria, 1924. Disponível em: <https://archive.org/details/manualdelibrero02pala/>. Acesso em: 24 maio 2025.

PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. Campinas: Mercado de Letras, 2010. Originalmente apresentada como tese de doutorado em Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

PASINI, Frei Edrian Josué (org.). **Folhinha do Sagrado Coração de Jesus 2025**. Petrópolis: Vozes, 2024.

PÉCORA, Alcir. O campo das práticas da leitura, segundo Chartier: introdução de Alcir Pécora à edição brasileira. In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura**. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011. p. 9-17.

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Comunicação popular escrita**. São Paulo: Edusp, 2009.

PEREIRA, Ana Paula Pedersoli. **Folhinhas de Algibeira do século XIX**: um estudo da forma, função e conteúdo. Orientadora: Isabel Cristina Alves da Silva Frade. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/32647>. Acesso em: 4 fev. 2024.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. **A máquina da memória**: o tempo presente entre a história e o jornalismo. Bauru: EDUSC, 2009a. Originalmente apresentada como tese de doutorado em História, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. Almanques, evento e imagens: a experiência da Grande Guerra representada pelos almanques Hachette e Bertrand. **Patrimônio e memória**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 98-118, jan./jun., 2012.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. Interculturalidade e literatura de almanques: o caso do Almanque Abril (1975-2006). **História da Educação**, Pelotas, v. 13, n. 29, p. 193-224, set./dez. 2009b. Disponível em: <http://www.repositorio.ufop.br/jspui/handle/123456789/5748>. Acesso em: 24 abr. 2024.

PERIS FELIPO, Francisco Javier. Aportación a la divulgación zoológica valenciana del siglo XVII: el tratado de los animales terrestres y volátiles de Jerónimo Cortés (1613). **Revista Historia Autónoma**, Madrid, n. 2, p. 59-74, mar. 2013. Disponível em: <https://revistas.uam.es/historiaautonoma/article/view/436>. Acesso em: 4 fev. 2025.

PICATOSTE Y RODRÍGUEZ, Felipe. **Apuntes para una biblioteca científica española del siglo XVI**: estudios biográficos y bibliográficos de ciencias exactas físicas y naturales y sus inmediatas aplicaciones en dicho siglo. Madrid: Imprenta y Fundición de Manuel Tello, 1891. Disponível em: <https://archive.org/details/apuntesparaunabi00picauf/mode/2up>. Acesso em: 24 maio 2025.

PIMENTA, João Paulo; COSTA, Wilma Peres. As revoluções de independência como revoluções do tempo: almanques, calendários e cronologias no Brasil do século XIX. **Tempo**, Niterói, v. 27, n. 1, p. 51-70, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/TEM-1980-542X2021v270103>. Acesso em: 6 set. 2024.

POR QUE o Zodíaco na Folhinha Eclesiástica de Mariana?. In: GRÁFICA E EDITORA DOM VIÇOSO. Mariana, MG: Gráfica e Editora Dom Viçoso, c2025. Disponível em: <https://www.graficadomvicoso.com.br/por-que-o-zodiaco-na-folhinha-ecclesiastica-de-mariana/>. Acesso em: 20 maio 2025.

PORTO DA PEDRA. Lunário perpétuo: a profética do saber popular. In: PORTO DA PEDRA. [São Gonçalo, 2024]. Disponível em: <https://www.portodapedra.com.br/enredo>. Acesso em: 19 fev. 2024.

POUY, Ferdinand. **Nouvelles recherches sur les almanachs & calendriers a partir du XVIe siècle**: avec descriptions et notes. Amiens: Imprimerie A. Douillet, 1879. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=aEMRAQAIAAJ>. Acesso em: 5 set. 2024.

POUY, Ferdinand. **Recherches sur les almanachs & calendriers**: artistiques, a estampes, a vignettes, a caricatures, etc. principalement du XVIe au XIXe siècle avec notices bibliographiques sur les almanachs divers notamment a l'époque de la révolution. Amiens: Imprimerie Émile Glorieux, 1874. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?id=bONNAQAAMAAJ>. Acesso em: 5 set. 2024.

PRIORE, Mary del. Ritos da vida privada. In: SOUZA, Laura de Mello e (org.). **História da vida privada no Brasil**: 1: cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 275-330.

QUEIRÓS, Eça de. Almanques. In: QUEIRÓS, Eça de. **Almanaques e outros dispersos**. [Lisboa]: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011. p. 249-284.

RADICH, Maria Carlos. **Almanaque**: tempos e saberes. [Coimbra]: Centelha, [198-?].

RAMOS, Graciliano. **Caetés**: romance. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/8374>. Acesso em: 16 fev. 2025.

RIBEIRO, Maria Aparecida. Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade: poetas de almanaque? **Convergência Lusíada**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 46, p. 303-323, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.37508/rcl.2021.n46a467>. Acesso em: 6 set. 2024.

RIOS, Kênia Sousa. O tempo por escrito: sobre lunários e almanaques. In: CARVALHO, Gilmar de (org.). **Bonito pra chover**: ensaios sobre a cultura cearense. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003. p. 79-89.

RODRIGUES, Ernesto. Almanaque: composição de um rosto. **Convergência Lusíada**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 46, p. 217-229, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.37508/rcl.2021.n46a456>. Acesso em: 24 abr. 2024.

RODRIGUES, Maria de Fátima Ferreira. A natureza e o Lunário Perpétuo no imaginário sertanejo. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTS, Alecsandro José Prudêncio. **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003. p. 89-112.

ROMARIZ, Andrea Germano de Oliveira. **O Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro**: um ensaio para um projeto maior?. Orientadora: Vanda Anastácio. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Românicos) – Departamento de Estudos Românicos, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/5145>. Acesso em: 4 fev. 2025.

SALDANHA, Gustavo Silva. O documento e a “via simbólica”: sob a tensão da “neodocumentação”. **Informação arquivística**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 65-88, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/53764>. Acesso em: 17 mar. 2024.

SALLES, Luciana; BARBOSA, Marlon Augusto. Nômades digitais: em busca de comunidades, do almanaque às redes sociais. **Convergência Lusíada**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 46, p. 324-338, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.37508/rcl.2021.n46a464>. Acesso em: 24 abr. 2024.

SANTOS, Andréa Pereira dos. **Juventude da UFG: trajetórias socioespaciais e práticas de leitura**. Orientador: Eguimar Felício Chaveiro. 2014. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/5358>. Acesso em: 26 abr. 2024.

SANTOS, Beatriz Oliveira. **Construção e regulação do feminino no almanaque de farmácia d'A Saúde da Mulher**: análise de exemplares selecionados de 1930 a 1950. Orientadora: Idilva Maria Pires Germano. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/40471>. Acesso em: 4 fev. 2025.

SANTOS, Beatriz Oliveira; GERMANO, Idilva Maria Pires. Regulação do corpo feminino no almanaque de farmácia d'A Saude da Mulher. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 1, e57854, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n157854>. Acesso em: 12 set. 2024.

SANTOS, Jadilson Pimentel dos. **Iconografia, arte e devoção**: aspectos do legado material e imaterial em torno de Antônio Vicente Mendes Maciel, o beato Antônio Conselheiro. Orientador: Mauricius Martins Farina. 2017. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Programa de Pós Graduação em Artes Visuais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1632881>. Acesso em: 17 abr. 2024.

SANTOS, Manoel Camilo dos. **A ressurreição do poeta que não morreu**. [S. l.: s. n., 19--]. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/76871>. Acesso em: 15 fev. 2025.

SANTOS, Manoel Camilo dos. **Peleja de Camilo com Silveira**. Campina Grande: [s. n.], 1958. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/15709>. Acesso em: 15 fev. 2025.

SANTOS, Morgana Ribeiro dos. A literatura de cordel e os astros. **Caderno Seminal**, Rio de Janeiro, n. 37, p. 340-379, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/seminal.2021.59236>. Acesso em: 23 abr. 2024.

SARRIÓN MORA, Adelina. **Médicos e inquisición en el siglo XVII**. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Catilla-La Mancha, 2006.

SCHVAMBACH, Janaina. Memória visual da cidade de Pelotas nas fotografias impressas no jornal A Alvorada e no Almanaque de Pelotas (1931–1935). **Revista Memória em Rede**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 86-91, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A longa viagem da biblioteca dos reis**: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SEGALIN, Linara Bessega. Conhecimento de almanaque: usos e abusos da memória e do esquecimento. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais eletrônicos [...]**. São Paulo: USP, 2011. Disponível em: https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1301171165_ARQUIVO_Conhecimentod eAlmanaqueusoseabusosdamemoriaedoesquecimentotexttook.pdf. Acesso em: 19 fev. 2024.

SERENO, Isabel. Livraria Lello & Irmão. *In: SISTEMA de Informação para o Patrimônio Arquitetônico*. Sacavém: [s. n.], 1995. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3972. Acesso em: 31 dez. 2024.

SILVA, Innocencio Francisco da. **Diccionario bibliographico portuguez**: estudos [...] applicaveis a Portugal e ao Brasil: tomo primeiro. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5430>. Acesso em: 11 fev. 2025.

SILVA, Josenias dos Santos. Almanack da Parnahyba: no tempo dos bons ventos fluviais. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL*, 6., 2012, Teresina. **Anais eletrônicos** [...]. Teresina: UFPI, 2012. Disponível em: <https://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Josenias%20dos%20Santos%20Silva.pdf>. Acesso em: 12 set. 2024.

SILVA, Manoel Caboclo e. **Almanaque O Juízo do Ano para o Nordeste 1971**. Juazeiro do Norte: [s. n.], 1971. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/84048>. Acesso em: 15 fev. 2025.

SILVA, Manoel Caboclo e. **Almanaque O Juízo do Ano para o Nordeste 1995**. Juazeiro do Norte: [s. n.], 1995. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/61478>. Acesso em: 15 fev. 2025.

SILVA, Maria da Conceição B. da Costa e. O almanaque: uma fonte para pesquisa. *In: ALMANAQUE civil político e comercial da cidade da Bahia para o ano de 1845: edição fac-similar*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1998. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1879>. Acesso em: 5 set. 2024.

SILVA, Minelvino Francisco. **Antônio Conselheiro e a guerra de Canudos**. São Paulo: Luzero, 1980. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/28845>. Acesso em: 15 fev. 2025.

SILVA, Sivaldo Correia da. O Almanaque do Recife: um estudo sobre a história dos textos e da leitura. *In: JORNADA DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO NORDESTE*, 24., 2012, Natal. **Anais eletrônicos** [...]. Natal: EDUFRN, 2012. Disponível em: <https://gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2012/Arquivos/áreas%20temáticas/Tradições%20discursivas/Sivaldo%20-%20O%20ALMANAQUE%20DO%20RECIFE.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2024.

SIMAS, Luiz Antonio. O livro. *In: Almanaque brasilidades*: um inventário do Brasil popular. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018. p. 247-249.

SIMAS, Luiz Antônio. Luiz Antônio Simas sobre o carnaval do Brasil: 'A luta e a festa são irmãos'. Entrevistador: Rodrigo Chagas. **Brasil de fato**, São Paulo, 21 fev. 2023, 08:20. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/02/21/luiz-antonio-simas-sobre-o-carnaval-do-brasil-a-luta-e-a-festa-sao-irmas>. Acesso em: 27 jun. 2024.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

SOCARD, Émile. **Étude sur les almanachs et les calendriers de Troyes: (1497-1881)**. Troyes: Imprimerie et Litographie Dufour-Bouquot, 1882. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=ncZG6i9MayQC>. Acesso em: 5 set. 2024.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SORDET, Yann. **História do livro e da edição: produção & circulação, formas & mutações**. São Paulo: Ateliê Editorial: Sesc São Paulo, 2023.

SOUSA, Octavio Tarquinio de. Almanak Geral do Imperio do Brasil: 1836. **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 106, p. 7-27, 1986. Disponível em: <https://antigo.bn.gov.br/producao/publicacoes/anais-biblioteca-nacional-vol106>. Acesso em: 11 jul. 2024.

SOUZA, Luciana Karine de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a análise temática. **Arquivos brasileiros de psicologia**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-52672019000200005&script=sci_abstract. Acesso em: 27 abr. 2024.

SUASSUNA, Ariano. Almanaque armorial brasileiro. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 80, n. 26.031, p. E8, 10 jul. 2000a. Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1007200026.htm>. Acesso em: 27 jun. 2024.

SUASSUNA, Ariano. Elogio do almanaque. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 80, n. 26.038, p. E8, 17 jul. 2000b. Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1707200019.htm>. Acesso em: 17 abr. 2024.

SUASSUNA, Ariano. **Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta**. 16. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

SZESZ, Christiane Marques. Os almanaques populares: leituras e apropriações em Ariano Suassuna. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 9., 2008, Porto Alegre. **Anais eletrônicos [...]**. Porto Alegre, UFRGS, 2008. Disponível em: http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1209320608_ARQUIVO_CHRISTIANEMARQUESSZESZ-CITACOESDEALMANAQUES.pdf. Acesso em: 19 fev. 2024.

SZESZ, Christiane Marques. **Uma história intelectual de Ariano Suassuna: leituras e apropriações**. Orientador: Estevão Chaves de Resende Martins. 2007. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2007. Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/7600>. Acesso em: 17 abr. 2024.

TORRES, Tatiane Milene. Cultura de almanaque ou utopias que consolam?. **Revista do SETA**, Campinas, n. 3, p. 905-912, 2009. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/view/555>. Acesso em: 24 abr. 2024.

TORRES, Tatiane Milene. **Poética de almanaque**: paidéia tecedora do sublime. Orientadora: Maria Cecília Queiroz de Moraes Pinto. 2012. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.8.2012.tde-14122012-091400>. Acesso em: 24 abr. 2024.

TRIZOTTI, Patrícia Trindade. Almanques: história, contribuições e esquecimento. **Dialogus**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 307-314, 2008. Disponível em: http://unimaui.br/comunicacao/publicacoes/dialogus/2008/pdf/almanques_historia_contribui coes_esquecimento_2008.pdf. Acesso em: 19 fev. 2024.

TRIZOTTI, Patrícia Trindade. Os almanques como instrumento de pesquisa: balanços e perspectivas historiográficas. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: HISTÓRIA E LIBERDADE, 20., 2010, Franca. **Anais eletrônicos [...]**. Franca: ANPUH, 2010. Disponível em: <http://legacy.anpuh.org/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Patr%EDcia%20Trindade%20Trizotti.pdf>. Acesso em: 4 fev. 2025.

VALE, Rony Petterson Gomes do. Dos manuscritos à internet: a evolução dos almanques farmacêuticos. **Signum**: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 11, n. 1, p. 257–277, jul. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2008v11n1p257>. Acesso em: 24 abr. 2024.

VIEIRA, Antônio. **A peleja da ciência com a sabedoria popular**. 2. ed. rev. [S. l.: s. n.], 2005. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/91950>. Acesso em: 15 fev. 2025.

WELSCHINGER, Henri. **Les almanachs de la révolution**. Paris: Librairie des Bibliophiles, 1884. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Les_almanachs_de_la_Révolution/5ZaWY7bF9-oC. Acesso em: 23 abr. 2024.

WIKIMEDIA COMMONS. **Le Messenger Boîteux Page de titre 1707**. [San Francisco, CA]: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Le_Messenger_Boîteux_Page_de_titre_1707.jpg. Acesso em: 18 fev. 2025.

APÊNDICE A – QUADRO DE EDIÇÕES DO LUNÁRIO PERPÉTUO POR ANO DE PUBLICAÇÃO (1594-2023)

Ano	País	Cidade	Editor/Impressor/Tipógrafo	Idioma	Online	Fonte	Bibliotecas detentoras	Referência
1594	Espanha	Valência	Herederos de Joan Navarro	Espanhol		Biblioteca	HL	Cortes (1594)
1596	Espanha	Valência	Herederos de Joan Navarro	Espanhol		Biblioteca; Picatoste y Rodríguez (1891)	BMLC	Cortes (1596)
1598	Espanha	Madrid	Pedro Madrigal a costa de Juan de Sarria	Espanhol	Sim	BDH; Biblioteca	BNE; BNCf; USF; BV	Cortes (1598a)
1598	Espanha	Valência	Juan Crisóstomo Garriz	Espanhol		Biblioteca	BV; BNE	Cortes (1598b)
1598	Espanha	Barcelona	[s. n.]	Espanhol		Palau y Dulcet (1924)		Cortes (1598c)
1599	Espanha	Barcelona	[s. n.]	Espanhol		Picatoste y Rodríguez (1891)		Cortes (1599)
1600	Espanha	Alcalá de Henares	Juan Gracián	Espanhol		Biblioteca	BMD; BMN; BNA	Cortés (1600a)
1600	Espanha	Barcelona	[s. n.]	Espanhol		Palau y Dulcet (1924)		Cortes (1600b)
1601	Espanha	Madrid	Pedro Madrigal a costa de Miguel Martinez	Espanhol		Biblioteca	UM; HSM&L; USAL; BNC	Cortés (1601)
1603	Espanha	Valência	Juan Crisóstomo Garriz	Espanhol		Palau y Dulcet (1924)		Cortés (1603)
1604	Espanha	Saragoça	Lorenzo de Robles	Espanhol		Biblioteca	ÖNB; UB	Cortés (1604a)
1604	Espanha	Valência	Juan Crisóstomo Garriz	Espanhol		Biblioteca	LC; SI	Cortés (1604b)
1605	Espanha	Saragoça	Angelo Tavano	Espanhol		Biblioteca	UTA; UB	Cortes (1605a)
1605	Espanha	Alcalá de Henares	[s. n.]	Espanhol		Picatoste y Rodríguez (1891)		Cortés (1605b)
1606	Espanha	Alcalá de Henares	Juan Gracián	Espanhol	Sim	GB; Biblioteca	ÖNB; BC; BAV; BNRC	Cortes (1606)
1607	Espanha	Saragoça	Angelo Tavano	Espanhol		Biblioteca	BNCf	Cortés (1607a)
1607	Espanha	Valência	Juan Crisóstomo Garriz	Espanhol		Biblioteca	BMB	Cortés (1607b)
1612	Espanha	Alcalá de Henares	[s. n.]	Espanhol		IB		Cortés (1612)

1613	Espanha	Saragoça	Pedro Cabarte a costa de Juan de Bonilla	Espanhol		Biblioteca	ND; BUL; ML	Cortés (1613a)
1613	Espanha	Valência	[s. n.]	Espanhol		IB		Cortés (1613b)
1614	Espanha	Alcalá de Henares	Juan Gracián	Espanhol	Sim	Biblioteca	BL; UC	Cortés (1614a)
1614	Espanha	Barcelona	Jerónimo Margarit	Espanhol		Biblioteca	BnF; HL; UCB	Cortés (1614b)
1616	Espanha	Valência	Juan Crisóstomo Garriz	Espanhol		IB		Cortés (1616)
1617	Espanha	Alcalá de Henares	Viuda de Juan Gracián	Espanhol		Biblioteca	BSG	Cortés (1617)
1618	Espanha	Alcalá de Henares	Viuda de Juan Gracián	Espanhol		Biblioteca	BSG	Cortés (1618)
1622	Espanha	Saragoça	Pedro Cabarte	Espanhol		Biblioteca	BSL	Cortés (1622)
1625	Espanha	Barcelona	Sebastián de Cormellas	Espanhol		Biblioteca	RACMYP; USAL	Cortés (1625)
1628	Espanha	Barcelona	Hieronymo Margarit	Espanhol	Sim	Biblioteca	BL; MNAC	Cortés (1628)
1629	Espanha	Barcelona	Sebastián de Cormellas	Espanhol		Biblioteca	SDSM	Cortés (1629)
1634	Espanha	Barcelona	Sebastián de Cormellas	Espanhol		Biblioteca	AHCB	Cortés (1634)
1638	Espanha	Barcelona	Sebastián de Cormellas	Espanhol		Biblioteca	UB	Cortés (1638)
1646	Espanha	Barcelona	Sebastián de Cormellas	Espanhol		Biblioteca	UB; BSG; UC	Cortés (1646)
1650	Espanha	Valência	Herederos de Juan Crisóstomo Garriz a costa de Juan Sonsoni	Espanhol		IB		Cortés (1650)
1660	Espanha	Barcelona	Sebastián de Cormellas	Espanhol		Biblioteca	BB; BC; BMB	Cortés (1660a)
1660	Espanha	Valência	Jerónimo Villagrasa	Espanhol		Biblioteca	RCR; BSM	Cortés (1660b)
1663	Espanha	Valência	Jerónimo Villagrasa	Espanhol		Biblioteca	UB; ACL	Cortés (1663a)
1663	Espanha	Valência	Juan Lorenzo Cabrera a costa de Francisco Duarte	Espanhol		IB		Cortés (1663b)
1665	Espanha	Valência	Benito Macé	Espanhol		Biblioteca	UCM; ÖNB	Cortés (1665a)
1665	Espanha	Saragoça	Diego Dormer	Espanhol		Biblioteca	RB	Cortés (1665b)
1670	Espanha	Barcelona	Antonio Lacavalleria	Espanhol	Sim	GB; Biblioteca	BL; BNE; BNM; BV	Cortés (1670)
1672	Espanha	Valência	Juan Lorenzo Cabrera	Espanhol	Sim	GB; Biblioteca	UCM; UNAV; MP; URV	Cortés (1672)

1678	Espanha	Valência	[s. n.]	Espanhol		Palau y Dulcet (1924)		Cortés (1678)
1681	Espanha	Barcelona	Imprenta de Joseph Forcada	Espanhol		Biblioteca	BnF; UB; BPE	Cortés (1681)
1695	Espanha	Madrid	Imprenta Real a costa de los herederos de Gabriel de León	Espanhol	Sim	BDH; Biblioteca	BNE; ACL	Cortés (1695)
1697	Espanha	Alcalá de Henares	[s. n.]	Espanhol		IB		Cortés (1697)
1699	Espanha	Valência	Jaime Bordazar	Espanhol		Biblioteca	MN	Cortés (1699)
[1700]	Espanha	Sevilha	Herederos de Tomás de López de Haro	Espanhol		Biblioteca	BCC; US	Cortés ([1700])
[17--]	Portugal	[S. l.]	[s. n.]	Português	Sim	BNDP	BNP	Cortez ([17--])
1703	Portugal	Lisboa	Officina de Miguel Manescal	Português		LUSODAT		Cortez (1703)
1708	Espanha	Barcelona	A. Marti	Espanhol		Palau y Dulcet (1924)		Cortés (1708)
1709	Espanha	Valência	Antonio Bordazar	Espanhol		Biblioteca	BFP	Cortés (1709)
1713	Espanha	Barcelona	Juan Pablo Marti	Espanhol		Biblioteca	BPEB	Cortez (1713a)
1713	Espanha	Barcelona	Joseph Giralt	Espanhol		Palau y Dulcet (1924)		Cortés (1713b)
1715	Espanha	Madrid	Antonio Gonçalves de Reyes	Espanhol		Biblioteca	BSSC	Cortez (1715)
1722	Espanha	Madrid	Francisco Martinez Abad	Espanhol		Biblioteca	BNE	Cortez (1722)
1726	Portugal	Lisboa	Officina de Filipe de Souza Villela	Português		Biblioteca	UC; HL	Cortez (1726)
[ca. 1727]	Espanha	Sevilha	Jose Antonio de Hermosilla	Espanhol		Biblioteca	BV; BNM	Cortés ([ca. 1727])
1728	Espanha	Madrid	Balvas	Espanhol		Biblioteca	BMB	Cortez (1728)
1730	Portugal	Coimbra	Joseph Antunes da Sylva	Português		LUSODAT		Cortez (1730)
[1741]	Espanha	Madrid	Antoni Sanz, impressor del Real Consejo de Castilla	Espanhol		Biblioteca	URL	Cortez ([1741])
[ca. 1742]	Espanha	Barcelona	Joseph Giralt, impressor	Espanhol		Biblioteca	BC	Cortés ([ca. 1742])
1745	Espanha	Sevilha	Imprenta Real de Don Diego Lopez de Haro	Espanhol	Sim	OL; Biblioteca	US	Cortés (1745)

1747	Espanha	Madrid	Don Pedro Joseph Alonso y Padilla	Espanhol	Sim	BDH	BNE; BNM	Cortes (1747a)
1747	Espanha	Madrid	Juan Mena	Espanhol		Biblioteca	BNC; UCM	Cortés (1747b)
1749	Portugal	Lisboa	Officina de Miguel Manescal da Costa	Português		Biblioteca	UC	Cortez (1749)
1750	Espanha	Barcelona	Joseph Giralt Impressor	Espanhol	Sim	GB; Biblioteca	BPEB	Cortés (1750)
[1756?]	Espanha	Barcelona	Pablo Campins Impressor	Espanhol		Original das eds. fac-símiles Cortés (1992, 1997)		Cortés ([1756?])
1757	Portugal	Lisboa	Officina de Domingos Gonsalves	Português	Sim	BNDB	FBN; UC; UL; UP; BV; BC	Cortez (1757)
1759	Espanha	Madrid	Joachim Ibarra	Espanhol		Biblioteca	BNE	Cortés (1759)
1760	Espanha	Barcelona	Impr. de María Ángela Martí	Espanhol		Biblioteca; Original da ed. fac-símile Cortez (1991)	UdG	Cortez (1760)
[1764]	Espanha	Vic	Joseph Tolosa impressor y librero	Espanhol		Biblioteca	MNAC	Cortes ([1764])
1764	Espanha	Barcelona	Imprenta de los Herederos de Juan Jolis	Espanhol		Biblioteca	AHCB; UB; UdG	Cortés (1764a)
1764	Portugal	Porto	Officina de Francisco Mendes Lima	Português		Biblioteca	UL	Cortes (1764b)
1768	Espanha	Barcelona	Imprenta de Maria Angela Martí Viuda	Espanhol	Sim	GB; Biblioteca	BC; AHCB; BV; BNE; UMA; UB; BMM; SSB	Cortés (1768a)
1768	Espanha	Barcelona	Imprenta de los Herederos de Juan Jolis	Espanhol	Sim	GB; Biblioteca	UWM	Cortés (1768b)
1768	Portugal	Lisboa	Officina de Francisco Borges de Sousa	Português		Biblioteca	UP; SSB	Cortez (1768)
1769	Espanha	Valladolid	Thomas de Santander	Espanhol		Galiciiana		Cortes (1769a)
1769	Espanha	Madrid	Imprenta de D. Manuel Martin	Espanhol		Biblioteca	BV; URV	Cortes (1769b)
1769	Espanha	Barcelona	Imprenta de los Herederos de Juan Jolis	Espanhol		Biblioteca	AHCB	Cortés (1769c)
1779	Espanha	Madrid	Martin	Espanhol		Biblioteca	UT	Cortés (1779)
1787	Espanha	Madrid	[s. n.]	Espanhol	Sim	GB; Biblioteca	UCSD	Cortés (1787)

1788	Espanha	Barcelona	[s. n.]	Espanhol		Palau y Dulcet (1924)		Cortés (1788)
[1790]	Espanha	Barcelona	Imprenta de Tomas Piferrer	Espanhol	Sim	GB; Biblioteca	BC; BV; UV	Cortes ([1790])
[1793?]	Espanha	Barcelona	Oficina de Juan Francisco Piferrer	Espanhol		Biblioteca	BNE	Cortes ([1793?])
[1793]	Espanha	Barcelona	M. A. Marti	Espanhol		Biblioteca	WL; UWM	Cortés ([1793])
[18--]	Espanha	Barcelona	Imp. y Lib. de la Vda. e Hijo de Sierra	Espanhol		Biblioteca	BNE	Cortés ([18--])
[18--?]	Portugal	[S. l.]	[s. n.]	Português		Biblioteca	RGPL	Cortez ([18--?])
1805	Portugal	Lisboa	Officina de Joaquim Thomaz de Aquino Bulhões	Português	Sim	BNDB	FBN (2)	Cortez (1805)
1813	Espanha	Valladolid	Imprenta de Roldán	Espanhol		Biblioteca	UCM; BC	Cortés (1813a)
1813	Espanha	Madrid	Imprenta de la Viuda de Barco	Espanhol	Sim	GB; Biblioteca	BC	Cortés (1813b)
1814	Espanha	Madrid	Imprenta de la Viuda de Barco	Espanhol		Biblioteca	US	Cortés (1814)
1820	Espanha	Madrid	Imprenta de la Viuda de Barco	Espanhol		Biblioteca	BCSF	Cortés (1820a)
1820	Espanha	Valladolid	Imprenta de Roldán	Espanhol		Biblioteca	USAL; AHCB; UdG	Cortés (1820b)
1820	Portugal	Lisboa	Imp. Regia	Português		LUSODAT		Cortez (1820)
1822	Portugal	Lisboa	Typographia de José Baptista Morando	Português		Biblioteca	UL	Cortez (1822)
1823	Espanha	Barcelona	Imprenta de Valero Sierra y Martí	Espanhol	Sim	GB; Biblioteca	BPEB; AHCB; BNE; BC; UB	Cortes (1823)
1836	Espanha	Barcelona	Don Juan Francisco Piferrer	Espanhol	Sim	GB; Biblioteca	UWM; AHCB; UCM; BC	Cortés (1836)
1837	Espanha	Madrid	Imprenta de D. Julian Viana Razola	Espanhol	Sim	GB; Biblioteca	UWM; UCM	Cortés (1837a)
1837	Espanha	Barcelona	Miguel y Jaime Gaspar	Espanhol		Palau y Dulcet (1924)		Cortés (1837b)
1837	Espanha	Barcelona	Oliva	Espanhol		Palau y Dulcet (1924)		Cortés (1837c)
1840	Espanha	Valladolid	Imprenta de la Viuda de Roldan	Espanhol		Biblioteca	USAL	Cortés (1840)
1840	Portugal	Lisboa	Typographia de Mathias Joze Marques da Silva	Português		Biblioteca	RGPL; UL	Cortez (1840)

1841	Espanha	Barcelona	Imprenta de D. Manuel Saurí	Espanhol	Sim	GB; Biblioteca	BC; BNC	Cortés (1841)
1842	Espanha	Barcelona	Miguel y Jaime Gaspar	Espanhol		Biblioteca	BMM	Cortés (1842)
1842	França	Paris	Rosa	Espanhol		Biblioteca	BnF	Cortez (1842)
1844	Espanha	Barcelona	Imprenta de José Ribet	Espanhol	Sim	GB; Biblioteca	BMM; UB	Cortés (1844)
1845	Espanha	Barcelona	Imprenta de José Ribet	Espanhol		Biblioteca	UB	Cortés (1845)
1847	Espanha	Málaga	Imprenta y Librería de Martínez de Aguilar	Espanhol	Sim	BDH	BNE	Cortez (1847)
1847	Portugal	Lisboa	Officina de Domingos Gonsalves	Português	Sim	OL; Biblioteca	WL	Cortez (1847)
1848	Brasil	Rio de Janeiro	Laemmert	Português		Biblioteca	ULB	Cortez (1848)
1848	Espanha	Barcelona	Imprenta de Don Manuel Sauri	Espanhol	Sim	GB; Biblioteca	UWM; UCM; BNE	Cortés (1848)
1849	Espanha	Málaga	Imprenta de Martínez de Aguilar	Espanhol		Biblioteca	UMA	Cortés (1849)
1850	França	Paris	Librería de Rosa, Bouret y Cia	Espanhol	Sim	GB; Biblioteca	BL; BnF; BNM	Cortez (1850a)
1850	Portugal	Lisboa	Typ. de Mathias José Marques da Silva	Português		Biblioteca	URV	Cortez (1850b)
1852	Espanha	Barcelona	Imp. de José Tauló	Espanhol		Biblioteca	BNE	Cortés (1852)
1852	Portugal	Lisboa	Typ. de José Baptista Morando	Português		LUSODAT		Cortez (1852)
1855	Espanha	Barcelona	Librería de Estevan Pujal	Espanhol	Sim	GB; Biblioteca	BPEB; AHCB; BMM	Cortés (1855a)
1855	Espanha	Valladolid	Impr. de D. Juan de la Cuesta	Espanhol		Biblioteca	BNE	Cortés (1855c)
1855	Espanha	Málaga	[s. n.]	Espanhol		Palau y Dulcet (1924)		Cortés (1855b)
1856	Espanha	Barcelona	Imprenta de la Sra. Viuda de Sauri e Hijo	Espanhol		Biblioteca	URL	Cortés (1856a)
1856	Espanha	Madrid	Imprenta de Manuel Minuesa	Espanhol		Palau y Dulcet (1924); Picatoste y Rodríguez (1891)		Cortés (1856b)
1856	França	Paris	Rosa y Bouret	Espanhol		Biblioteca	BnF	Cortez (1856)
1857	Espanha	Barcelona	Librería de J. Tauló	Espanhol		Biblioteca	BNM	Cortés (1857)

1857	Portugal	Lisboa	Typographia de José Baptista Morando	Português	Sim	OL; Biblioteca	RGPL; UCM; LC	Cortez (1857)
1858	Portugal	Lisboa	Typ. de Mathias José Marques da Silva	Português		LUSODAT		Cortez (1858)
1859	Espanha	Valladolid	Imprenta de D. Juan de la Cuesta	Espanhol	Sim	BVPB	UPM; BV	Cortés (1859a)
1859	Espanha	Madrid	Imprenta de Manuel Minuesa	Espanhol	Sim	GB; Biblioteca	BC	Cortez (1859b)
1859	Espanha	Málaga	Imprenta y Librería de Martinez de Aguilar	Espanhol	Sim	GB; Biblioteca	BC; US	Cortez (1859c)
1861	Portugal	Lisboa	Typographia de José Baptista Morando	Português		Galvão (2002)		Cortez (1861)
1863	Portugal	Porto	Typographia do Jornal do Porto	Português		Biblioteca	UP	Cortez (1863)
1864	Espanha	Valladolid	Imprenta de Don Fernando Santaren	Espanhol	Sim	BDCYL	BCYL	Cortez (1864)
1865	Espanha	Valladolid	Imprenta de Julian Pastor	Espanhol		Biblioteca	BV	Cortés (1865)
1866	França	Paris	Rosa	Espanhol		Biblioteca	BnF	Cortez (1866a)
1866	Portugal	Lisboa	Casa da Viuva Bertrand e Filhos	Português		Galvão (2002)		Cortez (1866b)
1868	França	Paris	Garnier Hermanos	Espanhol		Biblioteca	BnF	Cortés (1868)
1876	Portugal	Lisboa	Livraria de Antonio Maria Pereira	Português		Citado em Oliveira (2021)		Cortez (1876)
[entre 1876 e 1915]	Espanha	Madrid	Saturnino Calleja	Espanhol		Biblioteca	URL	Cortés ([entre 1876 e 1915])
1877	França	Paris	Bouret e Hijo	Espanhol		Biblioteca	BnF	Cortez (1877a)
1877	Portugal	Porto	Casa de António Rodrigues da Cruz Coutinho Editor	Português		Biblioteca	UC	Cortez (1877b)
1878	Espanha	Barcelona	Manuel Saurí	Espanhol		Biblioteca	BV; UdG	Cortés (1878)
1887	Espanha	Valladolid	[s. n.]	Espanhol		Palau y Dulcet (1924)		Cortés (1887)
1888	Espanha	Barcelona	Manuel Sauri	Espanhol		Biblioteca	BC	Cortés (1888)
[1890?]	Espanha	[Granada]	[s. n.]	Espanhol		Biblioteca	BNMM	Cortés ([1890?])

1893	França	Paris	Garnier	Espanhol		Biblioteca	UdG; UB; BNM	Cortés (1893)
1894	Espanha	Valladolid	Imp. y Lib. Católica de la Viuda de Cuesta e Hijos	Espanhol		Biblioteca	BV	Cortés (1894)
1895	Portugal	Porto	Chardron	Português		Biblioteca	SSB	Cortez (1895)
1897	Portugal	Lisboa	Livraria de Antonio Maria Pereira	Português		Acervo Pessoal		Cortez (1897)
[19--]	Portugal	Porto	Lello	Português		Biblioteca	BBGJM	Cortez ([19--])
1901	Portugal	Porto	Chardron	Português		Palau y Dulcet (1924)		Cortez (1901)
1904	Espanha	Madrid	[s. n.]	Espanhol		Biblioteca	BNE	Cortés (1904a)
1904	Espanha	Barcelona	Francisco Sabater	Espanhol		Biblioteca	BV; SSB	Cortés (1904b)
1910	Portugal	Porto	Livraria Chardron, Lello & Irmão	Português	Sim	BNDB	FBN	Cortez (1910)
1912	Portugal	Lisboa	Parceira Antonio Maria Pereira	Português		Citado em Almeida (2012)		Cortez (1912)
1921	Portugal	Lisboa	Parceira Antonio Maria Pereira	Português		Biblioteca; Citado em Cascudo (2024)	UC	Cortez (1921)
1927	Portugal	Porto	Livraria Chardron, Lello & Irmão	Português		Citado em Medeiros (2012)		Cortez (1927a)
1927	Portugal	Lisboa	Parceira Antonio Maria Pereira	Português		Biblioteca	UL	Cortez (1927b)
1945	Portugal	Porto	Lello & Irmão	Português		Citado em Campos (1967) e Cortez (2004)		Cortez (1945)
1955	Portugal	Lisboa	Livraria Editora	Português		Citado em Melo (2011)		Cortez (1955a)
1955	Portugal	Lisboa	Parceira Antonio Maria Pereira	Português	Sim	Galvão (2002)		Cortez (1955b)
[1972?]	México	[S. l.]	Ediciones Kabir (fac-símile)	Espanhol		Biblioteca	UWM; LC	Cortez ([1972?])
[1978]	Portugal	Lisboa	Vega (fac-símile)	Português		Biblioteca; Acervo Pessoal	RGPL; UC	Cortez ([1978])
1980	Portugal	Porto	Lello & Irmão	Português		Biblioteca	RGPL; UC; UL; ACL	Cortez (1980)
[1985]	Espanha	Valladolid	Ámbito (fac-símile)	Espanhol		Biblioteca	BNE	Cortez ([1985])

1991	Espanha	Madrid	Espasa-Calpe (fac-símile)	Espanhol		Biblioteca	BPEB; UCM; BPZ; BNE; BC; UMA; US; UB; UV	Cortez (1991)
1992	Espanha	Valência	Librerías Paris-Valencia (fac-símile)	Espanhol		Biblioteca	USAL; BV; UV	Cortés (1992)
1997	Espanha	Valência	Librerías Paris-Valencia (fac-símile)	Espanhol		Biblioteca	BV	Cortés (1997)
2003	Espanha	Valladolid	Maxtor (fac-símile)	Espanhol		Loja virtual	BV; UCM; BNE	Cortés (2003)
2004	Portugal	Porto	Lello Editores	Português		Biblioteca	RGPL; UC; BPE	Cortez (2004)
2012	Estados Unidos	Charleston	Nabu Press (fac-símile)	Espanhol		Loja virtual		Cortés (2012)
2013	Portugal	Porto	Lello Editores	Português		Biblioteca	UC	Cortez (2013)
2017	Reino Unido	Londres	Hadean Press	Inglês		Biblioteca	BL	Cortés (2017)
[2018]	Estados Unidos	[S. l.]	Wentworth Press (fac-símile)	Espanhol		Acervo Pessoal; Loja virtual		Cortés ([2018])
2019	Reino Unido	Londres	Forgotten Books (fac-símile)	Português		Loja virtual		Cortés (2019)
[2022]	[Estados Unidos?]	[S. l.]	Legare Street Press (fac-símile)	Espanhol		Loja virtual		Cortés ([2022a])
[2022]	[Estados Unidos?]	[S. l.]	Legare Street Press (fac-símile)	por		Loja virtual		Cortés ([2022b])
[2023]	[Estados Unidos?]	[S. l.]	Legare Street Press (fac-símile)	Espanhol		Loja virtual		Cortés ([2023])

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Siglas: ACL = Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa (Portugal); AHCB = Arquivo Histórico da Cidade de Barcelona (Arxiu Històric de la Ciutat de Barcelona) (Espanha); ANTT = Biblioteca do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Portugal); AP = Acervo Pessoal; BAV = Biblioteca Apostolica Vaticana (Vaticano); BB = Biblioteca Balmes (Espanha); BBGJM = Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (USP) (Brasil); BC = Biblioteca da Catalunha (Espanha); BCC = Biblioteca Capitular y Colombina (Espanha); BCSF = Biblioteca do Convento de San Francisco de Santiago (Espanha); BCYL = Biblioteca de Castilla y León (Valladolid) (Espanha); BDCYL = Biblioteca Digital de Castilla y León (Espanha); BDG = Biblioteca Digital de Galicia (Espanha); BDH = Biblioteca Digital Hispánica (Espanha); BFP = Biblioteca da Fundación Penzol (Espanha); BIBNA = Biblioteca Nacional do Uruguai (Uruguai); BL = British Library (Reino Unido); BMB = Bibliothèque Municipale de Bordeaux (França); BMD = Bibliothèque Municipale de Dijon (França); BMLC = Bibliothèque Municipale Livrée Ceccano (Avignon) (França); BMM = Biblioteca de Montserrat (Espanha); BMN =

Bibliothèque Municipale de Nancy (França); BNA = Biblioteca Nacional da Ajuda (Portugal); BNC = Biblioteca Nacional do Chile (Chile); BNCF = Biblioteca Nacional Central de Florença (Itália); BNDB = Biblioteca Nacional Digital (Brasil) (Brasil); BNDP = Biblioteca Nacional Digital (Portugal); BNE = Biblioteca Nacional de Espanha (Espanha); BnF = Biblioteca Nacional da França (França); BNM = Biblioteca Nacional do México (México); BNMM = Biblioteca Nacional da Argentina (Argentina); BNP = Biblioteca Nacional de Portugal (Portugal); BNRC = Biblioteca Nacional da República Checa (Chéquia); BPE = Biblioteca Pública de Évora (Portugal); BPEB = Biblioteca Pública Episcopal de Barcelona (Espanha); BPZ = Biblioteca Pública del Estado en Zaragoza (Espanha); BSG = Bibliothèque Sainte Geneviève (França); BSL = Biblioteca Statale di Lucca (Itália); BSM = Biblioteca Serrano Morales (Valência) (Espanha); BSSC = Biblioteca del Seminario de Santa Catalina de Mondoñedo (Espanha); BUL = Basel University Library (Suíça); BV = Biblioteca Valenciana Nicolau Primitiu (Espanha); BVE = Biblioteca Nacional Central de Roma (Itália); BVPB = Biblioteca Virtual del Patrimonio Bibliográfico (Espanha); FBN = Fundação Biblioteca Nacional (Brasil); GB = Google Books; HL = Houghton Library (Harvard University) (Estados Unidos); HSM&L = Hispanic Society of America (Estados Unidos); IB = Iberian Books (c2024); LC = Library of Congress (Estados Unidos); ML = Münstergasse Library (Suíça); MN = Museu Naval de Madrid (Espanha); MNAC = Museu Nacional de Arte da Catalunha (Espanha); MP = Monasterio de Poblet (Espanha); ND = University of Notre Dame (Estados Unidos); OL = Open Library; ÖNB = Biblioteca Nacional da Áustria (Österreichische Nationalbibliothek) (Áustria); RACMYP = Real Academia de Ciencias Morales y Políticas (Madrid) (Espanha); RB = Real Biblioteca del Palacio Real de Madrid (Espanha); RCR = Real Colegiata de Roncesvalles (Espanha); RGPL = Real Gabinete Português de Leitura (Brasil); SDSM = Seminario Diocesano de San Miguel (Espanha); SI = Smithsonian Institute (Estados Unidos); SSB = Biblioteca Estatal de Berlim (Staatsbibliothek zu Berlin) (Alemanha); UB = Universidade de Barcelona (Espanha); UC = Universidade de Coimbra (Portugal); UCB = Universidade da Califórnia Berkeley (Estados Unidos); UCM = Universidad Complutense de Madrid (Espanha); UCSD = Universidade da Califórnia San Diego (Estados Unidos); UdG = Universitat de Girona (Espanha); UL = Universidade de Lisboa (Portugal); ULB = Universidade e Biblioteca Estadual de Darmstadt (Universitäts- und Landesbibliothek Darmstadt) (Alemanha); UM = Michigan University Library (Estados Unidos); UMA = Universidade de Málaga (Espanha); UNAV = Universidade de Navarra (Espanha); UP = Universidade do Porto (Portugal); UPM = Universidad Politécnica de Madrid (Espanha); URL = Universidade Ramon Llull (Espanha); URV = Universitat Rovira i Virgili (Espanha); US = Universidade de Sevilha (Espanha); USAL = Universidade de Salamanca (Espanha); USF = University of San Francisco (Estados Unidos); UT = University of Toronto (Canadá); UTA = University of Texas at Austin (Estados Unidos); UV = Universidade de Valência (Espanha); UWM = Universidade de Wisconsin = Madison (Estados Unidos); WL = Wellcome Library (Reino Unido); WC = WorldCat.

APÊNDICE B – BIBLIOGRAFIA DE EDIÇÕES DO LUNÁRIO PERPÉTUO POR PAÍS DE PUBLICAÇÃO (1594-2023)

Brasil

CORTEZ, Jeronymo. **O non plus ultra do lunario e prognostico perpetuo geral e particular para todos os reinos e provincias.** Traduzido por Antonio da Silva de Brito. Rio de Janeiro: Laemmert, 1848. 299 p.

Espanha

CORTES, Geronimo. **El non plus ultra de el lunario, y pronóstico perpetuo, general y particular para cada reyno y provincia:** expurgado según el expurgatorio de el año 1707 de la Santa Inquisicion: y ahora nuevamente reformado, y añadido por D. Pedro Enguera. Valladolid: Thomas de Santander, 1769a. 312 p.

CORTES, Geronimo. **El non plus ultra de el lunario, y pronostico perpetuo, general y particular para cada reyno y provincia:** expurgado según el expurgatorio del año 1707 de la Santa Inquisicion y ahora nuevamente añadido y reformado por Don Pedro Enguera. Barcelona: Oficina de Juan Francisco Piferrer, [1793?]. 312 p.

CORTES, Geronimo. **El non plus ultra de el lunario, y pronostico perpetuo, general, y particular para cada reyno, y provincia:** expurgado segun el Expurgatorio del año 1707 de la Santa Inquisicion: y ahora nuevamente reformado y añadido por Don Pedro Enguera, profesor de mathematicas. Barcelona: Imprenta de Tomas Piferrer, [1790]. 312 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=OZcHpmh0ZtwC>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CORTÉS, Geronimo. **El non plus ultra del lunario y prognostico perpetuo general, y particular para cada reino y provincia.** Sevilla: Jose Antonio de Hermosilla, [ca. 1727]. 233 p.

CORTÉS, Gerónimo. **El non plus ultra del lunario y pronóstico perpétuo general y particular para cada reino y provincia:** y ahora nuevamente reformado y añadido por D. Pedro Enguera, profesor de matemáticas. Barcelona: Librería de Estevan Pujal, 1855a. 288 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=2437t7rqwjoC>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CORTÉS, Gerónimo. **El non plus ultra del lunario y pronóstico perpétuo general y particular para cada reino y provincia:** y ahora nuevamente reformado y añadido por D. Pedro Enguera. Barcelona: Librería de J. Tauló, 1857. 288 p.

CORTÉS, Gerónimo. **El non plus ultra del Lunario y pronóstico perpetuo general y particular para cada reino y provincia:** y ahora nuevamente reformado y añadido por Pedro Enguera, profesor de matemáticas. Barcelona: Miguel y Jaime Gaspar, 1842. 300 p.

CORTÉS, Geronimo. **El non plus ultra del lunario y pronostico perpetuo general y particular para cada reyno y provincia:** corregido segun el expurgatorio de la Santa Inquisicion: và tambien añadido à la postre una invencion curiosa, con unos apuntamientos y reglas. Valencia: Antonio Bordazar, 1709. 256 p.

CORTES, Geronimo. **El non plus ultra del lunario y pronostico perpetuo general y particular para cada reyno y provincia:** expurgado segun el expurgatorio (del año de 1707) de la S. Inquisición y aora nuevamente reformao y añadido por don Pedro Enguera. Madrid: Antonio Gonçalvez de Reyes, 1715. 312 p.

CORTÉS, Gerónimo. **El non plus ultra del lunario y pronóstico perpetuo, general y particular para cada reino y provincia:** reformado y aumentado por Pedro Enguera. Barcelona: Imprenta de José Ribet, 1845. 283 p.

CORTÉS, Geronimo. **El non plus ultra del lunario y pronóstico perpétuo, general y particular para cada reino y provincia:** y ahora nuevamente reformado y añadido por D. Pedro Enguera, profesor de matematicas. Barcelona: Don Juan Francisco Piferrer, 1836. 328 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=04EKAQAAMAAJ>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CORTÉS, Gerónimo. **El non plus ultra del lunario y pronóstico perpetuo, general y particular para cada reino y provincia:** y ahora nuevamente reformado y añadido por D. Pedro Enguera. Barcelona: Imp. y Lib. de la Vda. e hijo de Sierra, [18--]. 288 p.

CORTES, Geronimo. **El non plus ultra del lunario y pronóstico perpétuo:** general, y particular, para cada reyno, y provincia: expurgado segun el expurgatorio del año 1707 de la Santa Inquisición añadido por don Pedro Enguera [...] y ahora nuevamente [...] per el gran astrologo andaluz Don Gonzalo Antonio Serrano. Madrid: Antoni Sanz, impressor del Real Consejo de Castilla, [1741]. 288 p.

CORTES, Geronimo. **El non plus ultra del lunario, y pronostico perpetuo general, y particular para cada reyno y provincia:** [...] y aora nuevamente reformado, y añadido por D. Pedro Enguera. Madrid: Francisco Martinez Abad, 1722. 312 p.

CORTES, Geronimo. **El non plus ultra del lunario, y pronostico perpetuo general, y particular para cada reyno, y provincia:** corregido segun el Expurgatorio de la Santa Inquisicion: và tambien añadido à la postre una invencion curiosa con unos apuntamientos, y reglas para que cada uno sepa hazer pronosticos y discursos anuales, acerca de la abundancia, à penuria del año. Valencia: Juan Lorenço Cabrera, 1672. 252 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=R01sjtNVZVUC>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CORTÉS, Gerónimo. **El non plus ultra del lunario, y pronóstico perpétuo, general y particular para cada reino y provincia:** aumentado con las efemérides de la historia de España desde 1806 hasta el dia, y un tratado sobre el cultivo de las flores, adornado con hermosas láminas, por D. Pedro Enguera, professor de matematicas. Barcelona: Imprenta de D. Manuel Saurí, 1841. 286 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=jx6ibZ9bXs8C>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CORTES, Geronimo. **El non plus ultra del lunario, y pronóstico perpetuo, general y particular para cada reino y provincia:** y ahora nuevamente reformado y añadido por Don Pedro Enguera profesor de matematicas. Barcelona: Imprenta de Valero Sierra y Martí, 1823. 312 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=yMdfNuGWqoQC>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CORTÉS, Gerónimo. **El non plus ultra del lunario, y pronostico perpetuo, general y particular para cada reyno y provincia:** agora de nuevo visto, y corregido conforme al Indice ultimo Expurgatorio de la Santa Inquisicion, por el Padre Geronimo Vidal de la Compañia de Iesus, Calificador del Santo Oficio, en Barcelona, à 22 de Iulio Ano 1632: va también añadido à la postre una invencion curiosa, con unos apuntamientos, y reglas, para que cada uno sepa hazer pronosticos, y discursos anuales, acerca de la abundancia, ò penuria del año. Barcelona: Imprenta de Joseph Forcada, 1681.

CORTÉS, Geronimo. **El non plus ultra del lunario, y pronostico perpetuo, general, y particular para cada reyno, y provincia:** agora de nuevo visto, y corregido conforme al Indice Ultimo Expurgatorio de la Santa Inquisicion, por el Padre Geronimo Vidal de la Compañia de Iesus, Calificador del Santo Oficio, en Barcelona à 22. de Iulio, año 1632: va tambien añadido a la postre una invencion curiosa, e unos apuntamientos, y reglas, para que cada uno sepa hazer pronosticos, y discursos anuales, acerca de la abundancia, ò penuria del año. Barcelona: Antonio Lacavalleria, 1670. 219 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=f0AdvhOO0sC>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CORTÉS, Geronimo. **El non plus ultra del lunario, y pronostico perpetuo, general, y particular para cada reyno, y provincia:** corregido segun el expurgatorio de la Santa Inquisicion: vâ tambien añadido à la postre una invencion curiosa con unos apuntamientos, y reglas para que cada uno sepa hazer pronosticos, y discursos anuales, acerca de la abundancia, o penuria del año. [Madrid]: Imprenta Real a costa de los herederos de Gabriel de León, 1695. 248 p. Disponível em: <https://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000217621>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CORTÉS, Geronimo. **El nuevo lunario perpetuo y pronóstico general y particular para cada reino y provincia:** contiene el antiguo lunario, adicionado por Don Pedro Enguera, aumentada esta edicion con las efemérides de la historia de España, hasta el dia, varias noticias y tablas astronómicas; y un curioso apéndice titulado El Nestor de los siglos, por D. Francisco Javier Ribera y Aravity. Barcelona: Imprenta de Don Manuel Sauri, 1848. 343 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=M4IKAQAAMAAJ>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CORTÉS, Gerónimo. **El nuevo lunario perpetuo: pronóstico general particular para cada reino y provincia:** contiene el antiguo lunario, adicionado por Don Pedro Enguera, aumentada esta edición con las efemérides de la historia de España, hasta el dia varias noticias y tablas astronómicas; y un curioso apéndice titulado El nestor de los siglos. 3. ed. Barcelona: Imprenta de la Sra. Viuda de Sauri e Hijo, 1856a. 343 p.

CORTES, Geronimo. **Lunario nuevo, perpetuo, y general, y pronostico de los tiempos, universal:** contiene admirables y varios secretos de naturaleza: con algunas elecciones de medicina, navegacion y agricultura: y un regimiento de sanidad muy curioso, sin otras cosas de consideracion y provecho, con los señales de vientos, luvias, terremotos, tempestades, y serenidad: todo revisto y añadido en esta tercera impression por el mismo autor. Madrid: Pedro Madrigal a costa de Juan de Sarria, 1598a. 153 f. Disponível em: <https://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000288521>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CORTÉS, Gerónimo. **Lunario perpetuo y pronósticos infalibles:** nueva ed. por D. Francisco Hernández corregida y aumentada. Madrid: [s. n.], 1904a.

CORTÉS, Gerónimo. [**Lunario perpetuo, y pronóstico de los tiempos**]. Valencia: Herederos de Joan Navarro, 1594.

CORTES, Gerónimo. **Lunario y caminos**. Ed. fac-sim. Valladolid: Ámbito, [1985]. Reprodução de ed. de Valladolid, Imp. Vda. de Roldán, 1844.

CORTÉS, Geronimo. **Lunario y prognostico perpetuo general, y particular**: ahora de nuevo corregido: contiene en doce tablas astronomicas las conjunciones, llenos, y quartos de luna, los equinoccios, y solsticios desde 1768, hasta 1794. Madrid: Martin, 1779. 261 p.

CORTÉS, Geronimo. **Lunario y pronostico perpetuo general y particular**: ahora de nuevo corregido. Madrid: Imprenta de la Viuda de Barco, 1814. 272 p.

CORTÉS, Geronimo. **Lunario y pronostico perpetuo general y particular**: ahora de nuevo corregido. Madrid: Imprenta de la Viuda de Barco, 1820a. 272 p.

CORTÉS, Geronimo. **Lunario y pronostico perpetuo general y particular**: ahora de nuevo corregido: contiene una cronología de varias noticias de cosas sucedidas desde la muerte de Cristo hasta el presente, com una breve y sucinta relacion de los principales sucesos de la revolucion española. Madrid: Imprenta de D. Julian Viana Razola, 1837a. 273 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=eIEKAQAAMAAJ>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CORTÉS, Gerónimo. **Lunario y pronóstico perpetuo general y particular**: ahora de nuevo corregido: contiene una cronología de varias noticias de cosas sucedidas desde la muerte de Cristo hasta el presente, con una breve y sucinta relación de los principales sucesos de la revolución española y su gloriosa defensa contra sus inicuos invasores. Valladolid: Imprenta de Roldán, 1813a. 276 p.

CORTES, Geronimo. **Lunario y pronostico perpetuo general y particular**: aora de nuevo corregido: contiene en doce tablas astronomicas las conjunciones, llenos y quartos de luna, los equinoccios y solsticios y los eclipses de sol y luna desde 1768 hasta 1779. Vich: Joseph Tolosa Impressor y Librero, [1764]. 278 p.

CORTÉS, Gerónimo. **Lunario y pronóstico perpetuo, general y particular**. [Granada: s. n., 1890?]. 205 p.

CORTES, Geronimo. **Lunario y pronostico perpetuo, general y particular**: ahora de nuevo corregido: contiene una cronologia de varias noticias de cosas sucedidas desde la muerte de Cristo hasta el presente, com una breve y sucinta relacion de los principales sucesos de la revolucion española. Valladolid: Imprenta de Don Fernando Santaren, 1864. 224 p. Disponível em: <https://bibliotecadigital.jcyl.es/es/consulta/registro.do?id=1062>. Acesso em: 8 dez. 2024.

CORTÉS, Gerónimo. **Lunario y pronóstico perpétuo, general y particular**: ahora de nuevo corregido: contiene una cronología de varias noticias de cosas sucedidas desde la muerte de Cristo hasta el presente, con una breve y sucinta relacion de los principales sucesos de la revolucion española, y su gloriosa defensa contra sus inícuos invasores. Valladolid: Imprnta [sic] de la viuda de Roldan, 1840. 256 p.

CORTÉS, Gerónimo. **Lunario y pronóstico perpétuo, general y particular**: nuevamente corregido: contiene una cronología de varias noticias de cosas sucedidas desde la muerte de Cristo hasta el presente año. Valladolid: Imprenta de D. Juan de la Cuesta, 1859a. 310 p. Disponible em: <https://bvpb.mcu.es/es/consulta/registro.do?id=448284>. Acesso em: 8 dez. 2024.

CORTÉS, Gerónimo. **Lunario y pronóstico perpetuo**. Nueva ed., corr. y aum. Málaga: Imprenta de Martínez de Aguilar, 1849.

CORTES, Gerónimo. **Lunario y pronóstico perpétuo**: novísima edicion hecha en vista de cuantas se han publicado hasta el dia, revisada y considerablemente aumentada: Deus super omnia. Madrid: Imprenta de Manuel Minuesa, 1859b. 204 p. Disponible em: https://books.google.com.br/books?id=jd7fl_klmqIC. Acesso em: 15 abr. 2024.

CORTES, Geronimo. **Lunario y pronostico perpetuo**: nueva edición corregida y aumentada, con la division territorial de España, y una noticia de sus baños minerales; el sistema metrico decimal; las principales ferias de estos reynos, y otras curiosidades importantes. Málaga: Imprenta y Librería de Martinez de Aguilar, 1859c. Disponible em: <https://books.google.com.br/books?id=Xlld6t1ebLQC>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CORTES, Gerónimo. **Lunario y pronostico perpetuo**: nueva edición corregida y reformada. Málaga: Imprenta y Librería de Martinez de Aguilar, 1847. 220 p. Disponible em: <https://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000107012>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CORTÉS, Gerónimo. **[Lunario y pronostico perpetuo]**. Nueva ed., corr. y aum. Málaga: [s. n.], 1855b.

CORTÉS, Geronimo. **Lunario, y pronostico perpetuo general y particular**: ahora de nuevo corregido: contiene una cronología de varias noticias de cosas sucedidas desde la muerte de Cristo hasta el presente, com una breve y sucinta relacion de los principales sucesos de la revolucion española, y su gloriosa defensa contra sus inicuos invasores. Madrid: Imprenta de la Viuda de Barco, 1813b. 263 p. Disponible em: <https://books.google.com.br/books?id=ZQ4ZRvJNIYAC>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CORTÉS, Geronimo. **Lunario, y pronostico perpetuo, general y particular para cada reynos y provincias**: [...] añadido en esta ultima Impression muchos y varios secretos, y avisos Astronomicos, sin faltar nada de lo que las demas impressiones contenian. Alcala de Henares: Juan Gracián, 1614a. 216 p. Disponible em: <https://books.google.com.br/books?vid=BL:A0020780076>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CORTÉS, Gerónimo. **Lunario, y pronóstico perpetuo, general y particular**. Ed. fac-sim. Valladolid: Maxtor, 2003. 271 p. Reprodução de ed. de Valladolid, Imprenta de Roldán, 1820.

CORTÉS, Gerónimo. **Lunario**: novena y ultima impresion: véndese em casa de la viuda de Gerónimo Cortes, junto al Collegio nuevo del Patriarcha. Valencia: Juan Crisóstomo Garriz, 1616. 216 p.

CORTÉS, Geronymo. **El non plus ultra de el lunario, y pronostico perpetuo, general y particular para cada reyno, y provincia**: expurgado segun el expurgatorio del año 1707 de la Santa Inquisicion: y aora nuevamente reformado, y añadido por Don Pedro Enguera,

professor de mathematicas. Barcelona: Imprenta de Maria Angela Martí Viuda, 1768a. 312 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=IUmSFS3AhiMC>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CORTES, Geronymo. **El non plus ultra de el lunario, y pronostico perpetuo, general, y particular para cada reyno, y provincia**: espurgado segun el expurgatorio (del año de 1707) de la Santa Inquisicion: y aora nuevamente reformado, y añadido por Don Pedro Enguera, professor de Mathematicas. Madrid: Don Pedro Joseph Alonso y Padilla, Librero de Camara de su Magestad, 1747a. 310 p. Disponível em: <https://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000063615>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CORTÉS, Geronymo. **El non plus ultra de el lunario, y pronostico perpetuo, general, y particular para cada reyno, y provincia**: expurgado segun el expurgatório del año 1707, de la Santa Inquisicion: y aora nuevamente reformado, y añadido por Don Pedro Enguera, profesor de Mathematicas. Madrid: [s. n.], 1787. 312 p. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=0cGf_3ngtjIC. Acesso em: 15 abr. 2024.

CORTÉS, Geronymo. **El non plus ultra del lunario y pronostico perpetuo, general y particular**: aora de nuevo ilustrado con la descripcion del octavo cielo y otras curiosidades, enmendados todos los yerros de la antigüedad, tocante à los planetas y signos, à su grandeza y calidades y otras muchas particularidades, con las tablas astronomicas de las lunas, quartos, eclipses y fiestas &c. hasta el año 1750 inclusive, y de alli adelante por tablas generales por el Dr. Carlos Guillino [...] el Secretario de Apolo. Barcelona: Joseph Giralt Impressor, [ca. 1742]. 288 p.

CORTES, Geronymo. **El non plus ultra del lunario y pronostico perpetuo general y particular, para cada reyno y provincia**: reformada y anadida por Pedro Enguera. Madrid: Balvas, 1728.

CORTES, Geronymo. **El non plus ultra del lunario y pronostico perpetuo y general**: aora de nuevo ilustrado con muchas adiciones, sacadas de los mas modernos y classicos autores, con el mas seguido systema del mundo, la descripcion del octavo cielo y muchas curiosidades en todos los discursos de los meses: enmendados todos los yerros de la antigüedad, tocante à los planetas y signos, à su grandeza y calidades y à otras muchas particularidades: con las tablas astronomicas de las lunas, quartos, eclipses, fiestas, &c. hasta el año 1720 inclusive, y de alli adelante por tablas generales. Barcelona: Imprenta de Juan Pablo Marti, 1713a. 224 p.

CORTÈS, Geronymo. **El non plus ultra del lunario, y pronostico perpetuo, general y particular para cada reino, y provincia**: corregido, y emmendado segun los expurgatórios de la Santa Inquisicion, que han salido hasta el año de 1745, y renovado con los aspectos de conjuncion, y lleno de luna, desde dicho año, hasta el de 1761: con una invencion curiosa de apuntamientos, y reglas, para hacer pronosticos, y discursos anuales acerca de la abundancia, ò penuria de cada año. Sevilla: Imprenta Real de Don Diego Lopez de Haro, 1745. 233 p. Disponível em: <https://archive.org/details/HHAZ3352>. Acesso em: 16 abr. 2024.

CORTÉS, Geronymo. **El non plus ultra del lunario, y pronostico perpetuo, general y particular**: aora de nuevo ilustrado con la descripcion del octavo Cielo, y otras curiosidades: enmendados todos los yerros de la antigüedad, tocante à los planetas, y signos; à su grandeza, y calidades, y otras muchas particularidades: con algunas tablas astronômicas de las lunas, quartos, eclipses, y fiestas, &c. hasta el año 1761 y de alli adelante por tablas generales: por

el Doctor en ambos derechos D. Carlos Guillino, Professor de Mathematicas, vulgarmente llamado: El Secretario de Apolo: expurgado por el S. Oficio de la Inquisicion. Barcelona: Joseph Giralt Impressor, 1750. 240 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=vy-scPsmgJQC>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CORTES, Geronymo. **Lunario nuevo, perpetuo, y general, y pronostico de los tempos universal:** contiene admirables y varios secretos de naturaliza, con algunas elecciones de medicina, navegacion, y agricultura, y un regimiento de sanidad muy curioso: sin otras cosas de consideracion y provecho, con la señales de vientos, lluvias, terremotos, tempestades, y serenidad. Alcala de Henares: Juan Gracián, 1606. 151 f. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=hLpaAAAACAAJ&hl=pt-BR>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CORTÉS, Geronymo. **Lunario y pronostico perpetuo, general y particular:** contiene [...] las conjunciones, llenos y quartos de la luna, los equinoccios y solsticios y los eclipses de sol y luna desde 1768 hasta 1794: se hallara en el fin una cronologia de varias noticias. Madrid: Imprenta de D. Manuel Martin, 1769b. 285 p.

CORTÉS, Geronymo. **Lunario y pronostico perpetuo, general y particular:** contiene en doce tablas astronomicas las conjunciones, llenos y quartos de la luna, los equinoccios y solsticios y los eclipses de sol y luna des de 1763 hasta 1774. Barcelona: Imprenta de los Herederos de Juan Jolis, 1764a. 278 p.

CORTÉS, Geronymo. **Lunario y pronostico perpetuo, general y particular:** contiene en doce tablas astronomicas las conjunciones, llenos y quartos de la luna, los equinoccios y solsticios y los eclipses de sol y luna desde 1768 hasta 1779. Barcelona: Imprenta de los Herederos de Juan Jolis, 1769c. 277 p.

CORTÉS, Geronymo. **Lunario, y pronostico perpetuo, general, y particular:** aora de nuevo corregido: contiene en doce tablas astronomicas las conjunciones, llenos, y quartos de luna, los equinócios, y solstícios, y los eclipses de sol, y luna desde 1768 hasta 1779: se hallará en el fin una chronologia de varias noticias de cosas sucedidas desde la muerte de Christo: expurgado por el S. Oficio de la Inquisicion. Barcelona: Imprenta de los Herederos de Juan Jolis, 1768b. 278 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=I2lFJzE0ON0C>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CORTES, Hieronymo. **El non plus ultra del lunario, y pronostico perpetuo, general, y particular para cada reyno, y provincia:** y agora visto, reconocido, y añadido por el Doctor Stevan Pujaçol, y puestas em sus lugares muchas tablas y avisos, que por el discurso del tempo, y de las muchas impressiones estavan falsadas, y añadido otras que le faltavan para intelligencia del lector, y perpetuidade de la obra: va tambien añadido à la postre una invencion curiosa, con unos apuntamientos y reglas para que cada uno sepa hazer pronosticos, y discursos anuales, acerca de la abundancia ò penúria del año. Barcelona: Hieronymo Margarit, 1628. 225 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=ooRmAAAACAAJ>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CORTES, Hieronymo. **Lunario perpetuo, y general, y pronostico de los tiempos universal y particular para cada reyno, y provincias:** al qual se han añadido muchas cosas notables: con un estraño y artificioso juyzio de las enfermedades y hurtos: contiene raros y varios efectos de la luna, signos y demas planetas, con ciertos avisos astronomicos: todo revisto y

mejorado en esta tercera y ultima impression por el mismo auctor. Valencia: Juan Crisóstomo Garriz, 1598b.

CORTÉS, Hierónymo. **Octava y ultima impression del lunario y pronostico perpetuo, general, y particular para cada reynos y provincias.** Barcelona: Jerónimo Margarit, 1614b. 216 p.

CORTÉS, Hieronymo. **Quinta y ultima impression del lunario y pronostico perpetuo y general:** a la qual se han añadido por el mismo author muchos, y muy grandes secretos, y avisos astronomicos: escribe de nuevo los pressagios, y sucessos mas notables, que los astros señalan suceder en los dos años primero siguientes; con todo lo demas que las passadas impressiones contenian: revisto y mejorado: dirigido al maestro Christoval Colom vistador general en el Arçobispado de Valencia. Zaragoza: Angelo Tavano, 1605a.

CORTÉS, Jerónimo. **El non plus ultra de el lunario y pronóstico perpetuo general y particular para cada reyno y provincia.** Madrid: Juan Mena, 1747b. 312 p.

CORTÉS, Jerónimo. **El non plus ultra de lunario y pronostico perpetuo:** segun el espurgatorio de 1707 y reformado y añadido por Don P. Enguera. Barcelona: M. A. Marti, [1793]. 312 p.

CORTÉS, Jerónimo. **El non plus ultra del lunario y prognostico perpetuo general, y particular para cada reyno, y provincia.** Sevilla: Herederos de Tomás de López de Haro, [1700]. 256 p.

CORTÉS, Jerónimo. **El non plus ultra del lunario y pronóstico general y perpetuo, particular para cada reino y provincia.** Valencia: Herederos de Joan Navarro, 1596.

CORTÉS, Jerónimo. **El non plus ultra del lunario y pronostico general y perpetuo.** Alcala de Henares: [s. n.], 1697.

CORTÉS, Jerónimo. **El non plus ultra del lunario y pronostico perpetuo general y particular para cada reino y provincia.** Valencia: Imprenta de Benito Macé, 1665a. 236 p.

CORTÉS, Jerónimo. **El non plus ultra del lunario y pronostico perpetuo general y particular para cada reino y provincia:** ahora nuevamente reformado y añadido por D. Pedro Enguera. Barcelona: [Imp. de José Tauló], 1852. 288 p.

CORTÉS, Jerónimo. **El non plus ultra del lunario y pronostico perpetuo general y particular para cada reyno y provincia.** Barcelona: Sebastián de Cormellas, 1634. 218 p.

CORTÉS, Jerónimo. **El non plus ultra del lunario y pronostico perpetuo general y particular para cada reyno y provincia.** Barcelona: Sebastián de Cormellas, 1638.

CORTÉS, Jerónimo. **El non plus ultra del lunario y pronostico perpetuo general y particular para cada reyno y provincia.** Barcelona: Sebastián de Cormellas, 1660a. 216 p.

CORTÉS, Jerónimo. **El non plus ultra del lunario y pronostico perpetuo general y particular para cada reyno y provincia:** va tambien añadido a la postre una invencion curiosa con unos apuntamientos y reglas para que cada uno sepa hazer pronosticos y discursos

anuales acerca de la abundancia o penuria del año. Valencia: Jerónimo Villagrasa, 1663a. 236 p.

CORTÉS, Jerónimo. **El non plus ultra del lunario y pronostico perpetuo general, y particular para cada reyno, y provincia.** Barcelona: Sebastián de Cormellas, 1646. 216 p.

CORTÉS, Jerónimo. **El non plus ultra del lunario y pronostico perpetuo general, y particular para cada reyno, y provincia.** Valencia: Jerónimo Villagrasa, 1660b. 220 p.

CORTÉS, Jerónimo. **El non plus ultra del lunario, y prognostico perpetuo, general, y particular:** ahora de nuevo ilustrado con la descripcion del octavo cielo, y otras curiosidades, enmendados todos los yerros de la antigüedad [...] con las tablas astronomicas de las lunas [...] por Carlos Guillino, expurgado por el Santo Oficio de la Inquisicion. Barcelona: Pablo Campins Impressor, [1756?].

CORTÉS, Jerónimo. **El non plus ultra del lunario, y prognostico perpetuo, general, y particular:** ahora de nuevo ilustrado con la descripcion del octavo cielo, y otras curiosidades, enmendados todos los yerros de la antigüedad [...] con las tablas astronomicas de las lunas [...] por Carlos Guillino, expurgado por el Santo Oficio de la Inquisicion. Ed. fac-sim. Valencia: Librerías Paris-Valencia, 1992. 239 p. Reprodução de ed. de Barcelona, Pablo Campins Impressor, [1756?].

CORTÉS, Jerónimo. **El non plus ultra del lunario, y prognostico perpetuo, general, y particular:** ahora de nuevo ilustrado con la descripcion del octavo cielo, y otras curiosidades, enmendados todos los yerros de la antigüedad [...] con las tablas astronomicas de las lunas [...] por Carlos Guillino, expurgado por el Santo Oficio de la Inquisicion. Ed. fac-sim. Valencia: Librerías Paris-Valencia, 1997. 239 p. Reprodução de ed. de Barcelona, Pablo Campins Impressor, [1756?].

CORTÉS, Jerónimo. **El non plus ultra del lunario, y pronostico perpetuo general, y particular para cada reyno, y provincia.** Valencia, Jaime Bordazar, 1699. 256 p.

CORTÉS, Jerónimo. **El non plus ultra del lunario, y pronostico perpetuo general, y particular para cada reyno, y provincia:** corregido segun el expurgatorio de la Santa Inquisicion: va tambien añadido a la postre una invencion curiosa con unos apuntamientos, y reglas para que cada uno sepa hazer pronosticos, y discursos anuales acerca de la abundancia, o penuria del año. Valencia: Juan Lorenço Cabrera a costa de Francisco Duarte, 1663b.

CORTÉS, Jerónimo. **El non plus ultra del lunario, y pronóstico perpetuo general, y particular para cada reyno, y provincia:** expurgado segun el expurgatorio del año 1707 de la Santa Inquisicion y ahora nuevamente reformado y añadido por Don Pedro Enguera. Madrid: Joachim Ibarra, 1759. 312 p.

CORTÉS, Jerónimo. **[El non plus ultra del lunario].** Barcelona: [s. n.], 1788.

CORTÉS, Jerónimo. **[El non plus ultra del lunario].** Barcelona: A. Marti, 1708.

CORTÉS, Jerónimo. **[El non plus ultra del lunario].** Barcelona: Joseph Giralt, 1713b.

CORTÉS, Jerónimo. **Lunario nuevo perpetuo y general, y pronostico de los tiempos, universal.** Alcala de Henares: Juan Gracián, 1600a.

CORTÉS, Jerónimo. **Lunario nuevo, perpetuo y general, y pronostico de los tiempos, universal:** contiene admirables y varios secretos de la naturaleza. Madrid: Pedro Madrigal a costa de Miguel Martinez, 1601.

CORTÉS, Jerónimo. **Lunario perpetuo y general y pronostico de los tiempos para cada reyno y provincia.** Zaragoza: Lorenzo de Robles, 1604a.

CORTÉS, Jerónimo. **Lunario perpétuo, pronóstico general y particular del reino y provincias.** Última ed., corr. y aum. Barcelona: Manuel Saurí, 1878. 312 p.

CORTÉS, Jerónimo. **Lunario Perpetuo:** pronóstico general y particular del reino y provincias. Barcelona: Francisco Sabater, 1904b. 279 p.

CORTÉS, Jerónimo. **Lunario perpétuo:** pronóstico general y particular del reino y provincias. Última ed., corr. y aum. Barcelona: Manuel Saurí, 1888. 324 p.

CORTÉS, Jerónimo. **Lunario y pronostico perpetuo general y particular para cada reyno [y] provincia.** Barcelona: Sebastián de Cormellas, 1629. 219 p.

CORTÉS, Jerónimo. **Lunario y pronostico perpetuo general y particular para cada reynos y provincias.** Zaragoza: Pedro Cabarte, 1622.

CORTÉS, Jerónimo. **[Lunario y pronostico perpetuo general y particular].** Barcelona: Miguel y Jaime Gaspar, 1837b. 300 p.

CORTÉS, Jerónimo. **[Lunario y pronostico perpetuo general y particular].** Barcelona: Oliva, 1837c. 269 p.

CORTÉS, Jerónimo. **Lunario y pronostico perpetuo, general y particular para cada reynos y provincias.** Zaragoza: Angelo Tavano, 1607a. 207 p.

CORTÉS, Jerónimo. **Lunario y pronostico perpetuo, general y particular para cada reynos y provincias.** Zaragoza: Diego Dormer, 1665b. 227 p.

CORTÉS, Jerónimo. **Lunario y pronóstico perpétuo, general y particular.** [Valladolid]: Imp. y Lib. Católica de la Viuda de Cuesta e Hijos, 1894. 296 p.

CORTÉS, Jerónimo. **Lunario y pronóstico perpetuo, general y particular.** Valladolid: Impr. de D. Juan de la Cuesta, 1855c. 296 p.

CORTÉS, Jerónimo. **Lunario y pronóstico perpetuo, general y particular.** Valladolid: Imprenta de Julian Pastor, 1865. 224 p.

CORTÉS, Jerónimo. **Lunario y pronóstico perpétuo, general y particular:** ahora de nuevo corregido: contiene una cronología de varias noticias de cosas sucedidas desde la muerte de Cristo hasta el presente, con una breve y sucinta relacion de los principales sucesos de la

revolucion española, y su gloriosa defensa contra sus inícuos invasores. Valladolid: Imprenta de Roldán, 1820b. 276 p.

CORTÉS, Jerónimo. **[Lunario y pronóstico perpétuo, general y particular]**. Valladolid: [s. n.], 1887. 296 p.

CORTÉS, Jerónimo. **Lunario y pronostico perpetuo, general, y particular para cada reynos y provincias**. Alcala de Henares: Viuda de Juan Gracián, 1617. 216 p.

CORTÉS, Jerónimo. **Lunario y pronostico perpetuo, general, y particular para cada reynos y provincias**. Alcala de Henares: Viuda de Juan Gracián, 1618. 216 p.

CORTÉS, Jerónimo. **Lunario y pronostico perpetuo, general, y particular para cada reynos y provincias**. Zaragoza: Pedro Cabarte a costa de Juan de Bonilla, 1613a. 216 p.

CORTÉS, Jerónimo. **[Lunario y pronostico perpetuo, general, y particular para cada reynos y províncias]**. Alcala de Henares: [s. n.], 1605b.

CORTÉS, Jerónimo. **Lunario y pronostico perpetuo, general, y particular para todos los reynos y provincias del mundo con muchos y varios secretos y avisos astronomicos, que van em otras impresiones**. Barcelona: Emprenta de Sebastián de Cormellas, 1625. 233 p.

CORTÉS, Jeronimo. **Lunario y pronostico perpetuo**. Barcelona: [s. n.], 1599. 153 f.

CORTÉS, Jeronimo. **Lunario y pronóstico perpetuo: general y particular para cada reino y provincia**: y ahora nuevamente reformado y añadido con tablas astronómicas, efectos atmosféricos y advertencias utilísimas para los labradores. Madrid: Saturnino Calleja, [entre 1876 e 1915]. 374 p.

CORTÉS, Jerónimo. **[Lunario y pronostico perpetuo]**. Barcelona: [s. n.], 1598c.

CORTÉS, Jerónimo. **[Lunario y pronostico perpetuo]**. Barcelona: [s. n.], 1600b.

CORTÉS, Jerónimo. **[Lunario y pronóstico perpétuo]**. Madrid: Imprenta de Manuel Minuesa, 1856b. 208 p.

CORTÉS, Jerónimo. **[Lunario y pronostico perpetuo]**. Valencia: [s. n.], 1678.

CORTÉS, Jerónimo. **[Lunario y pronostico perpetuo]**. Valencia: Juan Crisóstomo Garriz, junto al molino de Rovella, 1603.

CORTÉS, Jerónimo. **Lunario y pronostico universal de los tiempos**. Valencia: Herederos de Juan Crisóstomo Garriz a costa de Juan Sonsoni, 1650.

CORTÉS, Jerónimo. **Lunario, perpetuo general**. Alcala de Henares: [s. n.], 1612.

CORTÉS, Jerónimo. **Lunario**. Valencia: [s. n.], 1613b.

CORTÉS, Jerónimo. **Septima y ultima impression lunario y pronostico perpetuo general y particular, para cada reynos y provincias**. Valencia: Juan Crisóstomo Garriz, 1607b.

CORTÉS, Jerónimo. **Sexta y ultima impression del lunario y pronostico perpetuo.** Valencia: Juan Crisóstomo Garriz, junto al molino de Rovella, 1604b.

CORTÉZ, Gerónimo. **El non plus ultra del lunario y pronóstico perpetuo, general y particular para cada reino y provincia:** reformado y aumentado por D. Pedro Enguera, profesor de matematicas. Barcelona: Imprenta de José Ribet, 1844. 283 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=CtSGr2qjAfUC>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CORTEZ, Jeronymo. **El non plus ultra del lunario y pronóstico perpétuo, general, y particular para cada reino y provincia.** Barcelona: Impr. de María Ángela Martí viuda, 1760. 312 p.

CORTEZ, Jeronymo. **El non plus ultra del lunario y pronóstico perpétuo, general, y particular para cada reino y provincia.** Ed. fac-sim. Madrid: Espasa-Calpe, 1991. 312 p. Reprodução da ed. de Barcelona, Impr. de María Ángela Martí, 1760.

Estados Unidos

CORTÉS, Gerónimo. **El non plus ultra del lunario y pronóstico perpétuo, general y particular para cada reino y provincia.** Ed. fac-sim. [Charleston]: Nabu Press, 2012.

CORTÉS, Geronimo. **Lunario y pronostico perpetuo general y particular:** ahora de nuevo corregido: contiene una cronología de varias noticias de cosas sucedidas desde la muerte de Cristo hasta el presente, com una breve y sucinta relacion de los principales sucesos de la revolucion española. Ed. fac-sim. [Estados Unidos?]: Wentworth Press, [2018]. 273 p. Reprodução de ed. de Madrid, Imprenta de D. Julian Viana Razola, 1837.

CORTÉS, Jerónimo. **El non plus ultra de el lunario, y pronostico perpetuo, general, y particular para cada reyno y provincia:** y aora nuevamente reformado, y añadido por Don Pedro Enguera. Ed. fac-sim. [Estados Unidos?]: Legare Street Press, [2022a].

CORTÉS, Jerónimo. **El nuevo lunario perpetuo y pronóstico general y particular para cada reino y provincia.** Ed. fac-sim. [Estados Unidos?]: Legare Street Press, [2023].

CORTÉS, Jerónimo. **O non plus ultra do lunario, e pronostico perpetuo, geral e particular para todos os reinos e provincias.** Traduzido por Antonio da Silva de Brito. Ed. fac-sim. [Estados Unidos?]: Legare Street Press, [2022b].

França

CORTÉS, Gerónimo. **El non plus ultra del lunario y pronóstico perpetuo, general y particular para cada reino y provincia:** y ahora nuevamente reformado y añadido por Pedro Enguera. Paris: Garnier, 1893.

CORTÉS, Jerónimo. **El non plus ultra del lunario y pronostico perpetuo general y particular para cada reino y provincia:** reformado y añadido, por D. Pedro Enguera. Paris: Garnier, 1868. 361 p.

CORTEZ, Jeronymo. **Nuevo lunario perpetuo**: considerablemente refundido, y aumentado con unas observaciones sobre diferentes ramos de astronomía e historia natural. Paris: Rosa, 1842.

CORTEZ, Jeronymo. **Nuevo lunario perpetuo**: considerablemente refundido, y aumentado con unas observaciones sobre diferentes ramos de astronomía e historia natural: nueva edicion. Paris: Librería de Rosa, Bouret y Cia, 1850a. 276 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=rHE37BaOc7AC>. Acesso em: 9 dez. 2024.

CORTEZ, Jeronymo. **Nuevo lunario perpetuo**: considerablemente refundido, y aumentado con unas observaciones sobre diferentes ramos de astronomía e historia natural. Paris: Bouret e Hijo, 1877a.

CORTEZ, Jeronymo. **Nuevo lunario perpetuo**: considerablemente refundido, y aumentado con unas observaciones sobre diferentes ramos de astronomía e historia natural. Paris: Rosa y Bouret, 1856.

CORTEZ, Jeronymo. **Nuevo lunario perpetuo**: considerablemente refundido, y aumentado con unas observaciones sobre diferentes ramos de astronomía e historia natural. Paris: Rosa, 1866a.

Inglaterra

CORTÉS, Jerónimo. **Bibliotheca Valenciana**: comprising the books The non plus ultra do lunario, Physiognomy and the various secrets of nature & Treatise of the animals. Translation: José Leitão. London: Hadean Press, 2017. 626 p.

CORTÉS, Jerónimo. **O non plus ultra do lunario, e pronostico perpetuo, geral e particular para todos os reinos e provincias**. Ed. fac-sim. [Londres]: Forgotten Books: 2019.

México

CORTÉS, Gerónimo. **El non plus ultra del lunario, y pronóstico perpetuo, general y particular para cada reino y provincia**: y ahora nuevamente reformado y añadido por Pedro Enguera. Ed. fac-sim. [México]: [Ediciones Kabir], [1972?]. Reprodução de ed. de Barcelona, Impr. de Valero Sierra y Martí, 1823.

Portugal

CORTES, Jeronimo. **O non plus ultra do lunario e prognostico perpetuo, geral, e particular para cada reyno, e provincia**: novamente traduzido em portugues por Manoel Domingues. Porto: Officina de Francisco Mendes Lima, 1764b. 394 p.

CORTEZ, Jeronimo. **Lunario e prognostico perpetuo geral e particular para todos os reinos e provincias**: accrescentado com uma invenção curiosa e regras para saber fazer prognosticos sobre a falta ou abundancia de cada anno, e arte de descobrir as aguas sem auxilio dos vedores e receitas diversas para curar doenças nos homens e nos animaes. Traduzido e emendado por Antonio da Silva Brito. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1876.

CORTEZ, Jeronimo. **Lunario e prognostico perpetuo para todos os reinos e provincias:** reformado e muito acrescentado por Antonio Coutinho. Porto: Chardron, 1895. 573 p.

CORTEZ, Jeronimo. **Lunario e prognostico perpetuo para todos os reinos e provincias:** reformado e muito acrescentado por Antonio Coutinho. Porto: [Chardron], 1901.

CORTEZ, Jeronimo. **Lunário perpétuo e prognostico geral e particular para todos os reinos e provincias:** reformado e muito acrescentado por Antonio Coutinho. Porto: Casa de António Rodrigues da Cruz Coutinho Editor, 1877b. 520 p.

CORTEZ, Jeronimo. **Lunario perpetuo, prognostico geral e particular para todos os reinos e provincias:** nova edição largamente acrescentada. Traduzido por Antonio da Silva Brito. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1921. 350 p.

CORTEZ, Jerônimo. **Lunário perpétuo:** prognóstico geral e particular para todos os reinos e províncias. Traduzido por Antonio da Silva de Brito. Lisboa: Livraria Editora, 1955a.

CORTEZ, Jeronimo. **O non plus ultra do lunario e pronostico perpetuo, geral e particular para todos os reinos e provincias:** emendado conforme o expurgatorio da Santa Inquisição: e no fim vai acrescentado com huma invenção curiosa de huns apontamentos, e regras para que se saibão fazer pronosticos, e discursos annuaes sobre a falta, ou abundancia do anno, e hum memorial de remedios universaes para varias enfermidades. Traduzido por Antonio da Silva de Brito. Lisboa: Typographia de José Baptista Morando, 1857. 316 p. Disponível em: <https://archive.org/details/ononplusultradol00cort/mode/2up>. Acesso em: 17 abr. 2024.

CORTEZ, Jerónimo. **O non plus ultra do lunario, e prognostico perpetuo, geral e particular para todos os reinos e provincias:** emendado conforme o expurgatório da Santa Inquisição. Traduzido por António da Silva de Brito. Lisboa: Typographia de José Baptista Morando, 1861. 316 p.

CORTEZ, Jeronimo. **O non plus ultra do lunario, e prognostico perpetuo, geral e particular para todos os reinos e provincias:** emendado conforme o expurgatório da Santa Inquisição. Traduzido por Antonio da Silva de Brito. Porto: Typographia do Jornal do Porto, 1863.

CORTEZ, Jerónimo. **O non plus ultra do lunario, e prognostico perpetuo, geral, e particular para todos os reynos e provincias:** emendado conforme o expurgatorio da Santa Inquisição. Traduzido por Antonio da Silva de Brito. Lisboa: Casa da Viuva Bertrand e Filhos, 1866b. 312 p.

CORTEZ, Jeronymo. [**Lunario perpetuo:** prognostico geral e particular]. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1912.

CORTEZ, Jeronymo. **Lunario e prognostico perpetuo para todos os reinos e provincias.** Porto: Lello, [19--]. 586 p.

CORTEZ, Jeronymo. **Lunario e prognostico perpetuo para todos os reinos e provincias:** reformado e muito acrescentado: 1º na computação dos tempos; 2º nas cousas agricolas; 3º com as virtudes medicinaes d'algumas plantas portuguezas; 4º com os socorros a dar aos

envenenados; 5º com a descrição e tratamento de muitas molestias; 6º com numerosas receitas uteis e proveitosas; 7º com o modo de descobrir as aguas; 8º com varios jogos de cartas divertidos, etc. Porto: Livraria Chardron, Lello & Irmão, 1927a.

CORTEZ, Jeronymo. **Lunario e prognostico perpetuo para todos os reinos e provincias:** reformado e muito acrescentado: 1º na computação dos tempos; 2º nas cousas agricolas; 3º com as virtudes medicinais de algumas plantas portuguesas; 4º com os socorros a dar aos envenenados; 5º com a descrição e tratamento de muitas moléstias; 6º com numerosas receitas úteis e proveitosas; 7º com o modo de descobrir as águas; 8º com vários jogos de cartas divertidos, etc. Porto: Lello & Irmão, 1945.

CORTEZ, Jeronymo. **Lunário e prognóstico perpétuo para todos os reinos e provincias:** reformado e muito acrescentado: 1º na computação dos tempos; 2º nas cousas agricolas; 3º com as virtudes medicinais de algumas plantas portuguesas; 4º com os socorros a dar aos envenenados; 5º com a descrição e tratamento de muitas moléstias; 6º com numerosas receitas úteis e proveitosas; 7º com o modo de descobrir as águas; 8º com vários jogos de cartas divertidos, etc. Porto: Lello & Irmão, 1980. 545 p.

CORTEZ, Jeronymo. **Lunario e prognostico perpetuo.** Introdução de João Arrepia. Porto: Lello Editores, 2013. 370 p.

CORTEZ, Jeronymo. **Lunario e prognostico perpetuo:** actualizado e remodelado incluindo uma lista biográfica dos papas. Introdução de João Arrepia. Porto: Lello Editores, 2004. 370 p.

CORTEZ, Jeronymo. **Lunario e prognostico perpetuo:** para todos os reinos e provincias: reformado e muito acrescentado: 1º na computação dos tempos; 2º nas cousas agricolas; 3º com as virtudes medicinaes d'algumas plantas portuguesas; 4º com os socorros a dar aos envenenados; 5º com a descrição e tratamento de muitas molestias; 6º com numerosas receitas uteis e proveitosas; 7º com o modo de descobrir as águas; 8º com varios jogos de cartas divertidos, etc. Porto: Livraria Chardron, Lello & Irmão, 1910. 575 p. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drg792201/drg792201.pdf. Acesso em: 15 abr. 2024.

CORTEZ, Jeronymo. **Lunario perpetuo:** prognostico geral e particular para todos os reinos e provincias: nova edição largamente accrescentada com regras para fazer prognosticos sobre a falta ou abundancia de cada anno; trabalhos que se devem fazer nos campos e jardins; arte de descobrir as aguas sem auxilio de vedores; applicação medicinal de plantas, fructos e sementes dos campos; remedios universaes para curar doenças nos homens; receitas diversas para enfermidades dos animaes; equações do tempo e arte de fazer relgios de sol; diversas instrucções agricolas, etc., etc. Traduzido e emendado por Antonio da Silva Brito. Lisboa: Parreira Antonio Maria Pereira, 1927b. 350 p.

CORTEZ, Jeronymo. **Lunario perpetuo:** prognostico geral e particular para todos os reinos e provincias: nova edição largamente acrescentada com regras para fazer prognosticos sobre a falta ou abundancia de cada anno; trabalhos que se devem fazer nos campos e jardins; arte de descobrir as aguas sem auxilio de vedores; applicação medicinal de plantas, fructos e sementes dos campos; remedios universaes para curar doenças nos homens; receitas diversas para enfermidades dos animaes; equações do tempo e arte de fazer relgios de sol; diversas

instruções agrícolas, etc., etc. Traduzido e emendado por Antonio da Silva Brito. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1897. 348 p.

CORTEZ, Jeronymo. **Lunário perpétuo**: prognóstico geral e particular para todos os reinos e províncias: nova edição largamente acrescentada com regras para fazer prognósticos sobre a falta ou abundância de cada ano; trabalhos que se devem fazer nos campos e jardins; arte de descobrir as águas sem auxílio de vedores; aplicação medicinal de plantas, frutos e sementes dos campos; remédios universais para curar doenças nos homens; receitas diversas para enfermidades dos animais; equações do tempo e arte de fazer relógios de sol; diversas instruções agrícolas, etc., etc. Traduzido e emendado por Antonio da Silva Brito. Lisboa: Parreira Antonio Maria Pereira, 1955b. 359 p. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/lunario-perpetuo-de-1955/251292426>. Acesso em: 8 dez. 2024.

CORTEZ, Jeronymo. **Non plus ultra do lunario e prognostico perpetuo, geral, e particular para todos os reinos e provincias**. Traduzido por Antonio da Silva de Brito. Lisboa: Officina de Miguel Manescal, 1703. 386 p.

CORTEZ, Jeronymo. **Non plus ultra do lunario e prognostico perpetuo**. Traduzido por Antonio da Silva de Brito. Lisboa: Imp. Regia, 1820.

CORTEZ, Jeronymo. **O non plus ultra do lunario e prognostico perpetuo geral e particular para todos os reinos e provincias**. Traduzido por Antonio da Silva de Brito. Lisboa: Typographia de José Baptista Morando, 1822. 316 p.

CORTEZ, Jeronymo. **O non plus ultra do lunario e prognostico perpetuo geral e particular para todos os reinos e provincias**: emendado conforme o Expurgatorio da Santa Inquisição: e no fim vae acrescentado com uma invenção curiosa de uns apontamentos e regras para que se saibam fazer prognosticos e discursos annuaes sobre a falta ou abundancia do anno, e um memorial de remedios universaes para várias enfermidades. Traduzido por Antonio da Silva de Brito. Lisboa: Vega, [1978]. 233 p.

CORTEZ, Jeronymo. **O non plus ultra do lunario e prognostico perpetuo geral e particular para todos os reinos e provincias**: emendado conforme o expurgatório da Santa Inquisição. Traduzido por Antonio da Silva de Brito. Lisboa: Officina de Filippe de Souza Villela, 1726. 316 p.

CORTEZ, Jeronymo. **O non plus ultra do lunario e prognostico perpetuo**. Traduzido por Antonio da Silva de Brito. Lisboa: Typ. de Mathias José Marques da Silva, 1858.

CORTEZ, Jeronymo. **O non plus ultra do lunario e prognostico perpetuo**. Traduzido por Antonio da Silva de Brito. Lisboa: Typographia de José Baptista Morando, 1852.

CORTEZ, Jeronymo. **O non plus ultra do lunario e pronostico perpetuo geral e particular para todos os reinos e provincias**. Traduzido por Antonio da Silva de Brito. [S. l.: s. n., 18--?]. 356 p.

CORTEZ, Jeronymo. **O non plus ultra do lunario e pronostico perpetuo geral e particular para todos os reinos e provincias**. Traduzido por Antonio da Silva de Brito. Lisboa: Typ. de Mathias José Marques da Silva, 1850b. 268 p.

CORTEZ, Jeronymo. **O non plus ultra do lunario e pronostico perpetuo geral, e particular para todos os reinos, e provincias:** e no fim vai accrescentado com huma invenção curiosa de huns apontamentos, e regras para que se saibão fazer pronostico, e discursos annuaes sobre a falta, ou abundancia do anno, e hum memorial de remedios universaes para varias enfermidades. Traduzido por Antonio da Silva de Brito. Lisboa: Typographia de Mathias Joze Marques da Silva, 1840. 270 p.

CORTEZ, Jeronymo. **O non plus ultra do lunario, e prognostico perpetuo geral, e particular para todos os reinos, e provincias:** emendado conforme o Expurgatorio da Santa Inquisição: e no fim vai accrescentado com huma invenção curiosa de huns apontamentos, e regras para que se saibão fazer prognosticos, e discursos annuaes sobre a falta, ou abundancia do anno, e hum memorial de remedios universaes para varias enfermidades. Traduzido por Antonio da Silva de Brito. Lisboa: Officina de Domingos Gonsalves, 1847. 336 + 48 p. Disponível em: <https://archive.org/details/b22020743/page/n5/mode/2up>. Acesso em: 17 abr. 2024.

CORTEZ, Jeronymo. **O non plus ultra do lunário, e prognostico perpetuo, geral e particular para todos os reynos e provincias.** Traduzido por Antonio da Silva de Brito. Lisboa: Officina de Miguel Manescal da Costa, 1749. 360 p.

CORTEZ, Jeronymo. **O non plus ultra do lunario, e prognostico perpetuo, geral e particular para todos os reynos, e provincias.** Traduzido por Antonio da Silva de Brito. Coimbra: Joseph Antunes da Sylva, 1730. 285 p.

CORTEZ, Jeronymo. **O non plus ultra do lunario, e pronostico perpetuo geral, e particular para todos os reynos, e provincias:** emendado conforme o Expurgatorio da Santa Inquisição: e no fim vai accrescentado co hua invenção curiosa de huns apontamentos, e regras para q se saibao fazer pronosticos, e discursos annuaes sobre a falta, ou abundancia do anno, e hum memorial de remedios universaes para varias enfermidades. Traduzido por Antonio da Silva de Brito. Lisboa: Officina de Domingos Gonsalves, 1757. 316 p. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drg1491512/drg1491512.pdf. Acesso em: 15 abr. 2024.

CORTEZ, Jeronymo. **O non plus ultra do lunario, e pronostico perpetuo, geral e particular para todos os reinos e provincias.** [S. l.: s. n., 17--]. 316 p. Disponível em: <https://bndigital.bnportugal.gov.pt/idurl/1/92703>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CORTEZ, Jeronymo. **O non plus ultra do lunario, e pronostico perpetuo, geral, e particular para todos os reinos, e provincias:** emendado conforme o Expurgatorio da Santa Inquisição: e no fim vai accrescentado com huma invenção curiosa de huns apontamentos, e regras para que se saibao fazer pronosticos, e discursos annuaes sobre a falta, ou abundancia do anno, e hum memorial de remedios universaes para varias enfermidades. Traduzido por Antonio da Silva de Brito. Lisboa: Officina de Joaquim Thomaz de Aquino Bulhões, 1805. 316 p. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drg1379068/drg1379068.pdf. Acesso em: 15 abr. 2024.

CORTEZ, Jeronymo. **O lunário**: pronostico perpetuo. Traduzido por Antonio da Sylva de Brito. Lisboa: Officina de Francisco Borges de Sousa, 1768. 312 p.